UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes

Felipe Silva Carmo

**SABEDORIA NA BÍBLIA HEBRAICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO
GÊNERO LITERÁRIO SAPIENCIAL**

Versão Corrigida

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes

Felipe Silva Carmo

**SABEDORIA NA BÍBLIA HEBRAICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO
GÊNERO LITERÁRIO SAPIENCIAL**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Estudos Judaicos e Árabes.

Área de Concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

Orientador: Professor Dr. Reginaldo Gomes de Araújo.

São Paulo

2018

Versão Corrigida. De acordo: _____

Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Araújo

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Cs Carmo, Felipe Silva
Sabedoria na Bíblia Hebraica: Uma breve introdução
ao Gênero Literário Sapiencial / Felipe Silva Carmo
; orientador Reginaldo Gomes de Araújo. - São Paulo,
2018.
203 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Sabedoria. 2. Bíblia Hebraica. 3. Estudos
Judaicos. 4. Gêneros Literários. 5. Literatura. I.
Araújo, Reginaldo Gomes de, orient. II. Título.

*Ao falecido Olyntho Sebastião Soares,
por ter me cercado de livros.*

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho, nas pessoas do Pr. Paulo Martini, do Dr. Afonso Ligório e do Dr. Reinaldo W. Siqueira, pelo incentivo e investimento em minha formação docente;

Ao Dr. Reginaldo Gomes de Araújo pela oportunidade de desenvolver este trabalho e pela orientação da pesquisa;

À minha noiva, Isadora Gabriela do Santos Simões, pelo amor incondicional, pronto sacrifício, inspiração, dedicação e fé em meus esforços;

Aos meus familiares, Arildo do Carmo, Quitéria Silva Carmo, Lucas Silva Carmo, Gabriela Pereira e Vitória Pereira pelo carinho inesgotável;

Aos meus sogros, Marcelo Borges e Elenize Simões pela credibilidade depositada em mim e pelo auxílio bem presente;

À minha cunhada, Victoria Marques, pela prontidão e insistência na revisão do texto;

À minha psicanalista, Amy Pardo, por me guiar neste processo de amadurecimento acadêmico e emocional;

Ao amigo Dr. Allan M. Novaes pelo aconselhamento pontual e pelo socorro em situações constrangedoras; ao Dr. Rodrigo Follis, pela liberação dos serviços para o desenvolvimento deste trabalho; ao Me. Lucas Iglesias e ao Dr. Edson Nunes pelo encorajamento e inspiração iniciais para o engajamento no programa de Estudos Judaicos; ao Me. Francicley Vito e ao Dr. Francisco Leite pela introdução aos estudos sobre gênero literário na Bíblia.

*“When a marriage between form and content exists,
there is wisdom literature.”*

James L. Crenshaw

RESUMO

Carmo, Felipe Silva. **Sabedoria na Bíblia Hebraica: Uma breve introdução ao Gênero Literário Sapiencial**. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo, 2018.

O conceito de sabedoria bíblica como *corpus*, tema ou estilo costuma ser aplicado livremente à leitura da Bíblia Hebraica. Ao mesmo tempo, estudiosos admitem a falta de precisão para a eleição daquilo que deveria ou não compor um tema ou estilo sapiencial, tanto para a análise do texto bíblico quanto para os estudos comparados. Este trabalho apresenta uma breve introdução às abordagens acadêmicas que pretenderam reconhecer a sabedoria bíblica como um gênero literário, enfatizando suas peculiaridades em termos de forma e conteúdo a fim de distingui-la de outros discursos encontrados na Bíblia Hebraica. Além disso, a pesquisa também expõe como os estudos comparados aplicaram os conceitos elaborados por biblistas para a compreensão da sabedoria no Antigo Oriente Médio.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica. Sabedoria. Gênero Literário.

ABSTRACT

Carmo, Felipe Silva. **Wisdom in Hebrew Bible: A Short Introduction to the Sapiential Literary Genre**. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo, 2018.

Biblical Wisdom as a *corpus*, theme or style is frequently applied freely to the reading of the Hebrew Bible. At the same time, the academicians admits the lack of precision on the preference for what should be considered or not as a sapiential theme or style, both for the analysis of biblical texts and for comparative studies. The following research presents a short introduction to the academic approaches which intended to recognize biblical wisdom as a literary genre, emphasizing its peculiarities in terms of form and content in order to make a distinction between them from the other discourses found in the Hebrew Bible. Likewise, the research also presents how the comparative studies applied the concepts formulated by biblicists for a comprehension of wisdom in the Ancient Middle East.

Keywords: Hebrew Bible. Wisdom. Literary Genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Influências e repercussões da abordagem de Johann F. Bruch	19
Figura 2 – Gênero Literário Sapiencial Egípcio	141
Figura 3 – Temas sapienciais mesopotâmicos.....	149
Figura 4 – Gêneros literários mesopotâmicos e temas sapienciais.....	151

SUMÁRIO

Introdução	11
1 Breve Cronologia das Abordagens Acadêmicas à Literatura Sapiencial.....	16
1.1 Séculos XVIII-XIX: A Literatura Sapiencial e a Filosofia dos Hebreus.....	16
1.2 Século XX: A Literatura Sapiencial e a Tradição dos Sábios	25
1.3 Século XXI: A Literatura Sapiencial e a Crise da Sabedoria Bíblica	35
2 A Sabedoria Bíblica e a Categoria Sapiencial.....	43
2.1 Origem e Propósito da Categoria Sapiencial.....	44
2.2 Definições à Categoria Sapiencial nos Estudos Bíblicos.....	48
2.3 O Substantivo חכמה e a Categoria Sapiencial	59
3 A Sabedoria Bíblica à Luz do Gênero Literário Sapiencial	69
3.1 Gênero Sapiencial em Debate: Literatura Sapiencial nos Estudos Bíblicos	69
3.1.1 Poesia Sapiencial: Elementos Filosóficos e Estéticos do חִשְׁבֹּן	70
3.1.2 Sabedoria Essencialista: o Gattung Sapiencial de Hermann Gunkel.....	78
3.1.3 Forma e Conteúdo: o “Ingrediente Misterioso” de James L. Crenshaw	87
3.1.4 Subgêneros Sapienciais: Formas e Contextos para a Sabedoria Bíblica.....	100
3.1.5 Teorias Literárias: Novas Abordagens ao Gênero Literário Sapiencial.....	108
3.2 Gênero Sapiencial em Diálogo: Literatura Sapiencial no Antigo Oriente Médio	125
3.2.1 Gênero Literário Sapiencial Egípcio	127
3.2.2 Gênero Literário Sapiencial Mesopotâmico	143
3.3 Gênero Sapiencial em Transição: Literatura Sapiencial em Qumran.....	152
3.3.1 Condições e Características da Sabedoria em Qumran	153
3.3.2 A Sabedoria em Qumran à Luz do Gênero Literário Sapiencial	155
4 Considerações Finais	166
Referências Bibliográficas	173
APÊNDICE A – Paralelos da Sabedoria Egípcia	189
APÊNDICE B – Paralelos da Sabedoria Mesopotâmica	198
APÊNDICE C – Paralelos da Sabedoria Qumrânica	202

INTRODUÇÃO

“Literatura sapiencial” é a nomenclatura atribuída a uma porção de escritos bíblicos relacionados à sabedoria hebraica que poderá ser representada, grosso modo, por Jó, Provérbios e Eclesiastes no cânon cristão protestante. Esta divisão, contudo, não é evidenciada na Bíblia Hebraica, que costuma inserir Jó, Provérbios e Eclesiastes nos כתובים, ou “Escritos”, em companhia de תהלים (“Salmos”), שירה שירים (“Cântico dos Cânticos”), רות (“Rute”), איכה (“Lamentações”), אסתר (“Ester”), דניאל (“Daniel”), עזרא (trans. “Esdras-Neemias”) e דברי הימים (“Crônicas”). Entretanto, ambos os cânones se distinguem da classificação católica e da classificação católica ortodoxa, que acrescentam aos livros sapienciais do cânon protestante – Jó, Provérbios e Eclesiastes – obras como Sabedoria de Salomão e Eclesiástico.

Entre os estudiosos da Bíblia Hebraica, Jó, Provérbios e Eclesiastes estarão inseridos na categoria sapiencial. Isso significa que, a despeito de suas especificidades, estes devem compor o *corpus* da sabedoria hebraica;¹ e, de outra forma, Sabedoria de Salomão e Eclesiástico refletem uma tradição semelhante a esse *corpus*, porém, sob a influência do pensamento helênico.² Além disso, não raro, as características que assinalam a sabedoria bíblica serão associadas à literatura do Antigo Oriente Médio, sobretudo nos textos egípcios e mesopotâmicos.³ Em todo caso, no geral, a sabedoria bíblica perdura no meio acadêmico como um objeto “mundano”, ou seja, secular, não religiosa e inimiga da tradição profética. Mark R. Sneed⁴ resume os aspectos atribuídos à ela nos seguintes termos:

[Ela] foi descrita como um corpo estranho na Bíblia Hebraica. Ela nunca fazia alusão aos eventos e personagens essenciais da história israelita, como os patriarcas o êxodo ou as alianças, tal qual a do Sinai. Em conjunto a esse fator estava a concepção de que os sacerdotes, profetas e sábios do antigo Israel pareciam nunca entrar em consenso, e estavam constantemente realizando manobras na área política. Suas respectivas literaturas

¹ Cf. CRENSHAW, James L. **Old Testament Wisdom: An Introduction**. London: SCM Press Ltda., 1981.

² Cf. MUCK, Burton L.; MURPHY, Roland E. *Wisdom Literature*. In: KRAFT, Robert A.; NICKELSBURG, George W. E. (Eds.). **Early Judaism and its Modern Interpreters**. Georgia: Fortress Press, 1986. (The Bible and its Modern Interpreters).

³ Cf. PRITCHARD, James B. (Ed.). **The Ancient Near East: an Anthology of Texts and Pictures**. New Jersey: Princeton University Press, 2011.

⁴ SNEED, Mark R. *Introduction*. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL Press, 2015a, p. 1.

representam tais tentativas de persuadir os outros a adotar suas perspectivas. Eles também foram considerados como portadores de diferentes concepções de mundo e de diferentes teologias e epistemologias. [...] Os sábios eram praticamente empiristas, que apenas consideravam como conhecimento legítimo o que poderia ser verificado de maneira racional ou empírica. Assim, eles encaravam com desconfiança os profetas, que recebiam revelações, e os sacerdotes, que adivinhavam o futuro a partir do Urim e Tumim.

Muito embora as informações acima sejam apresentadas como um pensamento consensual, outra realidade é igualmente popular entre os biblistas: a sabedoria bíblica, como categoria ou gênero literário, permanece inacessível aos estudiosos da Bíblia Hebraica. Recentemente, as iniciativas mais cautelosas que sugerem uma “perspectiva sapiencial” costumam fazê-lo de maneira relutante. Por ser reconhecidamente negligenciada pelos estudos bíblicos, a sabedoria bíblica atua como um *corpus* periférico;⁵ qualquer estudo que se preze introduzirá esse assunto com um alerta a respeito das dificuldades inerentes dessa empreitada. Em outras palavras, o aspecto metafórico da sabedoria – apresentada como objeto inatingível (Jó 28:12-28) e, ao mesmo tempo, como tarefa realizável (Pv 1:20-33) –, “é simbólico às dificuldades inerentes no estudo da literatura sapiencial na Bíblia Hebraica”.⁶ Com o passar dos anos, “um por um [dos estudiosos] pronunciam o seu nome, apenas para sentir a sua essência escorregar como óleo por entre os dedos”.⁷

Não obstante à tensão entre a acessibilidade e a insuscetibilidade da categoria sapiencial, ela é comumente lida como um gênero literário em que forma e conteúdo expressam preocupações morais para a ordem terrena. A popularidade de tal abordagem se deve, em grande parte, à sugestão promulgada pelo biblista James L. Crenshaw, professor na *Duke University School* em meados da década de 60.⁸ Muito embora não tenha sido o primeiro a sugerir parâmetros para a identificação da sabedoria na Bíblia Hebraica, Crenshaw⁹ enfatizou e popularizou a existência de um “ingrediente misterioso” que testemunhava a favor da união de livros como Jó, Provérbios e Eclesiastes. As considerações

⁵ SCHWANTES, Milton. Sabedoria: textos periféricos? **Estudos de Religião**, v. 22, n. 34, p. 53-69, jan./jun., 2008.

⁶ MURPHY, Roland E. Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 29, p. 407-418, 1967, p. 407.

⁷ CRENSHAW, James L. The Wisdom Literature. In: KNIGHT, Douglas A.; TUCKER, Gene M. (Eds.). **The Hebrew Bible and its Modern Interpreters**. Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 369. (The Bible and its Modern Interpreters).

⁸ Cf. CLIFFORD, Richard J. **The Wisdom Literature**: Interpreting Biblical Texts Series. Nashville: Abingdon Press, 1998; MURPHY, Roland E. **Wisdom Literature**: Job, Proverbs, Ruth Canticles, Ecclesiastes, and Esther. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988. (The Forms of the Old Testament Literature, 13).

⁹ CRENSHAW, **Old Testament Wisdom**, p. 17.

desse autor tornaram-se muito influentes entre os estudiosos da Bíblia Hebraica, e sua elaboração pode ser resumida nas seguintes palavras: “Quando há um casamento entre forma e conteúdo, existe literatura sapiencial. Na ausência dessa unicidade, um dado texto participa na sabedoria bíblica em maior ou menor grau”.¹⁰

Pode-se alegar que a abordagem de Crenshaw, até recentemente, permanece como paradigma para a classificação e interpretação do gênero literário sapiencial entre diversos estudiosos da Bíblia Hebraica.¹¹ Ainda assim, embora prometa oferecer um modelo estético e temático para a sabedoria bíblica – a ponto de identificar influências sapienciais ou confrontos ideológicos entre sábios e profetas –, a abordagem aos poucos perde sua credibilidade entre os estudiosos: por um lado, a própria definição de “sabedoria” como categoria na Bíblia Hebraica é questionada, devido às suas diversas nuances no texto bíblico, impossibilitando-a de compor um padrão fixo de referência;¹² por outro lado, a possibilidade de elaborar um gênero literário sapiencial é acusada de ser articulada de forma circular ou demasiadamente rígida para o estudo dos textos sapienciais, tanto na Bíblia Hebraica quanto em materiais do Antigo Oriente Médio.¹³ Em resumo, a dificuldade para a formulação de uma definição específica à sabedoria bíblica conduziu os estudiosos a questioná-la como gênero literário e, com efeito, exigiu que tais debates fossem reformulados desde os seus pressupostos.

Dessa perspectiva, devido à composição problemática do gênero literário sapiencial e à complexidade de sua elaboração nos estudos bíblicos, este trabalho tem como objetivo principal esclarecer como os elementos associados a ele se originam, se desenvolvem e, atualmente, correspondem à sabedoria bíblica em termos de forma e conteúdo. Neste caso, pretende-se compreender os caminhos de seu desenvolvimento antes e depois de suas abordagens mais populares. Em termos mais específicos, o trabalho pretenderá responder à

¹⁰ Ibid., p. 19.

¹¹ Cf. WALTON, John H. **Ancient Israelite Literature in its Cultural Context**: A Survey of Parallels Between Biblical and Ancient Near Eastern Texts. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990; PERDUE, Leo G. (Ed.). **Scribes, Sages, and Seers**: The Sages in the Eastern Mediterranean World. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008; KAPPELLE, Robert P. V. **Wisdom Revealed**: The Message of Biblical Wisdom Literature then and now. Oregon: Wipf & Stock, 2014.

¹² Cf. WEEKS, Stuart. **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**. New York: T&T Clark International, 2010; KYNES, Will. The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End? In: JARICK, John (Ed.). **Perspectives on Israelite Wisdom**: Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar. London; New York: Bloomsbury T.&T. Clark, 2016.

¹³ GOFF, Matthew J. Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, n. 3, p. 286-306, 2010; COLLINS, John J. Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls. **Dead Sea Discoveries**, v. 4, n. 3, p. 265-281, 1997; LAMBERT, Wilfred G. **Babylonian Wisdom Literature**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1996; FOX, Michael V. Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature. **Zeitschrift für Ägyptische Sprache**, v. 107, p. 120-135, 1980.

seguinte questão: No decorrer dos estudos bíblicos, quais os elementos de um texto costumam inseri-lo no gênero literário “sapiencial” da Bíblia Hebraica?

De maneira pormenorizada, o trabalho será dividido em três partes. A princípio, 1) o primeiro capítulo pretende introduzir a literatura sapiencial a partir dos estudos bíblicos. Para tanto, será elaborada uma cronologia que pontua as principais abordagens acadêmicas à literatura sapiencial do século XVIII ao XXI. Em seguida, 2) o segundo capítulo apresenta as principais definições atribuídas à categoria sapiencial do ponto de vista temático e terminológico; ele tem como objetivo oferecer uma visão mais ampla das definições sugeridas à categoria, assim como apresentar as limitações destas. Por fim, 3) o terceiro capítulo dissertará sobre o processo de interpretação da sabedoria bíblica como gênero literário sapiencial, descrevendo seu desenvolvimento e enfatizando as principais questões entre forma e conteúdo em debate. Muito embora apresente, no mesmo capítulo, um panorama sobre o gênero literário sapiencial na literatura egípcia, mesopotâmica e qumrânica, este trabalho não pretende desenvolver um estudo comparativo. A finalidade de tais seções é compreender como as elaborações acerca do gênero literário sapiencial foram aplicadas aos textos do Antigo Oriente Médio e, com efeito, reconhecer como suas principais características foram recepcionadas em outras áreas.

Para a realização dessa tarefa, foi necessário estabelecer um recorte amplo, porém, acessível ao escopo do tema proposto. Entre os estudiosos da Bíblia Hebraica, entende-se que o a nomenclatura “literatura sapiencial” foi, a princípio, elaborada no âmbito acadêmico – como será demonstrado no decorrer deste trabalho. Nesse sentido, o encargo de dissertar sobre o gênero literário sapiencial deverá abranger, principalmente, os estudos acadêmicos que pretenderam abordar esse tema de maneira mais específica. No que diz respeito à Bíblia Hebraica, podem ser consideradas “acadêmicas” as abordagens que se dissociavam da leitura dogmática do texto bíblico, elegendo-o como objeto de estudo científico no contexto alemão desde o século XIX.¹⁴ Portanto, para a pesquisa dos elementos que costumavam identificar o gênero literário sapiencial, é necessário partir dos primeiros estudos elaborados no contexto alemão e acompanhar seu desenvolvimento posterior nos estudos interdisciplinares da Bíblia

¹⁴ CHWARTS, Suzana. **Via Maris**: Bíblia Hebraica: Textos e Contexto. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 11-20; Do estudo Acadêmico da Bíblia Hebraica. **Revista de Estudos Orientais**, n. 6, p. 39-43, 2008; O mesmo escopo é apresentado com mais detalhes por HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento**: Questões básicas no Debate Atual. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda., 2012, p. 29-45, porém, com ênfase na elaboração de uma teologia bíblica para o Antigo Testamento.

Hebraica – empreendimento que deve abranger pesquisas publicadas principalmente entre os séculos XIX e XXI.¹⁵

¹⁵ Embora cite abundantemente pesquisas em alemão, este trabalho teve acesso a poucas, e consegue transitar com mais segurança entre aquelas que foram traduzidas à língua inglesa.

Capítulo 1

1 BREVE CRONOLOGIA DAS ABORDAGENS ACADÊMICAS À LITERATURA SAPIENCIAL

A cronologia apresentada não pretende abordar em particular os livros que, costumeiramente, compõem o *corpus* sapiencial (Jó, Provérbios e Eclesiastes). O objetivo deste capítulo é compreender as diferentes abordagens acadêmicas à “literatura sapiencial”, a fim de estabelecer um contexto preliminar para o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Roland E. Murphy¹⁶, a “‘literatura sapiencial’ não é um termo que provém da crítica da forma”, ela “representa apenas um termo conveniente derivado, ao que tudo indica, do uso eclesiástico para designar os livros de Provérbios, Jó e Eclesiastes”. Portanto, pressupõe-se que para compreender a “literatura sapiencial” como uma categoria nos estudos bíblicos é necessário atentar para a sua utilização no meio acadêmico. Como poderá ser notado, a cronologia foi dividida em três períodos: 1) “Séculos XVIII-XIX: A Literatura Sapiencial e a Filosofia dos Hebreus”; 2) “Século XX: A Literatura Sapiencial e a Tradição dos Sábios”; e 3) “Século XXI: A Literatura Sapiencial e a Crise da Sabedoria Bíblica”. Contudo, essa divisão não poderá ser entendida de maneira cartesiana: a abordagem que prevalece em um século poderá, naturalmente, ser desenvolvida em outro. A divisão pretende apenas compreender as tendências acadêmicas dominantes em um período específico.

1.1 Séculos XVIII-XIX: A Literatura Sapiencial e a Filosofia dos Hebreus¹⁷

O termo “literatura sapiencial” é classificado na Bíblia Hebraica como uma categoria distinta desde o início do século XVIII. Durante esse período, grosso modo, o seu *corpus* se limita aos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes; e seu discurso, arranjado especialmente de instruções morais para a prática cotidiana, é distinguido dos demais textos da Bíblia Hebraica de tom majoritariamente profético ou histórico.¹⁸ Muito embora a nomenclatura atribuída à

¹⁶ MURPHY, *Wisdom Literature*, p. 3.

¹⁷ O autor deste trabalho não teve acesso à maioria das obras em alemão sobre a literatura sapiencial. Contudo, aquelas que são citadas em obras de língua inglesa – as que sugeriam maior importância para a discussão – foram devidamente referenciadas por duas razões: 1) para uma descrição cronológica mais acurada dos estudos orientados à literatura sapiencial; e 2) para o registro desses trabalhos de maneira que sejam úteis a estudos posteriores.

¹⁸ Cf. CHAMBERS, E. *Cyclopædia: or, an universal dictionary of arts and sciences*. London: printed for James and John Knapton, John Darby, Daniel Midwinter, Arthur Bettesworth, John Senex, Robert Gosling, John

categoria seja natural do contexto eclesiástico, “não há motivos para acreditar que [ela] não representa[sse] um entendimento comum” para a época, devido à sua utilização em veículos não especializados.¹⁹ Em outras palavras, a categorização “literatura sapiencial” foi utilizada em diversos contextos durante o século XVIII e, portanto, não depende da elaboração realizada pelos estudos bíblicos para a sua existência em ocasiões posteriores.

Da mesma maneira, nesse período, não obstante à incerteza de sua origem, os estudiosos costumavam destacar a literatura sapiencial pelo seu propósito didático e apelo intelectual. Rudolf Smend²⁰ aponta para algumas evidências dessa perspectiva, por exemplo, na obra de Johann F. Buddeus²¹, *Introductio ad historiam philosophiae Hebraeorum*, em que Salomão é classificado como “*regum sapientissimus* [rei sábio]”, muito embora a categorização de Buddeus “seja diferente da categorização moderna para sabedoria, visto que [o autor] inclui a sabedoria de José, de Moisés e de outros da antiguidade hebraica”.²² Além disso, Smend observa que Robert Lowth²³, considerado o precursor dos estudos sobre a poesia hebraica, em *De sacra poesi Hebraeorum*, teria mencionado a literatura sapiencial como “*carmina didactica* [poesia didática]”, evidenciando a distinção de uma poesia com fins educativos e apelo intelectual.

A partir de então, o século XIX constituirá a repetição e reelaboração do consenso evidenciado no século anterior a respeito da literatura sapiencial. Seu diferencial, contudo, encontra-se na ênfase de que a sabedoria hebraica – refletida integralmente na literatura sapiencial²⁴ – representa a *filosofia dos hebreus*. Essa abordagem encontra seu pionerismo em

Pemberton, William and John Innys, John Oshorn and Tho. Longman, Charles Rivington, John Hooke, Ranew Robinson, Francis Clay, Aaron Ward, Edward Symon, Daniel Browne, Andrew Johnston, and Thomas Osborn, 1728), v. 2, p. 675.

¹⁹ WEEKS, Stuart. Is “Wisdom Literature” a Useful Category? In: NAJMAN, Hindy; REY, Jean-Sébastien; TIGCHELAAR, Eibert J. C. (Eds.). **Tracing Ancient Traditions in Ancient Judaism**. Leiden; Boston: Brill, 2016, p. 6.

²⁰ SMEND, Rudolf. The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 265-266.

²¹ BUDDEUS, Johann F. **Introductio ad historiam philosophiae ebraeorum**. Halae an der Saale: Orphanotrophii Glaucha-Halensis, 1702, p. 39.

²² KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 89.

²³ LOWTH, Robert. **De sacra poesi Hebraeorum: praelectiones academiae Oxonii habitae**. Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1753, p. 324.

²⁴ Os termos “sabedoria hebraica” (ou “sabedoria do Antigo Testamento”) e “literatura sapiencial” serão utilizados de maneira intercabiável neste trabalho, devido ao fato de os autores não estabelecerem uma distinção cartesiana entre os termos. Ainda assim, vale ressaltar que a expressão “literatura sapiencial” é utilizada com mais frequência como referência ao *corpus* e “sabedoria hebraica” a seu argumento central.

Johann F. Bruch²⁵, em sua obra *Weisheits-Lehre der Hebräer*, considerado o responsável por elaborar a literatura sapiencial como “filosofia” de maneira mais técnica; até então, essa associação não possuía critérios muito claros. O autor faz menção a sugestões anteriores oferecidas por Blessing²⁶, Wilhelm M. L. de Wette²⁷, de Friedrich W. C. Umbreit²⁸ e Heinrich Ewald²⁹, e “conclui que a diversidade de opiniões justifica a investigação da possibilidade para a existência de uma filosofia hebraica”³⁰. Com esse objetivo em mente, Bruch “empreende uma reflexão abrangente sobre a aplicabilidade do termo ‘filosofia’ à sabedoria [...], em contraste a outros autores que apenas o utilizaram sem muita reflexão”.³¹

Nas últimas décadas do século XIX, a sugestão de Bruch já havia influenciado estudiosos de sua época a ponto de a expressão “filosofia hebraica” ser utilizada consensualmente. R. V. Foster³², por exemplo, questiona: “Os hebreus tinham uma filosofia?” e, imediatamente responde: “Sem sombra de dúvidas!”; Edward T. Root³³ se utilizará das expressões “filosofia hebraica” e “ideia filosófica da sabedoria hebraica” sem qualquer preocupação com a aplicabilidade desses termos; Thomas K. Cheyne³⁴ assume que “os ‘homens sábios’ não eram profetas, mas filósofos”; Gustav F. Oehler³⁵, informa que “a *hokmāh* [...] é denominada como a *filosofia dos hebreus*.” De outra forma, ainda que relutante, D. M. Welton³⁶ admite que “é difícil afirmar que os hebreus possuíam uma

²⁵ BRUCH, Johann F. **Weisheit-Lehre de Hebräer**: Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophie. Strassburg: Treittel und Würtz, 1851.

²⁶ BLESSING. Vorwort. In: DAHLER, Johann G. **Denk und Sittensprüche Salomo's**: nebst den Abweichungen der Alexandrinischen Uebersetzung ins Teutsche übersetzt. Strassburg: Bey Amand Köning, 1810.

²⁷ WETTE, Wilhelm M. L. de. **Lehrbuch der hebräisch-Jüdischen Archäologie**: nebst einem Grundrisse der hebräisch-Jüdischen. Leipzig: Vogel, 1830.

²⁸ UMBREIT, Friedrich W. C. **Philologisch-kritischer und philosophischer Commentar über die Sprüche Salomos**: Nebst einer neuen “Übersetzung und einer Einleitung in die morgenländische Weisheit “überhaupt und die hebräisch- Salomonische insbesondere. Heidelberg: J. C. B. Mohr, 1826.

²⁹ EWALD, Heinrich. **Geschichte des Volkes Israel bis Christus**: in drei Bänden. Göttingen: Dieterich, 1847. v. 3.1.

³⁰ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 90.

³¹ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 265.

³² FOSTER, R. V. The Hebrew “Wisdom”. **The Old Testament Student**, v. 5, n. 3, p. 104-107, 1885, p. 104.

³³ ROOT, Edward T. What is meant by biblical “Hokma” or Wisdom. **The Old and New Testament Student**, v. 9, n. 1, p. 24-27, 1889, p. 25.

³⁴ CHEYNE, Thomas K. **Job and Solomon**: Or the Wisdom of the Old Testament. London: Kegan Paul, Trench & Co., 1887, p. 119.

³⁵ OEHLER, Gustav F. **Theology of the Old Testament**. New York: Funk & Wagnalls, 1883, p. 537, itálicos do original.

³⁶ WELTON, D. M. The Old Testament Wisdom (Chokma). **The Biblical World**, v. 10, n. 3, p. 183-189, 1897, p. 183, itálicos do original.

filosofia”, embora aplique esforços com o intuito de concluir: “[a sabedoria] procurou tomar conhecimento dos assuntos que não são determinados diretamente pela revelação. E, assim, surgiu a *hokmāh* [...], ou o que pode ser designado como *filosofia dos hebreus*”.³⁷

Segundo Will Kynes³⁸, a relação estabelecida entre a literatura sapiencial e a filosofia, tanto por Bruch quanto por seus antecessores, ocorreu por ocasião das preferências acadêmicas da época. Essa afirmação surge como resultado da análise empreendida por Kynes a cada um dos autores utilizados por Bruch e suas respectivas influências filosóficas. Ele assume que o argumento desenvolvido por Bruch caracteriza-se pela “forte influência das correntes filosóficas de seu tempo [...] [ele] parece ser o primeiro a reunir essas perspectivas antigas em uma análise sistemática e compreensível dessa questão. Poderíamos considerar Bruch o Wellhausen da sabedoria”.³⁹ Dentre os muitos outros autores analisados, apenas a nível de exemplo, Will Kynes argumenta que a conceitualização de filosofia hebraica a partir de Friedrich W. C. Umbreit ecoa a influência do conceito de “religião” conforme desenvolvido pelo teólogo alemão Friedrich Schleiermacher; isto é, o conceito de religião como uma intuição sobre a existência da divindade estaria especialmente visível na definição de sabedoria como o “temor do Senhor” (Pv 1:7). Para demonstrar a suma de sua análise, Kynes elabora um diagrama que ilustra a relação das fontes utilizadas por Johann F. Bruch e suas respectivas influências filosóficas, como pode ser visualizado abaixo:

Figura 1 – Influências e repercussões da abordagem de Johann F. Bruch

Fonte: Kynes (2016, p. 90).

³⁷ Ibid., p. 184, itálicos do original.

³⁸ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 89-96.

³⁹ Ibidem, p. 90 e 96.

De maneira similar, em consideração a Johann F. Bruch e a outros autores, Stuart Weeks informa que, para os estudiosos do século XIX, a filosofia hebraica teria sido produzida por *Weisheitslehrer*, ou seja, por “professores de sabedoria”, “um termo vastamente aplicado na academia alemã da época a diversos filósofos antigos”.⁴⁰ Para o autor, a literatura sapiencial foi acomodada aos paradigmas acadêmicos da época, que planejavam relacioná-la a movimentos filosóficos de outras culturas. Embora não seja pretensão de Weeks ou Kynes argumentar “que a origem de uma ideia pode ser utilizada para confirmar ou para contradizer a sua veracidade”,⁴¹ ambos compreendem que as primeiras abordagens aplicadas à literatura sapiencial refletiam o seu contexto histórico:

Na Alemanha do século XIX, os cristãos se esforçavam para conciliar os aspectos universais, humanistas e filosóficos de sua religião com sua conexão particularista de uma história que se tornava cada vez mais problemática sob a intensa examinação do racionalismo do século XVIII e da crítica histórica do século XIX. Esse foi o solo fértil em que a literatura sapiencial deveria brotar como a coleção ‘universalista, humanista e filosófica’ no Antigo Testamento [...], em detrimento dos aspectos particularistas da teocracia, do culto e da lei em Israel.⁴²

Um exemplo comum relacionado às abordagens acadêmicas da época – visível especialmente na perspectiva de Wilhelm Vatke⁴³, Johann F. Bruch⁴⁴ e Heinrich Ewald⁴⁵ – é a compreensão de que a “filosofia ou o ato de filosofar surgiram a partir de uma ocasião particular na história de uma cultura”.⁴⁶ Em outros termos, a literatura sapiencial representaria o auge intelectual da cultura israelita por estar engajada em questões filosóficas sobre a vida, e não mais dependente de uma interpretação “mitológica” da realidade; ela corresponde o

⁴⁰ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 6.

⁴¹ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 97.

⁴² Idem.

⁴³ VATKE, Wilhelm. **Die biblische Theologie wissenschaftlich dargestellt**: Erster Band. Die Religion des Alten Testaments nach den kanonischen Büchern entwickelt. Berlin: G. Bethge, 1835. v. 1.

⁴⁴ BRUCH, **Weisheit-Lehre de Hebräer**.

⁴⁵ EWALD, Heinrich. **Geschichte des Volkes Israel bis Christus**; Über Die Volks: Und Geistesfreiheit Israel’s Zur Zeit Der Großen Propheten Bis Zur Ersten Zerstörung Jerusalems. **Jahrbücher Der Biblischen Wissenschaft**, v. 1, p. 95-108, 1849.

⁴⁶ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 6. O próprio subtítulo da obra de Johann F. Bruch, “*Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophie* [uma contribuição para a história da filosofia]”, sugere seus pressupostos sobre o desenvolvimento das ideias na história de uma cultura.

“mais nobre de todos” os anseios humanos, por engajar-se na reflexão filosófica.⁴⁷ Por ocasião desse entedimento, “por um longo tempo, era comum caracterizar a sabedoria a partir do conceito europeu de ‘*Geistesgeschichte*’ [história intelectual]”.⁴⁸ Assim, como parece evidente, a partir dessa perspectiva, a literatura sapiencial será considerada como um fenômeno literário tardio e, ademais, alheio a outras tradições da Bíblia Hebraica – ainda que, em grande medida, “a tradição sapiencial permane[ça] mais semelhante à tradição filosófica grega do que à atividade de um grupo específico com opiniões comuns e distintas”.⁴⁹ A sabedoria hebraica compreenderia o momento em que a literatura dos hebreus foi influenciada pela especulação filosófica grega, embora possuísse precedentes mais antigos em Israel.⁵⁰

Essa perspectiva ocorre na abordagem de Thomas K. Cheyne⁵¹, por exemplo, ao considerar a literatura sapiencial “uma fase do pensamento hebreu chamada ‘sabedoria’ (*hokmāh*)”, que “pode ser estudada melhor em Provérbios e Eclesiastes do que na poesia de Jó” – por considerar a última uma obra tardia em relação às anteriores. No mesmo sentido, William T. Davison⁵² insere a literatura sapiencial na “história do pensamento” dos hebreus como uma fase de sua religião, a ponto de considerar a sabedoria hebraica como parte da história da filosofia, tanto quanto a filosofia grega: “a depreciação do ‘hebraísmo’, como é conhecido, em comparação ao helenismo é injusta”.⁵³ Em ocasião posterior, essa perspectiva é elaborada nos artigos publicados por John F. Genung⁵⁴ a partir da utilização de um termo hebraico específico: תְּוִשְׁיָה (*tûšîah*).⁵⁵ Segundo o autor, a voz de autoridade que guiava as decisões do povo era exprimida prioritariamente pelo “oráculo de YHWH” – identificado na

⁴⁷ DAVISON, Wiliam T. **The Wisdom-Literature of the Old Testament**. London: Charles H. Kelly, 1894, p. 3.

⁴⁸ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 265.

⁴⁹ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 8.

⁵⁰ Segundo Davison, **The Wisdom-Literature of the Old Testament**, p. 14, por exemplo: “*It may be said, however, in a word or two, that the contact of the Jews with Persia on the one hand, and with Greece on the other, produced a twofold influence, the one modifying Jewish thought in the direction of mysticism, the other in the direction of philosophical speculation.*”

⁵¹ CHEYNE, **Job and Solomon**, p. 117.

⁵² DAVISON, **The Wisdom-Literature of the Old Testament**, p. 5.

⁵³ Ibidem, p. 10.

⁵⁴ Cf. GENUNG, John F. Meaning and Usage of the term תְּוִשְׁיָה. **Journal of Biblical Literature**, v. 30, n. 2, p. 114-122, 1911, p. 114-112; The Development of Hebrew Wisdom. **The Biblical World**, v. 42, n. 1, p. 16-25, jul. 1913, p. 16-25.

⁵⁵ As transliterações do texto em hebraico foram feitas pelo autor a partir da tabela de transliterações oferecida pela *Society of Biblical Studies*.

expressão קוֹל יְהוָה (*qôl YHWH*) – de maneira sobrenatural. Apenas com o passar do tempo os israelitas teriam explorado o “poder do raciocínio”;⁵⁶ ele é “a intuição humana em busca da verdade absoluta, proveniente de baixo, ao contrário da קוֹל יְהוָה, a revelação divina que fala de forma autoritativa de cima”.⁵⁷ Assim, Genung sugere que תוֹשִׁיָּה foi utilizado com mais frequência na antiguidade para identificar a atividade racional dos hebreus, mas teria desaparecido com o passar do tempo.

Ainda em consonância à lógica da *Geistesgeschichte*, e a sua culminação na literatura sapiencial, segue a suposição de que esses textos corresponderiam à produção literária de uma escola ou tradição intelectual que promulgava a opinião de um círculo literário; como já foi mencionado, a sabedoria hebraica corresponderia à opinião promulgada por “professores de sabedoria” (*Weisheitslehrer*).⁵⁸ De acordo com Stuart Weeks (2016, p. 7), a ideia de que os “mestres de sabedoria provavelmente atuavam ao lado dos mestres levitas da lei” já estava presente em Wilhelm Vatke⁵⁹; “esses mestres de sabedoria preenchem, de alguma forma, o lugar ocupado anteriormente pelos profetas”.⁶⁰ Além disso, Weeks aponta para a abordagem de Heinrich Ewald⁶¹ como a precursora das “escolas de sabedoria”, no sentido de que o reinado de Salomão teria promovido um ambiente pacífico, que, entre outros avanços, testemunhou o desenvolvimento da sabedoria;⁶² essa descoberta ocasiona o estabelecimento de “círculos” e, posteriormente, “escolas” sapienciais (evidenciadas no século VI e VII AEC). Devido ao caráter questionador da sabedoria hebraica, a opinião dos sábios teria sido acusada

⁵⁶ GENUNG, *The Development of Hebrew Wisdom*, p. 23.

⁵⁷ GENUNG, *Meaning and Usage of the term תוֹשִׁיָּה*, p. 116.

⁵⁸ Neste ponto, é importante pontuar apenas que os principais textos utilizados para fundamentar a existência de uma classe de sábios responsáveis pela elaboração, coleção e edição de textos sapienciais são Jeremias 8:8; 10:7; 18:18; 44:25; 49:7; 50:35; 51:7; Isaías 5:21; 28:23-29; 29:13, 24; 31:2; 33:11 (cf. WEEKS, Stuart. **Early Israelite Wisdom**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007).

⁵⁹ VATKE, **Die biblische Theologie wissenschaftlich dargestellt**.

⁶⁰ WEEKS, Stuart. Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 8. É interessante pontuar apenas que Johann Bruch entendia a questão de forma mais amena. Para ele, “*the Hebrew wise men were not philosophers by profession; they constituted no class separate from other classes, but may have belonged to various different classes*” (BRUCH, **Weisheit-Lehre de Hebräer**, p. 57-58 *apud* WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 8).

⁶¹ EWALD, **Geschichte des Volkes Israel bis Christus**.

⁶² De fato, o argumento de Ewald encontrou eco, por exemplo, no comentário de Welton, *The Old Testament Wisdom* (Chokma), p. 186: “*The golden age of the ḥokmāh literature of the Hebrews began with the reign of Solomon [...] Before the Israelitish mind could be in a position to give itself to research and instruction of this kind, the stormy and troublous times of the judges should end, the power of external enemies be broken and overthrown, the political and social rights of the citizen firmly secured, and the theocratical national life permanently established.*”

de ateu a ponto de a “sabedoria ser popularizada e distorcida, chegando a se opor aos elementos simples da religião israelita”⁶³ – embora essa distinção de tradições, a princípio, não fosse estipulada de maneira cartesiana.⁶⁴ As considerações de William T. Davison⁶⁵ podem exemplificar essa opinião de maneira sumariada quando se relaciona à *Geistesgeschichte* de Israel:

Depois do Exílio tornou-se razoavelmente claro que existiu uma classe de pessoas em Israel chamada “os sábios”, que tiveram a sua própria função na educação espiritual da raça eleita – uma função de grande significância e valor, embora tenha sido lançada às sombras pelo brilho e importância da superioridade dos profetas, sacerdotes e salmistas [...] Se a *Torá* pertenceu ao sacerdote, no sentido de exposição dos preceitos positivos da antiga aliança, e a *palavra de Jeová*, que era diretamente comunicada por um mensageiro escolhido [...], pertenceu ao profeta, permanece a área do “conselho”, o sábio e a aplicação proveitosa do ensino divino à verdadeira conduta para a vida, que pertenceu, em essência, aos *hākāmim*, os homens sábios.

Embora desde o início do século XVIII a literatura sapiencial fosse distinguida do restante da Bíblia Hebraica, a sua identificação como um “círculo dos sábios” em Israel ocasionou a separação determinante da “literatura sapiencial” de outros textos encontrados na Bíblia Hebraica. Essa separação ocorreu principalmente em virtude da distinção entre os temas predominantes nos outros *corpora* e aqueles oferecidos pela literatura sapiencial.

Entre os hebreus, sabedoria era o departamento da literatura canônica que não insistia em sua origem e função divina. A lei fazia referência direta ao Deus do Sinai. Ela prefaciava todos os seus decretos com “E o Senhor falou a Moisés” [...] a palavra da profecia fazia uma declaração similar sobre o preceito celestial: “Assim diz o Senhor.” Mas aqui [na literatura sapiencial] havia um tipo de enunciação que não decidiu declarar nada mais autoritativo do que a razão e o bom senso.⁶⁶

Além disso, em consequência dos pressupostos anteriores, não menos importante no século XIX foram as discussões a respeito da autoria e datação da literatura sapiencial, como já foi mencionado: “até as primeiras décadas do século XIX, a sabedoria, conforme

⁶³ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 10.

⁶⁴ Cf. OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 539-540.

⁶⁵ DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 4, itálicos do original.

⁶⁶ GUNG, John F. *The Hebrew Literature of Wisdom: in the Light of to-day*. Boston; New York: Houghton, Mifflin and Company, 1906, p. 14-15.

representada no livro de Provérbios, era interpretada pela maioria como antiga”.⁶⁷ Além disso, segundo o levantamento realizado por Rudolf Smend, nas primeiras décadas do século XIX já existiam argumentos que questionavam a autoria salomônica dos Provérbios; um exemplo seria a obra de Johann G. Eichhorn⁶⁸ que se abre à possibilidade de que parte do conteúdo transcrito no livro pudesse representar a obra de um autor (ou “círculo” de autores) posterior, devido à extensão da obra. Posteriormente, Wilhelm Vatke⁶⁹ é considerado o primeiro a promulgar de maneira resoluta a não autoria salomônica de Provérbios, assim como uma datação tardia para os livros de Jó e Eclesiastes (século V AEC), devido a sua mentalidade ética. Dessa forma, “com o fim do século XIX, emergia o consenso de que os denominados livros sapienciais da Bíblia (Provérbios, Jó e Eclesiastes) eram de datação geralmente tardia e distintos em caráter e conteúdo dentre os textos bíblicos”.⁷⁰

As argumentações a favor de uma datação tardia para a literatura sapiencial demonstravam-se efetivas a ponto de serem defendidas por estudiosos considerados “conservadores”.⁷¹ Thomas K. Cheyne⁷², por exemplo, admite: “me parece que a força dos argumentos contra uma data pré-exílica para o arranjo de nossa composição de Provérbios está em franco crescimento [...] sinto que meus resultados estariam mais próximos dos de Reuss e Stade [...] do que os de Delitzsch.” Mesmo indicado por Cheyne como um dos defensores da autoria pré-exílica a Provérbios, Franz Delitzsch⁷³ expedia uma opinião mais maleável, alegando que “o livro de Provérbios apresenta em si mesmo uma composição de elementos arranjados de forma variada e datados de maneira diversificada.” Ainda assim, ao deparar-se com as tendências acadêmicas, Delitzsch⁷⁴ entende que “desde que o método crítico-histórico foi aplicado aos temas bíblicos, aquela submissão cega à tradição equivocada [a autoria salomônica] é indigna de ser mencionada”. A opinião de Delitzsch e Cheyne poderia ser lida como a expressão do consenso comum à época.

⁶⁷ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 259.

⁶⁸ EICHORN, Johann G. **Einleitung in das Alte Testament**. Harvard: Weidmann, 1803. v. 2.

⁶⁹ VATKE, **Die biblische Theologie wissenschaftlich dargestellt**.

⁷⁰ HEIM, Knut M. The Phenomenon and Literature of Wisdom. In: SÆBØ, Magne (Ed.). **Hebrew Bible/ Old Testament: The History of its Interpretation**. III/2: The Twentieth Century. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, p. 566.

⁷¹ Cf. MONTEFIORE, C. G. Notes upon the Date and Religious Value of the Book of Proverbs. **The Jewish Quarterly Review**, v. 2, n. 4, p. 430-454, jul. 1890.

⁷² CHEYNE, **Job and Solomon**, p. 339.

⁷³ DELITZCH, Franz. **Salomonisches Spruchbuch**. Leipzig: Brunner-Verlag, 1873, p. 3 *apud* SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 260.

⁷⁴ DELITZCH, Franz. **Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon**. Edinburg: T. & T. Clark, 1874, p. 2.

Em suma, as principais abordagens acadêmicas à literatura sapiencial entre os séculos XVIII e XIX, pode-se argumentar, giravam em torno de sua definição como *filosofia dos hebreus*. Em primeira instância, 1) ela foi classificada em paralelo à filosofia grega, de acordo com as tendências acadêmicas da época, embora julgasse possuir características peculiares, não obstante o seu merecimento na composição da “história da filosofia”. Em segundo lugar, e por consequência da perspectiva anterior, 2) a sabedoria hebraica foi considerada como a literatura que representa uma fase avançada na evolução na história intelectual (*Geistesgeschichte*) de Israel, devido à sua abordagem moral e reflexiva – que é colocada em oposição aos preceitos legais e aos oráculos proféticos. Por último, 3) por estar relacionada a um período tardio, e especialmente por compor ideias distintas daquelas encontradas no restante da Bíblia Hebraica, foi pressuposta a existência de um “grupo de sábios”, ou de “professores de sabedoria” (*Weisheitslehrer*) que se organizavam em círculos ou escolas. Esse grupo teria sido o responsável pela elaboração, pela coleção e pela edição da literatura sapiencial, conforme a encontramos em sua forma final nos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes.

1.2 Século XX: A Literatura Sapiencial e a Tradição dos Sábios

Os estudos acadêmicos orientados à literatura sapiencial no século XX, logo de início, podem ser considerados como continuação e implementação das abordagens anteriores (séculos XVIII-XIX). Nas palavras de Stuart Weeks⁷⁵, “se o século XIX nomeou e modelou as ideias existentes sobre os sábios e os seus livros, foi o século XX que as uniformizou e as orientou para que caminhassem juntas.” Por conseguinte, os estudos que se configuram no século XX, com frequência, não costumam visitar as considerações anteriores de maneira inovadora: segue-se a elaboração e a implementação dos pressupostos antigos, de maneira que, “às vezes, as posições adotadas [no século XX] são mantidas de maneira muito mais rígidas do que no século XIX”.⁷⁶ Em comparação aos séculos anteriores, pode-se alegar que a literatura sapiencial recebeu atenção especial dos biblistas, ainda que o ímpeto acadêmico tenha resultado apenas na reafirmação e reelaboração de hipóteses antigas.

Não obstante à energia concentrada na literatura sapiencial durante este período, Rudolf Smend observa que, embora fosse comum à *Society of Old Testament Study* elaborar

⁷⁵ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 12.

⁷⁶ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 267-268.

trabalhos que abordassem a tendência dos estudos bíblicos no início do século XX, “a sabedoria não desempenhou uma função importante neles”;⁷⁷ esse mesmo período será mencionado por Gehard Hasel⁷⁸ como uma “lacuna frustrante” nos estudos bíblicos, devido à negligência de pesquisas que costumavam marginalizar a literatura sapiencial da Bíblia Hebraica. Grosso modo, no início da década de 1970, será possível alegar que “apenas nos últimos quarenta ou cinquenta anos a literatura sapiencial é investigada extensivamente”; contudo, “isso ocorreu sem a diminuição da atividade acadêmica em outras áreas dos estudos bíblicos”.⁷⁹

A preocupação acadêmica com a sabedoria se intensifica a partir de 1951 com Walter Baumgartner, que se dedica ao estado da arte da literatura sapiencial. No início de seu estudo, Baumgartner⁸⁰ reconhece que “apenas recentemente os livros que pertecem à literatura sapiencial [...] são abordados com escrutínio, a fim de serem estudados em seu próprio contexto.” Ainda assim, confessa que “nenhuma inovação revolucionária apareceu no campo da literatura sapiencial”; para o autor, “o que encontramos é o desenvolvimento sistemático do novo material [do antigo Oriente Médio] e as perspectivas que vieram à luz nos primeiros vinte anos deste século”.⁸¹ Quase trinta anos depois de Baumgartner, J. A. Emerton estará em condições de afirmar que “a literatura sapiencial encontra-se no centro dos interesses entre os estudiosos da Bíblia Hebraica durante um quarto de século”.⁸² Mesmo assim, embora tenha granjeado mais espaço nos estudos bíblicos, a literatura sapiencial “não sucitou tantas produções acadêmicas em termos de volume quando comparada aos livros e monografias sobre livros proféticos e históricos”.⁸³

⁷⁷ Ibidem, p. 257.

⁷⁸ HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento**, 2012, p. 62.

⁷⁹ SCOTT, R. B. Y. **The way of wisdom in the Old Testament**. Ontario: The Macmillan Company, 1971, p. 21.

⁸⁰ BAUMGARTNER, Walter. The Wisdom Literature. In: ROWLEY, H. H. (Ed.). **The Old Testament and Modern Study: A Generation of Discovery and Research**. Oxford: Clarendon Press, 1951, p. 210.

⁸¹ Ibidem, p. 229.

⁸² EMERTON, J. A. Wisdom. In: ANDERSON, G. W. (Ed.). **Tradition and Interpretation: Essays by members of Society of Old Testament Study**. Oxford: Clarendon Press, 1979, p. 214. De acordo com Smend, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 257, as considerações de Baumgartner e Emerton evidenciam “*the decreasing weight of German-speaking scholarship in this field*”, inaugurando a prevalência de estudos em língua inglesa sobre a literatura sapiencial.

⁸³ MCKENZIE, John L. Reflections on Wisdom. **Journal of Biblical Literature**, v. 86, n. 1, p. 1-9, 1967, p. 1.

O estudo acadêmico da literatura sapiencial alcançará a sua “reabilitação” – nos termos de John Day, Robert P. Gordon e H. G. M. Williamson⁸⁴ – apenas “nos últimos trinta anos do século XX”. Durante esse período, a sabedoria será considerada protagonista, “tanto na formação do cânon hebraico quanto na estratégia de leitura recomendada a certas partes dele”.⁸⁵ Como será notado, as principais abordagens acadêmicas à literatura sapiencial tiveram o século XX seu nascedouro. Ela emerge, nesse período, como *tradição dos sábios*, caracterizada por seu contexto de produção, profissionais envolvidos e cosmovisão promulgada. O século termina como a ideia de que a literatura sapiencial seria a responsável pelo estilo e conteúdo de diversos outros textos na Bíblia Hebraica.

Ao observar os estudos realizados sobre a literatura sapiencial nos séculos XVIII-XIX, nota-se referência quase nula a qualquer material oriundo do antigo Oriente Médio. Até então, a literatura sapiencial era abordada como um fenômeno literário *sui generis* entre os hebreus, com pouca ou nenhuma consideração às culturas vizinhas.⁸⁶ Ainda assim, Rudolf Smend⁸⁷ argumenta que “o caráter internacional da sabedoria nunca esteve escondido da academia”; ele informa que Friedrich W. C. Umbreit⁸⁸ dedica trinta páginas à “Sabedoria oriental como um todo”, embora possa ser considerada por Anton T. Hartmann⁸⁹ como “escuridão que nunca é estirpada por completo”. Esses esforços evidenciam que a relação da sabedoria hebraica com culturas cognatas no Antigo Oriente Médio “começam a surgir por volta do fim do século XIX, mas o conhecimento da literatura dos vizinhos de Israel permanecia muito

⁸⁴ DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. Introduction. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 1.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Um exemplo disso pode ser evidenciado nas considerações de Samuel Davidson, **An Introduction to the Old Testament: Critical, Historical and Theological**. London: Williams and Norgate, 1862, p. 342: “*There are many collections of Arabic proverbs such as those of Meidani, of Abu Obaid, and of the Chaliph Ali. The last approaches nearest in excellence to those of Solomon. The proverbs of Ali were published at Oxford in 1806. Arabian literature is very rich in this kind of composition. The Persians have also collections, one of which was published by De Sacy in 1819, under the title of Pend Nameh, ‘Book of Counsel’. The Chinese too have many good proverbs.*” De maneira similar, para Delitzsch (**Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon**, p. 7), “*Ewald is right in regarding as inadmissible a comparison of the collections of Arabic proverbs by Abu-Obeida, Meidani, and others, who gathered together and expounded the current popular proverbs, with the Book of Proverbs. Ali’s Hundred Proverbs are, however, more worthy of being compared with it.*”

⁸⁷ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 264.

⁸⁸ UMBREIT, Friedrich W. C. **Philologisch-kritischer und philosophischer Commentar über die Sprüche Salomos**, p. iii-xxxii.

⁸⁹ HARTMANN, Anton T. **Theologisches Literaturblatt zur Allgemeinen Kirchenzeitung**. Darmsadt, 1828, cols. 735.

limitado para comparações significantes”.⁹⁰ Ainda assim, Smend afirma que o relato bíblico oferece evidência suficiente de que a sabedoria deveria ser levada em conta no Antigo Oriente Médio:

A Bíblia Hebraica, por si mesma, fala sobre [a literatura sapiencial em outras culturas] e, em muitos aspectos, isso fica evidente a qualquer leitor atento, mesmo se ele não tenha conhecimento do material do oriente antigo e talvez conheça algo sobre os escritos sapienciais gregos ou árabes.⁹¹

A afirmação de Smend pode ser exemplificada em comentaristas esparsos: D. M. Welton⁹², por exemplo, alega que “a instrução proverbial é comum na história antiga em grande parte das nações, especialmente no Oriente”, embora não ofereça nenhum exemplo. Thomas K. Cheyne⁹³, ao definir “sabedoria hebraica” observa que ela “não pretende estar confinada a uma raça eleita”, e oferece os exemplos de Jó (um não israelita) e de Salomão, cuja sabedoria sobrepujava a de outros monarcas de sua época. Além disso, ao comentar o aspecto religioso da literatura sapiencial, Cheyne⁹⁴ faz menção a um provérbio de *Ptah-hotep*, assumindo a existência de “moralistas egípcios” no período em que foram compostos alguns provérbios, além da semelhança de seus escritos com a literatura sapiencial na Bíblia Hebraica.⁹⁵ Vale ainda mencionar a suposição de John F. Genung, ao assumir que Salomão teria insituído uma “espécie de universidade” na corte em que atuavam os sábios; ela “se tornou, ou talvez fosse desde o início, um tipo de instituição internacional [...] em que pensadores de qualquer região ou nação poderiam se encontrar em um lugar comum”.⁹⁶ A sabedoria de Salomão teria a capacidade de se comunicar com o Antigo Oriente Médio em virtude da “substância de sua doutrina”, cujas ideias “possuíam o mesmo caráter cosmopolita, ou melhor, universal”.⁹⁷

⁹⁰ HEIM, *The Phenomenon and Literature of Wisdom*, p. 566.

⁹¹ SMEND, *The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship*, p. 264.

⁹² WELTON, *The Old Testament Wisdom (Chokma)*, p. 188.

⁹³ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 117.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 121.

⁹⁵ Thomas K. Cheyne faz referência à obra *Religion und Mythologie der alten Aegypter*, de Heirinch K. Brugsch, **Religion und mythologie der Alten Aegypter**. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1885, evidenciando familiaridade com a egiptologia da época, com o intuito de construir relações entre essa área e os estudos bíblicos.

⁹⁶ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 44.

⁹⁷ *Idem*.

Neste contexto, no decorrer do século XX, o fenómeno que “de fato ocasionou a ruptura mais considerável na história do estudo da sabedoria”⁹⁸ foi a descoberta de dois textos que correspondiam à “literatura sapiencial” produzida fora do contexto israelita: os *Ensinamentos de Amenemope*, disponibilizados em 1923, e os fragmentos em aramaico dos *provérbios de Ahiqar*, em 1906. Segundo Knut M. Heim⁹⁹, a existência de textos compatíveis com a sabedoria hebraica – em termos de forma e conteúdo literários – sugere que a literatura sapiencial, em geral, deve pertencer a uma tradição literária internacional na antiguidade, produzida por indivíduos de uma classe social em particular. Essas relações estilísticas e temáticas são reforçadas, nas palavras de Walter Baumgartner¹⁰⁰, porque as conexões entre a sabedoria israelita e a do Antigo Oriente Médio “são frequentemente tão próximas, a ponto de existir a possibilidade de o verso de uma ser facilmente trocado pelo verso de outra sem qualquer perda perceptível de qualidade moral.” De maneira semelhante, John L. McKenzie¹⁰¹ comenta que a “relação [da sabedoria bíblica] com a sabedoria estrangeira e a sua dependência [...] em ambos forma e conteúdo é abundantemente clara e não demanda comentários”.¹⁰² Em suma, os estudos bíblicos orientados à literatura sapiencial se deparam com duas surpresas no século XX:

Primeiro: a descoberta de que uma literatura sapiencial essencialmente similar existiu e era cultivada do Nilo ao Tigre [...] a segunda surpresa surgiu pelo fato de a sabedoria de Israel se encaixar perfeitamente àquela do antigo Oriente como um elo em uma cadeia; isso ocorreu de diversas formas, desde a simples relação de temas e ideias à dependência literária e semelhança de redação.¹⁰³

Além dessas descobertas, vale fazer uma rápida menção às de *Ras Shamra*, em 1929, relacionadas à literatura ugarítica. Elas inauguraram estudos sobre a literatura sapiencial em virtude dos paralelos encontrados entre os textos de Ugarite e a literatura bíblica em níveis de

⁹⁸ SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 263.

⁹⁹ HEIM, The Phenomenon and Literature of Wisdom, p. 567.

¹⁰⁰ BAUMGARTNER, The Wisdom Literature, p. 211.

¹⁰¹ MCKENZIE, Reflections on Wisdom, p. 2.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ BAUMGARTNER, Walter A. **Israelitische und altorientalische Weisheit**. Tübingen: Mohr, 1933, p. 19, 23 *apud* SMEND, The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship, p. 263-264.

métrica, sintáxe etc.¹⁰⁴ Outra descoberta que corroborou o estudo da literatura sapiencial foram os Tabletes de Ebla, por volta de 1970. Dentre os diversos textos escavados no local, foi encontrada uma “coleção de provérbios”,¹⁰⁵ cujo texto em eblaíta representa um dos três maiores grupos de documentos antigos da língua semítica, juntamente com o ugarítico e o hebraico.¹⁰⁶ É importante ainda mencionar a “*corpus sapiencial*” encontrado em Qumran, disponível desde 1947, que, além de refletir algumas características da sabedoria na Bíblia Hebraica, apresenta peculiaridades sugestivas para o estudo.¹⁰⁷ Em suma, durante o século XX, a literatura sapiencial não foi apenas inaugurada como parte de uma tradição literária internacional no antigo Oriente Médio, mas também possuía à sua disposição textos que iluminavam os seus significados quando estudados em paralelo (veja, por exemplo, os Apêndices A, B, e C no final deste trabalho).

Em virtude do espaço reservado para este capítulo, a fim de exemplificar as equivalências acima, vale mencionar apenas o primeiro texto sapiencial egípcio levado a público por E. W. Budge¹⁰⁸, em 1923, e analisado por Adolf Erman¹⁰⁹, em 1924. Em considerações preliminares, Erman argumentou a favor de uma correspondência de forma e conteúdo literários entre Provérbios 22:17–24:22 e o texto egípcio intitulado *Ensinamentos de Amenemope*. Essa correspondência ocorreria especialmente em virtude de ambos os textos alegarem possuir “trinta capítulos” (Pv 22:20a; *Amenemope* xxvii, 5), além de outras semelhanças temáticas que, na época, quando analisadas em paralelo, dificilmente eram concebidas como acidentais.¹¹⁰ Desde então, a relação estilística entre ambos os textos é considerada como exemplo paradigmático de dependência literária nos estudos sobre a literatura sapiencial, muito embora Provérbios 22:17–24:22 seja considerado um texto de

¹⁰⁴ Cf. STORY, C. I. K. The Book of Proverbs and Northwest Semitic Literature. **Journal of Biblical Literature**, v. 64, n. 3, p. 319-337, 1945; HELD, M. The Action-Result (Factitive-Passive) Sequence of Identical Verbs in Biblical Hebrew and Ugaritic. **Journal of Biblical Literature**, v. 84, n. 3, p. 272-282, 1965.

¹⁰⁵ PETTINATO, G. The Royal Archives of Tell Mardikh-Ebla. **Biblical Archaeologist**, v. 39, n. 2, p. 44-52, 1976, p. 45.

¹⁰⁶ MATTHIAE, P. Ebla in the Late Early Syrian Period: The Royal Palace and the State Archives. **Biblical Archaeologist**, v. 39, n. 3, p. 94-113, 1976, p. 112.

¹⁰⁷ Cf. HARRINGTON, Daniel. **Wisdom texts from Qumran**. London; New York: Routledge, 1996; Ten reasons why Qumran wisdom texts are important. **Dead Sea Discoveries**, v. 4, n. 3, p. 245-254, 1997.

¹⁰⁸ BUDGE, E. A. W. **Second Series of Facsimiles of Egyptian Hieratic Papyri in the British Museum**: with descriptions, summaries of contents, etc. London: Trustees of the British Museum, 1923.

¹⁰⁹ ERMAN, Adolf. Das Weisheitsbuch des Amen-em-ope. **Orientalistische Literaturzeitung**, v. 27, issue 1-6, p. 121–126, dez. 1924.

¹¹⁰ DUNSMORE, Marion H. An Egyptian Contribution to the Book of Proverbs. **The Journal of Religion**, v. 5, n. 3, p. 300-308, mai. 1925.

conteúdo originalmente israelita.¹¹¹ Entende-se que, ao passo que o escritor tenha se utilizado do texto egípcio, Provérbios 22:17–23:11 constitui uma “adaptação criativa” do primeiro. O escritor israelita estaria reescrevendo *Amenemope* a partir de sua própria perspectiva, a fim de que sua obra estivesse em concordância com um modelo sapiencial internacional. Nas palavras de Michael V. Fox¹¹²,

O autor da parte IIIa [Provérbios 22:17–23:11] não se moveu aleatoriamente, colhendo bocados de sabedoria aqui e ali em *Amenemope*. Ele trabalhou de maneira simples e compreensível. Ele partiu do início do rolo e passou por ele inteiro até o final. [...] Isso foi feito em cinco passagens, ou “varreduras”, coletando, em todo momento, material de seu interesse, remodelando-o de acordo com seus próprios objetivos.

Além disso, ao relacionar Provérbios 22:17–24:22 e *Amenemope*, Hugo Greßman¹¹³ sugere, na mesma época, a existência de uma tradição de “sabedoria internacional entre os escribas profissionais, situados na corte egípcia”.¹¹⁴ Por conseguinte, a constatação de uma “classe de sábios” no Egito – responsáveis pela elaboração da literatura sapiencial – possibilitaria o reforço de uma inferência anterior: o mesmo deveria ter ocorrido entre os hebreus. Nos termos de John L. McKenzie¹¹⁵, “sabemos que a literatura sapiencial está associada às escolas de escribas no Egito e Mesopotâmia, e podemos presumir que a mesma associação ocorria em Israel”. Essa suposição, no final da década de 1960, já era considerada como consenso entre os biblistas, conduzindo Roland E. Murphy¹¹⁶ a observar que, “por muitos anos, existe a difundida suposição de que o movimento sapiencial em Israel teve a sua origem na corte real [...] com uma dependência óbvia dos precursores egípcios”.¹¹⁷ Grosso

¹¹¹ WHYBRAY, Roger N. The Structure and Composition of Proverbs 22:17–24:22. In: PORTER, S. E.; JOYCE, P.; ORTON, D. E. (Eds.). **Crossing the Boundaries: Essays in Biblical Interpretation in Honor of Michael D. Goulder**. Leiden: E. J. Brill, 1994. (Biblical Interpretation Series, 8); SHUPAK, Nili. The Instruction of Amenemope and Proverbs 22:17–24:22 from the Perspective of Contemporary Research. In: TROXEL, R. L.; FRIEBEL, K. G.; MAGARY, D. R. (Eds.). **Seeking Out the Wisdom of the Ancients: Essays offered to honor Michael V. Fox on the occasion of his sixty-fifth birthday**. Winona Lake: Eisenbreuns, 2005.

¹¹² FOX, Michael V. From Amenemope to Proverbs: Editorial art in Proverbs 22,17–23,11. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 126, v. 1, p. 76-91, 2014, p. 78.

¹¹³ GREßMEN, Hugo. Die neugefundene Lehre des Amen-em-ope und die vorexilische Spruchdichtung Israels. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 42, p. 272-296, 1924.

¹¹⁴ HEIM, The Phenomenon and Literature of Wisdom, p. 572.

¹¹⁵ MCKENZIE, Reflections on Wisdom, p. 4.

¹¹⁶ MURPHY, Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research, p. 407.

¹¹⁷ Ainda assim, é importante salientar que Murphy, Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research, p. 410, considerava “that the origins of wisdom literature are far more complicated than they were once thought to be.”

modo, esse argumento era sustentado, principalmente, pelo fato de a Bíblia Hebraica associar a sabedoria com a realeza (cf. Is 19:11-13; Jr 49:7; 50:35 etc.) e à informação de que os “homens de Ezequias” teriam compilado os provérbios de Salomão (cf. Pv 25:1). Essa perspectiva foi abordada com mais atenção por William Mckane¹¹⁸, que definiu os sábios de Israel como “homens de negócios em altos cargos do estado”; e com efeito, precursores de um estilo de literatura que, “em algumas de suas formas, carregava as marcas de sua associação com aqueles que exerciam suas habilidades de estadistas”.

Em acréscimo a essa noção, “recentemente, tornou-se uma suposição geral de que a mentalidade dos sábios hebreus deveria ser identificada fundamentalmente com a dos egípcios”;¹¹⁹ promulga-se que a classe de escribas, reponsável pela produção da literatura sapiencial israelita, compreendia o mundo a partir de uma *Weltanschauung* particular, a saber, a concepção de uma “ordem cósmica” de causa e efeito. Costuma-se fazer referência à compreensão egípcia da *Mṣr* expressa como uma “ordem correta/justa” aplicada à natureza e à sociedade. Por representar a essência da ética egípcia, ela será considerada como uma ordem cósmica pré-estabelecida, na criação, que deve ser mantida tanto pelo rei quanto pelo indivíduo para o benefício da sociedade.¹²⁰ Embora seja comum aos biblistas comparar *Maʿat* com a ideia de “ordem” na literatura sapiencial israelita, seus significados se desencontram em alguns aspectos;¹²¹ não obstante, compreende-se que a literatura sapiencial se utiliza de um estilo literário que favoreça a noção de ordem e, com efeito, articule uma ética de retribuição (*Vergeltung*).¹²² Em outras palavras, “os sábios se tornaram dogmáticos [...] cada ação tinha seu resultado embutido, a depender se a ação era boa ou ruim”.¹²³

A sugestão que mais contribuiu para a elaboração de uma *Weltanschauung* sapiencial foi oferecida por Gehard Von Rad; “a amplitude de visão de Von Rad, e sua conceitualização sobre a compreensão da realidade do sábio, fez com que sua obra se sobressaísse a todas as

¹¹⁸ MCKANE, William. **Prophets and Wise Men**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2009. (Studies in Biblical Theology, 44), p. 44.

¹¹⁹ MURPHY, Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research, p. 413.

¹²⁰ EMERTON, Wisdom, p. 215-221.

¹²¹ FOX, Michael V. World Order and Maʿat: A Crooked Parallel. **Journal of Ancient Near Eastern Society**, v. 23, p. 37-48, 1995, p. 37-42.

¹²² Cf. KOCH, Klaus. Is There a Doctrine of Retribution in the Old Testament? In: CRENSHAW, James L. (Ed.). **Theodicy in the Old Testament**. Philadelphia: Fortres Press, 1983; GRUENTHNER, M. J. The Old Testament and Retribution in this Life. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 4, n. 2, p. 101-110, 1942.

¹²³ MURPHY, Roland E. Interpretation of Old Testament Wisdom Literature. **Interpretation**, v. 23, n. 3, p. 289-301, 1969, p. 294.

outras da área”.¹²⁴ Segundo Von Rad¹²⁵, por exemplo, a realidade estava “fundamentada em um mundo de valores muito específico”. Não se tratavam de valores cuja veracidade pudesse ser concebida por meio da reflexão dos sábios: os valores, em si, correspondiam ao próprio fundamento para a moral, “o bom era experienciado [por Israel] basicamente como uma força, algo que determinou a vida, algo experimentado diariamente como efetivo [...] ‘bom’ é aquilo que faz bem; ‘mal’ é aquilo que traz prejuízo”.¹²⁶ Dessa forma, o “bem” e o “mal” poderiam ser discernidos facilmente do funcionamento natural do mundo, através da observação dos sábios; a reflexão sapiencial, portanto, não depende da avaliação de tais valores, mas da elaboração deles para a vida prática.

Por último, e não menos importante no século XX, é o surgimento de diversos estudos acadêmicos que se propõem a identificar “elementos sapienciais” em outros livros: “alguns estudiosos alegam ter encontrado cada vez mais, [na Bíblia Hebraica], a influência da sabedoria, que não é normalmente reconhecida como parte da literatura sapiencial”.¹²⁷ Nos termos de John L. McKenzie¹²⁸, “estamos cientes da grande incidência do estilo sapiencial em outros livros [da Bíblia Hebraica], e quanto mais existem estudos sobre um livro em particular mais essas alusões são encontradas”. O estopim para a sucessão de pesquisas nessa área é introduzido por Gehard Von Rad¹²⁹ na tentativa de reconhecer em 2 Samuel 6–20 e 1 Reis 1–2 a atuação oculta de YHWH na história e relacioná-la à sabedoria bíblica. O mesmo autor, em ocasião posterior, de uma perspectiva muito semelhante, argumenta que a narrativa de José, em Gênesis, também possui afinidades com a literatura sapiencial.¹³⁰ Diversos estudos foram publicados nesse sentido, em que podem ser citados, apenas como exemplo, o de Luis Alonso-Schökel¹³¹, que identifica elementos sapienciais em Gênesis; Shemaryahu Talmon¹³²,

¹²⁴ MURPHY, Roland E. Hebrew Wisdom. *Journal of the American Oriental Society*, v. 101, n. 1, p. 21-34, 1981, p. 27.

¹²⁵ VON RAD, Gehard. *Wisdom in Israel*. London: SCM Press Ltda., 1972, p. 74.

¹²⁶ Ibidem, p. 77.

¹²⁷ EMERTON, Wisdom, p. 221.

¹²⁸ MCKENZIE, Reflections on Wisdom, p. 2.

¹²⁹ VON RAD, Gehard. Der Anfang der Geschichtsschreibung im alten Israel. *Antike Kunst*, v. 32, p. 1-42, 1944.

¹³⁰ VON RAD, Gehard. The Joseph Narrative and Ancient Wisdom. In: VON RAD, Gehard. *The Problem of the Hexateuch and Other Essays*. London: Oliver E. Boyd, 1965.

¹³¹ ALONSO-SCHÖKEL, Luis. Motivos sapienciales y de alianza en Gen. 2–3. *Bíblica*, v. 43, p. 295-316, 1962.

¹³² TALMON, Shemaryahu. Wisdom in the Book of Esther. *Vetus Testamentum*, v. 13, p. 419-455, 1963.

que propõe a leitura de Ester a partir de um gênero literário sapiencial; e Moshe Weinfeld¹³³, que reconhece em Deuteronômio o estilo e o conteúdo sapiencial de Provérbios.

Nesta ocasião, vale fazer uma rápida menção ao trabalho desenvolvido por Milton Schwantes, no Brasil, em sua obra *Sentenças e Provérbios*.¹³⁴ É possível que Schwantes enumere os argumentos em seu trabalho com o intuito de afirmar a prenseça da sabedoria em toda a Bíblia Hebraica; o autor de fato defende a tese de que “a Bíblia, considerando aqui especialmente o Antigo Testamento, enquanto obra teológica, carrega um viés sapiencial em sua composição”.¹³⁵ Grosso modo, o autor entende que o profetismo e a Torá, desde o início, sempre expressaram aspectos da sabedoria, entendendo “que a clássica oposição entre profecia e sabedoria poderia ser substituída por uma espécie de correlação, fazendo surgir [posteriormente] a ‘sabedoria apocalíptica’”.¹³⁶ Assim, os textos da Bíblia Hebraica teriam sido editados por meio desse “espírito”, evidenciando, em todo cânone, uma espécie de “intencionalidade sapiencial”.

No decorrer do século XX, ao que tudo indica, abordagens dessa natureza se intensificaram, a ponto de Roland E. Murphy¹³⁷ questionar, mesmo que de maneira irônica: “em que local a sabedoria do Antigo Testamento não conseguiu aparecer?” Por ocasião da rápida multiplicação de estudos que argumentavam a favor de uma “influência sapiencial” na Bíblia Hebraica, James L. Crenshaw¹³⁸ observa que a “excitação de novas tendências acadêmicas resultou em alegações exageradas, com o intuito de fundamentar argumentos e suposições dúbias”. Em virtude da diversidade de “abordagens sapienciais”, Crenshaw sugere que o “estudo de um método para determinar a influência da sabedoria é imperativo nesta conjuntura”,¹³⁹ no que pretende pontuar alguns princípios para a identificação de elementos sapienciais na Bíblia Hebraica.¹⁴⁰ Segundo Gerald T. Sheppard¹⁴¹, “embora a sugestão

¹³³ WEINFELD, Moshe. *Deuteronomy and the Deuteronomist School*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

¹³⁴ SCHWANTES, Milton. *Sentenças e Provérbios: Sugestões para a Interpretação da Sabedoria*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

¹³⁵ SCHULTZ, Adilson. Leitura Teológica Sapiencial da Bíblia: Um Olhar a partir da Obra “Sentenças e Provérbios”, em Homenagem a Milton Schwantes. *Estudos Teológicos*, v. 53, n. 2, p. 338-349, jul./dez., 2013, p. 339.

¹³⁶ Ibidem, p. 341.

¹³⁷ MURPHY, Interpretation of Old Testament Wisdom Literature, p. 290.

¹³⁸ CRENSHAW, James L. Method in Determining Wisdom Influence upon “Historical Literature”. *Journal of Biblical Literature*, v. 88, n. 2, p. 129-142, 1969, p. 129.

¹³⁹ Ibidem, p. 129-130.

¹⁴⁰ Para Crenshaw: 1) em primeira instância, deve ser definido o conceito de “sabedoria bíblica”; 2) em segundo lugar, a “influência” da sabedoria só poderá ser provada a partir de peculiaridades estilísticas ou ideológicas encontradas, a princípio, na literatura sapiencial; 3) terceiro, deve-se notar as possíveis mudanças de significado

alternativa de Crenshaw tenha perdido o seu entusiasmo anterior, ele ao menos conseguiu chamar atenção aos graves problemas que ameaçam relativizar o valor das pesquisas anteriores sobre a sabedoria”. Em outros termos, de uma forma ou de outra, os diversificados “elementos sapienciais” encontrados esporadicamente na Bíblia Hebraica fundamentavam-se em diferentes compreensões para “sabedoria bíblica”; em virtude da fragilidade das definições supostas e da argumentação a favor da influência destas em outros livros, estudos dessa natureza perdiam a credibilidade no século XX, a ponto de, recentemente, Stuart Weeks¹⁴² alegar que os “debates sobre a origem e a influência [da sabedoria] fariam bem caso se aposentassem do termo [‘sapiencial’]”.¹⁴³

Em resumo, embora em espaço limitado, pode-se afirmar que o século XX foi o responsável pela formação dos principais conceitos que compõem a categoria sapiencial, reelaborados de concepções anteriores à luz de novas descobertas. Esses estudos sistematizaram a sabedoria bíblica ao pressupor a existência de uma *tradição de sábios* no Antigo Oriente Médio, em virtude das evidências encontradas no Egito. A tradição, nesse sentido, preconiza que, 1) em virtude de se igualar à literatura egípcia, em termos de estilo e conteúdo, a sabedoria bíblica corresponde a um gênero universal de literatura, compartilhada por diversas culturas no Antigo Oriente Médio; 2) esse gênero, à semelhança do contexto egípcio, teria sido elaborado e compilado na corte real por oficiais conselheiros do rei, escribas responsabilizados pela educação da aristocracia; 3) essa classe de sábios promulga uma visão de mundo (*Weltanschauung*) particular, em que a realidade é regida por uma ordem universal de causa e efeito, (*Vergeltung*) na qual pretendem tirar lições práticas para o cotidiano; 4) tal perspectiva sapiencial, contudo, não está restringida à “literatura sapiencial”: seus estilos e temas poderiam ser encontrados em diversas outras instâncias da Bíblia Hebraica, influenciadas pela tradição literária dos sábios em Israel.

1.3 Século XXI: A Literatura Sapiencial e a Crise da Sabedoria Bíblica

entre a sabedoria bíblica e aquela encontrada em outro *corpus* na Bíblia Hebraica; 4) quarto, ideias alienadas da sabedoria bíblica devem ser desconsideradas; e, 5) em quinto lugar, a história da sabedoria deve ser levada em consideração.

¹⁴¹ SHEPPARD, Gerald T. **Wisdom as a Hermeneutical Construct: A Study in the Sapientializing of the Old Testament**. New York: Walter de Gruyter & Co., 1980, p. 12.

¹⁴² WEEKS, **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**, p. 141.

¹⁴³ Segundo Murphy, *Hebrew Wisdom*, p. 28, “a certain ‘wisdom’ outlook was connatural to every Israelite and is not to be specified as due to the influences of a school of sages.”

Os estudos academicos orientados à literatura sapiencial no século XXI, a princípio, seguem os mesmos conceitos outrora formulados nos séculos anteriores. Nos termos de Mark R. Sneed¹⁴⁴, eles “permanecem dominantes, ou ao menos existentes”, na conjuntura do novo século. Entretanto, em contraste aos esforços do período anterior, estudiosos da literatura sapiencial no século XXI não concentram seus esforços na resolução de problemáticas que contribuam com o avanço dos pressupostos formulados no passado: Mark R. Sneed¹⁴⁵ informa que todas as definições que costumavam categorizar a “literatura sapiencial” são o alvo de questões e reformulações muito recentes, com uma minoria atualmente que pretenda sustentar os paradigmas anteriores. Evidentemente, ainda pode-se esperar muitas contribuições do século XXI para a discussão da literatura sapiencial; o desfecho das sugestões mais recentes permanece incerto. Portanto, as breves abordagens apresentadas neste momento caracterizam as tendências emergentes nas duas últimas décadas dos estudos bíblicos; o foco permanece nas abordagens que, até então, não eram muito comuns no século anterior.

No século XXI, as abordagens emergentes orientadas à literatura sapiencial possuem nas considerações de Stuart Weeks sua representação mais profícua. O autor não aborda a literatura sapiencial sem, antes, esclarecer as diversas dificuldades na definição dessa categoria – embora não desista dela por completo. Para o autor, os estudos referentes à literatura sapiencial utilizam-se de argumentos “orientados por pressupostos alienados do texto [bíblico] em si”.¹⁴⁶ Com isso, a categoria passa a abranger significados genéricos que, independentemente do consenso acadêmico, carecem de precisão metodológica, evidência textual e consideração ao objeto pesquisado. Segundo Weeks¹⁴⁷, por exemplo, “não se pode negar [...] que a ampla hipótese sobre a origem da sabedoria na educação de administradores tomou o *status* de ‘resultado garantido’”, muito embora seja baseada em uma inferência do contexto egípcio; “no cerne do problema existe a falta de evidência”. Em outros termos, a pesquisa passa a empreender uma lógica circular: seguindo o exemplo oferecido, o que é supostamente encontrado no texto bíblico como evidência textual para validar a existência de escolas de sabedoria dependerá do que foi inferido nele;¹⁴⁸ por conseguinte, a inferência

¹⁴⁴ SNEED, Introduction, p. 2.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ WEEKS, *An Introduction to the Study of Wisdom Literature*, p. 107.

¹⁴⁷ WEEKS, *Early Israelite Wisdom*, p. 4 e 8.

¹⁴⁸ FOX, Michael V. The Social Location of the Book of Proverbs. FOX, M. V.; HUROWITZ, V. A.; HURVITZ, A.; KLEIN, M. L.; SCHWARTZ, B. J.; SHUPAK, N. (Eds.). *Texts, Temple, and Traditions: a*

produzirá resultados úteis para justificar os pressupostos que orientaram a sua leitura. Além disso, Stuart Weeks¹⁴⁹ observa que os pressupostos atribuídos à categoria sapiencial são “claramente inúteis, [...] positivamente prejudiciais, e perpetuam a ideia de que hipóteses improváveis são, na verdade, estipuladas como fatos”. O autor argumenta que “o estudo da literatura sapiencial é um empreendimento desordenado”; em suas palavras, “com uma pitada de especulação histórica e um pouco de incerteza metodológica a gosto, teremos todos os ingredientes para um belo ensopado”.¹⁵⁰

No mesmo sentido, Will Kynes¹⁵¹ dedicará tempo às considerações de Stuart Weeks e, ao mesmo tempo, concordará com as limitações para a definição da categoria sapiencial. Para o autor, “ele [Weeks] oferece uma avaliação crítica, concisa e clara da literatura sapiencial, com ênfase na falta de resultados seguros, que infestam o campo de maneira incisiva”. Will Kynes¹⁵² sugere que a obra de Weeks seria mais precisa se intitulada “A *conclusão* do estudo sobre a literatura sapiencial”, devido aos resultados imprecisos que inevitavelmente conduziram o autor à desconstrução dos elementos que definem a categoria. Segundo Will Kynes, “a definição para literatura sapiencial é vaga a ponto de convidar seus intérpretes a importar suas próprias pressuposições modernas ao texto a fim de preenchê-lo”.¹⁵³ À semelhança de Weeks, o autor compreende que não há evidências literárias ou históricas que comprovem as pressuposições que sustentem uma “ênfase didática” ou um “interesse humanista” para tal classificação. Ao comentar os estudos relacionados à descoberta de “elementos sapiencias” na Bíblia Hebraica, por exemplo, o autor observa: “nós não sabemos o que é a sabedoria, mas somos capazes de encherá-la em qualquer lugar, ou, de forma mais precisa, é *justamente* por não saber o que é a sabedoria que *podemos encherá-la* em qualquer lugar”.¹⁵⁴

Tribute Menahem Haran. Winona Lake: Eisenbrauns, 1996, p. 230; segundo Murphy, Hebrew Wisdom, p. 26, “it is clear, however, that the existence of the ‘school’ in Israel is based on inference.”

¹⁴⁹ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 22.

¹⁵⁰ WEEKS, *Early Israelite Wisdom*, p. ix.

¹⁵¹ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 84.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Ibidem, p. 99.

¹⁵⁴ Idem, *itálicos do original*.

Recentemente, Will Kynes¹⁵⁵ publicou um artigo intitulado “The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary” [“A Categoria ‘Literatura Sapiencial’: Um Obituário”]. Como o título do estudo propõe, Kynes inaugura a morte da categoria sapiencial – especialmente a morte dos pressupostos que costumavam norteá-la nos anos anteriores. Em suas palavras: “A categoria ‘Literatura Sapiencial’, uma coleção de livros centrada em Provérbios, Eclesiastes e Jó, morreu. Depois de 167 anos, ela sucumbiu à obsolência que ameaça constantemente as classificações de gênero”.¹⁵⁶ Após rebater os possíveis argumentos que poderiam ser utilizados para transformar a sabedoria bíblica em uma categoria, o autor confirma a convicção de que não há evidência para sustentar a existência de um *corpus* filosófico e humanista, representado pela elite intelectual de Israel. Ao concluir esse tópico, Kynes afirma: “A morte da categoria liberta o conceito da sabedoria e os assim-chamados textos sapienciais para uma compreensão mútua mais independente”;¹⁵⁷ e acrescenta: “Isto [a morte da categoria] demonstrará a interdependência dos textos ‘sapienciais’ e de outros textos bíblicos encontrados no cânon e outros afora.”¹⁵⁸

A crítica à imprecisão de definição à categoria sapiencial, ademais, não se restringe aos estudos bíblicos. Tanto egiptólogos quanto assiriólogos concordam que a categoria “sapiencial”, utilizada para classificar a literatura do Antigo Oriente Médio, foi adotada de maneira convencional dos estudos bíblicos.¹⁵⁹ Por consequência disso, os significados de חכמה, comumente utilizados para a identificação de uma categoria sapiencial, não poderiam ser aplicados a outros textos do Antigo Oriente Médio. Para Wilfred G. Lambert¹⁶⁰, por exemplo, a “sabedoria” babilônica relaciona-se à maestria cultica, isto é, à habilidade de praticar magia, e não ao conteúdo moral normalmente atrelado a Jó, Provérbios e Eclesiastes.¹⁶¹ Ele afirma que a categoria sapiencial foi cunhada por biblistas e aplicada aos textos babilônicos por conveniência; a “sabedoria babilônica”, se puder ser nomeada dessa

¹⁵⁵ KYNES, Will. The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary. *The Journal of Theological Studies*, v. 69, n. 1, p. 1-24, abr., 2018.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 2.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 17.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 85.

¹⁶⁰ LAMBERT, *Babylonian Wisdom Literature*, p. 1-2.

¹⁶¹ Cf. TOORN, Karel van der. Why wisdom became a secret: on wisdom as a written genre. In: CLIFFORD, Richard J. (Ed.). *Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007; BUCCERLLATI, Giorgio. Wisdom and Not: the Case of Mesopotamia. *Journal of American Oriental Society*, v. 101, n. 1, p. 35-47, 1981.

forma, possuirá características *sui generis* em comparação à “sabedoria” bíblica”. No mesmo sentido, Harrison¹⁶² acrescenta que “é incorreto abordar a literatura ‘sapiencial’ babilônica como um *corpus* da perspectiva hebraica”. Para o autor, “a ideia de sabedoria como categoria nas composições literárias babilônicas não pode ser relacionada a mais do que uma quantidade de textos dispersos que ocasionalmente se ocuparam, de maneiras diversas, do mesmo tópico geral”.¹⁶³

De maneira semelhante, Michael V. Fox¹⁶⁴ reconhece que o termo “literatura sapiencial” é “vago e talvez de pouco valor como uma designação genérica à literatura egípcia”; e Ronald J. Williams¹⁶⁵ concorda que essa categoria foi cunhada por biblistas e aplicada aos textos egípcios, visto que a denominada “sabedoria egípcia” abrangerá formatos diversificados (como lamentações, propagandas políticas e mausoléus) e não se restringirá às noções da Bíblia Hebraica.¹⁶⁶ Assim, a tentativa de categorizar os textos do Antigo Oriente Médio como “sapienciais” depende, em grande parte, do que pode ser apropriado da “sabedoria bíblica” como justificativa. A partir do momento em que a definição de “literatura sapiencial” permanece imprecisa, essas dificuldades são potencializadas.

Isso significa que o apelo aos paralelos do Antigo Oriente Médio para justificar a categoria [literatura sapiencial] resultam em dificuldades significativas de circularidade. Existem, de fato, textos individuais com paralelos na sabedoria proverbial de Provérbios, conforme *Amenemope*, e outros que ressoam o ceticismo de Eclesiastes e Jó, como *A Teodicéia Babilônica*, *Ludlul Bēl Nēmeqi* e *A disputa de um homem com a sua Ba*. Porém, a união desses textos díspares em uma literatura sapiencial do Antigo Oriente Médio distinta depende da classificação de Provérbios, Eclesiastes e Jó como literatura sapiencial. Assim, esses paralelos não podem ser utilizados para justificar a classificação por si mesma.¹⁶⁷

Embora existam similaridades entre os textos “sapienciais” do Antigo Oriente Médio, “não é fácil [...] determinar a natureza exata da relação entre o material [sapiencial] israelita e

¹⁶² HARRISON, Roland K. **Introduction to the Old Testament**: with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the Apocrypha. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1991, p. 32.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ FOX, Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature, p. 121.

¹⁶⁵ WILLIAMS, Ronald J. The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship. **Journal of American Oriental Society**, v. 101, n. 1, p. 1-19, 1981, p. 1-12

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 85.

não israelita, tanto em casos gerais quanto em específicos”.¹⁶⁸ Isso ocorre principalmente por ocasião do avanço das pesquisas sobre os textos sapienciais do Antigo Oriente Médio, que, em detrimento de suas similaridades, passam a enfatizar elementos *sui generis* a depender da cultura em que está inserida. Antonio Loprieno, por exemplo, constata que a “egiptologia contemporânea não sente a urgência de promover um diálogo com outras disciplinas do Antigo Oriente Médio [assiriologia, estudos semíticos e estudos bíblicos]”.¹⁶⁹ Essas disciplinas, para o autor, estariam priorizando discussões teóricas conforme estudos literários atuais (e ocidentais), embora sugiram partir do contexto do Antigo Oriente Médio. Dessa forma, Loprieno reafirma o afastamento da egiptologia de tais abordagens, com o intuito de promover uma espécie de “autoconhecimento” que, vez ou outra, estará relacionado à cultura que a cercava, mas nunca limitada às bases oferecidas por ela.

Por último, ainda sobre a aplicabilidade da categoria sapiencial a outros textos, vale destacar rapidamente a relação dela com as descobertas dos textos sapienciais de Qumran. Com o descobrimento desses manuscritos, o judaísmo do Segundo Templo demonstrou-se profícuo em termos de produção literária. Contudo, os textos reconhecidos como sapienciais evidenciavam formas e temas dos mais variados.¹⁷⁰ Com base no estudo da literatura encontrada, a discussão a respeito de uma definição mais precisa para a categoria “sapiencial” é reassumida, especialmente por Matthew J. Goff¹⁷¹ e John J. Collins¹⁷². Ambos os autores reconhecem que os textos em Qumran classificados como “sabedoria” abrangem uma variedade de formas e temas que não se enquadram na definição de literatura sapiencial preconizada atualmente.

Evidentemente, a ênfase na problematização da categoria sapiencial no século XXI não estará restrita à sua definição, mas influenciará todos os outros elementos relacionados a ela. É provável que as opiniões emergentes possam ser resumidas nas “três teses” de Michael

¹⁶⁸ WEEKS, *Early Israelite Wisdom*, p. 6.

¹⁶⁹ LOPRIENO, A. *Ancient Egyptian: A Linguistic Introduction*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 39.

¹⁷⁰ Cf. BERNSTEIN, Moshe J. The Contribution of Qumran Discoveries to the History of Biblical Interpretation. In: NAJMAN, Hindy; NEWMAN, Judith H. (Eds.). *The Idea of Biblical Interpretation: essays in honor to James L. Kugel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004, p. 221-237; BROOKE, G. J. Biblical Interpretation in the Wisdom Texts of Qumran. In: HEMPEL, C.; LANGE, A.; LICHTENBERGER, H. (Eds.). *The Wisdom Texts of Qumran and the Development of Sapiential Thought*. Leuven: Leuven University Press, 2004, p. 207-215.

¹⁷¹ GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem o Genre.

¹⁷² COLLINS, Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls.

V. Fox¹⁷³. Segundo o autor: 1) não existiu uma escola de sabedoria no antigo Israel; 2) os autores da literatura sapiencial não eram distintos dos autores de outros *corpora*; e 3) existia, de fato, uma categorização genérica para a literatura sapiencial. De acordo com a introdução oferecida recentemente por Mark R. Sneed¹⁷⁴ ao livro *There was a Wisdom Tradition? New perspectives in Israelite Wisdom Studies*, as principais questões introduzidas neste século giram em torno das seguintes perspectivas:

A literatura sapiencial é, de fato, uma tradição? Se sim, de que tipo? Ou ela seria um tipo de discurso ou de literatura? Quem são os precursores? Podemos ter certeza disso? A literatura sapiencial representa a cosmovisão desse grupo ou não? Que relação a literatura sapiencial possui como o restante dos *corpora* da Bíblia Hebraica? Quais são os limites ou as fronteiras do *corpus* sapiencial? Em que medida eles deveriam ser aproximados?¹⁷⁵

Stuart Weeks, por exemplo, dedica um capítulo de seu livro para analisar todos os textos sugeridos como evidência para a existência de uma *tradição de sábios* em Israel. Ao finalizar suas considerações, conclui: “a ocorrência de ‘sábio’ [na Bíblia Hebraica] não pode ser utilizada para determinar o estabelecimento de uma tradição representada na literatura sapiencial”.¹⁷⁶ Katharine Dell¹⁷⁷, mesmo concordando com a existência de uma tradição de sábios, se utiliza desse conceito com hesitação, e argumenta a favor de uma elaboração mais precisa para a categoria sapiencial. Segundo a autora, “isso ocorre quando um livro, uma narrativa ou um salmo é praticamente composto de interesses sapienciais que podem classificá-los como parte da sabedoria”, e acrescenta “utilizo o termo ‘tradição sapiencial’ com hesitação”.¹⁷⁸ Ao abordar outra perspectiva, Mark R. Sneed¹⁷⁹ argumenta contra a noção de uma *Weltanschauung* sapiencial. Para o autor, um gênero específico é incapaz de agregar todos os elementos de uma cosmovisão: “a literatura hebraica de sabedoria [portanto] ocupa

¹⁷³ FOX, Michael V. Three Theses on Wisdom. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL Press, 2015, p. 69-86.

¹⁷⁴ SNEED, Introduction, p. 3.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ WEEKS, **Early Israelite Wisdom**, p. 90.

¹⁷⁷ DELL, Katharine J. Deciding the Boundaries of “Wisdom”: Applying the Concept of Family Resemblance. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **Was There a Wisdom Tradition? New Perspectives in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL press, 2015.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 153.

¹⁷⁹ SNEED, Mark R. Is the “Wisdom Tradition” a Tradition? **Catholic Biblical Quarterly**, v. 73, p. 50-71, 2011.

um nicho no contexto de outras formas. Duas características amplas podem defini-lo: didática e moral”.¹⁸⁰ Por compreender a função do escriba como “multidisciplinar”, para Sneed, segundo a evidência bíblica, este profissional seria exposto a uma variedade de gêneros e tradições diversificadas; esse fator traria “descrédito à noção de cosmovisões distintas na Bíblia Hebraica”.¹⁸¹ Em contraste a essas considerações, Annette Schellenberg insiste na ideia de uma *Weltanschauung* peculiar para a sabedoria bíblica. Contudo, ao contrário do que era costumeiro, autora estabelece limites mais moderados a ela: “o pêndulo oscilou de um extremo ao outro, e é tempo de deixá-lo no meio. A tradição sapiencial não era um *Fremdkörper* no antigo Israel [...] assim como não era, de todo, uma tradição”.¹⁸²

Por fim, ao se tratar de abordagens acadêmicas orientadas à literatura sapiencial no século XXI, as considerações não poderiam ser mais abrangentes no que se trata da *crise da sabedoria bíblica* entre os biblistas. Além de refletir, em parte, muito do que permanece vigente desde o século anterior, as últimas décadas de pesquisas permite apenas um breve esboço das tendências emergentes. Mesmo assim, ao que tudo indica, o século XXI introduz uma discussão que pretende revisitar criticamente os pressupostos estabelecidos nos séculos anteriores. No centro das considerações encontra-se a definição para a categoria “literatura sapiencial”, e, com ela, todos os outros elementos que a fundamentam.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 68.

¹⁸¹ Ibidem, p. 64.

¹⁸² SCHELLENBERG, Annette. Don't Throw the Baby Out with the Bathwater: On the Distinctness of the Sapiencial Understanding of the World. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition?** New Prospects in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL Press, 2015, p. 139.

Capítulo 2

2 A SABEDORIA BÍBLICA E A CATEGORIA SAPIENCIAL¹⁸³

Nos estudos bíblicos, a dificuldade de estabelecer uma definição precisa à categoria que pretende corresponder à sabedoria bíblica “tornou-se *de rigueur* nas introduções à literatura sapiencial”.¹⁸⁴ Em outras palavras, estudiosos da Bíblia Hebraica costumam introduzir a literatura sapiencial com ênfase na dificuldade de aplicar ao termo uma definição útil para a classificação dos textos bíblicos. William P. Brown¹⁸⁵, por exemplo, introduz suas considerações alegando que “o caráter da sabedoria recebe, atualmente, uma enorme quantidade de pressão, tanto positiva quanto negativa”; para Brown, permanece a “incerteza de como estudar e apropriar-se da literatura sapiencial”.¹⁸⁶ Recentemente, na revisão de sua obra, o autor mantém a mesma problemática: “O que é, então, a sabedoria, do ponto de vista bíblico? É difícil dizer, visto que a sabedoria é um alvo em constante movimento entre os três livros bíblicos [Jó, Provérbios e Eclesiastes]”.¹⁸⁷ Assim, em detrimento das propostas que sugerem temas ou estilos que auxiliam na definição do termo, a problemática ainda carece de resoluções.

Em vista da incerteza que envolve a definição para a categoria sapiencial, é necessário dedicar espaço à discussão com o objetivo de utilizar o termo de maneira eficiente antes de pretender abordá-la como gênero literário. Esse esforço é necessário, segundo Gehard Von Rad¹⁸⁸, visto que “o conceito de ‘sabedoria’ tem se tornado continuamente obscuro [...] [e] precisa ser examinado ao longo do tempo”. Para tanto, este capítulo pretende explorar as variadas definições atribuídas à sabedoria bíblica como uma categoria na Bíblia Hebraica, tanto do ponto de vista temático quanto terminológico, assim como esclarecer as limitações

¹⁸³ Os textos bíblicos em hebraico utilizados neste trabalho serão retirados da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (2014). De maneira semelhante, para a tradução de tais textos em português, optou-se por padronizar o estilo adotando-se a versão *Almeida Revisada e Atualizada*. Na ocasião em que outras traduções forem oferecidas, por conveniência do autor, a fonte será devidamente informada.

¹⁸⁴ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 84.

¹⁸⁵ BROWN, William P. **Character in crises**: a fresh approach to Wisdom Literature of the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1996, p. ix.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 1.

¹⁸⁷ BROWN, William P. **Wisdom’s Wonder**: Character, Creation, and Crisis in the Bible’s Wisdom Literature. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 2015, p. 24.

¹⁸⁸ VON RAD, **Wisdom in Israel**, p. 7.

envolvidas em cada uma delas, a fim de reconhecer um ponto de convergência em comum nos estudos bíblicos.

2.1 Origem e Propósito da Categoria Sapiencial

Nos estudos orientados à literatura sapiencial, houve algumas tentativas para defini-la em uma categoria, tanto do ponto de vista temático quanto terminológico, de maneira a identificá-la nos *corpora* da Bíblia Hebraica, assim como compreendê-la em seu contexto de origem: Jó, Provérbios e Eclesiastes. Para além das causas que promoveram a origem da categoria sapiencial, é necessário compreendê-la nos estudos bíblicos entre as discussões acadêmicas preocupadas com sua definição a partir de seu argumento temático central, ou da terminologia utilizada com mais frequência em seu *corpus*.

Embora não seja praxe entre os estudiosos da Bíblia Hebraica delimitar uma origem à utilização da expressão “sapiencial” como categoria, existem evidências de algumas possibilidades. Will Kynes, por exemplo, informa que a categorização “literatura sapiencial” poderia refletir um costume judaico e cristão que pretendia classificar alguns livros como “textos bíblicos didáticos”.¹⁸⁹ Ele observa que uma das quatro divisões da *Vulgata* corresponde à *libri didactici*, isto é, à “literatura pedagógica”. Essa seção costumava incluir os Salmos e Cântico dos Cânticos, além de Provérbios, Eclesiastes, Jó, Sabedoria de Salomão e Eclesiástico. Kynes¹⁹⁰ também observa que Flávio Josefo (Ag. Ap. 1.8) mencionou quatro livros da Bíblia Hebraica que “contêm hinos a Deus e preceitos para a conduta da vida humana”; ele incluía Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, ao passo que classificava Jó como um dos profetas. Além disso, John J. Collins¹⁹¹ faz menção a um gênero semelhante entre os sofistas denominado *logos protreptikos*; tratava-se da união entre filosofia e retórica com a finalidade de expressar uma exortação didática. Um exemplo desse costume pode ser evidenciado em *Protréptico*, de Aristóteles. De acordo com David

¹⁸⁹ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 89; Cf. DELITZCH, Franz. **Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes**. Edinburg: T. & T. Clark, 1891; SILVA, Cássio M. D. da; LÓ, Rita de C. **Caminho não muito suave: Cartilha de Literatura Sapiencial Bíblica**. Campinas: Editora Alínea, 2012.

¹⁹⁰ KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?, p. 89.

¹⁹¹ COLLINS, John J. **Jewish Wisdom in Hellenistic Age**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1997b, p. 179-181.

Winston¹⁹², o filósofo grego exorta seus leitores a “exercitar a virtude moral por causa da sabedoria, visto que a sabedoria é a finalidade suprema”. O discurso protréptico, contudo, não correspondia a um discurso filosófico comum, mas ao apelo à prática de um estilo de vida filosófico, isto é, à aquisição da sabedoria.

Em sentido semelhante, Roger N. Whybray¹⁹³ observa que “embora o termo [literatura sapiencial] seja moderno, diversos desses livros foram anteriormente designados como ‘obras de sabedoria’”. Assim, o autor utiliza como exemplo os livros da LXX cujos títulos carregam o termo grego Σοφία (*Sophia*), ou seja, “Sabedoria de Sirá [Σοφία Σιράχ, *Sophia Sirach*]” e “Sabedoria de Salomão [Σοφία Σαλωμωνος, *Sophia Salōmōnos*]”. Com isso, Whybray parece sugerir que o costume atual de categorizar alguns textos da Bíblia Hebraica como “sapiencial” é legítimo, justamente por promulgar o que já poderia ser atestado entre os primeiros editores do material. Ainda partindo da literatura bíblica, Van Leeuwen¹⁹⁴ acredita que, na antiguidade, a preferência por uma classificação “sapiencial” ocorreu, “em parte, porque Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos foram atribuídos a Salomão”. Em outras palavras, um texto poderia ser categorizado como “sapiencial” apenas na condição de estar associado ao ícone da sabedoria hebraica. Essa preferência justificaria a introdução de Provérbios (1:1, מִשְׁלֵי שְׁלֹמֹה בֶן־דָּוִד מֶלֶךְ יִשְׂרָאֵל [*mišlēi šlōmōh bēn-dāvid meleḵ yiśrā’el*]), Eclesiastes (1:1, דִּבְרֵי קֹהֶלֶת בֶּן־דָּוִד מֶלֶךְ בִּירוּשָׁלַיִם [*dibʿrēi qōhelet bēn-dāvid meleḵ bîrûšālāym*]) e Cântico dos Cânticos (1:1, שִׁיר הַשִּׁירִים אֲשֶׁר לְשְׁלֹמֹה [*šîr hašîrîm ’āšer lišlōmōh*]), por fazer menção a Salomão – ainda que em Eclesiastes isto ocorra provavelmente de maneira indireta e o autor não justifique a inclusão de Jó.

Não obstante a esse costume, a categoria sapiencial, atualmente, não possui uma definição “mais técnica” por ser utilizada nos círculos acadêmicos. Segundo Roland E. Murphy¹⁹⁵, “‘literatura sapiencial’ não é um termo que provém da crítica da forma; ele representa apenas um termo conveniente derivado, ao que tudo indica, do uso eclesiástico para designar os livros de Provérbios, Jó e Eclesiastes, e entre os apócrifos, Eclesiástico e

¹⁹² WINSTON, David. **The Wisdom of Solomon: A New Translation with Introduction and Commentary**. Garden City: Doubleday, 1979, p. 18 *apud* COLLINS, John J. **Jewish Wisdom in Hellenistic Age**, p. 181.

¹⁹³ WHYBRAY, Roger N. **Wisdom Literature**. In: COGGINS, R. J.; HOULDEN, J. L. (Eds.). **A Dictionary of Biblical Interpretation**. London; Philadelphia: SCM Press; Trinity Press International, 1990, p. 726.

¹⁹⁴ VAN LEEUWEN, Raymond. **Wisdom Literature**. In: VANHOOZER, Kevin J. (Ed.). **Dictionary for Theological Interpretation of the Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2001, p. 847.

¹⁹⁵ MURPHY, **Wisdom Literature**, p. 3.

Sabedoria de Salomão”.¹⁹⁶ Stuart Weeks¹⁹⁷ argumenta no mesmo sentido, contudo, com o acréscimo de que a categoria já se encontrava tradicionalmente associada a um *corpus* de textos dentro e fora do ambiente eclesiástico no início do século XVIII. Um dos exemplos oferecidos pelo autor encontra-se na obra *Cyclopædia: or, an universal dictionary of arts and sciences* que, embora não seja um trabalho formulado por biblistas, afirma:

Sapiencial: um epíteto aplicado a alguns livros das Escrituras; arranjado para nossa instrução e aperfeiçoamento na prudência, ou sabedoria moral, reconhecida por sua distinção dos livros *históricos* e *proféticos*. Os livros *sapienciais* são, *Provérbios*, *Cânticos*, *Eclesiastes*, os *Salmos* e *Jó*; embora alguns reconheçam este último entre os livros *históricos*.¹⁹⁸

Segundo Weeks, a popularização da categoria e dos significados atrelados a ela é atestada principalmente por sua repetição em obras posteriores que não se relacionavam aos estudos bíblicos. Com o passar dos anos, “o próprio termo ‘literatura sapiencial’ parece ser introduzido ao uso regular por acadêmicos durante a segunda metade do século XIX”¹⁹⁹ como referência a associações mais antigas. Esse fenômeno é entendido por Will Kynes como a razão para o aspecto “controverso da categoria”.²⁰⁰ Em si, ele “não a condena, mas a aparência conveniente da literatura sapiencial, ao responder às demandas da época, merece mais escrutínio do que tem recebido até então.”²⁰¹ Independentemente de sua suposta origem, ambos os biblistas entendem que a sabedoria bíblica, como categoria, foi formulada na segunda metade do século XIX para reponder às demandas acadêmicas da época.

Dessa perspectiva, nos estudos bíblicos, presume-se na categoria sapiencial a consolidação e sistematização de pressupostos anteriores. A princípio, esses pressupostos assumiam um *corpus* de textos e promulgavam o consenso de que “aquilo que os sábios ensinaram e escreveram foi preservado, em parte, nos livros bíblicos de *Provérbios*, *Jó*, *Eclesiastes*, em alguns dos *Salmos* e em poucas passagens em outros contextos”.²⁰² Com o

¹⁹⁶ WHYBRAY, Wisdom Literature, p. 726 e 727.

¹⁹⁷ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?

¹⁹⁸ CHAMBERS, *Cyclopædia*, p. 675, itálicos do original.

¹⁹⁹ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 4.

²⁰⁰ KYNES, The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary, p. 10.

²⁰¹ Idem.

²⁰² BLANK, S. H. Wisdom. In: CRIM, Keith (Ed.). **The Interpreter’s Dictionary of the Bible: An Illustrated.** New York; Nashville: Abingdon Press, 1976, p. 856-857. Segundo Hunt (1991, p. 1413), por exemplo, “no doubt the greatest contribution of Israel’s sages has been the three books found in the ‘writings’ (*Job*, *Proverbs*, and *Ecclesiastes*).” Davis (1955, p. 821) acrescenta outros livros ao afirmar que “the great books of Hebrew Wisdom are *Job*, *Proverbs*, *Ecclesiastes*, *Ecclesiasticus*, and the *Wisdom of Solomon*.”

passar dos anos, o *corpus* que representa a “literatura sapiencial” foi basicamente restringido a esses três livros, com o acréscimo de outros da LXX que não compõem a Bíblia Hebraica, embora consitituam “expressões importantes da antiga sabedoria judaica”.²⁰³ Em suma, nos termos de Donald K. Berry²⁰⁴, seria difícil escapar à ideia de que as noções acadêmicas relacionadas à categoria sapiencial “derivam de interpretações judaicas e cristãs”, e, posteriormente, foram adaptadas aos estudos bíblicos – muito embora pretendam estar fundamentadas naquilo que pode ser derivado do “material bíblico primário”.

Ainda assim, qualquer iniciativa que pretenda estipular uma origem à categoria sapiencial esbararrá com o “obituário” publicado por Will Kynes²⁰⁵ a esse respeito. Como apontado no capítulo anterior, o autor entende como ineficiente qualquer possibilidade de abordar a sabedoria nos estudos bíblicos como uma categoria. Em poucas palavras, Kynes entende a impossibilidade de assumir uma categoria sapiencial a partir de textos egípcios ou mesopotâmicos, visto que o “agrupamento de tais obras como ‘sapienciais’ são resultado de um consenso acadêmico a partir do *corpus* sapiencial bíblico”,²⁰⁶ tornando o argumento circular. O autor também acredita ser impossível encontrar “vestígios” sapienciais nas antigas interpretações judaicas e cristãs, visto que, na maioria dos casos, “Jó era excluído e Cântico dos Cânticos era incluído”,²⁰⁷ contradizendo a categorização atual. Além disso, Kynes entende como imprópria a categorização sapiencial que leva em conta os “títulos” encontrados em obras antigas, como foi citado acima. Para o autor, “se esses títulos indicam um ‘significado especializado’ de sabedoria, então, a definição sapiencial aplicada aos livros da Bíblia Hebraica se aproxima de forma precária”²⁰⁸, já que as obras que carregam essa titulação apresentam características muito distintas daquelas associadas à categoria – como, por exemplo, a incorporação da história de Isarel (Sabedoria de Sirá 44–49; Sabedoria de Salomão 11–19); a união da sabedoria e da Torá (Sabedoria de Sirá 19:29; 24:1-34); e a abordagem apocalíptica (Sabedoria de Salomão 5).

²⁰³ WILLIAMS, James G. Provérbios e Eclesiastes. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Eds.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997, p. 283.

²⁰⁴ BERRY, Donald K. **An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1995, p. 3.

²⁰⁵ KYNES, The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary.

²⁰⁶ Ibidem, p. 2.

²⁰⁷ Ibidem, p. 4.

²⁰⁸ Ibidem, p. 6.

2.2 Definições à Categoria Sapiencial nos Estudos Bíblicos

Por constituir uma categoria resgatada e aprofundada pela academia, portanto, é necessário compreender a sua utilização no mesmo contexto, a fim de discernir os significados preferidos a ela. Com efeito, em consideração ao cronograma apresentado no capítulo anterior, é evidente que a definição para a categoria sapiencial nos estudos bíblicos, majoritariamente no século XIX, seria sugerida em paralelo ao conceito de filosofia dos hebreus. Para os primeiros estudiosos da literatura sapiencial, “os ‘homens sábios’ não são profetas, mas filósofos”;²⁰⁹ assim, “[a sabedoria bíblica] abrange, em datação e etnia, aquilo que em nossa nomenclatura poderia ser chamado de filosofia”.²¹⁰ Em detrimento desse paralelo, a associação da categoria sapiencial com a filosofia não ocorria de maneira apressada: ao passo que é definida como “didática, prudente e filosófica”,²¹¹ ela costumava ser apresentada pelos estudiosos da Bíblia Hebraica com peculiaridades distintas daquelas encontradas na sabedoria grega. Sua definição como sabedoria deveria ocorrer acompanhada da observação de que se tratava de uma “filosofia com uma diferença radical”.²¹² Ao contrário dos gregos, “os hebreus não estavam, de fato, dentro da categoria filosófica”; isto ocorre, principalmente, “por não estarem fundamentados na especulação”²¹³ ao articular seus argumentos a respeito da vida.

Além de filosófica, a categoria sapiencial costumava carregar caracterizações que a definiam como “racionalista” ou “humanista”. Segundo Orvid S. Rankin²¹⁴, por exemplo, “a literatura sapiencial deve ser considerada como os documentos humanistas de Israel [...] visto que a sua característica geral é o reconhecimento da responsabilidade moral do ser humano”. Em outros termos, por compreenderem que a literatura sapiencial “corresponde, relativamente, ao departamento secular da [Bíblia Hebraica]”,²¹⁵ o *corpus* deveria conferir preferência às questões humanas, e não às preocupações históricas ou religiosas do povo

²⁰⁹ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 119.

²¹⁰ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 17.

²¹¹ RYLAARSDAM, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1946, p. vii.

²¹² GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 17.

²¹³ *Ibidem*, p. 22.

²¹⁴ RANKIN, Orvid S. *Israel's Wisdom Literature: It's bearing on Theology and the History of Religion*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1954, p. 3.

²¹⁵ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 17.

hebreu. Nas palavras de Thomas K. Cheyne²¹⁶, “se deve ser encontrado um equivalente moderno, a melhor alternativa seria chamá-los [os sábios de Israel] de humanistas [...] deveríamos também pretender chamá-los realistas, em contraste aos idealistas do profetismo”. Em termos gerais, “eles são racionalistas do pensamento e religião dos hebreus”.²¹⁷ Essas caracterizações, em paralelo àquelas que a definem como filosófica, não estão restritas, segundo estudiosos, à cultura hebraica: “a característica principal da sabedoria hebraica, da qual abordamos aqui, a saber, o seu humanismo, teve sua origem e raízes no aspecto internacional da sabedoria oriental”.²¹⁸ Dessa forma, a “raiz” que a impulsiona, em detrimento de outros departamentos da Bíblia Hebraica, seria o caráter intelectual empreendedor inerente a todo ser humano:

[a sabedoria bíblica] é um *impulso ao conhecimento*. A mente israelita, ao refletir acerca do entendimento sobre o mundo presente na revelação, e o dever prescrito a partir daí, acompanha tais pensamentos às suas consequências, e assim também procuram familiarizar-se com aqueles assuntos que não são diretamente determinados pela revelação, esforçando-se especialmente para obter luz a respeito dos enigmas e contradições da vida que os consomem em todas as ocasiões.²¹⁹

Assim, é evidente que, para corresponder ao departamento “secular” da Bíblia Hebraica, a categoria sapiencial “não insistia em sua origem e função divina”,²²⁰ apelando apenas à razão humana e a sua utilidade para a resolução de problemas práticos do cotidiano. Nesse sentido, ela “carece de uma conotação religiosa apaixonante”²²¹ a respeito da realidade. Essa característica secular, como costuma ser apontado, diz respeito à aparente desconsideração dos sábios aos principais eventos acerca da história de Israel, assim como os assuntos essencialmente religiosos, como o culto e a aliança de YHWH.

Dessa perspectiva, os sábios de Israel deveriam encarar o funcionamento do mundo a partir de uma abordagem que independesse da revelação divina, a fim de interpretar a realidade de um parâmetro integralmente humano. Esse empreendimento, segundo estudiosos da Bíblia Hebraica, assemelha-se ao conceito moderno de “empiricismo”, em virtude de seu

²¹⁶ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 119.

²¹⁷ RANKIN, *Israel's Wisdom Literature*, p. 3.

²¹⁸ Segundo Rylaarsdam, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*, p. 14, “the core of the general cultural viewpoint held in common rests in the conviction that existence is fundamentally rational and moral.”

²¹⁹ OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 537, itálicos do original.

²²⁰ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 14.

²²¹ RYLAARSDAM, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*, p. vii.

aspecto científico natural. De acordo com John F. Genung²²², “de fato, o seu procedimento se assemelhava mais à nossa ciência indutiva do que à filosofia”, justamente por carecer de uma abordagem especulativa. Grosso modo, a tarefa do movimento sapiencial “envolvia a pesquisa e a descoberta natural através do uso da razão humana e da análise empírica da experiência”.²²³ Essa abordagem sapiencial à realidade, muito provavelmente, “deve ter iniciado como uma ‘revolta’ de pensadores livres, elemento de uma mente empírica de ‘cientistas’ contra as ideias tribais e irracionais da religião”.²²⁴

Em suma, a categoria sapiencial corresponderia à compreensão do mundo de uma perspectiva filosófica, por possuir uma ênfase antropocêntrica da realidade, com o intuito e a “habilidade de avaliar os valores da vida”.²²⁵ Embora não desconsiderassem, por completo, a importância do aspecto sobrenatural da religião hebraica, os sábios procuravam compreender a realidade de uma perspectiva empírica, formulando, a partir de suas produções literárias, “o *vade mecum* do homem comum para a vida”.²²⁶

Com o passar dos anos – um aspecto mais característico do século XX –, um segundo momento nos estudos bíblicos que pretendeu definir a categoria sapiencial parece distanciar-se do seu conceito técnico de filosofia, conferindo prioridade a ela como uma abordagem peculiar da realidade. Nas palavras de Donald K. Berry²²⁷, por exemplo, “[os sábios] não eram filósofos, visto que seu interesse estava no mundo existente, e não em especulações sobre a origem ou significação cósmica”. Ou, nos termos de Roland E. Murphy²²⁸, “não devemos romantizá-los [os sábios] como se fossem filósofos gregos”. A princípio, deve ser dito que, em alguns aspectos, o conceito de sabedoria permanece inalterado, no que diz respeito à sua atividade como empreendimento intelectual. Segundo Walter Brueggemann²²⁹, a sabedoria corresponde a um “estilo de vida”; o ser humano “deveria tomar suas próprias decisões e era livre para fazer o mesmo, a fim de que pudesse viver com elas e aceitar os seus

²²² GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 24.

²²³ RYLAARSDAM, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*, p. 11.

²²⁴ *Ibidem*, p. ix.

²²⁵ RANKIN, *Israel's Wisdom Literature*, p. 4.

²²⁶ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 8.

²²⁷ BERRY, *An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament*, p. 38.

²²⁸ MURPHY, Roland E. *The tree of life: an exploration of biblical Wisdom Literature*. New York: Doubleday, 1990, p. 10.

²²⁹ BRUEGGEMANN, Walter. *In man we trust: the neglected side of biblical faith*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, [1973] 2006, p. 40, 41.

resultados; poderia escolher o seu futuro, mas deveria assumi-lo”.²³⁰ Nesse sentido, tais escolhas objetivavam a felicidade e a prosperidade do indivíduo em diversificadas áreas de sua vida, como: “sucesso nos negócios, administração das relações pessoais [...] gestão de uma família ou de um lar, aprender a suportar com equanimidade as dores e incertezas da vida, tornar-se uma pessoa melhor, fazer decisões sábias”, entre todos os possíveis “assuntos de decisão e reflexão *pessoal*”.²³¹ Nas palavras de Richard J. Clifford²³², a categorização sapiencial é esforço de “aprender como responder à realidade, [e] fazer o que trará a eles [os sábios] e aos outros felicidade e sucesso”.

As definições sugeridas para a categoria sapiencial no século XX, contudo, deram início a uma série de problematizações que a impossibilitavam de carregar um único significado. Segundo Roland E. Murphy²³³, entre os estudiosos da Bíblia Hebraica, “tem sido sugerido que ‘literatura sapiencial’ é um termo inapropriado”. Da mesma perspectiva, John L. McKenzie²³⁴ observa que “a sabedoria é encarada de forma muito limitada quando vista como literatura sapiencial”; por corresponder a uma interpretação ampla a variados aspectos da vida, “ela era uma maneira comum de pensamento e expressão, em que se destacavam os chamados sábios [...] uma abordagem da realidade”. Essas problematizações poderão ser explicadas por Murphy²³⁵ de maneira mais específica, ao esclarecer que “a expressão ‘literatura sapiencial’ é uma cobertura pequena demais para tudo o que tem sido colocado debaixo dela”. Segundo o autor, “juntamente ao âmago do que poderia ser considerado como literatura sapiencial, existem variações significantes”.²³⁶ Para que a sabedoria seja definida de maneira precisa, deve-se estar atento a quatro áreas particulares de sua atuação na Bíblia Hebraica: judicial, natural, experiencial e teológica.²³⁷ Em virtude de sua versatilidade em diferentes contextos, “não existe uma definição simples que abranja essa ampla área de interesse humano; assim, é mais fácil falar acerca de ‘tipos’ de sabedoria”,²³⁸ e não a eleição

²³⁰ Ibidem, p. 42.

²³¹ CLIFFORD, Richard J. **The Wisdom Literature**: Interpreting Biblical Texts Series. Nashville: Abingdon Press, 1998, p. 19, itálico do original.

²³² Ibidem, p. 20.

²³³ MURPHY, **The tree of life**, p. 1.

²³⁴ MCKENZIE, Reflections on Wisdom, p. 2

²³⁵ MURPHY, Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research, p. 410.

²³⁶ Idem.

²³⁷ MURPHY, Hebrew Wisdom, p. 25.

²³⁸ Idem.

de um conceito que pretenda definir todas ao mesmo tempo, sem, contudo, conferir atenção especial às suas particularidades.

Nesse sentido, o autor argumenta a favor de uma “visão universalista” da categoria sapiencial que perpassa não apenas a literatura israelita que a representa, mas outras de diferentes contextos, como a do Egito ou da Mesopotâmia – ou até mesmo de possíveis possibilidades entre os povos do crescente fértil. Para ele, “um conceito comum a esses povos [...] é uma maneira específica de encarar a vida e a natureza”.²³⁹ Portanto, mesmo ao fazer referência à dificuldade de limitar todos os possíveis significados da sabedoria bíblica dentro de uma categoria, Roland E. Murphy²⁴⁰ ainda acredita na possibilidade de caracterizá-la como uma “compreensão da realidade”. Essa compreensão, obviamente, seria capaz de corresponder a cada uma das peculiaridades que a compõe; para o autor, essa formulação “é bem aceita, e seria o melhor caminho para formular uma definição para sabedoria do que o seu conteúdo”.²⁴¹ Além dos possíveis significados complementares que possam ser atribuídos à categoria sapiencial, conforme definida por Murphy²⁴², “muito mais importante é a típica abordagem à realidade e as formas literárias específicas” que correspondem a essa perspectiva.

De um ponto de vista semelhante, Donn F. Morgan²⁴³ afirma que, “até o presente momento, [...] não há uma definição de sabedoria capaz de alcançar um consenso”. Segundo o autor, a categoria sapiencial teria sido definida de diversas formas: ela poderia ser relacionada, com frequência, aos oficiais da monarquia, ou a uma classe educada em particular; a uma abordagem empírica e racionalista da realidade, dependendo unicamente da autoridade proveniente da experiência humana; a um movimento, um estilo de vida, isto é, uma maneira de pensar e falar encontrada no ambiente familiar, no clã e na monarquia. Assim, devido à sua abrangência, estabelecer uma delimitação para a categoria sapiencial “é arriscado, porque a definição e descrição devem ser tão amorfas a ponto de perder a importância, ou tão específicas a ponto de não serem úteis para discutir grande parte do material bíblico associado a elas”.²⁴⁴ Ainda assim, o autor assume que algumas das definições

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ Idem.

²⁴² MURPHY, *The tree of life*, p. 1.

²⁴³ MORGAN, Donn F. *Wisdom in the Old Testament traditions*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1981, p. 16.

²⁴⁴ Ibidem, p. 20.

propostas acima devem ser desposadas quando possível, principalmente “se o caráter distintivo da sabedoria precisa ser mantido”.²⁴⁵ No fim de suas considerações, o próprio Morgan propõe um método para a compreensão dessa categoria: “formas literárias e perspectivas sociais e teológicas, que possuem proveniência e ocorrem primariamente na [literatura sapiencial] deveriam formar o fundamento para qualquer discussão sobre a natureza, escopo e perspectivas particulares da tradição sapiencial”.²⁴⁶

No mesmo sentido, vale fazer menção às observações oferecidas por R. B. Y. Scott²⁴⁷ a respeito da possibilidade de definir essa categoria. Segundo o autor, “não existe uma resposta rápida e fácil à questão sobre o significado da sabedoria [na Bíblia Hebraica], ela possui diversas facetas”. Mesmo com o que poderia ser encontrado em seu *corpus*, a saber, Jó, Provérbios e Eclesiastes, “não há indicação da extraordinária variedade e nuances de significados do termo em outros contextos [da Bíblia Hebraica]”.²⁴⁸ Ainda assim, grosso modo, os conselhos dos sábios lidam com prescrições sobre a maneira correta de agir no trabalho, na família e nos relacionamentos; eles representam “um estilo de vida que pode ser considerado como bom em virtude de sua coerência, valor e significado”.²⁴⁹ Sábios promulgavam a existência de uma ordem moral, divinamente estabelecida, sobre a qual era fundamentada a vida humana. Nesta lógica, inerente à realidade, “o sábio e o bom são recompensados, assim como o tolo e o ímpio atraem para si mesmos a punição apropriada”.²⁵⁰ Portanto, a sabedoria bíblica procurará, em primeira instância, “providenciar um guia para a vida ao expor regras de ordem moral e, em segundo lugar, explorar o sentido da vida por meio da reflexão, especulação e debate”.²⁵¹

Ao lidar com a mesma questão, a respeito de uma definição à categoria sapiencial, Gehard Von Rad introduz o assunto em sua obra utilizando-se do título “O problema”, sugerindo a existência de uma dificuldade preliminar à qualquer abordagem da sabedoria bíblica. Segundo o autor, ao passo que são desenvolvidos novos estudos acadêmicos orientados à literatura sapiencial, o conceito de sabedoria se torna “cada vez mais

²⁴⁵ Ibidem, p. 22.

²⁴⁶ Ibidem, p. 25.

²⁴⁷ SCOTT, *The way of wisdom in the Old Testament*, p. 3.

²⁴⁸ Ibidem, p. 5 e 9. Segundo o autor, “*The idea of wisdom as a fundamentally ethical and religious quality comes to the fore most prominently in Proverbs, Job, the wisdom Psalms, and to a lesser degree in Qoheleth*”.

²⁴⁹ Ibidem, p. 5.

²⁵⁰ Ibidem, p. 10.

²⁵¹ Ibidem, p. 22.

impreciso”²⁵² – a ponto de ser excluído da esfera de pesquisas de orientalistas que pretendem estudar a literatura “sapiencial” em outros contextos do Antigo Oriente Médio. De acordo com Von Rad, para que a definição ao termo tomasse a proporção de imprecisão que possui nos estudos bíblicos, a academia deve ter se utilizado vastamente dele de maneira irrazoável; ou o uso do termo, na verdade, sugere, desde o princípio, um conceito que nunca existiu, prejudicando, assim, a interpretação do material sujeito a ele. Nos termos de Von Rad²⁵³,

a designação de um texto como “sapiencial”, de fato, o termo “sapiencial” completo como um fenômeno absoluto, não é de forma alguma baseada em suas fontes. Ele emergiu, em primeira instância, do ambiente acadêmico, e foi estabelecido desde então. Ele pertence, portanto, ao variado número coletivo de termos bíblico-teológicos, cujas validade e conteúdo não foram definitivamente estabelecidas, e que precisa ser examinado ao longo do tempo da perspectiva da plausibilidade de sua utilização.

Mesmo problematizando a utilização da categoria, Von Rad²⁵⁴ pretende definir a sabedoria bíblica de uma perspectiva geral. Para o autor, ela poderá ser compreendida como o “conhecimento experiencial [dos hebreus]”, cuja característica não estaria restrita à literatura sapiencial israelita, mas poderia ser encontrada nos esforços humanos de diversificadas culturas do Antigo Oriente Médio. Similarmente, Von Rad fará referência a ela como “atividade intelectual da parte de Israel”²⁵⁵ ou “realização intelectual [dos israelitas]”²⁵⁶. Contudo, essas definições serão oferecidas, em todos os contextos sapienciais, com o objetivo de afirmar “o objetivo prático de evitar prejuízos e dano na vida do ser humano”.²⁵⁷

Em suma, Von Rad compreende que, em primeira instância, a sabedoria bíblica estará lidando com a inteligência humana. Nesse sentido, grosso modo, ela está sob a categoria que a define tanto como conhecimento quanto como comportamento humano em relação às suas experiências no mundo. A esse respeito, segundo Von Rad, não há desacordos nos estudos bíblicos. Em segundo lugar, o autor alega que o objetivo de seu estudo é abordar os “conceitos básicos para a compreensão do mundo e da vida [no contexto israelita]”.²⁵⁸ Para tanto, Von Rad não utiliza termos técnicos, mas palavras que, porventura, possam comunicar

²⁵² VON RAD, *Wisdom in Israel*, p. 7.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ Ibidem, p. 4 e 5.

²⁵⁵ Ibidem, p. 5.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ Ibidem, p. 4.

²⁵⁸ Ibidem, p. 6.

o conceito apresentado nas obras sapienciais, como “ordem”, “lei inerente à criação” ou “compreensão secular do mundo”.²⁵⁹ A fim de cumprir com o objetivo de abordar a sabedoria bíblica de maneira a fazer juz ao seu conteúdo, portanto, Von Rad acredita que o estudioso deve se aproximar do termo com poucas pressuposições. A utilização ou não de uma terminologia deve estar sujeita ao propóstio de reconhecer “de que maneira e com qual propósito Israel procurou provar a si mesma”.²⁶⁰

Neste ponto, é importante enfatizar que uma das definições mais influentes para a categoria sapiencial pode ser encontrada nas considerações de James L. Crenshaw, embora sua sugestão não pretenda se restringir a uma única possibilidade. Para o autor, “sabedoria” é uma “palavra escorregadia”, e não está acessível a todos; “um por um, [os estudiosos da Bíblia Hebraica] pronunciam o seu nome, apenas para sentir a sua essência escorregar como óleo por entre os dedos”.²⁶¹ Crenshaw²⁶² sugere que uma definição para literatura sapiencial “não pode ser muito abrangente ou muito estreita, mas deve ser tanto inclusiva quanto exclusiva”. Para tanto, o autor procura realizar uma distinção entre as “sabedorias” distinguíveis na Bíblia Hebraica, como “literatura sapiencial”, “tradição sapiencial”, “pensamento sapiencial” etc. Cada uma dessas divisões “se refere ao depósito literário de um movimento definido de forma específica, caracterizado por uma *abordagem particular da realidade*”.²⁶³ Portanto, deve-se fazer distinção entre os tipos de sabedoria discerníveis na Bíblia Hebraica, a fim de compreendê-las de uma perspectiva mais abrangente, mas limitada à sua “abordagem particular”.

Crescentes qualificações caracterizam todas as tentativas de definir sabedoria: a arte de conduzir a vida com êxito a um porto seguro; o conhecimento prático de leis que governam o mundo, baseado na experiência; o conjunto de experiências transmitido como um testamento espiritual de um pai ao seu filho; o procedimento ou palavra corretos em determinado momento; uma tradição intelectual; um *corpus* literário, uma forma de pensar e uma tradição. Cada uma dessas definições alude a um aspecto significativo da sabedoria, mas nenhum deles é capaz de isolar todo o fenômeno que deu à luz a literatura sapiencial.²⁶⁴

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Ibidem, p. 8.

²⁶¹ CRENSHAW, James L. The Wisdom Literature. In: KNIGHT, Douglas A.; TUCKER, Gene M. (Eds.). **The Hebrew Bible and its Modern Interpreters**. Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 369. (The Bible and its Modern Interpreters).

²⁶² CRENSHAW, Method in Determining Wisdom Influence upon “Historical Literature”, p. 130.

²⁶³ Idem, *itálicos acrescentados*.

²⁶⁴ CRENSHAW, The Wisdom Literature, p. 369.

Ainda assim, na tentativa de definir essa categoria, ou o que o autor denomina como “abordagem particular da realidade”, James L. Crenshaw²⁶⁵ afirma que a “sabedoria [...] pode ser definida como a busca por autoentendimento em relação às coisas, às pessoas e ao Criador”. Essa busca por significado poderá ser dividida em três instâncias:²⁶⁶ 1) a “sabedoria da natureza”: a tentativa de dominar o ambiente em prol do benefício e sobrevivência da humanidade, o que inclui a elaboração de onomásticas e o estudo dos fenômenos naturais, assim como a relação do ser humano com o universo; 2) a “sabedoria juridical”, e *Erhrungsweisheit* (“sabedoria prática”): o esforço político, com o foco nas relações humanas, com o intuito de governar determinada sociedade de maneira justa; e 3) a “sabedoria teológica”: o inquérito a respeito da justiça divina (teodicéia) e a procura pelo motivo do sofrimento humano.²⁶⁷ Segundo Crenshaw²⁶⁸, cada uma das instâncias possui um *Sitz im Leben* distinto: “deve-se fazer distinção entre a sabedoria da família/clan, com o objetivo de aperfeiçoar a vida [...] a sabedoria da corte, com o intuito de educar um grupo seletivo [...] e a sabedoria escriba, que pretendia promulgar a educação para todos.”

Em suma, da perspectiva de Crenshaw, a literatura sapiencial representa a realização literária de uma trajetória complexa de seu pensamento. Em suas palavras, “o vínculo em comum que sustentou o empreendimento sapiencial por toda a antiguidade foi a busca do ser humano pela verdade”.²⁶⁹ Portanto, segundo o autor, a categoria sapiencial deve ser caracterizada por sua abordagem particular da realidade, isto é, a ferramenta que “assegura a existência humana por meio da razão”; o “esforço para descobrir o que é bom para homens e mulheres”; ou “a habilidade de estudar a complexidade das relações humanas, a fim de lidar com a realidade como ela se apresenta nas circunstâncias ordinárias da existência”.²⁷⁰ Essa abordagem particular, para o autor, deve proporcionar um significado específico a respeito da família, da política e da religião no contexto israelita.

²⁶⁵ CRENSHAW, Method in Determining Wisdom Influence upon “Historical Literature”, p. 132.

²⁶⁶ Ibidem, p. 132; cf. CRENSHAW, James L. **Old Testament Wisdom**, p. 16-19.

²⁶⁷ Segundo Brown, **Character in crises**, p. 2), “although James L. Crenshaw inds multiple levels of definition for wisdom, it is noteworthy that he begins in his introduction with a discussion of ‘sapiencial ethics’ in Job 31, namely Job’s defense of his moral integrity.”

²⁶⁸ CRENSHAW, Method in Determining Wisdom Influence upon “Historical Literature”, p. 130.

²⁶⁹ CRENSHAW, James L. **Old Testament Story and Faith: A Literary and Theological Introduction**. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1986, p. 289.

²⁷⁰ CRENSHAW, **Old Testament Wisdom**, p. 12, 13 e 14.

Um terceiro momento na procura de uma definição à categoria sapiencial nos estudos bíblicos – identificado durante os séculos XX e XXI –, diz respeito à articulação teológica que a relacionava à temática da criação. Para Leo G. Perdue²⁷¹, o centro que articula o argumento sapiencial encontra-se no tema da criação; ela “e suas afirmações correlativas, providência, encontravam-se no âmago da compreensão dos sábios acerca de Deus, do mundo e da humanidade.” Como observado no capítulo anterior, a descoberta da literatura sapiencial egípcia somou à sabedoria bíblica a noção de conceitos que, embora inferidos, auxiliaram na compreensão de sua natureza. Uma das concepções emprestadas da sabedoria egípcia foi o conceito da *Ma'at*, uma “ordem correta/justa” pré-estabelecida para o funcionamento da natureza. Visto que visão da realidade hebreia deveria refletir a noção de um universo ordenado, a temática da criação deveria corresponder ao centro do argumento teológico sapiencial, visto que ela “integra todas as outras dimensões do discurso divino, assim como a antropologia, sociologia, ética, epistemologia”.²⁷²

Ainda da mesma perspectiva, tanto para William P. Brown²⁷³ quanto para Craig G. Bartholomew e Ryan P. O'Dowd²⁷⁴ a sabedoria, conforme a encontramos na literatura sapiencial, pode ser definida em termos de “admiração [*wonder*] pelo mundo”. Segundo os autores, o fato de os povos do Antigo Oriente Médio contemplarem a vida de uma perspectiva religiosa resultava no sentimento de admiração. Entende-se que o mundo é regido por uma ordem cósmica pré-estabelecida; com efeito, a felicidade e a prosperidade do ser humano são conquistadas apenas se a ordem das coisas é contemplada e obedecida. “Ela [a sabedoria] é extraída da ordem natural, mas também está aberta ao inesperado, o que inclui o choque com a revelação divina”.²⁷⁵ Ao encarar a complexidade da vida e a lógica de seu funcionamento, os sábios eram invadidos por um sentimento de admiração e respeito que os impelia a buscar o conhecimento, a partir da consciência de sua própria ignorância: “a sabedoria, como os sábios atestam, está plena de paradoxos e tensões, pode-se dizer ‘admirações’ [*wonderings*]”.

²⁷¹ PERDUE, Leo G. **Wisdom & Creation: The Theology of Wisdom Literature**. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 1994, p. 20.

²⁷² Ibidem, p. 35.

²⁷³ BROWN, **Character in crises; e Wisdom's Wonder**.

²⁷⁴ BARTHOLOMEW, Craig G.; O'DOWD, Ryan P. **Old Testament Wisdom Literature: A Theological Introduction**. Downers Grove: IVP Academic, 2011.

²⁷⁵ BROWN, **Wisdom's Wonder**, p. 24.

A sabedoria abrange o conhecimento, mas admite a incerteza e os limites severos”.²⁷⁶ Nas palavras de Bartholomew e O’Dowd²⁷⁷,

[a sabedoria] é o atributo do *conjunto das coisas*: isso se aplica a tudo na criação, tanto o que é animado quanto o que é inanimado. [...] ela é ‘o critério da essência da vida e do espírito’. A sabedoria, como iremos argumentar neste livro, fala sobre as trajetórias que conduzem à vida, à *shalom* (paz) e à prosperidade.

Embora compreendam que a “literatura sapiencial é uma convenção moderna, e gera controvérsias quando aplicada aos livros [da Bíblia Hebraica]”²⁷⁸, os autores entendem que o conceito de sabedoria como *admiração pelo mundo* encontra-se bem delimitado nesse *corpus* (Jó, Provérbios e Eclesiastes). Por ocasião da falta de admiração pelo mundo criado, a geração atual não costuma interpretar a literatura sapiencial com o foco na criação. Assim, “o eclipse da criação e a marginalização da literatura sapiencial nos deixaram desprovidos da maravilha dos intentos de Deus no mundo”.²⁷⁹ Segundo os autores, a recuperação da admiração pelo mundo poderia ser reconquistada no estudo da literatura sapiencial a partir dessa perspectiva: “uma sabedoria genuína será conquistada apenas quando recuperarmos o designio de Deus para este mundo”.²⁸⁰

Uma abordagem semelhante à anterior, que procura enfatizar a temática da criação como paradigma para a definição da categoria sapiencial, pode ser encontrada nas considerações de Anthony R. Cerescko²⁸¹ e Dianne Bergant²⁸². Para ambos os autores, visto que a literatura sapiencial carece de referências à história da libertação de Israel como nação, esse *corpus* estaria concentrado na libertação do indivíduo. Para Anthony R. Cerescko²⁸³, por exemplo, “os sábios entendiam que a esfera do encontro divino-humano estava na trivialidade da vida humana”, de maneira que a vontade de YHWH poderia ser encontrada na experiência cotidiana. A atitude que teria promovido a produção da literatura sapiencial, portanto, se

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ BARTHOLOMEW; O’DOWD, *Old Testament Wisdom Literature*, p. 15, itálicos do original.

²⁷⁸ Ibidem, p. 22.

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ Ibidem, p. 15.

²⁸¹ CERESCKO, Anthony R. *Introduction to Old Testament Wisdom: A Spirituality for Liberation*. Marynoll: Orbis Books, 1999.

²⁸² BERGANT, Dianne. *Israel’s Wisdom Literature: A Liberation-Critical Reading*. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

²⁸³ CERESCKO, *Introduction to Old Testament Wisdom*, p. 3.

desenvolveu com “ênfase na observação cuidadosa e paciente da natureza, da sociedade humana e do mundo”.²⁸⁴ Ao desvendar o funcionamento da realidade, os sábios se utilizavam de ferramentas linguísticas conceituais para expressar conselhos para a vida a partir de sua própria experiência; eles apelariam ao *know-how* cotidiano para aplicar o conceito de libertação ao âmbito individual, libertando-o das “fontes psíquicas de servidão pessoal ou social”.²⁸⁵ Nas palavras do autor, “a sabedoria [...] se estabelece para motivar e educar o indivíduo nas virtudes que conduzem à vida – a vida abundante, cheia de alegria, daquele que é humilde, diligente”.²⁸⁶

Em sentido semelhante, Dianne Bergant²⁸⁷ afirma que “o conceito da integridade da criação é [...] considerado a categoria que edifica toda a experiência e conhecimento [humanos]”. O autor compreende que a Bíblia Hebraica poderá ser interpretada à luz da ciência natural e da tecnologia a partir do momento em que a cosmovisão apresentada nas narrativas perder o seu aspecto antropocêntrico. Entre os diversificados *corpora* da Bíblia Hebraica, portanto, a literatura sapiencial promoveria uma visão de mundo mais próxima ao conceito da integridade da criação, visto que a “observação da natureza e a reflexão sobre a vida conduziram os sábios de Israel a concluir que existia algum tipo de ordem inerente no mundo”.²⁸⁸ Por investigar cientificamente o funcionamento da ordem criada, a “função primária dessa tradição [de sabedoria] parece ter sido a instrução sobre um estilo de vida que deveria assegurar bem-estar e prosperidade”.²⁸⁹ O conhecimento da lógica inerente ao funcionamento vida, portanto, permitiria aos sábios zelar pela criação e livrar o indivíduo da opressão natural, social ou individual.

2.3 O Substantivo חָכָמָה e a Categoria Sapiencial

Em paralelo às definições temáticas sugeridas à categoria sapiencial nos estudos bíblicos, desde as primeiras abordagens do século XIX, há evidências da preferência por um termo hebraico elegido como representante da sabedoria bíblica, a saber, o substantivo

²⁸⁴ Ibidem, p. 19.

²⁸⁵ Ibidem, p. 5.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ BERGANT, *Israel's Wisdom Literature*, p. 2.

²⁸⁸ Ibidem, p. 12.

²⁸⁹ Idem.

feminino חִכְמָה (*hokmāh*) – além de suas possíveis variações a partir da raiz חִכְמָ (hkm). De acordo com Gustav F. Oehler²⁹⁰, por exemplo, “a palavra חִכְמָה implica que, em meio aos fenômenos, o ser humano conquista algo fixo e estável, que se torna a norma para o seu julgamento. [...] *hokmāh* é denominada *filosofia dos hebreus*”. Ao contrário de “literatura sapiencial”, o termo חִכְמָה não parece ter sido elegido por ocasião de um costume eclesiástico. A preferência pelo seu uso surge do esforço acadêmico por uma representação mais específica e terminológica da sabedoria bíblica, conforme poderia ser extraída da Bíblia Hebraica.

Na academia, portanto, a utilização de חִכְמָה tornou-se comum entre os biblistas a ponto de ser considerada como um “termo técnico” que representasse a categoria sapiencial.²⁹¹ Dessa forma, “quando interpreta[m] o sentido da raiz [חִכְמָ]”, estudiosos da Bíblia Hebraica se referem a “uma doutrina e uma literatura sapienciais”²⁹², que poderão ser representadas pelo substantivo חִכְמָה. Podem ser citados alguns exemplos a esse respeito: segundo Magne Sæbø²⁹³, “parece que o significado abstrato de *hokmāh* se tornou o conceito central e importante da doutrina sapiencial”; de acordo com Raymond Van Leeuwen²⁹⁴, “como designação neutra, a literatura sapiencial deve se referir aos livros com o foco na ‘sabedoria’ (*hokmāh*), e emprega macro e micro-gêneros próprios para essa abordagem”;²⁹⁵ e para Roland E. Murphy²⁹⁶, “literatura sapiencial [...] pode ser justificada como uma caracterização de literatura porque está interessada, em sua maior parte, na *hokmāh* (‘sabedoria’)”. Assim, fica evidente que além de representar a categoria sapiencial, o substantivo feminino חִכְמָה tornou-se um “símbolo” de convergência para todos os possíveis significados atrelados à sabedoria bíblica – como o seu *corpus*, gênero e tema.

²⁹⁰ OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 537, itálicos do original.

²⁹¹ Cf. HARRISON, *Introduction to the Old Testament*; HARRIS, R. Laid; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998; BERRY, *An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament*.

²⁹² FOHRER, E. Sellin G. *Introdução ao Antigo Testamento: Livros de Cânticos, Livros Sapienciais, Livros Proféticos, Livro Apocalíptico (Dn), Complicação e Tradição do AT*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 450.

²⁹³ SÆBØ Magne. חִכְמָ hkm Ser sabio. In: JENNI, Ernst (Ed.). *Diccionario Teologico Manual Del Antiguo Testamento*: Tomo I: אָב – מָתַי mātay. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985, p. 785.

²⁹⁴ VAN LEEUWEN, *Wisdom Literature*, p. 847.

²⁹⁵ Além disso, ele ressalta que a “literatura sapiencial” é *sui generis* no antigo Oriente Médio, “visto que em nenhuma outra ocasião a natureza da sabedoria em si mesma se torna um objeto para reflexão”.

²⁹⁶ MURPHY, *Wisdom Literature*, p. 4.

Embora a origem da preferência do substantivo חֵכְמָה como representante da categoria sapiencial permaneça incerta, é possível supor que a relação entre a categoria e o termo tenha sido estabelecida em virtude da frequência deste em alguns livros em detrimento de outros.²⁹⁷ De acordo com o levantamento realizado por Magne Sæbø²⁹⁸, a raiz חכ, em suas diversificadas formas, ocorre 340 vezes em toda a Bíblia Hebraica – acrescentando-se as ocorrências em aramaico. Das 340 ocasiões, ela pode ser encontrada 28 vezes em Jó, 102 vezes em Provérbios e 53 vezes em Eclesiastes. No total, as incidências de חכ nos três livros somam 183, isto é, um pouco mais de 2/3 de suas ocorrências em toda a Bíblia Hebraica. Por essa razão, “podemos optar pela soma das ocorrências de *ḥākām/hokmāh* [...] para estabelecer tal classificação”;²⁹⁹ em virtude da frequência do substantivo feminino חֵכְמָה em Jó, Provérbios e Eclesiastes, “esses livros passaram a representar a ‘literatura sapiencial de Israel’”.³⁰⁰

Neste ponto, é importante mencionar que embora exista o costume, entre os estudiosos da Bíblia Hebraica, de preferir especificamente o termo חֵכְמָה como paradigma de significados para a categoria sapiencial, deve ser sublinhado que essa inclinação não foi regra nos estudos bíblicos. Desde o início do século XX, Brown, Driver e Briggs³⁰¹ sugerem o substantivo feminino תוֹשִׁיָּה como “um termo técnico da literatura sapiencial”.³⁰² Em consideração a essa proposta, John F. Genung³⁰³ concorda que o termo תוֹשִׁיָּה deve representar uma espécie de “*terminus technicus* da sabedoria hebraica”, porém, reitera seu pensamento com a observação de que “não há como determinar se o antigo uso dessa palavra possuía ou não a conotação de um tecnicismo”. O autor admite que a sugestão de Brown, Driver e Briggs é pouco precisa para a predileção de um termo técnico, em virtude dos

²⁹⁷ Cf. DELL, Deciding the Boundaries of “Wisdom”, p. 146; WHYBRAY, Wisdom Literature, p. 726.

²⁹⁸ SÆBØ, חכ *hkm* Ser sábio, p. 776-777.

²⁹⁹ DELL, Deciding the Boundaries of “Wisdom”, p. 146.

³⁰⁰ MURPHY, Roland E. Wisdom in the Old Testament. In: FREEDMAN, David N. (Ed.). **The Anchor Bible Dictionary**: Si-Z. New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1992. v. 6, p. 920.

³⁰¹ BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peaboy: Hendrickson Publisher, 2000, p. 567.

³⁰² Cf. EASTON, Burton S. Wisdom. In: ORR, James (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopaedia**. Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1946. v. 5, p. 3089; WELTON, D. M. The Old Testament Wisdom (Chokma), p. 183.

³⁰³ GENUNG, The Development of Hebrew Wisdom, p. 23.

diversos significados sugestíveis para תושיה. Portanto, a falta de precisão para definir a palavra dificultaria a eleição de sua prerrogativa técnica, visto que muitos significados foram sugeridos ao termo תושיה na Bíblia Hebraica.³⁰⁴ Ainda assim, embora não tenha perdurado nos estudos bíblicos, a proposta de Genung, entre as demais sugeridas, parece ser a única que enfatiza o alcance semântico “sapiencial” para o termo.

O fato de a maioria das menções à חכמה estar limitada a Jó, Provérbios e Eclesiastes conduziu alguns autores a interpretar essa preferência terminológica como evidência de uma “literatura de חכמה”, ou seja, uma “literatura de sabedoria”. Isso ocorre, evidentemente, em virtude de a tradução mais comum para חכמה ser “sabedoria” no texto bíblico – e isso inclui as suas variações em outras línguas. Por ocasião da preferência por essa tradução, chegou-se ao consenso de que “o significado principal [para a raiz חכמ] é ‘ser sábio/sábio/sabedoria, de acordo com a etimologia que se aceite’”.³⁰⁵ Com isso surge, “como parece óbvio, a natureza comum e específica deste campo semântico”.³⁰⁶

Além disso, a fim de fortalecer a definição acima, é comum associar o significado de חכמה ao *âmbito intelectual* quando há menções a termos assumidos como sinônimo deste na Bíblia Hebraica.³⁰⁷ Leo G. Perdue³⁰⁸, por exemplo, explica que o substantivo חכמה deve corresponder em termos de significado e alcance semântico a outras expressões, como בינה (*bînāh*), דעת (*da’at*), דבר (*dābār*), אֵמֶר (*’ēmer*), מִשָּׁל (*māšāl*), עֲרָמָה (*’ārēmāh*), מְזִמָּה (*m^ezimāh*), תושיה (*tūšīāh*) e תְּהַבְלוֹת (*tah^ebulôt*). O alcance semântico desses termos indicariam, segundo Perdue³⁰⁹: “sagacidade, inteligência, discernimento racional ou crítico, acuidade, racionalidade, senso comum, astúcia, justiça, julgamento, prudência, circunspecção, lógica, solidez, conveniência, domínio, perícia, habilidade, proficiência, especialidade,

³⁰⁴ Cf. GRIMM, Karl J. The meaning and etymology of the word תושיה in the Old Testament. **Journal of the American Oriental Society**, v. 22, p. 35-44, 1901, p. 36-44.

³⁰⁵ SÆBØ, חכמ *hkm* Ser sábio, p. 777.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ Cf. EASTON, Wisdom, p. 3089; SÆBØ, חכמ *hkm* Ser sábio, p. 779.

³⁰⁸ PERDUE, Leo G. **The Sword and the Stylus: An Introduction to Wisdom at the Age of Empires**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 2008, p. 9-11.

³⁰⁹ Ibidem, p. 9-10.

realização, adaptabilidade, capacidade e capabilidade.” Ademais, associados a חָכְמָה existem outros termos que aludem à *instrução ou ensinamento* como, por exemplo: מוֹסָר (*mûsār*), תּוֹרָה (*tôrāh*), מִצְוָה (*mišewāh*) entre outros. Essas associações, portanto, apontariam para a utilização técnica do termo חָכְמָה como referência genérica à sabedoria bíblica.

No entanto, segundo Gehard Von Rad³¹⁰, a tentativa de enclausurar a categoria sapiencial a partir do ponto de vista terminológico será prejudicada quando apresentada em paralelo a outros termos cognatos: “em nossa opinião, seria um empreendimento infrutífero orientar-se a partir da análise de um conteúdo específico desses termos e da maneira que são utilizados”. De forma mais explicativa, os substantivos sinônimos a חָכְמָה devem sugerir um significado mais amplo ao termo e não necessariamente o reconhecimento de uma função técnica para ele. Essa noção mais abrangente, ao contrário do que costuma-se sugerir, “não poderia ser expressa de maneira satisfatória por meio de qualquer um dos termos utilizados [de forma isolada]”.³¹¹ Um exemplo clássico para a argumentação de Von Rad pode ser evidenciado em Provérbios 1:1-5, em que diversificados termos são utilizados como sinônimo à חָכְמָה a fim de expandir o seu significado, e não necessariamente para emoldurar precisão técnica:

מִשְׁלֵי שְׁלֹמֹה בֶן-דָּוִד מֶלֶךְ יִשְׂרָאֵל:
לְדַעַת חָכְמָה וּמוֹסָר לְהַבִּין אִמְרֵי בִינָה:
לְקַחַת מוֹסָר הַשִּׁבְלִי צְדָק וּמִשְׁפָּט וּמִיִּשְׁרָיִם:
לְתֵת לַפְתִּיּוֹם עֲרָמָה לְנַעַר דָּעַת וּמִזְמָה:
יִשְׁמַע חָכָם וַיּוֹסֶף לָקַח וַיִּבְנוּ תַּחְבֻּלוֹת יִקְנֶה:

miš'lēy š'lōmōh bēn-dāwid meleḵ yiśrā'ēl
lāda 'at hokmāh ūmûsār l'hābîn 'im'rēy bînāh
lāqahṭ mûsar haš'kēl šedeq ūmiš'pāt ūmēyšārīm
lātēt liḡ'itāim 'ār'māh l'na'ar da'at ūm'zimāh
yiš'ma 'hākām w'yōsef leqah w'nābôn taḥ'bulōṭ yiq'neh

Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel. Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso. Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade (Pv 1:1-5).

³¹⁰ VON RAD, *Wisdom in Israel*, p. 12.

³¹¹ Ibidem, p. 13.

Em estudo particular dos termos utilizados na literatura sapiencial, Michael V. Fox concordará com Von Rad apenas em parte. Para o autor, “julgar o vocabulário do hebraico bíblico como impreciso [isto é, incapaz de sugerir um significado técnico] é assumir que a realidade está segmentada em compartimentos puros”, e que “‘nós’ possuímos o mapa do território, que deve ser utilizado para calibrar como outra língua pode se ajustar precisamente”.³¹² Embora Fox assuma que, grosso modo, nenhuma língua possa ser elegida como modelo para a calibração de outras, ele enfatiza a necessidade de pressupor a “monossemia” das palavras. Essa noção deve indicar que “a análise de um significado lexical deve iniciar com o pressuposto de que cada termo possui um núcleo de significado único, altamente abstrato, que traz ao contexto”.³¹³ A sugestão do autor, contudo, não pretende anular a existência da polissemia, mas conferir importância à especificidade de significados oferecidos por uma expressão, que, a depender do contexto, poderá ser modulada de diversas maneiras. Dessa perspectiva, antes de inalgurar חֵכֶּמָה como um termo técnico para a sabedoria bíblica, seria necessário estudá-la de maneira particular para, finalmente, elaborar uma função monossêmica para o termo.

De outra maneira, não obstante à representação de חֵכֶּמָה como paradigma para os possíveis significados associados à categoria sapiencial, sua eleição para essa função e sua “tradução simplista, ‘sabedoria’, pode[m] conduzir à confusão. A confusão emerge ao passo que noções contemporâneas a respeito da sabedoria tomam o lugar da amplitude natural do termo hebraico”.³¹⁴ Em outras palavras, quando os estudos bíblicos conferem preferência ao sentido de חֵכֶּמָה como “sabedoria”, correrão o risco de omitir uma porção considerável do seu alcance semântico. Esse detalhe não fugiu à análise dos estudiosos da Bíblia Hebraica desde meados do século XIX: segundo William T. Davison³¹⁵, por exemplo, “um estudo das utilizações da palavra ‘sabedoria’ (heb. *hokmāh*) [na Bíblia Hebraica] revela muito do que escapa da noção do leitor casual, que costuma entendê-la em seu sentido moderno.” O autor considera que o alcance semântico que o termo חֵכֶּמָה pode abranger é “razoavelmente amplo”, mesmo ao admitir que “enquanto os assuntos atribuídos a ela variam de maneira

³¹² FOX, Michael V. Words for Wisdom. *Zeitschrift für Althebraistik*, v. 6, n. 2, p. 149-169, 1993, p. 150.

³¹³ Idem.

³¹⁴ BERRY, *An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament*, p. 10.

³¹⁵ DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 3.

considerável, suas características continuam as mesmas”.³¹⁶ Além disso, no mesmo século, Thomas K. Cheyne³¹⁷ acrescenta que, além de limitar os significados para חֵכֶמָה na Bíblia Hebraica, os estudos bíblicos costumam restringir o significado de “sabedoria” à uma conotação essencialmente ética:

Deve ser observado posteriormente que a gama de questionamentos acerca dessa “sabedoria” é igualmente ampla, de acordo com a utilização bíblica do termo [...] o fato de que, em última análise, o assunto de ética prática se apropriou do termo técnico da “sabedoria” não deve nos impedir de observar a conotação ampla da mesma palavra, que lança tanta luz à profunda perspectiva religiosa prevalecente entre os israelitas.

Em virtude da falta de aprofundamento de significados mais precisos para חֵכֶמָה, como paradigma à categoria sapiencial, observações semelhantes ocorrem nos séculos seguintes. Por exemplo, para de Roland E. Murphy³¹⁸: “em si mesmo [חֵכֶמָה] possui uma gama muito ampla de significados”; e para William P. Brown³¹⁹: “apesar de sua ampla variedade, alguns [estudiosos da Bíblia Hebraica] oferecem, de forma corajosa, definições muito estreitas [à חֵכֶמָה]”. Exemplos de definições “estreitas”, de acordo com a opinião dos autores citados, podem ser encontrados em Roger N. Whybray³²⁰, por preferir defini-la como “habilidade para a vida”; na definição oferecida por Michael V. Fox³²¹, em que חֵכֶמָה poderá ser entendida como “perícia”; ou ainda em Cássio Murilo Dias da Silva e Rita de Cácia Ló³²², que a compreendem como “uma oferta de sensatez”. Entre outros, vale fazer menção à sugestão de Raymond Van Leeuwen, onde a amplitude do termo é levada em conta no momento de sua definição. Para o autor, חֵכֶמָה representa um “conceito de totalidade”, isto é: “a ideia é tão ampla quanto a realidade e constitui uma maneira culturalmente articulada de se relacionar com o mundo inteiro”.³²³ Para o autor, “concluir que existem noções concorrentes

³¹⁶ Ibidem, p. 10.

³¹⁷ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 118.

³¹⁸ MURPHY, *Wisdom in the Old Testament*, p. 920.

³¹⁹ BROWN, *Wisdom's Wonder*, p. 25.

³²⁰ WHYBRAY, Roger N. *The book of Proverbs*. Cambridge: University Press, 1972.

³²¹ FOX, Michael V. *Proverbs 1–9: a new translation with introduction and commentary*. New Heaven: Yale University Press, 2000.

³²² SILVA; LÓ, *Caminho não muito suave*.

³²³ VAN LEEUWEN, *Wisdom Literature*, p. 848.

fundamentais na variedade de conceitos para ‘sabedoria’ [...] é negligenciar o caráter abrangente de *hokmāh*”³²⁴, embora não ofereça uma definição que abranja esse conceito além da expressão técnica sugerida acima.

Ainda assim, deve-se conferir primazia à observação de James L. Crenshaw³²⁵, de que “nenhuma definição é suficiente devido à variedade do fenômeno que aplica o termo hebraico *hokmāh* e ideias similares no antigo Oriente Médio.” À semelhança de outros termos em hebraico, o substantivo feminino חָכְמָה possui um sentido amplo a depender do contexto em que está inserido, e, portanto, dificilmente poderá ser restringido a um único significado ou terminologia técnica. Por exemplo, em Êxodo 35:35, YHWH confere חָכְמָה a dois operários (Beseleel e Ooliab) na ocasião da construção do santuário; esse “dom” os habilitaria à confecção de diversos trabalhos manuais. Em Jeremias 10:9, חָכְמָה será o atributo do ouvires. Quando aplicada a Salomão, em 1 Reis 5:12 [4:32], o termo fará referência à sua proficiência literária, por ter pronunciado três mil provérbios e mil e cinco cânticos. Em Isaías 10:13; 29:14 e Jeremias 49:7, ela ocorrerá como alusão à perícia em estratégias militares, conforme a capacitação dos estadistas. Mágicos e adivinhos são considerados como “sábios” em Gênesis 41:8 e Isaías 44:25. A capacidade de promover decisões judiciais também é compreendida como resultado da חָכְמָה no indivíduo, em conformidade com 2 Samuel 14:17, 20 e 19:27. Por fim, de maneira ainda mais específica, tanto os marinheiros (Ez 27:8-9) quanto as carpideiras (Jr 9:17), na atuação de suas profissões, são identificados como “sábios” ou “hábeis”, ambas traduções para derivados da expressão hebraica חָכְמָה.

Em virtude da variedade de contextos em que o substantivo feminino חָכְמָה poderá ocorrer na Bíblia Hebraica, uma segunda opção acadêmica para sua definição será a sistematização dos seus principais significados em esferas mais específicas.³²⁶ Por exemplo, embora William T. Davison³²⁷ considere que “o domínio chefe [...] da sabedoria é aquele da ética prática”, o autor dividiu o termo em pelo menos quatro esferas: arte, ciência natural, governo civil e agricultura. Em um sentido semelhante, José Líndez³²⁸, acredita que a חָכְמָה

³²⁴ Idem.

³²⁵ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 17.

³²⁶ Cf. SILVA; LÓ, *Caminho não muito suave*, p. 22-23.

³²⁷ DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 11.

³²⁸ LÍNDEZ, José V. *Sabedoria e sábios em Israel*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 37-58.

poderá ser distribuída entre as seguintes classificações, a depender do seu contexto: artes e ofícios, inteligência social, prudência política, sensatez, plano divino, temor do Senhor e um fenômeno personificado. Além disso, o autor argumenta que a diversidade dos significados seria uma evidência da evolução do termo: “ao falarmos de sabedoria, começamos pelo mais simples e fácil, provavelmente o mais primitivo”.³²⁹ De outra forma, partindo de um estudo do substantivo no contexto bíblico e em paralelo a outros termos, H. -P Müller³³⁰ classifica os significados de חָכְמָה em: utilizações da sabedoria de forma não especificada; sabedoria da corte (que se divide em ‘aforismos’ e ‘narrativas’); sabedoria mântica; sabedoria mágica; e sabedoria artesã. Em termos gerais,

O conceito hebraico agrega todas as habilidades éticas e sociais que distinguem o sábio do tolo ou do iníquo – proficiência, discrição, educação, moralidade e fé. Na Bíblia Hebraica, *sabedoria* é uma referência predominante às atividades práticas. Ação e pensamento são inseparáveis. [...] Sabedoria indica proficiência e habilidade para: realizar trabalhos manuais como fiar (Êx 35:25), discernir o bem do mal (Jó 28:28), resolver enigmas (Pv 1:6) ou, em geral, saber como viver bem [...] a sabedoria inclui o todo da conduta humana.³³¹

Quanto mais os biblistas se propõem a aprofundar a utilização do termo a partir do contexto em que é encontrado, aparentemente, mais os seus aspectos particulares são enfatizados. Quando aborda o comportamento do “sábio” na corte de estrangeiros, por exemplo, S. H. Blank³³² faz menção a três situações em que o sábio é associado a essa instância: 1) na narrativa de Daniel, onde os “sabios” (em aramaico חַכְמֵי [hakîmēy], Dn 2:12-14) atuam nas funções que incluem os “mágicos”, os “encantadores”, os “feiticeiros” e os “caldeus”, assim como os “astrólogos” (אֲשָׁפִין (’āšēfîn), 2:27; 4:7; 4:4; 5:7); 2) na narrativa de Êxodo, que retrata a disputa de Moisés e Arão com “os sábios e os encantadores [חַכְמִים וְמַכְשִׁים, ḥākāmîm w^em^ekašeym]” na corte egípcia (Êx 7:11); e 3) na narrativa de Gênesis, onde o Faraó convoca “todos os magos [חַרְטֻמֵּי, ḥarṭumēy] e todos os sábios

³²⁹ Ibidem, p. 56.

³³⁰ MÜLLER, H.-P. חָכְמָה chākhām; חָכְמָה chākhām; חֻכְמָה chokhmāh; חֻכְמוֹת chokmōth. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. (Eds.). **Theological Dictionary of the Old Testament: אָבֶן - זֶבַח** zēbh-ḥmš. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997. v. 4, p. 373-379.

³³¹ BERRY, **An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament**, p. 12 e 13, itálicos do original.

³³² BLANK, **Wisdom**, p. 853.

[חֲכָמֵי־הָ] *ḥākāmeyha*] do Egito” (Gn 41:8) e, dessa maneira, dispõe os termos de forma sinônima. Após citar outros exemplos, o autor conclui que “seria, de fato, equivocado atribuir uma delimitação estreita aos tipos de pessoas que, na literatura bíblica como um todo, são nomeados como sábios”.³³³

No mesmo sentido, H. -P Müller³³⁴ argumenta que a habilidade do sábio, quando designado como “artesão” estará associada à “feitiçaria”, principalmente em face à maneira que Isaías 3:3 e 40:20 se utilizam dos termos חָכָם e חָרָשׁ (*ḥākām* e *ḥārāš*, “técnico, especialista”). No primeiro caso (Is 3:3), חָרָשׁ וְחָכָם (חָכָם חָרָשׁ) (*waḥārāšim ḥākām*) (“artesão [sábio] perito”) ocorrem em paralelo a נָבוֹן לְחַשׁ (*nēbûn lāḥaš*) (“encantador perito”), associando a prática do חָכָם à atividade mágica; no segundo caso (Is 40:20), a habilidade artesã é imediatamente aplicada à fabricação de ídolos. Tais exemplos levarão Müller a afirmar que “a habilidade [artesã] permanecia associada à manipulação de poderes convenientes”, e que “o fabricante de ídolos representa ambos, o artesão e o feiticeiro”.

Por fim, em se tratando dos possíveis contextos e significados associados à חָכְמָה na Bíblia Hebraica, a atribuição moral ao conceito de sabedoria não poderá fazer juz à diversidade de suas ocorrências; ela ocorrerá em diversas ocasiões “sem necessariamente conotar bem ou mal”, no sentido moral (DRUMWRIGHT JR., 1977, v. 5, p. 939). Essa diversidade serve apenas para que o aspecto prático da sabedoria bíblica fosse enfatizado, em contraste à concepção especulativa grega. Nas palavras de Roland E. Murphy³³⁵, “essa orientação à função apropriada é fundamental, porque a sabedoria é prática, e não teórica. Mesmo quando o sábio descreve algum aspecto da realidade ‘como ela é’, seu propósito permanece prático.” Neste caso, existe um consenso entre os bíblistas de que nenhum conceito em particular “é abrangente o suficiente para incluir toda a extensão da sabedoria bíblica [...] como resultado, a sabedoria aparece como assuntos diversificados em vez de uma única entidade [...] A dificuldade não se contra no material sapiencial em si, mas nas diversas possibilidades de um significado comum ao termo *sabedoria*”.³³⁶

³³³ Ibidem, p. 856.

³³⁴ MÜLLER, חָכָם *chākhām*; חָכָם *chākhām*; חֲכָמָה *chokhmāh*; חֲכָמוֹת *chokmōth*, p. 378.

³³⁵ MURPHY, Hebrew Wisdom, p. 920.

³³⁶ BERRY, *An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament*, p. 16, itálicos do original.

Capítulo 3

3 A SABEDORIA BÍBLICA À LUZ DO GÊNERO LITERÁRIO SAPIENCIAL

Neste capítulo, serão dispostas as diferentes abordagens à literatura sapiencial como gênero literário. A princípio, a primeira seção, 1) “Gênero Sapiencial em Debate: A Literatura Sapiencial nos Estudos Bíblicos”, pretende apresentar as diversificadas sugestões à elaboração do gênero literário sapiencial entre os estudiosos da Bíblia Hebraica. A seção, além de ordenar as diferentes abordagens, procura encadear as ênfases incluídas no debate, assim como apresentar uma possível progressão dos argumentos. Em seguida, a seção 2) “Gênero Literário em Diálogo: A Literatura Sapiencial no Antigo Oriente Médio”, tem como objetivo apresentar a maneira que o gênero literário sapiencial foi aplicado aos textos de sabedoria egípcia e mesopotâmica. Nessa ocasião, os conceitos elaborados nos estudos bíblicos serão vislumbrados na literatura do Antigo Oriente Médio, demonstrando as fronteiras de sua aplicabilidade. Por último, a seção 3) “Gênero Sapiencial em Transição: A Literatura Sapiencial em Qumran”, de forma muito similar à anterior, pretende apresentar a maneira que o gênero literário sapiencial foi aplicado aos textos de Qumran a partir das elaborações realizadas por estudiosos da Bíblia Hebraica.

De início, deve ser esclarecido que o presente capítulo não pretende oferecer uma compreensão sobre o conceito de “gênero literário” antes de realizar a revisão bibliográfica do objeto em estudo. O objetivo principal, conforme sugerido pela problemática deste trabalho, é justamente investigar as elaborações de tais conceitos nos estudos bíblicos quando *definidos* e *aplicados* à literatura sapiencial na Bíblia Hebraica. O fato de acrescentar duas seções sobre o gênero literário sapiencial nos textos egípcios e mesopotâmicos, no mesmo sentido, corresponde à tentativa de elucidar o mesmo esforço, mas em outros contextos: isto é, dissertar sobre as definições produzidas entre os biblistas e aplicadas nos estudos comparados.

3.1 Gênero Sapiencial em Debate: Literatura Sapiencial nos Estudos Bíblicos

Em um primeiro momento, instaura-se, desde o século XIX, um debate entre os estudiosos da Bíblia Hebraica que pretendem elaborar um conjunto de características úteis para compor o gênero literário sapiencial. Para sistematizar as diferentes ênfases sobre o assunto, esta seção divide-se em quatro partes que, do ponto vista cronológico, podem ser

equiparadas ao avanço dos estudos sobre sabedoria bíblica – e, ademais, lidas em paralelo ao primeiro capítulo deste trabalho.

3.1.1 Poesia Sapiencial: Elementos Filosóficos e Estéticos do מִשְׁלֵי

Em primeira instância, estudiosos preocupavam-se em apresentar características da sabedoria bíblica que pudessem corroborar à sua definição como “filosofia dos hebreus”. Nesse sentido, se existe algum aspecto da literatura sapiencial passível de ser classificado como um gênero literário, este deveria, *a priori*, afirmar o traço filosófico, humanista e empiricista de seu *corpus*. Nos termos de R. V. Foster³³⁷, por exemplo, “sua filosofia [dos hebreus] deve, ao mesmo tempo, ter sido algum tipo de poesia [...] E nos dramas e épico-dramas mais longos havia um pensamento central em processo”. Independentemente da forma em que o gênero literário sapiencial pudesse ser expresso, os sábios hebreus “eram, em primeiro lugar, pensadores, e apenas em segundo lugar poetas”.³³⁸ Embora a literatura sapiencial nos termos de Thomas K. Cheyne³³⁹ pudesse ser definida como provérbios de “grande elaboração técnica”, eles seriam definidos como “sapienciais” apenas ao refletir a expressão filosófica hebraica, conforme a definiam.

O pressuposto filosófico aplicado ao gênero literário sapiencial é elaborado com mais precisão por John F. Genung³⁴⁰. O autor argumenta a favor de uma mudança de paradigma entre os hebreus, no que diz respeito à sua concepção de mundo. Em um primeiro momento, Genung sugere que a cosmovisão hebraica dependia, grosso modo, de uma interpretação sobrenatural para os acontecimentos; “até o final do reinado de Davi, os hebreus, de maneira muito ingênua, interpretavam a experiência em termos de puro sobrenaturalismo”.³⁴¹ Com o reinado de Salomão, os hebreus são expostos ao pensamento empírico, possibilitando-os interpretar a vida a partir de uma lógica de causa e efeito. Segundo Genung³⁴², o pensamento empirista toma “expressão literária e filosófica, [...] e essa atividade exuberante de expressão da sabedoria parece ter sido a primeira instância hebraica de produção literária por conta própria.” O autor compreende o gênero literário sapiencial como oriundo de uma fase

³³⁷ FOSTER, The Hebrew “Wisdom”, p. 105.

³³⁸ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 117.

³³⁹ Ibidem, p. 124.

³⁴⁰ GENUNG, The Development of Hebrew Wisdom; *The Hebrew Literature of Wisdom*.

³⁴¹ GENUNG, The Development of Hebrew Wisdom, p. 17.

³⁴² Ibidem, p. 18.

avançada da história intelectual de Israel (*Geistesgeschichte*).³⁴³ O nascedouro de seu *modus operandi* literário ocorrerá com a iniciativa e endorço salomônico.

Ainda assim, John F. Genung³⁴⁴ prefere denominar o gênero literário sapiencial como uma “vertente da literatura” ou uma “unidade de espírito”, caracterizada por um *esprit de corps* entre os hebreus. Por definir literatura como a “plenitude da expressão em que o ser humano inteiro pode se exprimir”,³⁴⁵ a sabedoria representaria a locução literária resultante de uma nova maneira de abordar a realidade, tanto emocional quanto intelectual. Neste ponto, é importante mencionar, o gênero literário sapiencial, embora refletisse a filosofia dos hebreus, apresentava um aspecto mais poético do que matemático; isto é, “uma filosofia corresponde essencialmente a algo científico: verdade clara e fria”, contudo, a sabedoria bíblica explora as ocasiões em que “nos recusamos ser desprezados pelo subterfúgio da explicação, apelidado de ciência”.³⁴⁶ Assim, o gênero literário sapiencial, ao contrário do *mainstream* filosófico e científico, pretenderia apreciar a beleza incompreendida da vida.

De maneira mais específica, no que diz respeito à identidade do gênero literário sapiencial, o autor confere importância ao protagonismo de Salomão a ponto de definir como “gênero literário” sua maneira particular de expressão intelectual. Em outras palavras, a alegação de que os provérbios pertencem a Salomão implicam a existência “de um *genre*, ao invés de uma autoria”;³⁴⁷ cada gênero literário, segundo Genung³⁴⁸, corresponde a uma maneira distinta de expressar-se de forma filosófica: existem outros gêneros, “antigos ou recentes, que não correspondem ao gênero salomônico”, como o gênero de Jó e Eclesiastes. Estes últimos, segundo o autor, refletem o aspecto evolutivo do gênero literário como expressão sapiencial; a “matriz” de sua forma literária, “assim como seu pensamento, é idealmente simples e direta, mas também flexível e límpida”.³⁴⁹ A partir dessa perspectiva, o autor estará apto para afirmar que “a sabedoria hebraica [...] possuía seu aspecto histórico: ela correspondia a um crescimento consecutivo, uma evolução”;³⁵⁰ cada aspecto de seu gênero

³⁴³ Cf. WELTON, *The Old Testament Wisdom (Chokma)*; DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*.

³⁴⁴ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 9-10.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 29.

³⁴⁶ STEVENSON, Robert L. *Virginibus Puerisque and Other Essays*. [s.l.]: [s.n.], 1881, p. 57 *apud* GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 56.

³⁴⁷ GENUNG, *The Development of Hebrew Wisdom*, p. 20, *itálicos do original*.

³⁴⁸ *Idem*.

³⁴⁹ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 57.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 26.

literário, conforme encontrado nos livros sapienciais de maneira particular, expressará reelaborações de uma maneira de expressão filosófica salomônica anterior.

Entre os diversos biblistas que compreendiam o gênero literário sapiencial como a realização poética da filosofia dos hebreus, o substantivo masculino מִשָּׁל (*māšāl*) foi inaugurado como o representante formal de sua expressão literária: para D. M. Welton³⁵¹, por exemplo, “o *māšāl* (‘provérbio’) tornou-se, a partir da influência de Salomão, um ramo especial da literatura judaica, e uma forma poética peculiar da *ḥokmāh*”; para Gustav F. Oehler³⁵², “o provérbio (מִשָּׁל) do sábio é o produto de sua própria experiência e reflexão”; e, para Franz Delitzsch³⁵³, “da maneira que permanecem diante de nós, [os provérbios] são, como um todo, a produção da técnica poética *māšāl*”. Entretanto, essa delimitação formal ao gênero literário sapiencial, entre a maioria dos autores, diz respeito especialmente aos aforismos encontrados em Provérbios; isto é, livros como Jó e Eclesiastes, embora sob a classificação sapiencial como “obras de alto nível literário”, raramente eram abordadas como exemplos de מִשָּׁלִים (*mēšālîm*).

Para esses estudiosos, a relação entre o gênero literário sapiencial e o מִשָּׁל é evidente, principalmente quando analisada a partir da análise de Provérbios 1:6:³⁵⁴

לְהַבִּין מִשָּׁל וּמִלִּצָּה דִּבְרֵי חֲכָמִים וְחִידוֹתָם:

l'ḥābyṇ māšāl ûm'liṣāh dibrēy ḥākāmîm w'ḥîdōtām

Para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios (Pv 1:6).

Neste verso, o termo דִּבְרֵי חֲכָמִים (*dibrei ḥākāmîm*, “palavras dos sábios”) é interpretado como sinônimo para מִשָּׁל.³⁵⁵ Portanto, a associação entre מִשָּׁל e דִּבְרֵי חֲכָמִים deveria demonstrar correspondência de significados entre o discurso dos sábios e a forma

³⁵¹ WELTON, The Old Testament Wisdom (Chokma), p. 188.

³⁵² OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 537.

³⁵³ DELITZCH, Franz. *Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon*, p. 7.

³⁵⁴ Cf. GENUNG, The Development of Hebrew Wisdom; CHEYNE, *Job and Solomon*.

³⁵⁵ WELTON, The Old Testament Wisdom (Chokma), p. 188.

literária expressa no livro de Provérbios. No mesmo verso, Thomas K. Cheyne³⁵⁶ chama à atenção “três nomes para a variedade de provérbios reunidos” e mencionados em 1:6: 1) o מִשְׁלַּל, um discurso curto e pontual como referência a uma característica marcante na vida de um indivíduo – ou humana em geral –, amiúde expressa de maneira figurativa; 2) a מְלִיצָה (*m^elyṣāh*), uma sentença distorcida, oblíqua, compreendida como “sentença obscura”; e 3) a הִידָּה (*hydāh*) um dito intrincado, especialmente como referência aos enigmas e aos discursos didáticos. Para Cheyne³⁵⁷, “cada uma dessas palavras possui uma variedade de aplicações” e, ainda assim, correspondem ao gênero literário sapiencial de maneira genérica, a saber, o מִשְׁלַּל.

De uma perspectiva semelhante, John F. Genung³⁵⁸ explica que os outros dois termos mencionados em Provérbios 1:6, paralelos a מִשְׁלַּל, possuem duas funções: “verter luz ou escuridão; o *m^elyṣāh*, uma interpretação, e o *hydāh*, um dito obscuro, ou enigma”.³⁵⁹ Assim, tanto מְלִיצָה como הִידָּה resumiriam os propósitos literários do gênero literário sapiencial no arcabouço do מִשְׁלַּל. Em seus termos,

Essa ideia dupla a respeito da função do *māšāl* o relaciona imediatamente com o esforço sapiencial com o objetivo de coordenar causa e efeito na esfera da indústria, da relação social, moral, da fala e do silêncio, e dos outros inúmeros interesses da experiência diária.³⁶⁰

Assim, os “ditos dos sábios”, quando compreendidos a partir do termo מִשְׁלַּל, podem manifestar diferentes formas no gênero literário sapiencial. Para Thomas K. Cheyne³⁶¹, מִשְׁלַּל ocorre na Bíblia Hebraica como “provérbios populares”, provavelmente difundidos por meio do discurso oral e popularizados, ao passo que eram utilizados entre os hebreus (cf. 1Sm 10:12; 19:24; 24:13; Isa 32:6; Ez 16:44; 18:2; Jr 31:29; Jz 14:14). De maneira complementar, o autor aponta ao emprego de מִשְׁלַּל como referência à *parábola* (2Sm 12:1-6; 14:4-9; 1Rs

³⁵⁶ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 125.

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ GENUNG, *The Development of Hebrew Wisdom*, p. 19.

³⁵⁹ Cf. OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 541.

³⁶⁰ GENUNG, *The Development of Hebrew Wisdom*, p. 19.

³⁶¹ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 125-126.

20:39, 40) ou mesmo à *fábula* (Jz 9:8-15; 2Rs 19:9; Nm 22:21-41) na Bíblia Hebraica, de acordo com os critérios que o autor utiliza para descrevê-los. Nos termos de Cheyne, “esses são os tipos principais de *māšāl* à parte daqueles encontrados nos três livros [...] de sabedoria”.³⁶²

Para explicar a variedade de situações em que o מִשְׁלָּה é concebido na Bíblia Hebraica, Cheyne³⁶³ parte do pressuposto sugerido por Henricus Oort³⁶⁴, de que “alguns de nossos provérbios eram correntes entre o povo originalmente como enigmas [cf. Pv 16:24; 17:12; 20:17]”, e, da mesma forma, “alguns de nossos provérbios foram baseados em fábulas populares [cf. Pv 6:6-11; Ec 9:4; 10:11]”. Para Cheyne³⁶⁵, a classificação desses textos como מִשְׁלָּה deve ter ocorrido, principalmente, “porque os escritores hebreus nunca conceberam a ideia de um poema narrativo”. Por conseguinte, a aplicação dessa terminologia tomou proporções variadas, mas ainda alusivas à sabedoria bíblica.

Neste ponto, no que diz respeito ao gênero literário sapiencial, basta reafirmar que, nos estudos bíblicos, ele representava a expressão poética da filosofia dos hebreus. Por conseguinte, costumava-se associar os elementos “poéticos” da Bíblia Hebraica à elaboração e análise do gênero literário sapiencial, alegando-se a existência de uma “poesia técnica de *māšāl*”.³⁶⁶ Portanto, à semelhança da poesia hebraica, o gênero literário sapiencial deveria apresentar peculiaridades composicionais como a aliteração, a assonância, a rima, a hipérbole, etc., além das diversificadas formas de paralelismo. Tais características poéticas podem ser evidenciadas no significado principal atribuído ao מִשְׁלָּה: “semelhança” ou “comparação”.³⁶⁷ Para William T. Davison³⁶⁸, por exemplo, o מִשְׁלָּה, “geralmente, contém uma comparação, ou algo de uma parábola, consistindo de cláusulas paralelas, ao conceber o que é hoje denominado de dístico”. Essa definição, contudo, não se limita à composição dos provérbios: segundo Gustav F. Oehler³⁶⁹, o מִשְׁלָּה “é aplicado às máximas, e não apenas no sentido restrito

³⁶² Ibidem, 127.

³⁶³ Ibidem, p. 127 e 128.

³⁶⁴ OORT, Henricus. *The Bible to Young People*. London: Williams and Norgate, 1879.

³⁶⁵ CHEYNE, *Job and Solomon*, p. 127.

³⁶⁶ DELITZCH, *Commentary on the Proverbs of Solomon*, p. 7.

³⁶⁷ Cf. GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*; DELITZCH, *Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon*; DAVIDSON, *An Introduction to the Old Testament*.

³⁶⁸ DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 15.

³⁶⁹ OEHLER, *Theology of the Old Testament*, p. 540-541.

de uma comparação, em que tais ditos efetivamente contêm semelhanças e linguagem figurativa”; para o autor, ele pode ser aplicado “em seu sentido mais amplo, quando as experiências da vida e o fenômeno da natureza são comparados e utilizados para ilustrar um ao outro”.

Apenas com o objetivo de citar alguns exemplos dessa natureza, pode-se fazer menção a algumas considerações de Franz Delitzsch. Dentre os casos mencionados pelo autor, existe a referência ao “provérbio sinônimo”; este ocorreria quando “a segunda linha [...] repete o pensamento da primeira, apenas de maneira pouco alterada, com o objetivo de apresentar o pensamento”³⁷⁰, como em Provérbios 11:25:

נֶפֶשׁ-בְּרָכָה תִּדְּשֵׁן וּמְרֹה גַם-הוּא יוֹרָא:

nefeš-b^erākḥ t^edušān ûmar^eweh gam-hû' yôre'

A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado (Pv 11:25).

Segundo o autor, de forma ligeiramente análoga, “a segunda linha [também pode] conter o oposto da alegação da primeira; a verdade expressa na primeira é explicada na segunda através da submissão do seu contrário”.³⁷¹ Nesses casos, o leitor estará diante de um “provérbio antitético”, como pode ser observado em Provérbios 10:1:

בֶּן חָכָם יִשְׂמַח-אָב וּבֶן כָּסִיל תֹּגַת אִמּוֹ:

bēn ḥākām yeśamah- 'āb k^esîl tûgaṭ 'imô

O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe (Pv 10:1).

Dentre diversos outros exemplos de paralelismo oferecidos pelo autor, a forma que “melhor corresponde o caráter original do *māšāl*” é representada pelo provérbio que “explica seu objeto ético pela semelhança obtida do ambiente natural e da vida cotidiana, a

³⁷⁰ DELITZCH, *Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon*, p. 7.

³⁷¹ Idem.

παραβολή (*parabolē*), propriamente dita”.³⁷² Assim, o “provérbio parabólico”, de acordo com Delitzsch, poderá expressar-se a partir da comparação de dois assuntos, seja com a utilização de כִּי ou כִּי־כֵן para esclarecer a semelhança de ambos, ou com a mera disposição destes sem as preposições usuais. Os dois exemplos podem ser evidenciados em Provérbios 10:26 e 26:11:

כְּחֹמֶץ | לְשׁוֹנִים וְכַעֲשׂוֹן לְעֵינַיִם כֵּן הָעֶצֶל לְשִׁלְחָיו:

kaḥōmeš / lašinayim w^eke ‘āšān lā ‘ēynāyim kēn he ‘āṣel l^ešōl^eḥāyn

Como vinagre para os dentes e fumaça para os olhos, assim é o preguiçoso para aqueles que o mandam (Pv 10:26).

כְּכֶלֶב שָׁב עַל-קִיאָו כֹּסִיל שׁוֹנֶה בְּאוֹלָתָו:

k^ekeleḥ šāḇ ‘al-qē’ô k^esîl šōneh ḇ^e’iûal^etô

Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia (Pv 26:11).

Além dos exemplos acima, Delitzsch também faz menção a composições mais longas que, no decorrer de Provérbios, poderiam compor de quatro a oito linhas.³⁷³ Em todo caso, como apontado por Oehler, o מְשֻׁלֵּם não estaria, de fato, restrito apenas à elaboração dos provérbios. De acordo com Genung³⁷⁴, por exemplo, quando a sábia tecoíta, através da indução encoberta de Joabe, convence o rei Davi a reconstituir Absalão de seu estado de exílio em 2 Samuel 14:1-24, “ela o fez através do que denominamos de caso paralelo, paridade de raciocínio”; de maneira semelhante, a ocasião em que o profeta Natã revela o adultério de Davi, realizado por meio do assassinato de Urias, em 2 Samuel 12:1-14, “estava um caso paralelo similar, incorporado em um conto familiar sobre um homem pobre e sua cordeirinha”. Por fim, até mesmo o costume salomônico de discorrer sobre plantas e animais

³⁷² Ibidem, p. 8.

³⁷³ Ibidem, p. 10-13.

³⁷⁴ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*, p. 60.

(1Rs 4:33) seria uma evidência do מִשְׁלָּהּ em seu sentido mais amplo: “de todas essas áreas, [Salomão] extraiu semelhanças e analogias para anunciar seus ensinamentos de sabedoria”.³⁷⁵

Dessa forma, a liberdade composicional do מִשְׁלָּהּ, poderia evidenciar, segundo John F. Genung, seu aspecto flexível no decorrer da história. Por considerar o gênero literário sapiencial como um elemento versátil – apto para evoluir e adaptar-se às diversificadas situações –, em um primeiro momento, o מִשְׁלָּהּ evidenciaria sua forma mais antiga nos “enunciados populares”³⁷⁶; isto é, “ao passo que os sábios hebreus atuavam entre as pessoas comuns”, deve-se assumir que “eles escolheram, aconselhadamente, um veículo de expressão que respondesse ao gosto e idioma populares”.³⁷⁷ Evidentemente, para o autor, esse costume pode ser demonstrado através dos *enigmas* oferecidos por Sansão ou das *parábolas* pronunciadas por Jônatas.

Por conseguinte, “o provérbio e a parábola foram moldados rapidamente a uma forma aceitável que veiculasse uma filosofia de vida e um instrumento para a educação popular”.³⁷⁸ Genung argumenta, portanto, a favor do desenvolvimento retórico e do aprimoramento formal dos “ditos dos sábios”, reconhecidos primordialmente na Bíblia Hebraica como מִשְׁלָּהּ; eles teriam sido refinados com o passar do tempo, mas, ainda assim, relacionados ao gênero literário sapiencial em detrimento de suas expressões distintas. Como mencionado anteriormente, o autor reconhece a existência de diversos “gêneros sapienciais” na Bíblia Hebraica – o מִשְׁלָּהּ de Provérbios, o מִשְׁלָּהּ de Jó e o מִשְׁלָּהּ de Eclesiastes; contudo, todos eles expressam reelaborações de um gênero literário sapiencial específico, a saber, o מִשְׁלָּהּ.

O termo *māšāl*, comumente traduzido como “provérbio”, é um termo genérico que possui uma latitude abrangente de significado; essa característica não faz distinção, como nós fazemos, entre provérbio, parábola, fábula, alegoria; ou entre a aforismo ou *style coupé* das máximas salomônicas e as outras que a seguem, ou o *style soutenu* da sabedoria tardia. Todos são, de forma semelhante, *māšāl*, incorporando, de alguma maneira apropriada, o sentido primário da similitude, ou analogia. A diferenciação, na medida em que é especificada, não é de forma, mas de função.³⁷⁹

³⁷⁵ Ibidem, p. 61.

³⁷⁶ Ibidem, p. 58.

³⁷⁷ Idem.

³⁷⁸ GENUNG, The Development of Hebrew Wisdom, p. 13.

³⁷⁹ Ibidem, p. 19.

Grosso modo, “o termo *māšāl* é [...] aplicado a enunciados mais elaborados”;³⁸⁰ isto é, enunciados que não se limitam aos aforismos encontrados em Provérbios, mas avançam à formulação da sabedoria personificada, à eloquência dramática de Jó, e à desilusão e ceticismo de Eclesiastes.³⁸¹ Dessa maneira, a filosofia dos hebreus, outrora enredada entre afirmações e conselhos simples, com o passar do tempo, inquiriu novas questões a respeito da realidade. Por consequência disso, o מִשְׁלָּה desenvolvia-se como gênero literário ao passo que se esforçava para exprimir novas convicções, ou demandar respostas mais concretas. Nos termos de Wiliam T. Davison³⁸², o מִשְׁלָּה “exibe um poder notável na utilização do dístico breve, aparentemente intratável, para a construção de um argumento elevado e duradouro.”

Deste primeiro momento, pode-se apenas afirmar que o gênero literário sapiencial expressava, de forma poética, o pensamento filosófico dos hebreus – em contraste aos discursos proféticos e legais da Bíblia Hebraica. Como *poesia*, a sabedoria bíblica poderia ser associada ao מִשְׁלָּה, termo técnico aplicado às diversas manifestações do discurso filosófico: as parábolas, as fábulas ou os enigmas. Em resumo, esse gênero deveria apresentar um argumento lógico que confere preferência à *comparação*, expressa não apenas na estrutura de seus dísticos, mas também no costume de observar a realidade e aplicar à vida as verdades oriundas do contexto natural. Como gênero literário sapiencial, o מִשְׁלָּה demonstra-se flexível, ou seja, adaptável às ocasiões e às novas exigências que o discurso filosófico hebreu possa demandar – a exemplo dos discursos de Jó e Eclesiastes que, não obstante às diferenças de composição, representam formas mais elaboradas do gênero.

3.1.2 Sabedoria Essencialista: o *Gattung Sapiencial* de Hermann Gunkel

Entre o final do século XIX e a inauguração do século XX, dentre os biblistas que estudavam a literatura sapiencial, a abordagem de Hermann Gunkel alcançou maior notoriedade.³⁸³ Além de refletir muitos dos pressupostos elaborados sobre o gênero literário

³⁸⁰ DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 15.

³⁸¹ GENUNG, *The Hebrew Literature of Wisdom*; DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*.

³⁸² DAVISON, *The Wisdom-Literature of the Old Testament*, p. 15.

³⁸³ Cf. LONGMAN III, Tremper. Form Criticism, Recent Developments in Genre Theory, and the Evangelical. *Westminster Theological Journal*, v. 47, p. 46-67, 1985; TUCKER, Gene M. *Form Criticism of the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, 1971; COPPES, Leonard J. An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel. *The Westminster Theological Journal*, v. 32, n. 2, p. 148-178, 1970.

sapiencial, conforme demonstrados supra, Gunkel acrescenta a eles reflexões teóricas ainda não aplicadas aos estudos bíblicos. Dentre os estudiosos da Bíblia Hebraica, Hermann Gunkel pode ser elegido como o primeiro indivíduo a estudar o texto bíblico à luz de seus gêneros literários – ao menos de uma perspectiva acadêmica.

Na ocasião em que, pela primeira vez, a *Society of Old Testament Studies* confere um extrato específico à literatura sapiencial em uma de suas publicações, Walter Baumgartner³⁸⁴ faz menção à “análise-tipo metodológica [*Gattungsforschung*] de Gunkel”. Oriunda desse contexto, a abordagem é introduzida como preferência às demais no que diz respeito ao estudo do texto sapiencial de uma perspectiva literária. Essa predileção deve ter ocorrido, em parte, por ser redigida por Walter Baumgartner, um dos partidários de Gunkel, e, em parte, por representar uma das poucas alternativas à hipótese documentária de Wellhausen.³⁸⁵ Em resumo, assume-se que sua abordagem foi influenciada pelos irmãos Grimm (Jacob Grimm e Wilhelm Grimm), que classificaram a tradição popular alemã em “contos de fada”, “mitos”, “sagas” e “lendas”. A partir desse pressuposto, Gunkel reconhece que grande parte da Bíblia Hebraica “era literatura popular; isto é, ela se originou oralmente”.³⁸⁶

A contribuição mais popularizada de Hermann Gunkel à crítica da forma pode ser resumida à “história do gênero” (*Gattungsgeschichtliche*), em que o autor compreende a forma final do texto bíblico como resultado de um processo literário evolutivo.³⁸⁷ Em primeira instância, Gunkel faz referência a um período “pré-literário” de determinado discurso. Esse período seria caracterizado pelas elaborações orais que um gênero literário (*Gattung*) possuía antes de ser entregue à sua forma escrita. Segundo o autor, cada gênero literário deve ter sido elaborado em um *Sitz im Leben*³⁸⁸ específico, a depender do meio social considerado; “cada tipo de literatura antiga pertencia, originalmente, a um aspecto muito

³⁸⁴ BAUMGARTNER, The Wisdom Literature, p. 210.

³⁸⁵ Cf. COPPES, An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel, p. 148-165.

³⁸⁶ TUCKER, **Form Criticism of the Old Testament**, p. 5.

³⁸⁷ Cf. COPPES, An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel; TUCKER, **Form Criticism of the Old Testament**.

³⁸⁸ A primeira terminologia utilizada por Gunkel como referência a um “meio social” foi *Sitz im Volksleben* [“contexto na vida das pessoas”] (GUNKEL, Hermann. The Literature of Ancient Israel. In: SANDOVAL, Carleen M.; BUSS, Martin J. [Eds.]. **Relating to the Text: Interdisciplinary and Form-Critical Insights on the Bible**. London; New York: Clark, [1906] 2003; **Reden und Aufsätze**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1913); apenas posteriormente o autor se utilizará de *Sitz im Leben* [“contexto na vida”] (cf. GUNKEL, Hermann. **Die Propheten**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1917). Esta última representa a terminologia mais popular nos estudos bíblicos.

definido da vida nacional de Israel”.³⁸⁹ Dessa forma, ao identificar no texto bíblico diferentes gêneros literários, Gunkel procura atribuir a eles um *Sitz im Leben* para a sua expressão oral; um texto deverá ser interpretado levando-se em consideração o meio social responsável por moldá-lo, para o qual a obra seria, da mesma maneira, destinada. Nos termos de Hermann Gunkel³⁹⁰,

Pouco foi escrito no antigo Israel, e grandes seguimentos da sociedade nunca entraram em contato com algo escrito, no entanto, participaram do seu processo literário; isto é, a criação de obras de arte por meio da linguagem. Assim, quase todos os gêneros existiram na forma de tradições orais [*mündliche Überlieferung*] antes de serem transcritos.

Com efeito, a identificação de um *Sitz im Leben* possibilitará ao estudioso esclarecer as inquietações primárias acerca de um gênero literário:

Para compreendermos um tipo literário devemos, em cada caso, manter toda a situação esclarecida diante de nós e questionar: Quem está falando? Quem são os seus ouvintes? Qual é o *mise en scène* da ocasião? Qual o efeito pretendido ali?³⁹¹

Dessa perspectiva, quando pretende definir a forma e o conteúdo de um gênero, fica evidente que Gunkel confere proeminência às demandas do meio social primitivo. Para compreender o texto bíblico, portanto, “deve-se *primeiramente* inquirir acerca do seu contexto na vida do povo [*Sitz im Volksleben*]”.³⁹² Um gênero literário não poderia tomar formas ou agregar temas que, do ponto de vista tradicional, fossem irrelevantes para a exposição de um discurso. Nos termos de Gunkel³⁹³: “assim como um indivíduo em Israel deveria considerar um crime agir de maneira estranha aos costumes de seu povo, da mesma forma, um autor deveria permanecer fiel aos estilos tradicionais de um gênero em particular”. A partir dessa sugestão, a elaboração de um gênero literário depende integralmente de seu contexto social a ponto de expressar pouca autonomia autoral. A “tradição oral”, responsável pela elaboração tanto da forma quanto do conteúdo do gênero, possui um *locus* único na história da religião israelita, conforme preservado pelos seus preceptores. Assim, “o estudo de

³⁸⁹ GUNKEL, Hermann. Fundamental Problems of Hebrew Literary History. In: GUNKEL, Hermann (Ed.). **What Remains of the Old Testament**. Virginia: George Allen & Unwin, 1928, p. 61.

³⁹⁰ GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 29.

³⁹¹ GUNKEL, Fundamental Problems of Hebrew Literary History, p. 62.

³⁹² GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 30, *itálicos acrescentados*.

³⁹³ *Ibidem*, p. 28.

Gattungen provenientes da tradição oral sobre sua identidade, origem e história representa o segundo maior dever da pesquisa”³⁹⁴ – o primeiro dever, naturalmente, é a descoberta do *Urwelt* da Bíblia Hebraica e seus possíveis contextos sociais.

Essa preferência formal (*Formensprache*) estabelecida pelo meio social para a formulação de um gênero literário, segundo o autor, seria a responsável pela “estranha *monotonia* que governa um gênero”.³⁹⁵ Gunkel desconsidera a liberdade artística de determinada composição conferindo prioridade aos seus aspectos formais exclusivos, conforme elaborados pela tradição oral que a originou. Para o autor, “a literatura de Israel [...] contém muito mais folclore do que poesia artística, por assim dizer”;³⁹⁶ ela seria mais passiva às demandas de um *Sitz im Leben* do que à liberdade de seu escritor: um gênero literário “legal”, por exemplo, deve ter sido pronunciado por um juiz com o intuito de esclarecer determinada decisão na corte; de outra maneira, um “hino de vitória” deve ter sido entoado por mulheres na ocasião em que o exército retornava da guerra. Dessa perspectiva, os gêneros literários mais antigos, a princípio, provêm de uma tradição que, segundo o autor, os expressava de maneira genuína; “um gênero particular estava associado a um grupo social específico [...] que assegurava a *pureza do gênero*”.³⁹⁷

Da perspectiva de Hermann Gunkel, todos os gêneros literários, em sua forma mais antiga, apresentavam uma forma “pura” ou “original”, isto é, isenta de influências literárias posteriores. Esse aspecto do gênero encerraria uma estrutura breve, cuja expressão pretendida é exposta em poucos versos. A brevidade original de um gênero literário, nos termos de Gunkel³⁹⁸, diz respeito à “limitada atenção intelectual [*aufnahmefähigkeit*] dos povos antigos”; em outras palavras, o autor sugere que o público pretendido, em primeira instância, pudesse apenas conferir atenção a uma ou duas linhas de texto a cada instante de leitura.³⁹⁹ Com a evolução gradual de uma cultura literária, não obstante, o leitor israelita estaria apto para internalizar discursos mais longos. Por isso, “é possível descobrir a história de [gêneros literários] individuais, organizando o material de maneira a recuperar a construção original

³⁹⁴ COPPES, An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel, p. 160.

³⁹⁵ GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 29, *italicos acrescentados*.

³⁹⁶ *Idem*.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 30, *italicos acrescentados*.

³⁹⁸ *Idem*.

³⁹⁹ Cf. GUNKEL, Fundamental Problems of Hebrew Literary History.

pura de forma e conteúdo. Isso pode ser arranjado de maneira cronológica de acordo com a extensão [do texto em estudo]”.⁴⁰⁰

Evidentemente, de acordo com Gunkel, a forma curta atribuída a um gênero literário antigo e, por conseguinte, original, sofreria mudanças com o passar dos anos. “Era inevitável que tais construções assumissem, de maneira lenta e natural, novas formas, ou se tornassem mistas e/ou combinadas com outros *Gattungen*”.⁴⁰¹ No entanto, as formas e conteúdos literários formulados posteriormente não poderiam representar o gênero literário de maneira legítima; elas deveriam ser identificadas a partir de sua forma primitiva, e definidas como imitações pretenciosas de sua forma original. Nas palavras de Hermann Gunkel⁴⁰², “quando autores literários se apropriavam de seu estilo [gêneros literários antigos], *aberrações* e *misturas* foram frequentemente introduzidas com o objetivo de produzir efeitos novos, refinados e mais complexos”. Assim, todo gênero literário possui um período clássico de composição; elaborações posteriores resultavam de desdobramentos irregulares de sua forma e conteúdo originais. Embora considerasse tais composições como obras “artísticas”, elas não possuíam a credibilidade dos textos antigos para determinar sua função como gênero literário, justamente por estarem distantes de seu *Sitz im Leben*. Para Gunkel, tais elaborações eram úteis para “traçar o desenvolvimento de um *Gattungen* e, assim, penetrar as camadas da vida social”.⁴⁰³

Dentre os diversificados gêneros elaborados por Hermann Gunkel, o gênero literário sapiencial (ou *Weisheitsdichtung*, “poesia sapiencial”) deve refletir os mesmos pressupostos para a sua elaboração e evolução. Ele representará, como os demais, uma forma de expressão específica na Bíblia Hebraica, cujo *Sitz im Leben* pode ser identificado, originalmente, na tradição dos sábios (cf. Jr 18:18; Pv 30:1; 31:1). Nas palavras de Gunkel⁴⁰⁴, os sábios “eram homens barbudos que se sentavam juntos em praças ou portões (Pv 1:20-21), permutando os provérbios que aprenderam na juventude, enquanto os mais jovens deveriam escutar e aprender sabedoria”. Esses provérbios, segundo o autor, em sua forma primitiva, representavam uma espécie de “composição artística [*Kunstdichtung*]”, oriundos de círculos muito específicos.⁴⁰⁵ Evidentemente, eles apresentavam uma forma de expressão que

⁴⁰⁰ COPPES, An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel, p. 162.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 161.

⁴⁰² GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 30, *italicos acrescentados*.

⁴⁰³ COPPES, An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel, p. 162.

⁴⁰⁴ GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 69.

⁴⁰⁵ Ibidem, p. 170.

privilegia o teor individualista.⁴⁰⁶ Embora, segundo o autor, o livro de Provérbios represente uma antologia de coleções proverbiais menores, a sabedoria de Salomão não possui uma relação imediata à tradição sapiencial primitiva. A relação entre ambos deve ser inserida no costume popular de pronunciar provérbios, que, com o passar do tempo, costumam ser transcritos e promovidos pela sociedade.

Em termos gerais, a poesia sapiencial, de acordo com Hermann Gunkel, expressa uma argumentação pungente, quer por meio de um acréscimo de conteúdo na segunda linha de sua composição ou através de figuras reflexivas, antíteses, surpresas etc. Os sábios ofereciam conselhos para a vida, amiúde movidos pelo conceito subjacente de que é bom agir de maneira sábia, visto que o sábio deve prosperar; “o princípio fundamental expresso de diversas formas nesses ditos é a ideia da retribuição”.⁴⁰⁷ Além disso, a argumentação sapiencial, geralmente, é considerada pelo autor como distinta daquela evidenciada no discurso profético. Em termos mais específicos, “ao contrário do último [o discurso profético], ele [o discurso sapiencial] não menciona o destino do povo, mas o do indivíduo”.⁴⁰⁸

Da perspectiva de um *Sitz im Leben* particular, o gênero literário sapiencial possuiria, como outras composições literárias na Bíblia Hebraica, uma forma “pura”. “Esses ditos eram originalmente curtos, com apenas uma linha de extensão. Eles contêm observações gerais, ou se dirigem aos jovens e os exortam”.⁴⁰⁹ Assim, segundo o autor, por representarem, *a priori*, a expressão de um gênero pré-literário, mantido por uma tradição oral, os provérbios mais antigos podem ser identificados por seu aspecto breve. Os textos sapienciais mais tardios seriam reconhecidos por uma composição mais longa e complexa, como resultado das distorções de sua forma original. Em seus termos:

O desenvolvimento histórico da literatura sugere uma cronologia de composição em que a forma literária mais antiga é representada por coleções, que constituíam a base para a composição dos livros sapienciais maiores. Na vida real [*Im Leben*], contudo, a unidade elementar inicial [*ursprüngliche Einheit*] deve ter sido um dito individual [*einzelner Spruch*], visto que essa “sabedoria” também existia nas tradições orais [*mündliche Überlieferung*] antes de serem transcritas.⁴¹⁰

⁴⁰⁶ Ibidem, p. 33.

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 70.

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ Idem.

⁴¹⁰ Ibidem, p. 69.

O argumento de Gunkel pode ser exemplificado com base na disposição de dois provérbios: o primeiro, considerado primitivo, expresso em 1 Samuel 24:13; e o segundo, Provérbios 21:10, concebido como aprimoramento do anterior.⁴¹¹ A partir da sugestão de Hermann Gunkel, o provérbio transcrito em 1 Samuel 24:13 representa a forma mais antiga de Provérbios 21:10; essa afirmação poderia ser confirmada pelo fato de o primeiro manifestar-se em uma linha, ao passo que o segundo necessita do acréscimo de outra para aprimorar seu pensamento:

מְרָשָׁעִים יֵצֵא רָשָׁע:

mēr^ššā'im yēšē' raša'

Dos perversos procede a perversidade (1Sm 24:13[14]).

נֶפֶשׁ רָשָׁע אֶתְהָרַע לֹא-יִחַן בְּעֵינָיו רֵעֵהוּ:

nefeš rāšā' 'iū^štāh-rā' lō'-yuhan b' 'ynāyn rē'ēhū

A alma do perverso deseja o mal; nem o seu vizinho recebe dele compaixão (Pv 21:10).

Da mesma maneira, no contexto da *Gattungsgeschichtliche*, Gunkel⁴¹² sugere a existência de uma sabedoria pré-exílica, otimista (evidenciada em Provérbios e Jó), e outra pós-exílica, pessimista (verificada em Eclesiastes). Permeando a existência desses textos, podem ser evidenciadas as “aberrações” do gênero literário sapiencial; composições longas, “formuladas com várias linhas e, eventualmente, discursos extensos, edificantes e hortatórios”.⁴¹³ Mesmo o livro de Jó, por exemplo, “também contém diversas composições líricas, muito embora o livro, como um todo, pertença a outro tipo literário”.⁴¹⁴ Essas misturas entre os gêneros literários seriam especialmente evidentes em alguns salmos, em que a poesia

⁴¹¹ Cf. KIDNER, Derek. **The Wisdom of Proverbs, Job and Ecclesiastes**: An Introduction do Wisdom Literature. Downers Grove: InterVarsity Press, 1985, p. 25.

⁴¹² Cf. GUNKEL, The Literature of Ancient Israel, p. 70-72.

⁴¹³ Ibidem, p. 70.

⁴¹⁴ GUNKEL, **The Psalms**: A Form-Critical Introduction. Philadelphia: Fortress Press, [1930] 1967, p. 2.

lírica, por vezes, apresenta aspectos sapienciais. Para Gunkel⁴¹⁵, a partir do instante em que o discurso do salmista passa a apresentar características reflexivas, forma exortatória e, ao mesmo tempo, assimilem a doutrina da retribuição, elas seguem “o modelo estabelecido na poesia sapiencial”.⁴¹⁶

Por exemplo, o Salmo 128, na perspectiva do autor, denota a ideologia sapiencial popular expressa na ideia de que o justo deve prosperar, e de que o ímpio deve ser amaldiçoado; isto é, ele idealiza a doutrina da retribuição como conteúdo principal de seu argumento:

אֲשֶׁרִי כָּל־יְרֵא יְהוָה הֵלֵךְ בְּדַרְכָּיו:
יִגְיַע בְּפִידָּהּ כִּי תֹאכֵל אֲשֶׁרִיד וְטוֹב לִי:
אֲשֶׁתִּי אִי כִגְפֹן פְּרִיָּהּ בִּין־כַּתִּי בֵיתִי:
בְּנֵי בֵּיתִי כַּשְׂתִּלִּי זִיתִּים סָבִיב לְשִׁלְחָנִי:

*'ašrēy kol-y'rē' YHWH hahōlēk bid' rākāyn
'y'gā ' kafeykā kī tō'kēl 'ašreykā w'tôb lāk
'eš'ekā / k'gfen pōrāh b'yark'etey bēytekā
bāneykā kiš'tilēy zēyīm sāvīb l'sul'hānekā*

Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem. Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa (Sl 128:1-3).

Por outro lado, o Salmo 37, segundo Gunkel⁴¹⁷, encontra-se “em forma de exortação”. Ele deve representar o esforço sapiencial em seu aspecto formal primário, ou seja, o costume de pronunciar provérbios:

(א) אֶל־תִּתֵּן בְּמִרְעָיִם אֶל־תִּקְנָא בְּעֵשִׂי עוֹלָה:
כִּי בְחָצִיר מְהֵרָה יִמָּלֹךְ וּכְיֶרֶק יִצָּפֵא יְבוֹלֹן:

*'al-tit'har bam'rē 'im 'al-t'qanē' b'ōsēy 'aw'lāh
kī kehāšîr m'hērāh yimālû ūkyreq deše' yibôlûn*

⁴¹⁵ Ibidem, p. 38.

⁴¹⁶ Cf. TUCKER, *Form Criticism of the Old Testament*, p. 67.

⁴¹⁷ GUNKEL, *The Psalms*, p. 38.

Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade. Pois eles dentro em breve definharão como a relva e murcharão como a erva verde (Sl 37:1-2).

Nos exemplos acima, Hermann Gunkel pontua as situações em que os salmos apresentam peculiaridades sapienciais, em termos de forma e conteúdo. Todavia, para o autor, o mesmo fenômeno pode ser evidenciado no livro de Jó, em que o texto se guarnece das peculiaridades formais e temáticas de um “hino” (תְּהִלָּה, *t^ehillāh*). Em algumas ocasiões, esse gênero literário pode ser expresso na “forma de perguntas retóricas”. Desta perspectiva, “existe uma imitação desse estilo nos discursos majestosos de YHWH em Jó 38ff”.⁴¹⁸ A sugestão de Gunkel pode ser observada quando ambos os exemplos são dispostos em paralelo:

מִי־כַמֹּכָה בָּאֵלִים יְהוָה מִי כַמֹּכָה נֶאֱדָר בְּקִדְשׁ נִזְרָא תְהִלָּת עֲשֵׂה פֶלֶא:

mî-kāmōkāh bā’ēlīm YHWH mî kāmōkāh ne^e dār baqōdeš nōrā’ t^ehilōt ‘ōsēh fele’

Quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas? (Êx 15:11).

מִי זֶה | מַחְשִׁיךְ עֵצָה בְּמִלִּין בְּלִי־דַעַת:
אֶזְר־נָא כְגִבֹּר חֲלָצִיךְ וְאַשְׁאֲלֶךְ וְהוֹדִיעֲנִי:

*mî zeh | mah^ešîk^e ‘ēṣāh b^emilîn belî-dā’at
'ēzār-nā' k^egeber ḥālāṣeykā w^e'eš'ālk ā w^ehōdî'ēnî*

Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber (Jó 38:2-3).

Em resumo, ao abordar o gênero literário sapiencial, Hermann Gunkel passa a compreendê-lo dependendo exclusivamente da seguinte argumentação: 1) em um primeiro momento, o autor assume a existência de uma tradição oral, pré-literária, responsável pela elaboração do gênero em sua nuância mais pura, a popular; 2) os possíveis significados, propósitos e destinatários do gênero sapiencial, portanto, devem ser resgatados de seu *Sitz im Leben* e na atuação profissional dos sábios; 3) por ocasião do desenvolvimento literário

⁴¹⁸ Ibidem, p. 12.

israelita, a pureza do gênero se perderá ao passo que se afasta de seu contexto tradicional e, por motivos diversos, agregam gêneros diferentes à sua expressão com o intuito de adequá-los a outros discursos. Assim, os textos sapienciais serão expressos de forma pungente; ocorrerão em forma de exortações; e, por fim, refletirão a doutrina da retribuição.

Ao contrário do que costumava-se alegar a respeito do gênero literário sapiencial, Hermann Gunkel prefere compreendê-lo de maneira rígida, mormente associado a uma forma e conteúdo específicos. Por refletirem a forma primitiva da sabedoria bíblica, qualquer outra formulação deste gênero deveria ser interpretada como “alteração” e não como “aprimoramento” das formas antecedentes, como costumava ser argumentado no século anterior.

3.1.3 Forma e Conteúdo: o “Ingrediente Misterioso” de James L. Crenshaw

Conforme apresentado no capítulo 1, com o a descoberta de um contexto mais amplo à produção literária da sabedoria bíblica, no século XX o gênero literário sapiencial é abordado com mais intensidade. Entretanto, embora os esforços acadêmicos sugerissem o aprofundamento crítico dos conceitos elaborados nos séculos anteriores, nota-se apenas a sua solidificação. Naturalmente, de acordo com os dados coletados dos estudos introdutórios à sabedoria bíblica neste período, o mesmo deveria ocorrer com as formulações a respeito do gênero literário sapiencial.

Em primeira instância, tanto Theodore H. Robinson⁴¹⁹ quanto Robert B. Y. Scott⁴²⁰ preservavam o pressuposto de que o gênero literário sapiencial refletia a “filosofia dos hebreus”; isto é, ele expressava o pensamento humanista e empirista entre os Israelitas, em contraste às preocupações religiosas inseridas nos outros gêneros literários da Bíblia Hebraica.⁴²¹ De acordo com Robinson⁴²², por exemplo, o texto sapiencial “pode ser descrito como os primeiros esforços da mente humana em direção a uma filosofia”; a classificação do gênero como “sapiencial” refletiria, na verdade, “o termo mais próximo que o hebraico antigo possui de ‘filosofia’”. Ainda assim, deve-se reconhecer que no decorrer do século XX a ênfase na conotação filosófica da sabedoria bíblica diminuiu consideravelmente, a ponto de

⁴¹⁹ ROBINSON, Theodore H. **The Poetry of the Old Testament**. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 1947.

⁴²⁰ SCOTT, R. B. Y. The study of the Wisdom Literature. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 29, n. 2, p. 20-45, 1967.

⁴²¹ Cf. RANKIN, **Israel's Wisdom Literature**.

⁴²² ROBINSON, **The Poetry of the Old Testament**, p. 165.

parecer inapropriada⁴²³ – principalmente quando comparada à filosofia grega.⁴²⁴ Contudo, como será demonstrado adiante, ao abordarem o gênero literário sapiencial, os biblistas preferem classificá-lo como “especulativo” ou “reflexivo” por conferirem preferência ao seu discurso ético, racional ou admoestatório.

Além de seu caráter filosófico, o gênero literário sapiencial é similarmente perpetuado por meio da representação generalizada do מִשְׁלָּה.⁴²⁵ Para Robert B. Y. Scott⁴²⁶, “quatro termos [em Provérbios 1:6] exigem um comentário especial”, a saber, מִשְׁלָּה, מְלִיצָה e חֵידָה; “o mais importante destes termos é מִשְׁלָּה. O significado básico dessa palavra é ‘semelhança, comparação’”. Segundo o autor, esse termo permanece como um “modelo” ou “paradigma” para a expressão literária sapiencial. No mesmo sentido, Leo G. Perdue⁴²⁷ considera o מִשְׁלָּה como “o termo geral para qualquer forma sapiencial (1Sm 10:12; 24:14; Pv 1:6; 26:7, 9), ao passo que o plural, מִשְׁלָּהִים, alude à coleção de ditos sapienciais e outras formas (Pv 1:1; 10:1; 25:1).” Embora não esteja inserido no centro da argumentação sobre o gênero literário sapiencial, como em ocasiões anteriores, o מִשְׁלָּה ocorre neste contexto como um termo técnico utilizado para ilustrar a expressão discursiva da sabedoria na Bíblia Hebraica.

A abrangência do מִשְׁלָּה, em outras palavras, continuará a representar, nos estudos acadêmicos, as diversas formas literárias expressas no arcabouço do gênero literário sapiencial, conforme elegidas pelos acadêmicos da área. Não obstante, embora ocorra como uma unidade elementar para o gênero literário sapiencial, o מִשְׁלָּה será amiúde classificado como expressão primordial do “provérbio”, ou “aforismo”, especificamente.⁴²⁸ Por outro lado, o termo poderá representar uma série de formas literárias diversificadas, comuns à sabedoria

⁴²³ Cf. WEST, James K. **Introduction to the Old Testament**: “Hear, O Israel”. London: The Macmillan Company, 1971.

⁴²⁴ Cf. LASOR, William S.; HUBBARD David A.; BUCH, Frederic Wm. **Old Testament Survey**: The Message, Form, and Background of the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1982.

⁴²⁵ Cf. BLANK, S. H. Wisdom; CERESKO, Anthony R. **Introduction to Old Testament Wisdom**; BALLARD JR., Harold W. Introduction do Psalms and Wisdom Literature. In: BALLARD JR., Harold W., TUCKER JR., W. Dennis (Eds.). **An introduction of Wisdom Literature and Psalms: Festschrift** Marvin E. Tate. Macon: Mercer University Press, 2000.

⁴²⁶ SCOTT, **The way of wisdom in the Old Testament**, p. 53.

⁴²⁷ PERDUE, **Wisdom & Creation**, p. 64.

⁴²⁸ Cf. FOHRER, **Introdução ao Antigo Testamento**; PERDUE, **Wisdom & Creation**; BLANK, Wisdom; CERESKO, **Introduction to Old Testament Wisdom**.

bíblica, pondendo “ir do provérbio à poesia didática”.⁴²⁹ Entre as diversas formas literárias identificadas pelos biblistas para o gênero literário sapiencial e, com efeito, representadas pelo מִשְׁלָּה de maneira genérica, pode-se mencionar: o provérbio, a admoestação (positiva e negativa), o enigma, a fábula, a alegoria, a parábola, a disputa, o diálogo, o solilóquio, a onomástica, a narrativa (em 1º e 3º pessoa, em que é incluída a autobiografia), o hino, a oração e o lamento – para citar a maioria.

Evidentemente, as formas acima, elegidas como expressões do gênero literário, representam um arcabouço demasiado abrangente. Ainda assim, a lista poderá tornar proporções mais extensas quando relacionada às peculiaridades composicionais da poesia hebraica.⁴³⁰ Para muitos estudiosos, a declaração de Anthony R. Ceresko⁴³¹ tornou-se consenso inalienável no estudo da sabedoria bíblica: “reconhecer que os escritos sapienciais consistem, em sua maioria, de poesia, equivale apenas ao primeiro passo para apreciar a variedade e complexidade de formas ou padrões discursivos com o qual os escritores sapienciais se expressavam.” Como observado anteriormente, o gênero literário sapiencial costumava ser associado à estética e ritmo da poesia hebraica. Em conformidade com esse consenso, a elaboração da sabedoria incluirá, além de suas diversificadas formas, elementos composicionais da poesia hebraica, tais como: o paralelismo (sinônimo, antitético etc.), o trocadilho, a aliteração, a assonância, a rima, o merisma, a anáfora, o sarcasmo e a ironia – para citar alguns.

Theodore H. Robinson⁴³², entre os demais estudiosos, parece dedicar mais fôlego à relação teórica do gênero literário sapiencial com a poesia hebraica neste contexto. Para o autor, “estamos acostumados a pensar nas categorias da poesia grega e latina, [...] devemos, contudo, distinguir entre os diferentes tipos de poesia que temos acesso”. A Bíblia Hebraica, nesse sentido, apresentaria evidências de que os hebreus compreendiam a diferenciação entre os tipos de composição poética disponíveis. De acordo com Robinson, o texto bíblico promove a existência de, no mínimo, cinco delas: canções tribais, encantos, *mēšālīm*, hinos e endechas. Sobre tais composições, o autor assevera: “na poesia clássica e moderna as unidades são compostas por sons”, contudo, “em formas poéticas mais antigas (por exemplo,

⁴²⁹ FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 460.

⁴³⁰ Cf. SKEHAN, Patrick W. *Studies in Israelite Poetry and Wisdom*. Washinton: The Catholic Biblical Association of America, 1971; ROBINSON, *The Poetry of the Old Testament*; PERDUE, *Wisdom & Creation*; CERESKO, *Introduction to Old Testament Wisdom*.

⁴³¹ CERESKO, *Introduction to Old Testament Wisdom*, p. 32.

⁴³² ROBINSON, *The Poetry of the Old Testament*, p. 47.

acadiana ou chinesa), a unidade não é um som, mas uma ideia [...] É a esse tipo geral de pensamento-ritmo que as formas da poesia hebraica clássica pertencem”.⁴³³ Por representar um tipo específico de poesia entre os hebreus, os *m^ešālīm* deveriam apresentar, segundo o autor, o princípio fundamental da poesia hebraica, o paralelismo: “cada verso deve consistir de, pelo menos, dois ‘membros’, o segundo do qual necessita, mais ou menos, satisfazer completamente a expectativa levantada pelo primeiro”.⁴³⁴ Esse conceito será aplicado, entre outras instâncias, aos *m^ešālīm*, principalmente por traduzirem, para o autor, a noção de comparação.

Outra noção acerca do gênero literário sapiencial perpetuada pelos biblistas durante o século XX diz respeito à autoria dos textos sapienciais. Entendia-se, grosso modo, que eles representavam a expressão literária de uma classe social específica: os sábios de israel.⁴³⁵ Nos termos de John L. Mckenzie⁴³⁶, por exemplo, “o sábio profissional era aquele que possuía a riqueza dos *m^ešālīm* [מְשָׁלִים], dos enigmas [...] de máximas pertinentes para qualquer situação”; da mesma forma, para Leo G. Perdue⁴³⁷, os sábios de Israel se destacaram “por utilizarem a imaginação comum para formar, classificar, organizar, combinar e sintetizar as imagens derivadas indiretamente de sua experiência, a fim de articular por meio de uma linguagem artística seu caráter e substância”. Nesse período, o conceito de autoria, contudo, será acentuado pela ênfase de Hermann Gunkel sobre a tradição oral pressuposta ao gênero literário sapiencial, e identificada originalmente em seu *Sitz im Leben* primitivo. Assim, os estudiosos da Bíblia Hebraica argumentavam a favor de uma forma antiga para a sabedoria, reconhecida por seu aspecto breve, harmônico e pungente.⁴³⁸ Nos termos de Orvid S. Rankin⁴³⁹,

[Hermann] Gunkel é da opinião de que a literatura proverbial hebraica [...] era, a princípio, completamente secular: pregava-se a recompensa da sabedoria, isto é, a sabedoria mundana, e não a recompensa do justo [...] isso

⁴³³ Ibidem, p. 20 e 21.

⁴³⁴ Ibidem, p. 21.

⁴³⁵ Cf. RANKIN, *Israel's Wisdom Literature*; SCOTT, *The way of wisdom in the Old Testament*; PERDUE, *Scribes, Sages, and Seers*; KAPPELLE, *Wisdom Revealed*.

⁴³⁶ MCKENZIE, *Reflections on Wisdom*, p. 3.

⁴³⁷ PERDUE, *Wisdom & Creation*, p. 50.

⁴³⁸ Cf. RYLAARSDAM, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*; ROBINSON, *The Poetry of the Old Testament*; BLANK, S. H. *Wisdom*.

⁴³⁹ RANKIN, *Israel's Wisdom Literature*, p. 68-69.

deveria significar que as coleções mais antigas de provérbios (Pv 10–22) não representam a primeira escrita sapiencial israelita.

Para exemplificar o conceito acima, além de fazer menção aos provérbios antigos na Bíblia Hebraica (cf. 1Sm 24:13; Jr 31:29; Ez 18:2), Robert B. Y. Scott⁴⁴⁰ menciona a narrativa sobre o estupro de Tamar como evidência para uma tradição sapiencial primitiva. Após ser forçada a ter relações sexuais com seu irmão, Tamar alega, “não, meu irmão, não me forces”, e complementa: “porque não se faz assim em Israel” (2Sm 13:12). Dessa maneira, como tradição, a sabedoria não precisaria ser expressa em forma proverbial ou admoestativa para provar sua vigência; ela, nos termos do autor, “representava muito mais do que a floração de ditos proverbiais entre o povo comum”.⁴⁴¹ Com isto, Scott propõe que, por detrás da tradição sapiencial, atuava uma classe social de sábios. Com o passar do tempo, eles seriam os responsáveis pela confecção do **לְחִיטּוּת** em diversos contextos, desde a ocasião pré-literária à elaboração poética de suas aspirações.

Com a perpetuação e enrijecimento das afirmações supracitadas sobre a sabedoria bíblica, tornou-se corrente nos estudos bíblicos o costume de estipular duas formas básicas para o gênero literário sapiencial: a *sabedoria gnômica* – identificada em Provérbios, majoritariamente expressa nos provérbios e admoestações; e a *sabedoria reflexiva* – presente especialmente em Jó e Eclesiastes, com um discurso intelectual mais elaborado e especulativo do que o primeiro.⁴⁴² Partindo do contexto do Antigo Oriente Médio, J. Coert Rylaarsdam⁴⁴³, por exemplo, afirma: “essa literatura [sapiencial] seja no Egito, Babilônia ou Israel, se dividia em dois tipos: admoestações prudenciais [...] e ensaios reflexivos”. É evidente que, em termos de composição poética, os biblistas conferiam à sabedoria gnômica as formas literárias mais simples e, com efeito, as mais complexas à sabedoria reflexiva.

Finalmente, o século XX conferiu uma definição dupla ao gênero literário sapiencial: a partir do que pode ser evidenciado em Jó, Provérbios e Eclesiastes – assim como em outras produções sapienciais, tanto no Antigo Oriente Médio quanto na literatura judaica do Segundo Templo –, o gênero literário sapiencial será identificado por sua forma e

⁴⁴⁰ SCOTT, *The way of wisdom in the Old Testament*.

⁴⁴¹ Ibidem, p. 8.

⁴⁴² Cf. WEST, *Introduction to the Old Testament*; LASOR; HUBBARD; BUCH, *Old Testament Survey*; BALLARD JR., *Introduction to Psalms and Wisdom Literature*; RYLAARSDAM, *J. Revelation in Jewish Wisdom Literature*.

⁴⁴³ RYLAARSDAM, *J. Revelation in Jewish Wisdom Literature*, p. 3-4.

conteúdo.⁴⁴⁴ Para Leo G. Perdue⁴⁴⁵, por exemplo, “os ensinamentos dos sábios combinavam a elegância de forma com conteúdo moral a fim de remodelar sua compreensão da realidade no presente”.⁴⁴⁶ Com efeito, em termos de forma, ele compreenderá todas as citadas anteriormente (provérbio, enigma, diálogo, autobiografia etc.), acrescentando-se todos os elementos composicionais comumente associados à poesia hebraica. Em termos de conteúdo, ele expressará um discurso moral e admoestativo, e não estará preocupado com os temas da Aliança ou com a história dos patriarcas: o gênero literário sapiencial abordará questões do cotidiano, como o relacionamento, o trabalho, a alimentação; ou questões mais existenciais, como o sofrimento do justo e o sentido da vida. Em outros termos, o gênero literário sapiencial apreciará um viés literário individualista.

Diga-se de passagem, embora o século XX perpetue o gênero literário sapiencial em termos de forma e conteúdo, essa noção podia ser encontrada entre os biblistas dos séculos passados. Naturalmente, com o avanço dos estudos sobre a sabedoria bíblica, esse conceito tornou-se mais rígido em comparação às abordagens precedentes; em ocasiões posteriores, os elementos associados à sabedoria bíblica se demonstraram cada vez mais essenciais para a sua definição como gênero literário. Em todo caso, para exemplificar essa definição de maneira mais precisa, Robert B. Y. Scott⁴⁴⁷:

Forma. Adágios populares, admoestações paternas, fábulas, contos fictícios pronunciados para o entretenimento, mas igualmente para esclarecer algo – que, posteriormente, conferiram lugar às coleções de tais materiais, úteis para instrução moral; a discursos reflexivos e debates sobre questões religiosas e éticas, poemas didáticos e especulativos; e a tentativa

⁴⁴⁴ Cf. RANKIN, *Israel's Wisdom Literature*; MCKENZIE, *Reflections on Wisdom*; WHYBRAY, *Wisdom Literature*; WALTON, *Ancient Israelite Literature in its Cultural Context*; PERDUE, *Scribes, Sages, and Seers; Wisdom & Creation*; KAPPELLE, *Wisdom Revealed*.

⁴⁴⁵ PERDUE, *Wisdom & Creation*, p. 63.

⁴⁴⁶ Para citar mais exemplos: LÍNDEZ, *Sabedoria e sábios em Israel*, p. 15: “fruto do esforço espiritual de gerações e gerações de sábios, [a literatura sapiencial] forma um bloco ou corpo bem-definido que se distingue, pela forma e pelo conteúdo, do Pentateuco, dos narrativos, dos proféticos e até mesmo dos poéticos”; MURPHY, *The tree of life*, p. 1: “much more important are the typical approach to reality and the specific literary forms that can be found in this literature, setting it off from other biblical books”; William S. Lasor, Hubbard e Bush, *Old Testament Survey*, p. 533: “Since in form, if not always in content, biblical wisdom writings resemble their non-israelite counterparts, it may be well to sketch briefly some main themes and forms of nonbiblical wisdom literature”; BROWN, *Character in crises*, p. 1 e 4: “The wisdom corpus is unique in that its literary forms by and large do not belong to either narrative or law. [...] of all the books and genres of biblical literature, it is wisdom corpus that most explicitly addresses the character and praxis of both the individual and the community.” Posteriormente, BROWN, *Wisdom's Wonder*, p. 2: “Wisdom's literary forms do not conform to the more prevalent forms of historical narrative, law, psalmic poetry, and prophecy. The same goes for its content.”

⁴⁴⁷ SCOTT, *The study of the Wisdom Literature*, p. 29.

de organizar o conhecimento da natureza de maneira enciclopédica (como na onomástica egípcia).

Conteúdo. A sabedoria é apresentada em diferentes níveis: como inteligência e astúcia nativas; como uma habilidade particular adquirida, seja profissional, literária, filosófica ou um conhecimento geral sobre a maneira de viver com satisfação; conhecimento; e compreensão superior acerca das questões da vida e da relação do ser humano com o poder divino.

Após exemplificar as principais noções a respeito do gênero literário sapiencial como forma e conteúdo, neste ponto, é necessário apresentar a abordagem oferecida por James L. Crenshaw, devido à sua popularidade entre os biblistas. Ela pôde ser sugerida especialmente com a publicação de seu estudo introdutório, *Old Testament Wisdom: An Introduction*. Esta obra – assim como suas edições posteriores –, é considerada um dos estudos mais influentes sobre a literatura sapiencial em língua inglesa. Segundo Lyle M. Eslinger⁴⁴⁸, ela “já recebeu aceitação geral como livro-texto para aulas introdutórias aos כתובים”; para Katharine J. Dell⁴⁴⁹, ela permanece como um dos livro-texto essenciais que lidam com a literatura [sapiencial]”, e pode ser considerada como uma produção “magistral [...] para a nossa época”. O aspecto inovador de sua pesquisa é reconhecido pelo próprio autor, que, antes de apresentar uma revisão bibliográfica sobre a sabedoria bíblica, observa que “não existe nenhuma introdução satisfatória atualmente [ao fenômeno sapiencial]”.⁴⁵⁰ Em suma, além de oferecer uma definição à sabedoria bíblica,

seu propósito é demonstrar [...] que a sabedoria em Israel possuía três marcas identitárias básicas: ela possui um *corpus* literário, uma *Weltanschauung* peculiar, e uma tradição única entre as tradições sapienciais abrangentes do Antigo Oriente Médio.⁴⁵¹

No que diz respeito ao gênero literário sapiencial, contudo, James L. Crenshaw parece ainda conferir preferência às sugestões anteriores, ao menos no que diz respeito aos critérios básicos para a sua identificação. Embora não dedique espaço suficiente à apreciação de um

⁴⁴⁸ ESLINGER, Lyle M. Book Review: *Old Testament Wisdom: An introduction*. **Religious Studies and Theology**, v. 6, n. 1, p. 73-75, 1986, p. 73-74.

⁴⁴⁹ DELL, Katharine J. Book Review: *Old Testament Wisdom: An introduction*. **Modern Believing**, v. 53, n. 2, p. 213-214, 2012, p. 213 e 214.

⁴⁵⁰ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 11.

⁴⁵¹ MOORE, Michael S. Book Review: *Old Testament Wisdom: An introduction*. **Restoration Quarterly**, v. 26, n. 3, p. 175-179, 1983, p. 176.

período pré-literário ao gênero sapiencial, Crenshaw⁴⁵² permanece convicto de que ele pode ser definido a partir de sua forma e conteúdo – ou, nas palavras do autor, o “ingrediente misterioso” que une o seu *corpus*. Nos termos de Michael V. Houston⁴⁵³, “Crenshaw insiste que as distinções entre a literatura sapiencial e as outras devem ser mantidas”; o seu gênero literário resulta “de ambas formas literárias sapienciais (por exemplo, provérbio, enigma, instrução) e perspectivas sapienciais distintas (a busca experiencial, pragmática e intuitiva por ordem).” A convicção de que o gênero literário sapiencial pode ser resumido a esses dois fatores, provavelmente, resultou em um consenso básico a respeito da sabedoria bíblica – não apenas aplicado a diversos estudos, mas perpetuado por vários biblistas. Cedo ou tarde, para identificar um texto sapiencial, “o estudante da sabedoria está diante do problema da forma e conteúdo”.⁴⁵⁴ A argumentação central de Crenshaw a esse respeito costuma ser expressa em uma de suas citações mais influentes:

A conclusão alcançada dessa abordagem multifacetada para definir sabedoria é que, em termos de forma, ela é construída de sentenças proverbiais ou instruções, debates e reflexões intelectuais. Tematicamente, a sabedoria inclui instruções que evidenciam a manipulação da vida com o fim do aperfeiçoamento humano, tateando em busca dos segredos da vida, a respeito do sofrimento inocente, digladiando contra a finitude e buscando a verdade oculta na ordem criada e manifesta na personificação da sabedoria. Quando há um casamento entre forma e conteúdo, existe literatura sapiencial. Na ausência dessa unicidade, um dado texto participa na sabedoria bíblica em maior ou menor grau.⁴⁵⁵

Previamente, a fim de sugerir uma abordagem ao gênero literário sapiencial, James L. Crenshaw enfatiza a necessidade de definir a sabedoria bíblica; do contrário, as peculiaridades promovidas por essa categoria passariam despercebidas. Conforme abordado no capítulo 2 deste estudo, grosso modo, Crenshaw⁴⁵⁶ define a sabedoria como “uma abordagem particular da realidade”. Essa definição diz respeito à maneira de uma classe social específica lidar com a religião israelita, a saber, os sábios. Em conformidade como o que costumava-se argumentar nos estudos bíblicos em meados do século XX, o autor compreende que o fato de expressarem

⁴⁵² CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 17.

⁴⁵³ HOUSTON, Michael V. Book Review: *Old Testament Wisdom: An introduction*. *Restoration Quarterly*, v. 27, n. 4, p. 249-251, 1984, p. 249.

⁴⁵⁴ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 18.

⁴⁵⁵ *Ibidem*, p. 19.

⁴⁵⁶ CRENSHAW, *Method in Determining Wisdom Influence upon “Historical Literature”*, p. 130.

um “mundo de pensamento diferente”⁴⁵⁷ deveria servir como argumento para distinguir os sábios das demais tradições em Israel. Nesse sentido, ao invés de estipularem esforços para comunicar assuntos como a aliança davídica ou a legislação mosaica, os sábios procuravam desenvolver “um alto grau de mérito artístico”⁴⁵⁸ como diferencial para a sua autoridade entre os israelitas.

A partir do pressuposto acima, James L. Crenshaw⁴⁵⁹ segue com a seguinte hipótese: “se estamos corretos ao assumir que o sábio constitui uma classe distinta em Israel, pode-se fazer outra suposição: esses sábios utilizavam um modo característico de discurso”. Segundo o autor, as formas literárias sapienciais, identificadas em Jó, Provérbios e Eclesiastes, deveriam abranger uma maneira de comunicação peculiar entre os sábios. Esse gênero discursivo, com efeito, seria uma marca identitária entre os membros dessa classe, e só poderia ser devidamente compreendido em seus próprios termos. De forma sucinta, Crenshaw⁴⁶⁰ sugere que as formas sapienciais podem ser resumidas nas seguintes “categorias literárias”: provérbios, enigmas, alegorias, hinos, diálogos, narrativas autobiográficas, onomásticas e narrativas didáticas (em poesia ou em prosa).⁴⁶¹ Para o autor, tais categorias eram úteis “para auxiliar os outros a compreender a verdade do discurso sapiencial”, em paralelo de autoridade com a lei e a profecia na Bíblia Hebraica.⁴⁶² Por serem aplicados à arte da escrita, os sábios teriam alcançado, por si mesmos, um repertório retórico superior aos demais; o *corpus* literário sapiencial receberia credibilidade por seu mérito artístico e pela sua persuasão discursiva.

Além disso, à semelhança dos autores mencionados anteriormente, James L. Crenshaw sugere que o texto bíblico menciona as características principais expressas na forma discursiva da sabedoria. Essas características são identificadas em Provérbios 1:6, em que o texto “faz alusão a quatro tipos de ensino sapiencial que os estudantes precisam

⁴⁵⁷ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 29.

⁴⁵⁸ *Idem*.

⁴⁵⁹ *Ibidem*, p. 36.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 37.

⁴⁶¹ Além das categorias principais do gênero literário sapiencial, o autor ainda enumera outros ‘tipos menores’ de formas sapienciais: “*Numerical proverbs form a special kind, where several related things are joined together and reinforce a single point. Other minor types include anecdote, autobiographical narrative, allegory, prayer, impossible questions, and the like. The gem in Israel’s wisdom is its disputation or poetic dialogue, in which the harsher realities of life are examined with great sensitivity*” (*Ibid.*, p. 290).

⁴⁶² *Ibidem*, p. 121.

conhecer”⁴⁶³: o provérbio, מִשָּׁל, que para o autor “faz referência a uma similitude ou semelhança básicas, em que um dado fenômeno é colocado em paralelo a outro, iluminando-o de alguma forma significativa”; a parábola, מְלִיצָה, que parece possuir “uma indireta dentro de sua formulação inteligente, e pode, por extensão, se referir a admoestações e advertências”; e o enigma, חֵידָה, que “designa ditos enigmáticos e, talvez, mesmo reflexões extensas sobre o sentido da vida e suas injustiças”.⁴⁶⁴ Ainda assim, à semelhança de Gunkel e outros autores, Crenshaw não confere preferência aos termos para elaborar um gênero literário sapiencial; ele apenas os reconhece como evidência de uma distinção retórica entre os sábios israelitas.

A persuasão da retórica sapiencial, reconhecidamente expressa nas formas citadas acima, segundo Crenshaw, pode ser observada em dois exemplos: Provérbios 6:27-28 e 9:17. Em ambos os casos, os personagens representados procuram utilizar um provérbio no auge de sua argumentação; “quando pretendem tornar seu ponto decisivo, os sábios citam um provérbio; isto é, ele confia no consenso, apelando para o que todos sabem ser verdade”.⁴⁶⁵ Por exemplo, em Provérbios 6:20-35, a figura do pai admoesta a figura do filho contra a prática do adultério. Após dispendir tempo convencendo-o a respeito da validade de seu conselho, o pai expõe um provérbio no verso 27 para validar o discurso anterior:

הִנָּתְהָ אֵשׁ אִישׁ בְּחִיקוֹ וּבְגָדָיו לֹא תִשְׂרָפְנָה:

hāyaḥteh 'ēš b^ehēyqô ûbgādāyw lō' tīśārafnāh

Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? (Pv 6:27)

Ainda assim, de acordo com Crenshaw, o oposto também pode ser discernido no discurso sapiencial. Ao passo que o sábio, na figura do pai conselheiro, utiliza-se de provérbios para convencer o aprendiz do caminho correto, a “mulher-loucura” também constrói sua argumentação a partir dos mesmos artifícios retóricos; “a mulher-loucura aprendeu algo sobre a retórica argumentativa dos sábios. Em todo caso, ela pretende insistir

⁴⁶³ Ibidem, p. 32.

⁴⁶⁴ Idem.

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 21.

com indivíduo irresoluto por meio da citação de um provérbio”.⁴⁶⁶ Em Provérbios 9:17, após esclarecer seu convite ao adultério, a mulher-loucura afirma:

מַיִם-גְּנוּבִים יִמְתָּקוּ וְלֶחֶם סֻתְּרִים יִנְעָם:

mayîm-g^enûbîm yimtāqû walehem s^etārîm yin^e’ām

As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável (Pv 9:17).

À semelhança de Hermann Gunkel, após afirmar a existência de uma forma – ou “categorias literárias” – para o gênero literário sapiencial, James L. Crenshaw propõe uma perspectiva evolutiva ao seu desenvolvimento. O autor sugere que “esses sábios vestiram suas instruções, confirmadas pela experiência, em um vestido reconhecível (provérbio, sentença, debate, instrução)”; contudo, “com o passar do tempo, o estilo dos sábios alterou-se de forma notável. Máximas breves antigas e ditos conferiram espaço às instruções que, por sua vez, são eclipsadas pelo diálogo”.⁴⁶⁷ Para Crenshaw⁴⁶⁸, as formas do gênero sapiencial podem ser distinguidas em pelo menos três fases: 1) em sua primeira manifestação, a sabedoria foi expressa no meio familiar, em que os pais instruíam seus filhos acerca de atividades diárias. Grande parte dos provérbios bíblicos, assim, eram pronunciados de forma oral; 2) em sua segunda manifestação, a sabedoria foi expressa na corte real, conforme pode ser averiguado nas fontes egípcias, e transcrita à sua forma literária; 3) a última manifestação da sabedoria, finalmente, ocorreu no contexto educacional, quando as escolas surgiam em Israel pela primeira vez. As obras sapienciais, nesse sentido, foram utilizadas como livro-texto entre os alunos. Em suma,

Três estágios distintos parecem prováveis: clã, corte e sabedoria escriba [...] Muito embora os provérbios canônicos provavelmente sejam oriundos do primeiro entre os três, uma análise definitiva sobre a sabedoria no clã está em falta.⁴⁶⁹

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 22.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 18.

⁴⁶⁸ CRENSHAW, *Old Testament Story and Faith*, p. 289-290.

⁴⁶⁹ CRENSHAW, *The Wisdom Literature*, p. 372.

Em paralelo à coerência formal, James L. Crenshaw⁴⁷⁰, como mencionado acima, também sugere a existência de uma “coerência temática extraordinária”. O autor afirma que os sábios, em suas diferentes obras, costumam abordar as mesmas problemáticas e, não obstante, comumente oferecer soluções criativas a cada uma delas. Eles procuram alertar seus aprendizes a respeito “dos perigos do adultério, dos riscos da língua, das mazelas da bebida forte, do enigma do sofrimento imerecido, das injustiças da vida ou da finalidade da morte”.⁴⁷¹ Se a sabedoria, segundo o autor, representa uma abordagem peculiar da realidade, ela consiste em reconhecer a ação correta para um momento determinado. Visto que diversificadas situações exigem respostas distintas, os sábios dedicarão fôlego às discussões cotidianas a respeito de relações familiares, sexuais, éticas, políticas etc. A vastidão de tais reflexões, de acordo com Crenshaw⁴⁷², “nos legaram um código de conduta abrangente, do qual nunca se cansavam de promover de todas as maneiras possíveis”.

Neste ponto, James L. Crenshaw esclarece que a ética – ou o “código de conduta” – promulgada pelos sábios apresentava aspectos pragmáticos e religiosos. Essa realidade era comum em todo o contexto da tradição sapiencial encontrada no Antigo Oriente Médio. O pragmatismo representa “o ingrediente singular da ética sapiencial”.⁴⁷³ Assim, pode-se considerar que, da perspectiva do autor, o gênero literário sapiencial, em termos de conteúdo, apresentará, *a priori*, preocupações éticas e pragmáticas sobre os diversos aspectos do cotidiano. Essa característica representa o seu diferencial, em contraste aos demais discursos expressos na Bíblia Hebraica. Contudo, Crenshaw⁴⁷⁴ faz questão de pontuar que “nada [na ética sapiencial] é exclusivamente sabedoria”. Em outros termos, embora essa perspectiva ocorra com mais frequência nos textos sapienciais, elas, na verdade, são comuns na Bíblia Hebraica. O diferencial mencionado por Crenshaw diz respeito à ética que “os sábios adaptaram aos seus próprios propósitos”.⁴⁷⁵

De acordo com James L. Crenshaw, os propósitos éticos particulares do gênero literário sapiencial podem ser integralmente identificados em Jó 31 – texto que o autor seleciona como paradigmático para definir a sabedoria bíblica. Em suas palavras, o capítulo 31 representa “a passagem mais problemática e altamente informativa no *corpus* da literatura

⁴⁷⁰ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 18.

⁴⁷¹ Idem.

⁴⁷² Ibidem, p. 22.

⁴⁷³ CRENSHAW, *The Wisdom Literature*, p. 373.

⁴⁷⁴ CRENSHAW, *Old Testament Wisdom*, p. 24.

⁴⁷⁵ Ibidem, p. 39.

sapiencial” a respeito de seu gênero.⁴⁷⁶ Em termos de forma, Jó 31 assemelha-se às execrações egípcias, em que um indivíduo pronunciava maldições contra si mesmo caso tivesse praticado alguma perversidade (ver Apêndice A). Por conseguinte, “eles enumeravam todas as ofensas concebíveis [a seu respeito] e juravam inocência em relação a elas, sob a pena de terríveis consequências”.⁴⁷⁷ Para Crenshaw, o mesmo discurso pode ser discernido em Jó 31. Neste capítulo, o protagonista passa a declarar sua inocência, exemplificada a partir dos seguintes versos:

אִם-הִלַּכְתִּי עִם-נָשׁוֹא וַתַּחַשׁ עַל-מִרְמָה רַגְלִי: [...]
 אִם-נִפְתָּה לִּבִּי עַל-אִשָּׁה וְעַל-פֶּתַח רַעִי אֶרְבֹּתִי: [...]
 אִם-אָמַאס מִשְׁפָּט עֲבָדִי וְאִמָּתִי בְּרֹבָם עָמְדִי: [...]
 אִם-אָמְנַע מִחֶפֶץ דָּלִים וְעֵינַי אֶלמָנָה אֶכְלֶה:

'im-hālak^ety 'im-šāw^e wataḥaš 'al-mir^emāh rag^elî [...]
'im-niṣ^etā libî 'al- 'išāh w^e 'al-petaḥ rē'î 'ārāb^etî [...]
'im- 'ema 's miš^epaṭ 'ab^edî wa 'āmāṭî b^eriḇām 'imādî [...]
'im- 'em^ena ' meḥefeš ḏalîm w^e 'ēynēy 'al^emānāh 'ākaleh

Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano [...] Se o meu coração se deixou seduzir por causa de mulher, se andei à espreita à porta do meu próximo [...] Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva, quando eles contendiam comigo [...] Se retive o que os pobres desejavam ou fiz desfalecer os olhos da viúva (Jó 31:5, 9, 13 e 16).

Segundo Crenshaw, ao considerar-se inocente, Jó, de maneira inevitável, passa a descrever de forma poética o seu entendimento a respeito do צַדִּיק (*sāddîq*, o “justo”, “reto”). Basicamente, “isso é o que ele [Jó] acha que significa ser bom”; ao passo que enumera diversificados vícios e virtudes, o resultado de seu discurso “constitui um código de ética”.⁴⁷⁸ Dessa maneira, por comunicar uma lista de comportamentos, bons e ruins, e, ao mesmo tempo, reclamar sua condição de justiça, Jó estaria expressando a temática central do gênero literário sapiencial. Além disso, a “ética sapiencial”, que segundo Crenshaw é distinta dos outros discursos éticos da Bíblia Hebraica, pode ser notado por meio de uma “descoberta surpreendente”⁴⁷⁹: “[a ética sapiencial] é a convicção de que homens e mulheres possuem os

⁴⁷⁶ Ibidem, p. 14.

⁴⁷⁷ Ibidem, p. 15.

⁴⁷⁸ Idem.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 24.

meios para assegurar o seu bem-estar”. Em outras palavras, eles não dependem da assistência divina; ela é “o reconhecimento de que a virtude é a sua própria recompensa”.⁴⁸⁰ No contexto do capítulo 31, Jó possuiria, neste caso, o direito de reclamar sua retidão após especificar seus atos de justiça, independentemente da vontade divina. Para Crenshaw⁴⁸¹, essa perspectiva é exclusiva da sabedoria bíblica; “ela aparece em textos raros fora do *corpus sapiencial*”.

Em suma, até então, os estudos acadêmicos direcionados ao gênero literário sapiencial parecem ter agregado mais informações e, com o tempo, solidificado os pressupostos sugeridos. Em primeira instância, o aspecto filosófico, ou reflexivo, da sabedoria bíblica é mantido, assim como sua representação literária por meio do *לְחֵן*. Este, por sua vez, embora encontre sua expressão nos provérbios e nas admoestações, é utilizado como termo técnico para todas as formas associadas ao gênero literário sapiencial (como o enigma, a fábula, a parábola, o diálogo etc.); além disso, ele é citado como arcabouço para os variados elementos composicionais da poesia hebraica, como prova da existência de uma “poesia sapiencial”. Como expressão literária de uma classe social específica, o gênero literário sapiencial é definido, especificamente, por meio da união entre *forma* e *conteúdo*. Essa noção é formulada com mais precisão por Crenshaw que, além de propor um estudo abrangente a esse respeito, pôde formular uma série de argumentos para perpetuá-la.

3.1.4 Subgêneros Sapienciais: Formas e Contextos para a Sabedoria Bíblica

Concomitantemente à concretização do gênero literário sapiencial como forma e conteúdo, o século XX também apresentou uma reação discordante. Ao que tudo indica, os autores que costumavam afirmar a existência de um gênero literário específico à sabedoria bíblica argumentavam sem muita consideração ou cautela às terminologias utilizadas. Em diversas ocasiões, no que diz respeito à sabedoria, “gênero literário” torna-se uma associação imediata à “forma literária”;⁴⁸² em outras ocasiões mais raras, esse termo estará relacionado aos “temas literários”, ambos ocorrendo de maneira exclusiva.⁴⁸³ Em outras palavras, embora Hermann Gunkel se utilizasse de uma expressão particular para o conceito de gênero literário

⁴⁸⁰ Idem.

⁴⁸¹ Idem.

⁴⁸² Cf. FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*; PERDUE, *Scribes, Sages, and Seers*; CERESKO, *Introduction to Old Testament Wisdom*.

⁴⁸³ Cf. LÉVÊQUE, J. O ensinamento dos Sábios (Jó – Os Provérbios). In: MONLOUBOU, L.; LÉVÊQUE, J.; PRÉVOST, P.; GRELOT, P.; AUNEAU, J.; GILBERT, P.-M; SAULNIER, Ch. (Orgs.). *Os Salmos e os outros Escritos*. São Paulo: Paulus, 1996.

(*Gattung*), esse costume não parece ter sido perpetuado pelos estudiosos da Bíblia Hebraica, ao menos em consideração ao gênero literário sapiencial.

Em termos gerais, a sabedoria bíblica era compreendida, à semelhança do que ocorria no Antigo Oriente Médio, como um gênero literário particular e abrangente. Nas palavras de J. Coert Rylaarsdam⁴⁸⁴, por exemplo: “que os hebreus estavam familiarizados com materiais e atividades sapienciais além de seu território é abundantemente claro a partir dos seus escritos”. Evidentemente, “eles [os escritos] sugerem que sua sabedoria é do mesmo gênero”. Por outro lado, a sabedoria poderia, similarmente, estar composta de um agregado de gêneros literários distintos. Nos termos de James K. West⁴⁸⁵: “para ter certeza, existem outros métodos para classificar essas obras [literatura sapiencial], mas nenhuma combinação exclusiva poderá conferir justiça aos seus gêneros literários mistos”. Os “gêneros literários mistos”, citados por West, correspondem as “*duas formas* diferentes [da sabedoria], uma prática e utilitária, a outra especulativa, crítica e, às vezes, pessimista”.⁴⁸⁶ Embora possam ser citados outros exemplos, ambos os mencionados acima são suficientes para evidenciar a falta de precisão no uso do termo “gênero literário”, assim como a preferência pela “forma literária” como seu representante. Naturalmente, se gênero é análogo à forma – e esta última pode variar consideravelmente na literatura sapiencial – os “gêneros literários” da sabedoria bíblica serão tão vastos quanto as formas que costumava agregar nos estudos bíblicos.

Um outro exemplo – é importante mencioná-lo rapidamente – corresponde à associação do gênero literário sapiencial às expressões hebraicas presentes em Provérbios 1:6. De acordo como H.-P. Müller⁴⁸⁷, o verso em questão apresenta quatro gêneros literários distintos na literatura sapiencial: מִשָּׁל, “provérbio”; מְלִיצָה, “provocação”; דְּבָרֵי חָכְמִים, “palavras de sabedoria”; e חֵידָה, “enigmas”. Mesmo que para o autor “os termos [sejam] usados mais para expressar a total confiança dos locutores do que transmitir precisão terminológica”, eles são mencionados em seu estudo como “gêneros literários”,⁴⁸⁸ isto é, de maneira distinta às aplicações usualmente utilizadas nos estudos bíblicos.

A noção de que um gênero, na verdade, corresponde exclusivamente à sua forma literária conduzirá alguns biblistas à crítica das considerações de James L. Crenshaw e seus

⁴⁸⁴ RYLAARSDAM, *Revelation in Jewish Wisdom Literature*, p. 6.

⁴⁸⁵ WEST, *Introduction to the Old Testament*, p. 381.

⁴⁸⁶ Idem.

⁴⁸⁷ MÜLLER, חֵידָה *chākhām*; מְלִיצָה *chākhām*; חֻכְמָה *chokhmāh*; חֻכְמוֹת *chokmōth*.

⁴⁸⁸ Cf. SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Sinodal, 2002.

predecessores,⁴⁸⁹ principalmente no que diz respeito à rigidez e exclusividade de suas definições para o gênero literário sapiencial. Esse fenômeno nos estudos orientados à sabedoria bíblica deve ter resultado na famigerada afirmação de que a literatura sapiencial não possuía um único gênero literário (isto é, uma “forma literária” exclusiva) que a distinguisse dos demais *corpora* da Bíblia Hebraica. Na verdade, ela deveria compor uma variedade deles, utilizada em prol dos propósitos sapienciais. Nas palavras de Roger N. Whybray⁴⁹⁰, por exemplo, “os estudos da crítica da forma enfatizam que esses livros [o *corpus* sapiencial] não constituem um gênero literário distinto: ao contrário, cada um abrange uma quantidade de gêneros diferentes”. Para o autor, eles ocorrerão em outros *corpora* da Bíblia Hebraica, a exemplo do lamento, da disputa, do hino e da narrativa – assim como os próprios temas sapienciais. Para Raymond Van Leeuwen⁴⁹¹, os livros sapienciais “empregam uma variedade ampla de sub-gêneros, tais como instrução (autobiográfica), oração, hino, admoestação e provérbio”. Essa perspectiva, segundo o autor, deve conduzir os estudiosos à noção de que “a sabedoria não é concretizada por um gênero, mas ocorre em todas as áreas da vida, e em vários gêneros literários. Os gêneros sapienciais não representam a mesma sabedoria *per se*.”

Um exemplo mais específico é oferecido por Richard J. Clifford⁴⁹². Para o autor, a literatura sapiencial pode ser abordada como uma “categoria” que abrange os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes (além de alguns apócrifos e salmos). Ademais, Clifford assevera que a literatura sapiencial agrega “vários gêneros”, ou seja, ela é incapaz de corresponder um único deles – no caso, ela agregaria diversas formas literárias, entendidas como gêneros literários pelo autor. Como categoria, literatura sapiencial significa: “aprender a responder à realidade, agir de maneira sábia, fazer aquilo que traga felicidade e sucesso a eles [os sábios] e aos outros”.⁴⁹³ A partir dessa perspectiva, Clifford passa a exemplificar brevemente os gêneros literários expressos por meio da sabedoria bíblica:

A literatura sobre a busca moderna por sabedoria possui uma variedade de gêneros. Um dos mais comuns é a biografia e autobiografia, que ensina como um homem ou uma mulher superaram as dificuldades da vida ou alcançaram um nível de percepção inovador. Outro gênero é o conselho, seja

⁴⁸⁹ Cf. MORGAN, **Wisdom in the Old Testament traditions**; GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre; MURPHY, Roland E. From Criticism and Wisdom Literature. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 31, n. 4, p. 475-483, 1969a.

⁴⁹⁰ WHYBRAY, Wisdom Literature, p. 729.

⁴⁹¹ VAN LEEUWEN, Wisdom Literature, p. 848.

⁴⁹² CLIFFORD, **The Wisdom Literature**.

⁴⁹³ Ibidem, p. 20.

para o sucesso nos negócios, administração do lar, ou simplesmente para ser uma boa pessoa. Ainda outro gênero é a coleção, ou antologia, seja composta por provérbios, citações ou anedotas. Esses três gêneros podem ser encontrados apenas na “literatura sapiencial” dos dias de hoje.⁴⁹⁴

O auge dessa crítica, provavelmente, pode ser representado pelas considerações de Roland E. Murphy. Ao comentar a respeito do método aplicado aos textos bíblicos do *Interpreter's Handbook of the Old Testament Form Criticism*, e às terminologias sugeridas pelos estudiosos envolvidos, Murphy⁴⁹⁵ alega que a “definição abstrata de um gênero é ligeiramente irreal, porque ela não lida com um texto específico”; além disso, o autor acrescenta que “nenhuma definição pode abranger todas as nuances associadas a um dado gênero.” Na ocasião, Murphy sugere que, para a elaboração do *Interpreter's Handbook of the Old Testament Form Criticism*, os editores se utilizem de descrições curtas aos gêneros, apenas a fim de estabelecer uma base comum para o desenvolvimento do estudo pretendido.⁴⁹⁶

A sugestão de Murphy reflete a noção, defendida pelo autor, de que “problemáticas falsas são levantadas por uma elaboração rígida para os gêneros”.⁴⁹⁷ Portanto, se existe a necessidade de classificar a literatura sapiencial a partir de um gênero literário único, para o estudo em conjunto, deve-se estabelecer a existência de “gêneros sapienciais básicos”, isto é, formas mais proeminentes de expressão. No que diz respeito à sabedoria bíblica, “o provérbio é a sentença que normalmente se expressa de forma indicativa, usualmente baseado na experiência”.⁴⁹⁸ Essa definição básica ao gênero literário, com efeito, deverá conferir espaço a outras formas literárias legítimas de expressão sapiencial, ou seja, ela “deverá admitir a fluidez de um gênero específico”.⁴⁹⁹ Sobre Jó, por exemplo, Murphy admite “que eles [os discursos de Jó] também incorporaram outros gêneros”; sobre Eclesiastes, sua “forma literária é difícil de identificar. Os diversos provérbios no livro são óbvios [...] Sobre o restante, o autor parece utilizar-se de reflexões”.⁵⁰⁰ Assim, as possíveis variações evidenciadas no arcabolo da sabedoria bíblica, segundo o autor, são sub-gêneros, e devem ser atribuídas a

⁴⁹⁴ Ibidem, p. 19.

⁴⁹⁵ MURPHY, From Criticism and Wisdom Literature, p. 476.

⁴⁹⁶ Cf. MURPHY, Roland E. **Jó e Salmos: encontro e confronto com Deus**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

⁴⁹⁷ MURPHY, **Wisdom Literature**, p. 3.

⁴⁹⁸ Ibidem, p. 4.

⁴⁹⁹ MURPHY, From Criticism and Wisdom Literature, p. 476.

⁵⁰⁰ MURPHY, **Wisdom in the Old Testament**, p. 921.

fatores psicológicos que desempenhavam funções diferenciadas na elaboração de um texto, dependendo do propósito idealizado.

Ao fazer referência à composição de um gênero literário, no entanto, é importante observar que Roland E. Murphy parece compreendê-lo a partir de sua forma literária. Quando explica as características estruturais de um “hino”, por exemplo, o autor comenta que, entre suas variações, “merece menção especial a classificação secundária, baseada mais no *conteúdo* do que no *gênero*”,⁵⁰¹ em outra ocasião, ao mencionar os “salmos régios”, o autor compreende que “essa designação [régios] provém do *conteúdo* e não da *estrutura*”.⁵⁰² Nestes casos, Murphy sugere que a forma/estrutura (gênero literário) de um hino permanece inalterada, ao passo que seu conteúdo pode variar, a depender do tema abordado. Dessa perspectiva, com efeito, se existe uma maneira de reconhecer a existência de um gênero literário sapiencial específico, ele deve ser identificado especialmente por sua forma de composição; em seus termos, “muito mais importante [para a identificação da sabedoria bíblica] são sua típica abordagem à realidade e suas formas literárias específicas, que podem ser evidenciadas nessa literatura à parte dos outros livros bíblicos”.⁵⁰³ Por “formas literárias”, o autor compreende a utilização de sub-gêneros que, embora estejam sob a guarnição de um gênero literário abrangente, correspondem a formas mais específicas dentro desse espectro composicional. Com reservas,⁵⁰⁴ em termos gerais, o autor admite que um “poema de sabedoria” poderá ser reconhecido a partir das seguintes características composicionais:

a) contraste entre justo e mau; b) advertência quanto ao comportamento; c) temor do Senhor; d) presença de comparações e admoestações; e) sequência alfabética dos versículos (acrósticos); f) expressões “melhores”; g) o dirigir-se ao “filho”; h) fórmula de “bênção” [...] Tais são os traços característicos da literatura de sabedoria.⁵⁰⁵

Em termos estilísticos,

⁵⁰¹ MURPHY, **Jó e Salmos**, p. 14, itálicos acrescentados.

⁵⁰² Ibidem, p. 29, itálicos acrescentados.

⁵⁰³ MURPHY, **The tree of life**, p. 1.

⁵⁰⁴ Para o autor, “existe uma diferença considerável de opinião sobre o fato de poder ou não considerar essa classificação [salmos sapienciais] como viável” (MURPHY, **Jó e Salmos**, p. 21; em outra ocasião, “*most would agree that one can speak of few ‘wisdom psalms’, but there is considerable uncertainty about the degree of wisdom ‘influence’ on the other books*” (MURPHY, **The Tree of Life**, p. 1).

⁵⁰⁵ MURPHY, **Jó e Salmos**, p. 20.

O discurso é assertivo, aparentemente autoexplicativo, e diz algo com o intuito de expressar um *a priori*; ele é frequentemente paradoxal; é breve e conciso; existem constantes jogos de palavras; a comparação é uma característica básica.⁵⁰⁶

Ao contrário de outros estudiosos, Murphy⁵⁰⁷ observa que “o hebraico *māšāl*, comumente traduzido como ‘provérbio’, é muito genérico para fornecer informações sobre os provérbios sapienciais”. Além de considerar a etimologia do termo incerta, o autor argumenta que o מִשָּׁל pode estar associado a significações abrangentes demais para representar um gênero literário. Para o autor, em primeira instância, o gênero literário sapiencial deveria ser identificado pela pretensão estética idealizada por seus compositores, conforme mencionado no texto bíblico (cf. Pv 16:21; 16:24; Ec 12:10) – em que o autor confere preferência à utilização do paralelismo e da paranomasia. A “arte literária” evidenciada na sabedoria bíblica, para Murphy, deve ser tomada como distintiva entre as demais da Bíblia Hebraica; os sábios, em suas palavras, “possuíam certo talento para a arte literária [...] eles tinham em mente a estética das palavras, não um conteúdo que pudesse satisfazer o desejo de todos”.⁵⁰⁸ Um exemplo característico para a distinção estética do gênero literário sapiencial, para o autor, pode ser evidenciado pela aliteração e assonância do seguinte provérbio:

בָּא-זָדוֹן וַיִּבֹא קָלֹן

bā'-zāḏôn wayyābô' qālôn

Em vindo a soberba, sobrevém a desonra (Pv 11:2a).

Em suas considerações preliminares, Roland E. Murphy reage aos pressupostos sugeridos por Hermann Gunkel e James L. Crenshaw. No que diz respeito ao aspecto formal do gênero literário sapiencial, por exemplo, Murphy⁵⁰⁹ observa que “existe o pressuposto de que um provérbio possuía, originalmente, uma linha, que expandiu-se por meio do paralelismo.” Contudo, o autor menciona essa hipótese apenas para discordar dela: “devemos notar aqui que essa suposição não possui fundamento nenhum”.⁵¹⁰ Ele argumenta que um

⁵⁰⁶ MURPHY, *Wisdom in the Old Testament*, p. 921.

⁵⁰⁷ MURPHY, *The tree of life*, p. 7; Cf. *Wisdom in the Old Testament*, p. 921.

⁵⁰⁸ MURPHY, *The tree of life*, p. 6.

⁵⁰⁹ MURPHY, *From Criticism and Wisdom Literature*, p. 477-478.

⁵¹⁰ *Ibidem*, p. 478; Cf. MURPHY, *The tree of life*, p. 4.

provérbio curto representa um *incipit* para a articulação de outros mais complexos. Nesse sentido, Murphy compreende que o caráter “popular” de um provérbio não diz respeito à sua origem, mas à sua utilização; “mesmo entre as coleções mais antigas em Provérbios (10–29) não se pode encontrar provérbios que possuíam necessariamente uma origem popular”.⁵¹¹ Não é possível, assim, a partir do texto, determinar a origem ou a idade das composições proverbiais em decorrência de sua extensão; pode-se apenas elucidar o propósito diferenciado de determinada elaboração, a depender do conteúdo exposto.

Em termos gerais, sobre a forma literária da sabedoria bíblica, Roland E. Murphy⁵¹² sugere: “os dois gêneros literários mais frequentes na literatura sapiencial são o provérbio [*Spruch*] e a admoestação [*Mahnspruch*] [...] usualmente formulados em paralelismos de duas linhas”.⁵¹³ De acordo com suas fontes, o autor alega que essa divisão já havia sido sugerida por W. Richter⁵¹⁴ e E. Gerstenberger⁵¹⁵. Com isso, reconhece a existência de um gênero literário mais amplo, o sapiencial, e outros sub-gêneros, especialmente identificados por suas peculiaridades formais. O provérbio, grosso modo, deve registrar uma observação acerca da realidade; “em si mesmos, eles não vão além de caracterizar o ‘modo de ser’”;⁵¹⁶ “nos livros sapienciais, o provérbio é usualmente formulado em um paralelismo de duas linhas”.⁵¹⁷ A esse respeito, o autor menciona o seguinte exemplo:

הוֹן עֲשִׂיר קִרְיָת עֲזוֹ מְחַתֶּת דָּלִים רֵישָׁם:

hôn ‘āšîr qir’yî ‘uzzô mēḥitat̄ dalîm rēyšām

Os bens do rico são a sua cidade forte; a pobreza dos pobres é a sua ruína (Pv 10:15).

⁵¹¹ MURPHY, *From Criticism and Wisdom Literature*, p. 478.

⁵¹² MURPHY, *The tree of life*, p. 7, itálicos acrescentados.

⁵¹³ Cf. MURPHY, *Wisdom Literature*; *From Criticism and Wisdom Literature*; Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research. Neste ponto, é importante observar que o autor, além de considerar dois gêneros específicos para a literatura sapiencial, reconhece a existência de “a range of expressions” (MURPHY, *The Tree of Life*, p. 9) que devem ser consideradas, como, por exemplo: “the ‘good’ saying”, “the ‘better’ saying”, “the numerical saying”, “the ‘abomination’ saying”, “the ‘blessed’ saying”, e “the a fortiori saying”.

⁵¹⁴ RICHTER, W. *Recht und Ethos*. Munich: Kösel-Verlag, 1966.

⁵¹⁵ GERSTENBERGER, E. *Wesen und Herkunft des “apodiktischen Rechts”*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, [1961] 1966.

⁵¹⁶ MURPHY, *From Criticism and Wisdom Literature*, p. 479.

⁵¹⁷ MURPHY, *The tree of life*, p. 7.

Por outro lado, o “provérbio didático” não se restringirá apenas ao “modo de ser” de determinada ocorrência; ele será usualmente elaborado com o fim de ser aplicado a objetivos pedagógicos. Nos termos de Murphy⁵¹⁸, “se um provérbio vai além de uma simples afirmação, e caracteriza certa ação ou atitude de maneira a induzir à conduta, ele é um provérbio didático”. O elemento didático poderá ser evidenciado no provérbio abaixo, cuja temática é análoga à do anterior:

עֲשֶׂהוּ כְּכֹדוֹ חֲנֹן אֲבִיוֹן:

’ōšēq-dāl ḥērēf ’ōšēhû ûm^ekabdô ḥōnēn ’eb^eyôn

O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado (Pv 14:31).

Em último caso, o gênero literário sapiencial também poderá ser identificado por suas admoestações, que, nos termos de Murphy⁵¹⁹, “podem ser positivas ou negativas”, e ocorrem “comumente na forma de imperativo, ou estado volativo”. Ao contrário do provérbio, a “ordem direta [de uma admoestação] pode tornar explícito o que é realizado apenas de maneira indireta em um dito didático”. A admoestação negativa – a proibição –, por exemplo, pode ser expressa em diversificados níveis enfáticos, em que cláusulas motrizes podem ser acrescentadas, como em Provérbios 22:22-23:

אַל-תִּגְזֹל-דָּל כִּי יָלְ-הוּא וְאַל-תִּדְכָּא עָנִי בְשָׁעָר:
כִּי-יִהְיֶה יָרִיב רֵיבָם וְקָבַע אֶת-קִבְעֵיהֶם נָפֶשׁ:

*’al-tig^ezāl-dāl kî ḏal-hû’ w^e’al-t^edakē’ ’ānî ḥaššā’ar
kî-YHWH yārîḇ rîḇām w^eqāḇa’ ’et-qōḇ^e’eyhem nāfeš*

Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito, porque o Senhor defenderá a causa deles e tirará a vida aos que os despojam (Pv 22:22-23).

Finalmente, ainda em reação à abordagem de Gunkel e Crenshaw, Roland E. Murphy alega que as nuances de significados evidenciadas em cada provérbio não dependerão de um *Sitz im Leben* específico. Todas elas serão reconhecíveis no contexto que o autor denomina

⁵¹⁸ MURPHY, From Criticism and Wisdom Literature, p. 479.

⁵¹⁹ MURPHY, Wisdom in the Old Testament, p. 8.

como a “situação de ensino”.⁵²⁰ Para Murphy, o estudioso será confrontado com diversificadas situações problemáticas, cuja singularidade exigirá a aplicação de uma admoestação apropriada. Essa admoestação, contudo, poderá ser empregada a uma variedade de ocasiões da experiência humana, independentemente de sua época. Em suas palavras, “de acordo com tais profissionais [biblistas] da crítica da forma, como Hermann Gunkel, existe uma correspondência entre o contexto social e a forma”; contudo “a audiência não precisa estar em uma situação particular que exija um provérbio específico. Pode ocorrer de um provérbio ser considerado como pertinente à condição humana em geral”.⁵²¹ Um provérbio, dessa perspectiva, possui diversos *Sitz im Leben*; ele pode ter sido elaborado em um contexto específico e, com o passar dos anos, aplicado a outros sem sofrer alterações. Concluindo, “a literatura sapiencial evidencia uma certa indiferença à associação específica entre a forma e o contexto social”;⁵²² ambas seriam relacionadas apenas de maneira vaga.

Neste contexto, o gênero literário sapiencial passa a corresponder, de maneira mais ou menos primordial, o seu aspecto formal; com efeito, se existe uma relação fundamental entre gênero literário e forma literária, a literatura sapiencial se expressará por meio de vários gêneros, tais como o provérbio, a parábola, o enigma etc. Essa preferência deve ter ocorrido em virtude da falta de precisão utilizada para o termo escolhido pelos biblistas ao definirem gênero e forma, confundindo-os. Não seria possível, neste sentido, a sugestão de um gênero sapiencial abrangente, mas apenas o reconhecimento das formas que o correspondem com mais constância. A esse conceito, Roland E. Murphy acresce a noção de que os provérbios, ao contrário do que sugeriu Hermann Gunkel, não devem ser datados a depender da extensão de sua forma. O *Sitz im Leben* da literatura sapiencial não estaria restrito a um período, mas a uma ocasião específica, a saber, a didática. Como consequência imediata de seu argumento, o gênero literário sapiencial não deve ser reconhecido, ou legitimado, puramente a partir de seu contexto social; ambos, contexto legítimo e forma legítima não existem, apenas formas variadas que emergiam de uma situação peculiar.

3.1.5 Teorias Literárias: Novas Abordagens ao Gênero Literário Sapiencial

⁵²⁰ MURPHY, From Criticism and Wisdom Literature, p. 481; Cf. MURPHY, **Wisdom Literature**, p. 6-7.

⁵²¹ Idem.

⁵²² Ibidem, p. 482.

Com a introdução do século XXI, algumas discussões para a formulação de um gênero literário sapiencial foram iniciadas; isto, é claro, sem eclipsar o protagonismo de outras abordagens semelhantes no século anterior. Ainda assim, é possível afirmar que, durante este período, o gênero literário sapiencial passou a ser revisitado desde sua formulação teórica. Deve-se reconhecer, entretanto, que em virtude da contemporaneidade dessa perspectiva nos estudos bíblicos é possível apenas refletir a discussão em sua fase embrionária. Em outras palavras, os métodos elaborados neste período serão apresentados como sugestões passíveis de aplicação posterior ao gênero literário sapiencial. Infelizmente, até o presente momento, não existe um estudo abrangente sobre o assunto capaz de oferecer uma metodologia de útil aplicação ao texto bíblico à luz das perspectivas mais recentes.⁵²³

O diferencial evidente nos estudos contemporâneos sobre o gênero literário sapiencial, *a priori*, deve-se ao esforço dos biblistas em compreender o seu conceito a partir dos estudos literários.⁵²⁴ Nos termos de Simon Cheung⁵²⁵, alguns biblistas “têm em conta o valor da aprendizagem adquirida dos teóricos de gênero a fim de aprimorar [sua] apreciação acerca dos aspectos literários da Bíblia”. O aprofundamento teórico sobre os gêneros literários conduziu as abordagens mais recentes à duas iniciativas preliminares: 1) em primeiro lugar, as abordagens anteriores são reavaliadas à luz das elaborações teóricas mais recentes, ora conferindo legitimidade a algumas colocações, ora desconsiderando a validade de outras; 2) em segundo lugar, outras abordagens teóricas são assumidas como possibilidade à leitura do gênero literário sapiencial. Embora algumas sejam preferíveis, nenhuma delas alcançou um consenso de predileção no que diz respeito à sabedoria bíblica.

Uma primeira reação crítica, por exemplo, é expressa especialmente à utilização do gênero literário sapiencial como *Gattung*, um conceito de classificação pura, em conformidade com as elaborações de Hermann Gunkel. Carol A. Newson⁵²⁶ chega a alegar que, “embora Gunkel estivesse em contato com diversas disciplinas [...], elas diziam respeito à natureza dos gêneros, ele aparentemente não lia teoria literária”. Por conseguinte, ao aprofundamento em teorias literárias a respeito dos gêneros, descarta-se a necessidade de

⁵²³ Ver KYNES, The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary, p. 18.

⁵²⁴ Cf. LONGMAN III, Tremper. Form Criticism, Recent Developments in Genre Theory, and the Evangelical; NEWSON, Carol A. Spying Out the Land: A Report from Genology. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007; Pairing Research Questions and Theories of Genre: A Case Study of Hadayot. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, p. 270-288, 2010.

⁵²⁵ CHEUNG, Simon Chi-Chung. **Wisdom Intoned: A Reappraisal of Classifying Wisdom Psalms**. London: Bloomsbury, 2015, p. 17.

⁵²⁶ NEWSON, Spying Out the Land: A Report from Genology, p. 19.

apreciá-los a partir de características rígidas, monolíticas, em que a sabedoria bíblica é apresentada de um pressuposto essencialista. Para Stuart Weeks⁵²⁷, por exemplo, o próprio termo “forma”, neste contexto, era aplicado a partir de conceituações platônicas: “formas são o ideal refletido nos membros de cada *Gattung* – ou então a essência do *Gattung* – que deve ser abstraído de tais membros.” Neste caso, os biblistas estariam à procura de uma estrutura formal imaginária para o gênero literário sapiencial, e, com efeito, deduzindo-a no texto bíblico. Para Simon Cheung⁵²⁸, os gêneros literários “não possuem limites rígidos e impermeáveis”; na verdade, “essa abordagem essencialista, em teoria, afirma a pureza de gênero como o mais importante, embora esse tipo de pureza, na prática, não precise ser esperada”.⁵²⁹

As críticas, por outro lado, passam a apreciar aspectos mais específicos para a formulação de um gênero literário sapiencial. Stuart Weeks⁵³⁰, por sua vez, assevera que uma abordagem rígida ao gênero literário sapiencial é uma dificuldade particular dos biblistas e não dos estudiosos da literatura. Para o autor, essa classificação diz respeito mais às concepções elaboradas sobre o assunto nos estudos bíblicos do que a seus aspectos factuais. Nos termos de Weeks⁵³¹, os “textos não se enquadram facilmente em categorias únicas, monolíticas [...] é difícil falar sobre os gêneros *tout simple*.” E acrescenta: “textos, muito frequentemente, envolvem o uso de mais de uma única convenção de gênero.” Ainda que os gêneros literários sejam aplicados aos textos bíblicos em termos de classificação, paralelamente, seria preferível que fossem identificados em termos de *composição*; ou seja, que os seus autores estivessem cientes das convenções de gênero úteis para comunicar uma mensagem. Um gênero literário deve, a princípio, especificar o aspecto comunicacional de um enunciado, em vez de apenas distingui-lo entre os demais na Bíblia Hebraica.

Em termos gerais, Stuart Weeks argumenta que a confusão corrente acerca do gênero literário sapiencial se deve à sua associação imediata à crítica da forma.⁵³² Para o autor, os biblistas “aceitam o uso de conceitos e vocabulários [deste método] em ocasiões em que

⁵²⁷ WEEKS, Stuart. *The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34. Biblical Interpretation and Method: Essays in Honour of John Barton*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 3.

⁵²⁸ CHEUNG, *Wisdom Intoned*, p. 17.

⁵²⁹ *Ibidem*, p. 16.

⁵³⁰ WEEKS, *Is “Wisdom Literature” a Useful Category?; Wisdom Form and Genre*.

⁵³¹ WEEKS, *Wisdom Form and Genre*, p. 161-162.

⁵³² WEEKS, *The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34; Wisdom Form and Genre*.

outros estudiosos falam sobre gênero”.⁵³³ O objetivo de tal método, contudo, é recriar ambientes sócio-históricos a partir da tradição oral, e não necessariamente abordar o texto bíblico a partir do seu gênero literário. A crítica da forma, com efeito, “procura abstrair uma forma subjacente básica, moldada pelos requerimentos ou percepções de um contexto particular, a partir de textos que constituem um *Gattung*”.⁵³⁴ Em conformidade com o que foi exemplificado em ocasião anterior, para Stuart Weeks, fica evidente que “a discussão sobre forma tomou o lugar do gênero nos estudos bíblicos, visto que a forma no método crítico-formal está muito próxima do gênero clássico, dedutivo, que dominava os estudos crítico-literários no passado”.⁵³⁵ Na verdade, “o próprio termo ‘forma’ causa grande parte dos problemas. Às vezes, ele é utilizado para ambos ‘gênero’ e ‘estrutura’ de maneira intercambiável, e aplicado com frequência simultaneamente a textos individuais assim como a gêneros inteiros”.⁵³⁶ Dessa maneira, a transferência dos pressupostos da crítica da forma à discussão sobre o gênero literário sapiencial tornou-o demasiadamente monolítico a fim corroborar com descobertas sócio-históricas, e não necessariamente para compreendê-lo a partir de suas peculiaridades literárias como gênero.

De maneira similar, reagindo à abordagem de Gunkel, Katharine J. Dell⁵³⁷ procura enfatizar outro aspecto problemático na elaboração de um gênero literário à sabedoria bíblica, a saber, sua associação com um *Sitz im Leben*. Inicialmente, a autora não discorda da premissa preliminar de Gunkel, de que um gênero literário deve ser formulado a partir de um contexto social. A dificuldade desse argumento, contudo, jaz no fato de que “sua aplicação se tornou cada vez mais literária com o passar do tempo”⁵³⁸, visto que, a princípio, seus objetivos eram preferencialmente históricos. Dell assevera que um gênero literário deve possuir um contexto social específico, e, em conformidade com sugestões anteriores, mais do que um contexto com o passar dos anos. Contudo, um “contexto social não pode ser limitado e fixo [...] [Ele] representa um aspecto do gênero em constante mudança, ao passo que forma e conteúdo encontram novos públicos”.⁵³⁹ Em termos práticos, a autora sugere que o primeiro empreendimento dos estudos bíblicos seja a aceitação da diversidade de gêneros literários, ao

⁵³³ WEEKS, *Wisdom Form and Genre*, p. 164.

⁵³⁴ *Ibidem*, p. 165.

⁵³⁵ *Idem*.

⁵³⁶ WEEKS, *The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34*, p. 3.

⁵³⁷ DELL, *Deciding the Boundaries of “Wisdom”*.

⁵³⁸ *Ibidem*, p. 148.

⁵³⁹ *Ibidem*, p. 153.

invés da eleição de um gênero preferido para o seu contexto social. Posteriormente, Dell⁵⁴⁰ preconiza: “só então [deve-se] procurar por sua relação com possíveis contextos.”

Uma crítica mais generalizada a Hermann Gunkel e aos seus predecessores – especialmente a James L. Crenshaw – pode ser lida nas considerações de Mark R. Sneed⁵⁴¹. O autor procura classificar as abordagens ao gênero literário sapiencial nos estudos bíblicos em duas categorias: 1) o “realismo de gênero [*generic realism*]”, caracterizado pela rigidez atribuída aos gêneros literários; e 2) o “nominalismo de gênero [*generic nominalism*]”, descrito pela flexibilidade concedida aos gêneros literários. Um exemplo prático dessa distinção é expresso na recente sugestão de James L. Crenshaw⁵⁴² sobre a inexistência de salmos sapienciais. Para Sneed, os argumentos de Crenshaw sugerem a invalidação de “características sapienciais” para abordar os salmos porque seu conceito sobre o gênero literário sapiencial é demasiadamente rígido para abarcá-los, tornando-o um realista de gênero. Do contrário, a nomenclatura “sapiencial” poderia ser útil para compreender certos aspectos dos salmos, e não meramente para classificá-los; “esses salmos estão mais orientados à instrução do que à purgação do lamento, talvez mais aptos para ser estudados do que cantados, e mais direcionados à humanidade do que a Deus”.⁵⁴³

Em outra ocasião, Mark R. Sneed⁵⁴⁴ seleciona diversos estudos que abordam toda ou apenas parte do *corpus* sapiencial a partir da mesma divisão proposta acima, a fim de afirmar qual entre ambas possui prevalência nos estudos bíblicos (americanos, ingleses, israelenses; assim como entre egíptólogos e assiriólogos). Por exemplo, James L. Crenshaw⁵⁴⁵, entre os americanos, é acusado de estabelecer categorias rígidas e impermeáveis ao gênero literário sapiencial, além de promulgar uma argumentação circular: a definição do *corpus* por forma e conteúdo e a identificação deste a partir do mesmo critério.⁵⁴⁶ Entre os ingleses, Katharine J. Dell⁵⁴⁷ é “mais realista do que nominalista”⁵⁴⁸, por aparentar mais flexibilidade à categorização da sabedoria bíblica – além de eliminar, de forma inovadora, Jó e Eclesiastes da

⁵⁴⁰ Idem.

⁵⁴¹ SNEED, Is the “Wisdom Tradition” a Tradition?; “Grasping After the Wind”.

⁵⁴² CRENSHAW, James L. Wisdom Psalms? **Current in Research Biblical Studies**, v. 8, p. 9-17, 2000.

⁵⁴³ SNEED, Is the “Wisdom Tradition” a Tradition?, p. 67.

⁵⁴⁴ SNEED, “Grasping After the Wind”.

⁵⁴⁵ CRENSHAW, **Old Testament Wisdom**.

⁵⁴⁶ SNEED, “Grasping After the Wind”, p. 42-43.

⁵⁴⁷ DELL, Katharine J. **The book of Job as Sceptical Literature**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1991.

⁵⁴⁸ SNEED, “Grasping After the Wind”, p. 48.

categoria “sapiencial” da Bíblia Hebraica. Entre os israelenses, Nili Shupak⁵⁴⁹ estará próxima aos nominalistas, por considerar uma autoria comum tanto à literatura sapiencial quanto a outros *corpora* da Bíblia Hebraica. A autora assume que os escribas estavam familiarizados com todos os gêneros literários e, portanto, utilizavam-se de um vocabulário semelhante. Por fim, Sneed procura selecionar tais pontos de vista a fim de mensurar as opiniões expressas nos estudos bíblicos a respeito do gênero literário sapiencial. Não obstante, o autor declara abertamente sua preferência pela abordagem nominalista ao gênero, atribuindo *status* de equívoco aos que optam pelo contrário.

Além das críticas direcionadas às sugestões metodológicas anteriores, os precursores de uma nova abordagem da sabedoria bíblica também procuram preconizar novas definições ao gênero literário sapiencial. Devido ao seu caráter ainda embrionário, vale apenas assegurar em qual aspecto tais definições são análogas ao invés de pontuar pequenas discordâncias pronunciadas até então. Grosso modo, ao contrário do que podia ser evidenciado nos estudos bíblicos, o gênero literário sapiencial perde sua função classificatória e passa a assumir um *propósito comunicativo*.⁵⁵⁰ Em outras palavras, um gênero literário deve ser compreendido como um empreendimento social; sua composição levará em conta, em primeira instância, as melhores expressões para comunicar uma mensagem de acordo com as convenções sociais vigentes para uma situação específica – e não necessariamente a um *Sitz im Leben*. Citando alguns estudiosos da literatura, Simon Cheung⁵⁵¹ afirma que um gênero literário “é uma ‘ação’ que cumpre propósitos comunicativos [...], seus elementos de gênero são moldados e arranjados propositalmente para um fim específico”. Assim, ele é caracterizado por uma “constelação” dinâmica – não um ‘inventário’ estático – de características tipificadas”.

Embora não sejam expressas de maneira sistematizada, as metodologias propostas para definição e leitura do gênero literário sapiencial pressupõem novos conceitos teóricos com base nos estudos literários. Em um primeiro momento, dentre as mencionadas com mais frequência, encontra-se o conceito de “semelhança familiar [*family resemblance*]” para a elaboração do gênero literário sapiencial, como proposto recentemente por alguns biblistas.⁵⁵²

⁵⁴⁹ SHUPAK, Nili. The *Sitz im Leben* of the book of Proverbs in the light of a comparison of Biblical and Egyptian Wisdom Literature. *Revue Biblique*, v. 94, p. 98-119, 1987.

⁵⁵⁰ Cf. CHEUNG, **Wisdom Intoned**; SNEED, Is the “Wisdom Tradition” a Tradition?; Introduction; “Grasping After the Wind”; WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?

⁵⁵¹ CHEUNG, **Wisdom Intoned**, p. 18-19.

⁵⁵² Cf. WEEKS, *Wisdom Form and Genre*; The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34; **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**; CHEUNG, **Wisdom Intoned**; SNEED, “Grasping After the Wind”.

Essa perspectiva teórica foi baseada na discussão do filósofo austríaco Ludwig J. J. Wittgenstein⁵⁵³ sobre as particularidades encontradas entre os “jogos” (de tabuleiro, de cartas, de palavras, olímpicos etc.). Para o autor, “esse fenômeno [os jogos] não possuem nada em comum, em virtude de utilizarmos o mesmo termo para todos – mas existem muitos tipos de *afinidades* entre eles”.⁵⁵⁴ Esse cruzamento de similaridades conduziu Wittgenstein a explicar a relação dos jogos como uma relação familiar, levando-o a afirmar que os “‘jogos’ formam uma família”.⁵⁵⁵

A teoria da semelhança familiar, ao contrário das tendências anteriores, não compreende um gênero literário como ferramenta de classificação. Devido às infinitas peculiaridades que poderiam ser encontradas na literatura, Wittgenstein preferiu referir-se ao gênero literário como uma família, cujas semelhanças e distinções literárias se desenvolviam com a sucessão de seus herdeiros, e cujos “clãs e membros individuais se relacionam de diversas maneiras, sem possuir necessariamente uma característica única em comum entre todos”.⁵⁵⁶ Ao invés de abordar os textos de maneira classificatória, a teoria da semelhança familiar os menciona como características frequentes entre um grupo de textos “não reduzidos a uma classe”.⁵⁵⁷ Nesse sentido, a teoria torna-se útil para a interpretação de obras complexas, cujas afinidades com um grupo mais abrangente ocorre por meio de semelhanças típicas, em vez de classificações rígidas que sugerem independência entre os textos. Em termos gerais, para Alastair Fowler⁵⁵⁸,

A teoria da semelhança familiar parece sustentar a esperança para a crítica de gênero. [...] Um parentesco gera uma família, assim, as relações literárias dessa categoria formam um gênero. Poemas são feitos, em parte, de poemas antigos: cada um é filho [...] de um representante anterior do gênero e deve, contudo, ser a mãe de um representante subsequente.

A partir dessa perspectiva, alguns estudiosos da literatura sapiencial preferem a sugestão de que a sabedoria bíblica deve ser lida a partir do conceito de semelhança familiar

⁵⁵³ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophische Untersuchungen/Philosophical Investigations**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

⁵⁵⁴ Ibidem, p. 35, 36 *apud* NEWSON, Pairing Research Questions and Theories of Genre, p. 273, *itálicos do original*.

⁵⁵⁵ Idem.

⁵⁵⁶ FOWLER, Alastair. **Kinds of Literature**: An Introduction to the Theory of Genres and Modes. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 41.

⁵⁵⁷ Ibidem, p. 42.

⁵⁵⁸ Idem.

quando abordada como gênero literário. Para Stuart Weeks⁵⁵⁹, por exemplo, a noção de que a sabedoria bíblica não deve ser interpretada a partir de definições taxonômicas é uma inovação importante nos estudos bíblicos. Se um gênero literário se utiliza de uma convenção, ele pretende significar algo que essa convenção é capaz de comunicar. Portanto, deve-se aplicar a noção de que os “textos são moldados por outros textos, não por abstrações fixas e imóveis”. Seus pontos em comum “ocorrem mais como semelhanças familiares do que como consequência de serem modeladas de um único arquétipo”.⁵⁶⁰ Dessa maneira, as convenções utilizadas em um texto poderão aproximá-lo em maior ou menor grau de um gênero literário em que estas sejam apresentadas com mais frequência; cria-se, assim, uma relação familiar entre os gêneros:

Cada composição, potencialmente, desloca ou estende as convenções do gênero, e, assim, os membros individuais de um gênero se relacionam não como gêmeos, todos derivados de uma única forma pura ou exemplar, mas como membros de uma árvore genealógica muito complicada.⁵⁶¹

A respeito da literatura sapiencial, de maneira mais específica, Stuart Weeks⁵⁶² compreende que o “conselho sobre a vida” é o tipo de composição comum à sabedoria bíblica no Antigo Oriente Médio. Neste contexto, o provérbio tornou-se, provavelmente, o veículo convencional para o gênero literário sapiencial; dentre os livros bíblicos, “é a Provérbios que tais considerações se aplicam de maneira mais óbvia, embora Eclesiastes também se utilize do estilo aforístico proverbial”. Ademais, “Jó é formado por seu tema de outra maneira, ao usar a voz de personagens diferentes para apresentar posições distintas”.⁵⁶³ Dessa perspectiva, Weeks considera que ambos os livros mencionados, Jó e Eclesiastes, agregam outras convenções de gênero para comunicar seu ensinamento. Além de utilizar outras combinações para incrementar a composição, “também é legítimo que os escritores não estavam confinados a tais gêneros”.⁵⁶⁴

⁵⁵⁹ WEEKS, *Wisdom Form and Genre; The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34*; **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**.

⁵⁶⁰ WEEKS, *Wisdom Form and Genre*, p. 163.

⁵⁶¹ WEEKS, *The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34*, p. 6.

⁵⁶² WEEKS, **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**.

⁵⁶³ *Ibidem*, p. 5.

⁵⁶⁴ *Idem*.

Da mesma perspectiva teórica, Mark R. Sneed⁵⁶⁵ propõe três etapas para aplicar à literatura sapiencial o conceito de semelhança familiar. Em primeiro lugar, 1) o estudioso deve abandonar os conceitos formulados anteriormente aos gêneros literários – que estipulavam sua identificação a partir de vocabulário, tema e audiência. Os gêneros literários, em sua concepção, estão em estado de constante mudança; sua instabilidade é evidenciada, por exemplo, nos textos de Qumran. Assim, em segundo lugar, 2) deve ser aplicado o conceito de semelhança familiar, a fim de estabelecer uma perspectiva mais flexível e criativa ao processo de interpretação do texto. Finalmente, em terceiro lugar, 3) o biblista não deve concentrar esforços na descoberta de possíveis “plágios”, como se os escritores pretendessem imitar as convenções de um gênero a fim de produzir cópias. O estudioso da Bíblia Hebraica deve estar atento às convenções de gênero utilizadas por esses autores na ocasião em que pretendiam elaborar obras inéditas. Ao aludir de maneira mais específica o gênero literário sapiencial, Sneed⁵⁶⁶ explica:

Provérbios, Jó e Eclesiastes, os salmos sapienciais, Eclesiástico, e Sabedoria de Salomão certamente percentem a mesma família. Alguns pretendem expadi-la a fim de incluir escritos do Mar Morto, como vimos, ou Daniel, talvez denotando-o como sabedoria mântica, mas sabedoria de qualquer maneira; ou quiçá Jonas – classificando-o como um conto didático.

Para citar um último exemplo desta perspectiva, Katharine J. Dell⁵⁶⁷ faz menção a três aspectos notados por Simon Cheung⁵⁶⁸ para classificar os salmos sapienciais: a dominância da sabedoria, o tom intelectual e a intenção didática. Para a autora, a partir dessas características, Cheung “considera o salmo em discussão no centro da família sapiencial”; contudo, “existem parentes mais distantes”⁵⁶⁹ como, por exemplo as lamentações e os textos legais. Assim, nos termos de Dell, o conceito de semelhança familiar pode ser aplicado a diversos textos bíblicos a partir da ocasião em que são elencados por meio do critério de parentesco. Existem, em termos mais simples, textos bíblicos que cumprem a função paterna, ao passo que outros podem ser lidos como filhos e filhas. Em suas palavras,

⁵⁶⁵ SNEED, “Grasping After the Wind”.

⁵⁶⁶ Ibidem, p. 59.

⁵⁶⁷ DELL, Deciding the Boundaries of “Wisdom”.

⁵⁶⁸ CHEUNG, **Wisdom Intoned**.

⁵⁶⁹ DELL, Deciding the Boundaries of “Wisdom”.

Deve existir uma semelhança familiar. Assim, se o âmagô da sabedoria, o pai e a mãe por assim dizer, é Provérbios e Eclesiastes, então outros livros ou literaturas podem ser relacionados a eles em escala. Assim como eu devo possuir um primo que também possui um irmão ou irmã, tornando-os mais próximos entre eles do que a mim, da mesma forma um livro como Jó deve possuir um primo do âmagô sapiencial, mas na verdade possuir uma relação mais próxima ao gênero dos salmos.⁵⁷⁰

Partindo de sua aplicação, deve existir um aspecto histórico na relação familiar entre os gêneros literários bíblicos; assim, “podemos falar de nossa ascendência e sucessão”.⁵⁷¹ Com essa afirmação, a autora pretende argumentar que, a depender da geração em que um gênero literário é popularizado, ele poderá ser compreendido com mais facilidade, além de ser reproduzido. As convenções utilizadas em um período não serão as mesmas utilizadas em outro, posteriormente. Portanto, o estudioso deve compreender o seu histórico familiar para traçar as variações da prole. Adicionalmente, a mesma lógica pode ser aplicada no sentido seccional, isto é, uma “semelhança interfamiliar”.⁵⁷² Por fim, a autora ainda utiliza esse conceito teórico para atribuir a Salomão o crédito de “pai da sabedoria”, justificando, de alguma maneira, o costume de associar a ele a autoria de alguns textos sapienciais.

Outra abordagem ao gênero literário sapiencial sugerida por biblistas trata-se da “teoria do protótipo” [*prototype theory*]; isto é, a noção de que a elaboração de um texto terá como base inevitável de sua produção um modelo básico, mas flexível – um protótipo. Embora alguns autores mencionem a possibilidade da elaboração do gênero literário sapiencial a partir dessa perspectiva, nenhum deles, de fato, oferece um conjunto de prescrições detalhado para tanto.⁵⁷³ É comum, entre eles, apenas a sugestão dessa abordagem como uma das teorias de possível aplicabilidade à literatura bíblica, e especificamente à sapiencial. Em todo caso, essa sugestão ocorre em face à dificuldade em abordar a noção de gênero literário como ferramenta de classificação; ela ocorre como alternativa ao fenômeno literário sapiencial por enfatizar a relação entre semelhanças e distinções que os textos possuem.

A teoria do protótipo foi desenvolvida entre os estudiosos da ciência cognitiva, em que existe a percepção de que o ser humano é capaz de organizar espaços conceituais por meio da

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 156.

⁵⁷¹ Idem.

⁵⁷² Idem.

⁵⁷³ Cf. KYNES, The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End?; CHEUNG, **Wisdom Intoned**; COLLINS, John J. Epilogue: Genre Analysis and Dead Sea Scrolls. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, p. 418-430, 2010.

identificação de protótipos – uma “estrutura *Gestalt*”, ou um “modelo cognitivo idealizado” (ICM, *Idealized Cognitive Model*).⁵⁷⁴ A mente humana, naturalmente, seria capaz de elaborar modelos úteis para identificar, organizar e classificar textos em determinados grupos, neste caso, categorias literárias. Essas categorias “não são imaginadas corretamente quando definidas como características distintas, contidas em cada membro do grupo, mas por meio do reconhecimento de exemplos protótipos, que servem como *templates*”.⁵⁷⁵ Por conseguinte, elas podem se estender para abarcar membros de instâncias mais periféricas, ao invés de estabelecer uma demarcação rígida para seus adeptos. Na verdade, tais textos, marginais, evidenciariam apenas a quebra de um contínuo, em que a “adesão na categoria deve ser uma questão de grau”.⁵⁷⁶ Ainda assim, a teoria do protótipo supõe a necessidade de identificar os modelos ideais que servem como exemplo elementar de uma categoria.

Ainda assim, é necessário esclarecer que, quando elaborada dessa maneira, a teoria do protótipo pode soar como outro método que pretende classificar um gênero literário por meio de suas peculiaridades principais. Contudo, para a teoria do protótipo, “categorias não são simples coleções de características”, elas envolvem “modelos cognitivos ou um esquema estrutural de *background*”.⁵⁷⁷ Em outras palavras, os elementos de um texto não despertam significado como gênero literário quando dispostos sozinhos; isso ocorre apenas por meio da “maneira como eles estão relacionados em uma estrutura *Gestalt*, que serve como modelo cognitivo idealizado”.⁵⁷⁸ Dessa maneira, a disposição dos elementos que compõem um gênero literário só comunicará algum significado ao leitor em relação com um todo, isto é, com um ICM.

Até então, o único autor a aplicar a teoria do protótipo à literatura sapiencial de maneira pormenorizada foi Benjamin G. Wright III⁵⁷⁹. Ele sugere “uma maneira de abordar a sabedoria como uma categoria da literatura que possa providenciar base à noção de como a literatura sapiencial [...] pode ajustar-se na mesma categoria” e, ao mesmo tempo, “auxiliar no

⁵⁷⁴ Cf. SINDING, Michael. After Definitions: Genre, Categories, and Cognitive Science. *Genre*, v. 35, p. 181-220, 2002; CHANDLER, Daniel. An Introduction to Genre Theory. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2m7z1Xo>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

⁵⁷⁵ NEWSON, Spying Out the Land, p. 24.

⁵⁷⁶ Idem.

⁵⁷⁷ Ibidem, p. 25.

⁵⁷⁸ Idem.

⁵⁷⁹ WRIGHT III, Benjamin G. Joining the Club: A Suggestion about Genre in Early Texts. *Dead Sea Discoveries*, v. 17, p. 289-314, 2010.

esclarecimento de suas relações [...] com textos de outros gêneros literários”.⁵⁸⁰ Ainda assim, o autor não pretende abordar especificamente a sabedoria na Bíblia Hebraica, embora suas considerações impliquem diretamente na elaboração de um gênero literário neste contexto. Como será demonstrado mais adiante, Wright III está preocupado com a complexidade composicional dos textos sapienciais de Qumran, que aparentam uma forma híbrida entre a sabedoria bíblica e o apocaliticismo. Em todo caso, suas sugestões podem ser aplicadas ao gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica no que diz respeito à noção de sabedoria, de maneira mais específica.

Uma última abordagem teórica sugerida pelos biblistas para o estudo do gênero literário sapiencial diz respeito à desenvolvida pelo linguísta russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin – cujos conceitos serão doravante mencionados como obra intelectual do “círculo de Bakhtin”⁵⁸¹. Nos estudos bíblicos, entretanto, não são comuns abordagens que pretendem aplicar à Bíblia Hebraica os conceitos desenvolvidos pelo linguísta russo, embora a iniciativa seja realizada esporadicamente de uma perspectiva bíblica mais abrangente – tanto ao mencionar a possibilidade quanto ao aplicá-la ao texto.⁵⁸² Entre as iniciativas publicadas até então, a antologia *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies*, editada por Roland Boer⁵⁸³, pode ser considerada a tentativa mais promissora em prol da união entre a crítica da forma e as teorias formuladas pelo círculo.⁵⁸⁴ Na introdução da obra, Roland Boer argumenta a favor das teorias bakhtinianas como complementos necessários à crítica da forma, especialmente no que diz respeito às contribuições teóricas ao conceito de gênero literário, visto que “a interseção entre o pensamento de Bakhtin e a crítica da forma é o gênero”.⁵⁸⁵ Embora não

⁵⁸⁰ Ibidem, p. 291.

⁵⁸¹ A expressão “círculo de Bakhtin”, ou apenas “círculo”, entre muitos estudiosos da área (cf. GRILLO, Sheila V. de C. A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários**: Introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 19-38), costuma ser utilizada como referência às obras responsáveis pela formulação das teorias elaboradas pelos estudiosos vinculados a Bakhtin, independentemente de sua autoria.

⁵⁸² Cf. PELLETIER, Anne-Marie. **Bíblia e Hermenêutica Hoje**. São Paulo: Edições Loyola, 2006; REED, Walter L. **Dialogues of the Word: The Bible as Literature According Bakhtin**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993; NOGUEIRA, Paulo A de S. Hermenêutica da Recepção: textos bíblicos na fronteira da cultura e ao longo do tempo. **Revista Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, p. 15-31, jan./jun. 2012; SOUSA, Rodrigo F. de; LEITE, Francisco B. (Orgs.). **Literatura Cristã Primitiva: Olhares Bakhtinianos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

⁵⁸³ BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007a.

⁵⁸⁴ Cf. CARMO, Felipe S. Da rigidéz à flexibilidade do gênero literário: Resenha do livro *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies*. **Revista Âncora**, v. 10, n. 11, 2016.

⁵⁸⁵ BOER, Roland. Introduction: Bakhtin, Genre and Biblical Studies. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007b, p. 3.

apliquem esse conceito à Bíblia Hebraica em todos os capítulos, essa preocupação é notável em diversas ocasiões.

Evidentemente, é impossível resumir neste momento todos os elementos teóricos desenvolvidos pelo círculo de Bakhtin para os estudos literários. Contudo, pode-se fazer menção breve a alguns conceitos utilizados por biblistas para a leitura dos textos sapienciais dessa perspectiva. Por exemplo, Bakhtin reconhece o *a priori* que os gêneros discursivos, em geral, são compostos a partir de um “campo específico da atividade humana”. Nas palavras do autor: “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [...] acima de tudo, por sua construção composicional”⁵⁸⁶ – além de apresentar características temáticas e estilísticas. Os gêneros discursivos são expressos por meio de enunciados que podem – em detrimento de sua multiformidade e heterogeneidade – ser definidos em duas categorias mais específicas: os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos).⁵⁸⁷

Em termos mais explicativos, pode-se afirmar que os gêneros primários (simples) costumam ser formulados na “condição da comunicação discursiva imediata”⁵⁸⁸, isto é, estão vinculados à realidade cotidiana. Portanto, eles “se constituem dos gêneros de diálogo oral”;⁵⁸⁹ um âmbito da comunicação humana que depende de uma dinâmica instantânea e, portanto, da composição de um enunciado relativamente estável. (Desta composição, naturalmente, surgem as primeiras demarcações estilísticas e composicionais que delimitam a polidez ou a descortesia de um discurso.) Por outro lado, os gêneros discursivos secundários (complexos) ocorrem em “condições de um convívio cultural complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado”.⁵⁹⁰ Devido à sua complexidade composicional, eles normalmente são expressos por gêneros escritos. Dessa maneira, os gêneros discursivos secundários

⁵⁸⁶ BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 261.

⁵⁸⁷ Cf. MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beith (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2007; SOUZA, Geraldo T. Gêneros discursivos em Marxismo e Filosofia da Linguagem. **The Specialist**, v. 24, n. especial, p. 185-202, 2003; GRILLO, Sheila V. de C. Gêneros Primários e Gêneros Secundários no Círculo de Bakhtin: Implicações para a Divulgação Científica. **Alfa**, v. 52, n. 1, p. 57-79, 2008.

⁵⁸⁸ BAKHTIN, **Estética da Criação Verbal**, p. 263.

⁵⁸⁹ GRILLO, Gêneros Primários e Gêneros Secundários no Círculo de Bakhtin, p. 68.

⁵⁹⁰ BAKHTIN, **Estética da Criação Verbal**, p. 263.

“absorvem os gêneros primários”⁵⁹¹, perdendo, por conseguinte, o seu vínculo com a realidade concreta. Nos termos de Irene Machado⁵⁹²,

Bakhtin distingue os gêneros discursivos primários (da comunicação cotidiana) dos gêneros discursivos secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita). [...] Os gêneros secundários – tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política. Isso não quer dizer que eles sejam refratários aos gêneros primários: nada impede, portanto, que uma forma do mundo cotidiano possa entrar para a esfera da ciência, da arte, da filosofia, por exemplo. Em contatos como esses, ambas as esferas se modifica e se complementam.

Na tentativa de relacionar a sabedoria bíblica a essa perspectiva, Stuart Weeks⁵⁹³ faz menção aos conceitos teóricos elaborados pelo círculo para afirmar que o estilo, o tema, o vocabulário e outras características de um enunciado induzirão o leitor a assimilar o caráter do texto em análise. Contudo, conforme mencionado supra, Weeks⁵⁹⁴ afirma que “textos, muito frequentemente, envolvem o uso de mais de uma única convenção de gênero”. Portanto, em relação à sabedoria bíblica, ele se valerá da concepção de gêneros primários e gêneros secundários, conforme elaborados pelo círculo de Bakhtin, para afirmar que diferentes tipos de gêneros primários são utilizados livremente em determinada obra. Para o autor, “quando as convenções que marcam dois gêneros não entram em conflito, não há nada que obstenha uma obra de pertencer a ambos”.⁵⁹⁵ Embora a sugestão seja colocada como alternativa válida, o autor não deixa de expressar certa preocupação acerca de sua aplicabilidade.

Após citar alguns estudos que consideram a utilização de diversificados gêneros literários para a composição da sabedoria bíblica, Weeks⁵⁹⁶ reitera o seu argumento: “a literatura sapiencial faz uso significativo de outros gêneros para comunicar aspectos de seu significado através do reconhecimento que seus leitores possuem de tais gêneros.” Ainda assim, o autor demonstra preferência por uma peculiaridade composicional que identifique a sabedoria bíblica como um gênero literário. Conforme demonstrado anteriormente, Stuart

⁵⁹¹ GRILLO, Gêneros Primários e Gêneros Secundários no Círculo de Bakhtin, p. 68.

⁵⁹² MACHADO, Gêneros discursivos, p. 155.

⁵⁹³ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?; Wisdom Form and Genre.

⁵⁹⁴ WEEKS, Wisdom Form and Genre, p. 162.

⁵⁹⁵ WEEKS, Is “Wisdom Literature” a Useful Category?, p. 15.

⁵⁹⁶ WEEKS, Wisdom Form and Genre, p. 168.

Weeks permanece convicto de que a “instrução proverbial” deve caracterizar o gênero discursivo sapiencial com mais precisão do que qualquer outro tipo de composição. O que poderia torná-lo, nos termos bakhtinianos, um gênero primário:

O que parece ter tornado as instruções reconhecíveis, contudo, e também o que devemos descrever como o traço que caracteriza o gênero, é autoafirmação como conselho que foi comunicada de uma geração à próxima: em quase todos os outros aspectos, as instruções existentes são altamente variáveis.⁵⁹⁷

Com essa observação, Weeks parece sugerir que o gênero literário sapiencial deve, em primeira instância, ser compreendido como um gênero discursivo primário (simples), usualmente evidenciado elaboração de provérbios. Esses provérbios, a partir da teoria bakhtiniana, devem surgir de um campo da atividade humana que possibilita o seu pronunciamento oral e, por conseguinte, estabeleça a sua construção composicional imediata. Em segundo lugar, o gênero literário sapiencial poderá ser compreendido como um gênero discursivo secundário (complexo) quando os seus aspectos primários passam a ser reelaborados na produção literária, apresentando, por conseguinte, um conjunto de composições variadas que, não obstante à sua complexidade, permanecem relacionados ao seu aspecto primário, embora esteja distante da realidade concreta em que foi concebido.

Além das duas categorizações oferecidas pelo círculo de Bakhtin para a compreensão dos gêneros literários existe a noção do “dialogismo” que permeia entre eles. Visto que um gênero discursivo primário é capaz de conservar elementos relativos à atividade humana que o concebeu, “o gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*”; contudo, “essa *archaica* só se conserva graças à sua permanente renovação, vale dizer, graças à atualização”.⁵⁹⁸ Disto, entende-se que um gênero se renova a cada etapa de seu desenvolvimento. Essa renovação, contudo, só pode ocorrer porque um enunciado sempre se utiliza do discurso de outro, de maneira a concordar, discordar, responder ou participar de suas considerações. O próprio falante, nesse contexto, age de maneira inevitavelmente responsiva: “ele não é o primeiro falante, [...] e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes”.⁵⁹⁹ O gênero literário, nesse sentido, baseia-se em seus anteriores, os pressupõem, ora polemizando ou afirmando sua

⁵⁹⁷ Ibidem, p. 166.

⁵⁹⁸ BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 121.

⁵⁹⁹ BAKHTIN, **Estética da Criação Verbal**, p. 271.

validade aos leitores contemporâneos. Nos termos de Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.⁶⁰⁰

Esse conceito é aplicado por Martin J. Buss⁶⁰¹, que argumenta a favor do dialogismo entre os gêneros literários na Bíblia Hebraica. Ao passo que apresenta sua posição, o autor faz menção ao gênero literário sapiencial e, com efeito, o inclui como parte do diálogo. A fim de esclarecer o aspecto dialógico da sabedoria bíblica, ele argumenta a partir de três critérios para a concepção de um gênero literário: “processo na vida [*Sitz im Leben*], conteúdo e forma verbal”.⁶⁰² Dessa perspectiva, ao iniciar pelo conteúdo e forma verbal, o autor afirma que o pronunciamento de provérbios está próximo ao tipo discursivo legal na Bíblia Hebraica: “ele se utiliza das formas verbais assim chamadas ‘imperativos’, que de forma generalizada possuem o gosto do conselho vigoroso”; contudo, ao contrário dos textos legais, o provérbio “apela primariamente ao bem-estar ideal ou material de um indivíduo, incluindo respeito próprio, assim como a filosofia antiga e moderna geramente fazem”.⁶⁰³ Embora possam representar alguma ligação com a divindade, ao contrário dos textos legais, eles não representam o pronunciamento divino, mas o discurso de uma autoridade paterna.

De maneira semelhante, a forma verbal imperativa pode ser encontrada em Eclesiastes, contudo, a partir de algumas distinções. O texto de Eclesiastes “ênfatisa a primeira pessoa ‘eu’ reflexiva com sua experiência”.⁶⁰⁴ Para Buss o sábio costuma oferecer conselhos, mas de maneira ocasional; tais conselhos, entretanto, costumam estar centrados em recomendações hedonistas. Ainda assim, “critérios morais básicos e crença em alguma forma de justiça divina são aceitos [...], mas o ouvinte ou leitor é advertido de que a aderência à integridade deve ser moderada (Ec 7:16-18; 8:11-14; 11:9)”.⁶⁰⁵ Em detrimento da forma verbal imperativa centrada na experiência pessoal – a experiência do “eu” –, para Buss, o livro de Eclesiastes alcança o seu desfecho pronunciando conselhos em segunda pessoa (cf.

⁶⁰⁰ Ibidem, 272.

⁶⁰¹ BUSS, Martin J. Dialogue in and Among Genres. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007.

⁶⁰² BUSS, Dialogue in and Among Genres, p. 10. Embora afirme concordar com alguns dos conceitos elaborados por Hermann Gunkel, o autor acrescenta que sua abordagem é proposta de maneira menos rígida. Ao incluir a existência de um “processo”, ele concebe o conceito de *Sitz im Leben* sem, contudo, inferir um evento histórico pré-literário; com esse termo, Buss pretende afirmar que “*if greeting someone is a life process, then ‘greeting’ represents a genre*” (Ibid., p. 9).

⁶⁰³ Ibidem, p. 11.

⁶⁰⁴ Ibidem, p. 12.

⁶⁰⁵ Idem.

Ec 12:13-14). Dessa forma, o autor conclui suas considerações enfatizando a importância na aquisição de um estilo de vida.

Neste ponto, ao abordar o aspecto do gênero como “processo da vida” (ou, *Sitz im Leben*), Martin J. Buss⁶⁰⁶ afirma: “a Bíblia Hebraica é amplamente organizada a partir do que aparentam ser gêneros culturalmente significativos, dos quais cada um representa uma *dimensão da vida* e que se envolvem metaforicamente em diálogo entre si.” A consequência imediata de sua afirmativa implica a noção de que cada *corpus* (ou mesmo livros individuais) possuem uma função responsiva na Bíblia Hebraica, cada uma representando um *Sitz im Leben* específico. De maneira mais precisa, Buss compreende que o discurso de YHWH e dos seres humanos podem ser distinguidos entre os gêneros literários esparsos no cânon bíblico, de maneira que “YHWH e os seres humanos, por assim dizer, conversam entre si”.⁶⁰⁷ Essa noção pode ser exemplificada através dos seguintes exemplos oferecidos pelo autor:

Citado em termos de processos humanos, as palavras divinas na [Torá], os profetas e outros locais pressupõem e expressam receptividade por parte dos seres humanos. Novamente, isto não envolve pura passividade; ao contrário, leis e profecias apresentam estímulos à atividade, como estar envolvido em comportamento ético ou ritual.⁶⁰⁸

Em contraste, orações e reflexões representam uma espécie de ação humana, de maneira específica, esforços para obter benefício e alcançar o sentido da vida, mesmo sem uma revelação divina extensiva. Contudo, os três livros nos quais tais esforços estão presentes – Salmos, Jó e Eclesiastes – também expressam um senso de dependência de YHWH.⁶⁰⁹

Dessa perspectiva, Martin J. Buss sugere a existência de um diálogo entre os *corpora* da Bíblia Hebraica, em que o gênero literário sapiencial atuaria como resposta ativa às demandas divinas e cotidianas. No geral, “receptividade e atividade estão entrelaçados em praticamente todos os livros bíblicos, embora de maneiras diferentes”;⁶¹⁰ o aspecto da receptividade estaria, em sua concepção, presente na atuação do leitor ou ouvinte da “palavra

⁶⁰⁶ Ibidem, p. 13, itálicos acrescentados.

⁶⁰⁷ Ibidem, p. 14.

⁶⁰⁸ Ibidem, p. 15.

⁶⁰⁹ Idem.

⁶¹⁰ Idem.

de YHWH”, ao passo que a literatura sapiencial (*corpus* em que o autor acresce os Salmos e Cântico dos Cânticos) protagonizaria a reação humana em resposta aos ditames divinos.⁶¹¹

Por fim, deve-se reconhecer que, independentemente das ressalvas que os estudos mais recentes possuem em relação à categoria sapiencial – e a necessidade de entendê-la como um *corpus* –, existe ainda a preocupação de concebê-la como um gênero literário à luz de teorias literárias. Ambas as tendências são encontrados no trabalho mais recente de Will Kynes⁶¹², em que o autor afirma a morte da categoria sapiencial e acena para sua composição como gênero. Em suma, Kynes entende as iniciativas teóricas contemporâneas de maneira positiva, mas levanta a ressalva de que “embora andem na direção correta, essas abordagens ainda tendem aos pressupostos da taxonomia antiga, assim, as definições vagas que eles provêm apenas contribuem com a tendência acadêmica de associar cada vez mais textos à sabedoria [como categoria]”.⁶¹³ Will Kynes alega que, ao invés de centralizar o argumento em uma categoria específica – a sapiencial –, “os gêneros deveriam ser entendidos como agrupamentos dinâmicos”⁶¹⁴, em que a “sabedoria representa apenas uma característica que contribui para o entendimento de cada texto; cada deles representa mais do que meramente um texto ‘sapiencial’”.⁶¹⁵ Dessa forma, a sabedoria seria apenas mais um entre os diversos agrupamentos de gênero relativo a afinidades compartilhadas entre os textos. Ela pode ser um gênero, mas não seria necessariamente o gênero de tais textos.

3.2 Gênero Sapiencial em Diálogo: Literatura Sapiencial no Antigo Oriente Médio

Conforme abordado no primeiro capítulo, durante o século XX, os estudiosos da Bíblia Hebraica foram surpreendidos pela descoberta de textos sapienciais referentes ao contexto do Antigo Oriente Médio. Por refletirem semelhanças com a sabedoria bíblica em termos de forma e conteúdo, esses textos, segundo os acadêmicos, evidenciavam a existência

⁶¹¹ É possível que a ideia dos livros sapienciais como “resposta” possa estar contida em VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**: Volume 1 e 2. 2 ed. São Paulo: ASTE/Targumin, 2006, ao intitular a seção de análise dos livros sapienciais em sua *Teologia do Antigo Testamento* como “Israel diante Javé (a resposta de Israel)”.

⁶¹² KYNES, The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary.

⁶¹³ Ibidem, p. 18.

⁶¹⁴ Ibidem, p. 19.

⁶¹⁵ Ibidem, p. 25.

de uma “tradição literária sapiencial”.⁶¹⁶ Em detrimento das exceções, essa tradição costumava ser identificada nos textos pela maneira peculiar de compreender a realidade; e pela hipótese de que foram produzidos na corte por mestres de sabedoria. Em paralelo aos estudos orientados à literatura sapiencial na Bíblia Hebraica, acadêmicos costumam conferir espaço à menção ou análise de textos sapienciais do Antigo Oriente Médio⁶¹⁷ – seja para construir paralelos temáticos ou delinear um contexto mais abrangente para a existência de uma tradição literária sapiencial.

Entretanto, os estudos que pretendem comparar a sabedoria bíblica aos tipos análogos de sabedoria no Antigo Oriente Médio encontrarão, em primeira instância, percalços terminológicos. O Antigo Oriente Médio desconhece um termo técnico específico para designar um gênero literário sapiencial à semelhança do que os biblistas assumem ao termo hebraico, *חֵכְמָה*. No contexto mesopotâmico, por exemplo, “‘sabedoria’ é um termo estritamente equivocado para ser aplicado à literatura babilônica. Como referência a um gênero literário, o termo pertence aos estudos hebraicos”.⁶¹⁸ De acordo com Wilfred G. Lambert, a sabedoria babilônica está mais relacionada à habilidade manual – como a do marceneiro ou do ouvires – do que com “o costume de oferecer admoestações e a concepção de mundo proveniente do uso hebraico de *hokmāh*”.⁶¹⁹ Por conseguinte, no que diz respeito ao estudo da sabedoria como gênero literário no contexto mesopotâmico, o termo “deve permanecer como uma descrição breve conveniente”.⁶²⁰ A literatura babilônica, por exemplo, não representa mais do que um conjunto de textos que, não raro, lidam com as mesmas questões; “não existe um cânon preciso por meio do qual eles possam ser reconhecidos”.⁶²¹

A mesma dificuldade será identificada no contexto da egiptologia. Para os estudiosos da literatura sapiencial egípcia, a elaboração de um gênero literário iniciou-se no contexto dos

⁶¹⁶ Cf. GAMMIE, John G.; PERDUE, Leo G. (Eds.). **The sage in Israel and the ancient Near East**. Eisenbraus, 1990; PERDUE, **Scribes, Sages, and Seers**; WHYBRAY, Roger N. *The Structure and Composition of Proverbs 22:17–24:22*; MCKANE, William. **Prophets and Wise Men**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2009. (Studies in Biblical Theology, 44); **The Intellectual Tradition in the Old Testament**. Berlin; New York: De Gruyter, 1974.

⁶¹⁷ Cf. PRITCHARD, James B. (Ed.). **The Ancient Near East: An Anthology of Texts and Pictures**. New Jersey: Princeton University Press, 2011; CLIFFORD, Richard J. Introduction. In: CLIFFORD, Richard J. (Ed.). **Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

⁶¹⁸ LAMBERT, **Babylonian Wisdom Literature**, p. 1.

⁶¹⁹ LAMBERT, Wilfred G. Some new Babylonian Wisdom Literature. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. **Wisdom in Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 30.

⁶²⁰ LAMBERT, **Babylonian Wisdom Literature**, p. 1.

⁶²¹ *Ibidem*, p. 2.

estudos bíblicos; as particularidades que compõem essa noção foram cunhadas a partir da literatura hebraica, e não de uma observação particular dos textos egípcios.⁶²² Para Michael V. Fox⁶²³, por exemplo, embora “a similaridade entre forma e conteúdo entre a literatura didática sapiencial israelita e egípcia” comprovem a existência de um “gênero internacional”, o estudo direcionado aos textos egípcios “depende do conhecimento da própria literatura egípcia”. Inevitavelmente, a inferência dos estudos bíblicos comunica pressupostos que costumam compor o conceito de gênero literário sapiencial entre os textos egípcios. Segundo Grumbrecht⁶²⁴, por exemplo, os biblistas costumam “apresenta[r] cada forma textual recorrente como moldada a um *Sitz im Leben* específico”; essa noção dificilmente será aplicada de maneira imediata aos textos egípcios.⁶²⁵

Com efeito, a despeito das dificuldades pontuadas acima, esta seção pretende apresentar as principais noções sobre o gênero literário sapiencial no contexto do Antigo Oriente Médio. Em virtude do espaço conferido à discussão, serão analisados apenas dois *corpora*: a literatura sapiencial egípcia e a literatura sapiencial mesopotâmica. Embora as noções acerca da sabedoria se desencontrem em ambos os contextos, estudiosos não descredibilizam o gênero sapiencial conforme elaborado nos estudos bíblicos; eles afirmam algumas semelhanças que entendem como fundamentais, e, não raro, propõem peculiaridades que precisam ser levadas em conta em estudos particulares. O gênero literário sapiencial bíblico, nesse sentido, dialoga com os seus representantes no contexto do Antigo Oriente Médio, que abordam o gênero à sua própria maneira. Embora as considerações a seguir estejam prioritariamente relacionadas aos textos egípcios e mesopotâmicos, elas serão úteis para a compreensão do gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica, principalmente no que diz respeito a suas limitações e potencialidades.

3.2.1 Gênero Literário Sapiencial Egípcio

⁶²² Sobre isso, o próprio Jean-François Champollion (SAUNERON, S. **A egiptologia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. (Coleção Saber Atual, p. 70), considerado um pioneiro em estudos direcionados à egiptologia, parece ter lamentado: “êles [sic] não compreendem coisa alguma porque estudam os povos antigos através das grosseiras lunetas bíblicas. É uma pena!”

⁶²³ FOX, Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature, p. 120; Cf. WILLIAMS, The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship.

⁶²⁴ GRUMBRECHT, H.-U. Does Egyptology needs a “theory of literature”? In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996, p. 13.

⁶²⁵ Cf. PARKINSON, Richard. B. **Voices from Ancient Egypt**: Na Anthology of Middle Kingdom Writings. London: British Museum Press, 1991, p. 32-36.

Parece comum entre os egiptólogos consentir com as dificuldades em atribuir uma categoria específica para o gênero literário sapiencial nos textos egípcios. Uma exceção à regra seria a classificação da “instrução egípcia”.⁶²⁶ Segundo os estudiosos, essa categoria pode ser evidenciada, principalmente, pela expressão *sbꜣyt* (que abrange o campo semântico para “ensino, instrução, ensinamento, doutrina, correção e educação”), comum aos textos didáticos ou reflexivos, amiúde “dominad[os] por imperativos” ou “asserções descritivas, normalmente de caráter negativo”.⁶²⁷ Entre os egiptólogos, “a instrução ou o ‘*Lebenslehre*’ [ensinamento] é o gênero que melhor designa a literatura sapiencial”⁶²⁸, conforme evidenciada nos estudos bíblicos. Suas características temáticas e composicionais facilitam o reconhecimento e a classificação de um texto como “instrutivo”. Para Antonio Loprieno⁶²⁹, por exemplo,

definir literatura egípcia implica na identificação de gêneros e formas com certa coesão diatópica e diacrônica. Dessa perspectiva, no Egito, o nível hierárquico mais elevado pertence ao gênero das “Instruções”, que apresenta uma história ininterrupta do Reino Médio em diante.

A expressão *sbꜣyt*, nesse sentido, ocorreria na maioria dos textos como uma espécie de “título” – por vezes identificado em tinta vermelha⁶³⁰ –, indicando, alegadamente, que o conteúdo seguinte será caracterizado por um discurso instrutivo.⁶³¹ Em termos de estrutura, “em quase todos os casos a composição se inicia com o cabeçalho ‘a instrução [*sbꜣyt*] que X

⁶²⁶ Cf. ARAÚJO, Emanuel. **Escrito para a eternidade**: a literatura egípcia no Egito Faraônico. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 47, 55-56; FOX, Michael V. Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature, p. 120-121; WILLIAMS, Ronald J. The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship; FOSTER, John L. **Ancient Egyptian Literature**: An Anthology. Austin: University of Texas Press, 2001, p. xv.

⁶²⁷ QUIRKE, Stephen G. **Egyptian Literature 1800 BC**: Questions and Readings. London: Golden House Publications, 2004, p. 90.

⁶²⁸ FOX, Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature, p. 121.

⁶²⁹ LOPRIENO, **Ancient Egyptian**, p. 45.

⁶³⁰ ARAÚJO, **Escrito para a eternidade**, p. 29.

⁶³¹ Segundo SHUPAK, Nili. The Contribution of Egyptian Wisdom to the Study of the Biblical Wisdom Tradition. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **Was there a Wisdom Tradition?** New Perspectives in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2015, p. 267: “*The determinative depicting a man holding a staff, it designates both teaching and corporal punishment, thereby indicating the process whereby knowledge was transmitted from teacher to pupil in the ancient world – that is, by beating words into the student.*” Para a autora, essa noção encontra-se materializada no hebraico מַצָּיִת, que, à semelhança do termo egípcio, designa tanto instrução quanto punição corporal (cf. Pv 1:8; 13:24; 15:5; 23:13).

compos para Y””.⁶³² Por exemplo, a obra conhecida como *O Ensino de um Homem ao seu Filho* será introduzida como: “início da instrução feita de um homem ao seu filho [ḥ3t-‘ m sb3yt irt.n s n s3f]”; a *Sátira das profissões*, de maneira similar, introduz o discurso nos seguintes termos: “início da instrução por um homem de Tjaru [?] chamado Duau Khety ao seu filho chamado Pepy [ḥ3t-‘ m sb3yt irt.n s n t3rw dw3w ḥty rn.f]”.⁶³³ Essa fórmula introdutória, contudo, poderá variar conforme a audiência implicada: por exemplo, ao passo que o *Ensinamento de Amenemope* configura conselhos oferecidos a um filho da parte do visir, os ensinamentos de *Merikarē* e *Amenemhet I* compreenderão fragmentos políticos moldados à forma de instrução.⁶³⁴ Portanto, o gênero *sb3yt* poderá ser identificado a partir de seu caráter instrutivo e pragmático, embora o próprio cabeçalho introdutório possa variar juntamente com o seu conteúdo.

De acordo com R. J. Williams⁶³⁵, além das obras que empregam o termo *sb3yt*, os egípcios incluíam textos que podem ser classificados como tratados didáticos, propagandas, lamentações, autobiografias mortuárias, calendários para dias de sorte e azar, sátiras etc.⁶³⁶ Ele acrescenta que a sabedoria, em sua forma mais abrangente, “não está confinada meramente a estes textos, mas representa uma *atitude mental e de vida* que encontra expressão em biografias funerárias do final do Antigo Império até o período helenístico”.⁶³⁷

⁶³² SIMPSON, W. K. **The Literature of Ancient Egypt**: Na Anthology of Stories, Instructions, Stela, Autobiographies, and Poetry. 3. ed. Kirkwood: Vail-Ballou Press, 2003, p. 5.

⁶³³ QUIRKE, **Egyptian Literature 1800 BC**, p. 102 e 121.

⁶³⁴ SIMPSON, **The Literature of Ancient Egypt**, p. 5.

⁶³⁵ WILLIAMS, *The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship*, p. 1 e 7.

⁶³⁶ Esse argumento pode ser exemplificado por um caso: em artigo intitulado “*A neglected wisdom text*”, por exemplo, Hans Goedicke (*A Neglected Wisdom Text. The Journal of Egypt Archaeology*, v. 48, dez. 1962, p. 25-35) expõe o estudo de um texto egípcio publicado em 1896, porém, nunca antes analisado de maneira pormenorizada. O texto corresponde à inscrição de uma stela de calcário, cujo dono seria *Mentuhetep*, um dos oficiais do Faraó. Embora a inscrição, de início, proporcione características típicas de uma autobiografia, ela pode ser igualmente considerada como “instrução”. Após a confissão de virtudes praticadas pelo morto, lê-se a breve introdução: “*My instruction to my children (is) as follows*” (Ibid., p. 25), proseguindo, assim, com algumas máximas proferidas por *Mentuhetep*. Para outros exemplos ver Rudolf Anthes (*The legal aspect of the Instruction of Amenemhet. Journal of Near Eastern Studies*, v. 16, n. 3, p. 176-191, jul. 1957, p. 176-191), Carolyn Thériault (*The Instructions of Amenemhet as Propaganda. Journal of American Research Center in Egypt*, v. 30, p. 151-160, 1993, p. 151-160) e J. D. Ray (*Egyptian Wisdom Literature*. In: DAY, John; GORDON, Robert R.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in Ancient Israel**: Essays in Honour of J. A. Emerton. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 17-29).

⁶³⁷ WILLIAMS, *The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship*, p. 1, itálicos acrescentados. Para Williams, o *corpus* de instrução egípcia compõe os seguintes textos: “Ensinamento de Hardjedef” [*Teaching of Hardjedef*], “Ensinamento de Kagemni” [*Teaching for Kagemni*], “Ensinamento de Ptahotep” [*Teaching of Ptahotep*], “Ensinamento para Merikarē” [*Teaching for Merikarē*], “Ensinamento de Amenemhet I” [*Teaching of Amenemhet I*], “Sátira das profissões” [*Satire on the trades*], “Ensinamento leal” [*Loyalist Teaching*], “Ensinamento de um homem a seu filho” [*Teaching of a Man for his Son*], “Ensinamento de Any” [*Teaching of Any*], “Ensinamento de Amenemope” [*Teaching of Amenemope*], “Ensinamento de Amennakhte”

Assim, embora a nomenclatura classificada como “literatura didática egípcia”, “textos didáticos” ou “instruções egípcias” seja uma alternativa à “literatura de sabedoria”, essa classificação raramente agregará o mesmo *corpus*. Por exemplo, ao passo que Miriam Lichtheim⁶³⁸ sugere que a obra *Conto do camponês eloquente* deve ser classificada como “literatura didática”,⁶³⁹ William K. Simpson⁶⁴⁰ inclui o mesmo na seção de “narrativas e contos”.⁶⁴¹ Essa divergência na classificação ocorre, provavelmente, pela dificuldade dos autores para categorizar como “didático” um texto que apresenta formas muito distintas para as “instruções” intituladas como *sbꜣyt*; nos termos de Lichtheim⁶⁴², “em um sentido mais amplo, grande parte da literatura egípcia é didática ou moralizante”.

Dessa perspectiva, pode-se afirmar que o gênero literário sapiencial egípcio – atualmente classificado como “instrução egípcia” – é reconhecido por seu título (*sbꜣyt*) e por sua conotação didática. Contudo, essa definição não será oferecida sem dificuldades: *sbꜣyt* ocorrerá em obras que abrangem formas diversificadas (como propagandas, autobiografias mortuárias, calendários etc.); além disso, o aspecto didático de um texto poderá ser inferido em diversos outros, dificultando a identificação de um gênero literário específico. Com essa

[*Teaching of Amennakhte*], “Ensino de Onkhsheshonqy” [*Teaching of Onkhsheshonqy*]. Os textos de cunho “especulativo” são: “Admoestações de Ipuwer” [*Admonitions of Ipuwer*], “Conto do camponês eloquente” [*Tale of the Eloquent Peasant*], “Canção[ões] do harpista” [*Harper’s Song(s)*], “Disputa de um homem com sua Ba” [*Dispute of a Man with His Ba*], “Profecias de Neferty” [*Prophecies of Neferty*], “Lamento de Khakheperresonbe” [*Lament of Khakheperresonbe*] e “Discurso de Sisobk” [*Discourses of Sisobk*].

⁶³⁸ LICHTHEIM, Miriam. **Ancient Egyptian Literature: The Old and Middle Kingdoms**. California: University of California Press, 1975. v. 1.

⁶³⁹ O *corpus* de instrução egípcia, segundo Lichtheim (cf. **Ancient Egyptian Literature: Ancient Egyptian Literature: The New Kingdom**. California: University of California Press, 1976. v. 2; **Ancient Egyptian Literature: The Late Period**. California: University of California Press, 2006. v. 3), compõe os seguintes textos: “Ensino de Hardjedef” [*Teaching of Hardjedef*], “Ensino de Kagemni” [*Teaching for Kagemni*], “Profecias de Neferty” [*Prophecies of Neferty*], “Lamento de Khakheperresonbe” [*Lament of Khakheperresonbe*], “Admoestações de Ipuwer” [*Admonitions of Ipuwer*], “Disputa de um homem com sua Ba” [*Dispute of a Man with His Ba*], “Conto do camponês eloquente” [*Tale of the Eloquent Peasant*], “Sátira das profissões” [*Satire on the trades*], “Ensino de Any” [*Teaching of Any*], “Ensino de Amenemope” [*Teaching of Amenemope*], “Ensino de Onkhsheshonqy” [*Teaching of Onkhsheshonqy*], “Instrução do Papiro Insinger” [*The instruction of Papyrus Insinger*], “Ensino de Ptahotep” [*Teaching of Ptahotep*] e “Ensino de Amenemhet” [*Teaching of Amenemhet*].

⁶⁴⁰ SIMPSON, **The Literature of Ancient Egypt**.

⁶⁴¹ O *corpus* que Simpson (2003) define como “Instruções, lamentações e diálogos” é composto pelos seguintes textos: “Ensino de Hardjedef” [*Teaching of Hardjedef*], “Ensino de Kagemni” [*Teaching for Kagemni*], “Ensino para Merikarē” [*Teaching for Merikarē*], “Ensino de Amenemhet” [*Teaching of Amenemhet*], “Ensino leal” [*Loyalist Teaching*], “Ensino de um homem a seu filho” [*Teaching of a Man for his Son*], “Disputa de um homem com sua Ba” [*Dispute of a Man with His Ba*], “Lamento de Khakheperresonbe” [*Lament of Khakheperresonbe*], “Profecias de Neferty” [*Prophecies of Neferty*], “Ensino de Amennakhte” [*Teaching of Amennakhte*], “Ensino de Amenemope” [*Teaching of Amenemope*] e “Admoestações de Ipuwer” [*Admonitions of Ipuwer*].

⁶⁴² LICHTHEIM, Miriam. Didactic Literature. In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996, p. 243-244.

dificuldade em mente, Nili Shupak, Mirian Lichtheim, Richard Parkson e Emanuel Araújo pretenderam elaborar considerações mais precisas à classificação da instrução egípcia como gênero literário. Embora dissonantes em alguns aspectos, os autores concordam com a possibilidade de indentificar e interpretar uma obra específica a partir dos conceitos comumente aplicados a sua composição.

De início, as considerações de Nili Shupak⁶⁴³ expressam uma iniciativa mais proposital no momento de abordar a sabedoria egípcia como um gênero literário. Em suas palavras, “embora o gênero sapiencial prevaleça em diversas culturas do Antigo Oriente Médio, [...] a sabedoria egípcia provou ser a mais importante para o estudo da literatura sapiencial bíblica”.⁶⁴⁴ Em termos mais precisos, Shupak assume a existência de uma vertente sapiencial da literatura que resulta, a partir do contexto do Antigo Oriente Médio, em “um gênero literário delimitado no Egito, inscrito sob características e dispositivos linguísticos, estilísticos e literários”.⁶⁴⁵ Muito embora dedique algumas poucas páginas para exemplificar tais peculiaridades composicionais, a autora organiza o gênero literário sapiencial egípcio em dois subgêneros: o didático e o especulativo.

Ambos os tipos compreendem que o mundo, em geral, e a vida humana, em particular, são governados pelas leis da *Mṣr* – justiça e retidão. Ao aplicar um vocabulário que reflete ideias e temas sapienciais, eles também compartilham do objetivo de promulgar conhecimento derivado da experiência e filosofia da vida. Visto que esse dever estava usualmente restrito a homens de autoridade e posição, a literatura sapiencial sempre é atribuída a autores (reais ou fictícios), diferente de outros gêneros, que são de maioria anônimos.⁶⁴⁶

Respectivamente, “o primeiro é prático por natureza, sendo designado para oferecer resposta aos problemas e questões cotidianos”; o segundo, por outro lado, “é crítico, e protesta contra as injustiças administrativas e morais, além de falhas políticas, religiosas e sociais”.⁶⁴⁷ Embora faça menção aos subgêneros sapienciais que devem compor o gênero literário, nesta ocasião, Shupak dedica seu estudo apenas ao primeiro, a saber, o didático.

⁶⁴³ SHUPAK, The Contribution of Egyptian Wisdom to the Study of the Biblical Wisdom Tradition.

⁶⁴⁴ Ibidem, p. 265.

⁶⁴⁵ Ibidem, p. 270.

⁶⁴⁶ Ibidem, p. 266.

⁶⁴⁷ Idem.

Como de costume entre os egiptólogos, Nili Shupak compreende o termo *sbȝyt* como determinante para a identificação de um gênero literário sapiencial egípcio. Para a autora, *sbȝyt* representa “um termo paralelo ao hebraico מוֹדָר, derivado do verbo *sbȝ*”.⁶⁴⁸ A utilização desse termo como ferramenta de classificação indicaria – de maneira quase técnica – a presença de um texto sapiencial didático; a utilização de *sbȝyt* não pretenderá apenas especificar o conteúdo da obra, mas apontar um gênero literário particular, “identificado por sua formação, estrutura, estilo e linguagem”.⁶⁴⁹ De acordo com Shupak, embora o gênero literário sapiencial se utilize, ocasionalmente, de narrativas – isto é, de prosa –, a sabedoria egípcia é elaborada de forma poética, “utilizando-se tipicamente de ritmo, paralelismo, jogo de palavras, repetição de termos ou sons similares, palavras-chave e refrões”.⁶⁵⁰ Esses artifícios literários, no contexto sapiencial, seriam, assim, suplementados com metáforas e símiles abstraídas da vida cotidiana.

Grosso modo, à semelhança de Provérbios e Eclesiastes, o subgênero didático nos textos egípcios carrega a forma de instrução de pai para filho, em que a autoridade paterna ocorre na imagem do rei, visir ou escriba; ele instrui o leitor moralmente em prol de seu bem-estar. No subgênero didático, Shupak⁶⁵¹ menciona a existência de diferentes tipos de *provérbios*, em que atuam “aqueles que comparam dois objetos por meio do termo ‘semelhante’ ou ‘como’ (*mi*); comparações sem qualquer conjunção; e provérbios ‘melhores... que...’ (*ȝh...r*)”. Além disso, Shupak⁶⁵² também faz menção às *instruções* didáticas, “geralmente formuladas na segunda pessoa como um comando positivo ou negativo: nas condições de faça/ não faça.” Dois exemplos podem ser oferecidos dos *Ensinamentos e Ptahhotep*⁶⁵³:

m sdm m tm sdm.

Não escute aquele que não escuta.

*Ir whȝ iwty sdm.f
nn ir n.f ht nbt
mȝf rȝ m hm*

Quanto ao tolo incapaz de ouvir,
nada pode ser feito por ele.
Ele vê sabedoria como ignorância

⁶⁴⁸ Ibidem, p. 267.

⁶⁴⁹ Idem.

⁶⁵⁰ Ibidem, p. 268.

⁶⁵¹ Ibidem, p. 268-269.

⁶⁵² Ibidem, p. 269.

⁶⁵³ Cf. Papyrus Prisse, 16.3-13 e 17.4-9 *apud* QUIRKE, **Egyptian Literature 1800 BC**, p. 99. Todas as transliterações foram retiradas do autor citado e reproduzidas aqui para oferecer uma leitura mais próxima da original.

ֆִּהְתַּ מִּמֶּנִּי

E o que é bom como o que é doloroso.

Para Nili Shupak⁶⁵⁴, o gênero literário sapiencial egípcio também costuma empregar uma linguagem e terminologia específicas em seus textos. Diversos termos, por exemplo, podem expressar os sentidos de ensino e educação – tais como, *sbʕyt* (instrução), *mtr(t)*, “reprovação”, *shr*, “conselho”, *sḏm*, “ouvir, escutar”, *rdi ḥʕty*, “oferecer o coração”, *wh*, “explicar, resolver”. Outros, por outro lado, podem fazer referência ao conceito de conhecimento ou sabedoria – tais como *rh* “conhecimento prático”, *siʕ*, “sabedoria carismática”, *sʕ*, “sabedoria carismática/*expertise* profissional” entre outros. Em suma, a autora se utilizará de muitas convenções temáticas e estilísticas oriundas dos estudiosos da Bíblia Hebraica. Ela pretende se utilizar de tais convenções com o objetivo de aplicá-las aos textos egípcios, inscrevendo-os sob a categoria de um gênero literário e, posteriormente, dividindo-os em subgêneros.

Ao conferir maior preferência ao material egípcio, Mirian Lichtheim⁶⁵⁵ propõe cinco características que, segundo a autora, caracterizam o gênero literário sapiencial egípcio: ele pode ser reconhecido 1) em “instruções” que carregam o título *sbʕyt*, compostas em forma de conselhos e exortações que conduzem o leitor à vida correta; 2) em “testamentos reais”, igualmente intitulados com *sbʕyt*, em que os sábios da realeza educam jovens para a carreira estadista; 3) em “lamentações”, onde os autores protestam contra as autoridades que pervertiam a justiça e a ordem social; 4) em instruções que impelem à lealdade ao rei vigente; e 5) em obras que investem contra o mal procedimento, expostas por aqueles que sofreram seus malefícios. De acordo com Lichtheim⁶⁵⁶, “juntos, os cinco grupos constituem a literatura didática egípcia no sentido preciso do termo”; ainda assim, eles permanecem como “textos que se correlacionam, embora possuam diferentes perfis.” Dentre todas as obras acrescentadas pela autora ao *corpus* sapiencial egípcio, os textos citados constituem aqueles que “são explicitamente didáticos” na literatura egípcia.⁶⁵⁷

No que diz respeito ao primeiro exemplo oferecido, as instruções, Lichtheim as compreende como resposta à questão filosófica “como a vida deve ser vivida?”, porém, oriunda do contexto egípcio. Essas instruções exortam à “modéstia e moderação, e à

⁶⁵⁴ SHUPAK, The Contribution of Egyptian Wisdom to the Study of the Biblical Wisdom Tradition, p. 269-270.

⁶⁵⁵ LICHTHEIM, Didactic Literature.

⁶⁵⁶ Ibidem, p. 243.

⁶⁵⁷ Ibidem, p. 244.

condenação de seus opostos: glotonaria e jactância. Quatro termos, ‘respeitoso, moderado, silencioso e satisfeito’ (*snḏw, mty, grw, hrw*) definem o homem sóbrio”.⁶⁵⁸ As virtudes listadas pelas instruções, contudo, não representam um fim em si mesmas; elas são essenciais para a manutenção da *Mḥt*, isto é, a preservação da ordem em prol da vida. Nas palavras de Lichtheim⁶⁵⁹, a *Mḥt* representa “a força divina da ordem correta que governa o céu e a terra, os deuses e a humanidade”. Dessa forma, a partir da boa conduta, o ser humano é capaz de estabelecer a justiça (ou seja, a ordem social) e, com efeito, colher das consequências positivas de seus atos. O âmago argumentativo das instruções pode ser exemplificado no seguinte fragmento de *Ensinamento de Ptahotep*⁶⁶⁰:

<i>Ir wnn.k sšmy</i>	Se você vai se tornar líder
<i>ḥr wḏ n šhr n ʿšḏ</i>	no comando da atividade de muitos,
<i>ḥḥ n.k sp nb mnḥ</i>	procure para si mesmo cada ocasião eficaz,
<i>r wnt šhr.k nn iw im.f</i>	até que sua condição chegue à irrepreensão.
<i>wr mḥt wḥ spdt</i>	O que é correto [<i>Mḥt</i>] é excelente, e [seu] entusiasmo perdura.
<i>n ḥnn.t(w).s ḏr rk wsir</i>	Não vacilou desde os tempos de Osiris.
<i>iw ḥsf.tw swḏ hr hpw</i>	Aquele que despreza a lei é punido;
<i>swḏ pw m hr n ʿwn-ib</i>	Isto é o que é negligenciado à vista dos gananciosos.

No segundo exemplo, Lichtheim enumera os “testamentos reais”, que, em sua concepção, representa “uma variante do gênero de ‘instrução’ por constituir um testamento político a respeito da realeza”.⁶⁶¹ De acordo com a autora, três temas diferentes se relacionam nesta ocasião: 1) a situação vigente do reino e os deveres do rei; 2) conselhos sobre a administração do governo em favor da firmeza e da justiça, isto é, a manutenção da *Mḥt*; e 3) o requerimento dos deuses a respeito da conduta de cada indivíduo. Essas características podem ser evidenciadas no seguinte fragmento de *Ensinamento para Merikarē*⁶⁶²:

<i>ḥmww m mdt nḥt.k</i>	Habilidade na fala é a sua força
<i>ḥpš pw n nswt ns.f</i>	os músculos do rei é a sua língua.
<i>sḥḏ wrw.k ir.sn hpw.k</i>	Valorize os seus grandes homens, para que eles promulguem sua lei
<i>nn nmḥ n ḥwd m pr.f</i>	Um homem rico na sua casa não irá tomar partidos.

⁶⁵⁸ Ibidem, p. 245.

⁶⁵⁹ Idem.

⁶⁶⁰ Papiro Prisse, 6.3-6 *apud* QUIRKE, **Egyptian Literature 1800 BC**, p. 91.

⁶⁶¹ LICHTHEIM, *Didactic Literature*, p. 247.

⁶⁶² Papiro Hermitage 1116A, 32-35, 42-46 e 125-131 *apud* QUIRKE, **Egyptian Literature 1800 BC**, p. 113, 114 e 118.

tr.tw ntr hr wš.f
 irw m'š msw m hmty
 mī nt dbš.ti m nt
 nn itrw rdi sdgš.f

Um deus deve ser honrado da sua maneira
 feito de pedras preciosas, formado a partir do cobre,
 assim como inundação é trocada por si mesma,
 Não há rio que possa tornar-se transparente sozinho.

O terceiro exemplo oferecido por Lichtheim, as “lamentações”, apresenta um estilo de composição cuja retórica enfatiza o aspecto invertido da realidade, tanto social quanto natural: “o que é inferior torna-se superior, os mendigos agora são ricos, os nobres passam necessidade e assim por diante. A natureza, da mesma forma, participa da inversão: o rio corre seco, as margens inundam etc.”⁶⁶³ As lamentações costumam ocorrer no contexto de conflito civil, seja em escala nacional ou local; os conflitos ilustram o caráter de desintegração do reinado vigente, mormente em conflito com a ordem estabelecida pela *Mšt*. Segundo Lichtheim⁶⁶⁴, as lamentações carregam um aspecto político e moral: “a nação requer um reinado firme, que não possua apenas poder despótico, mas que também inspire a lealdade do governado”. Essa forma de expressão pode ser exemplificada em *Profecias de Neferty*⁶⁶⁵:

hđ tšpn nn mhr.f
 nn dd nn ir rmw
 wnn tšpn m-m
 itn hbs
 nn psd.f mšš rhyt
 nn 'nh.tw hbsw šn'
 wn.in.s hr-nb id m gšf
 iw.i r dd nty hft-hr.i
 n sr.n.i ntt iy

Essa terra está destruída sem ninguém para se preocupar com ela,
 ninguém para se manifestar, ninguém para lamentar,
 o que será dessa terra?
 O disco solar é um ser escondido,
 e não brilhará para que o povo veja,
 e ninguém pode viver, quando as nuvens estão cobertas.
 Assim, eles estão todos ensurdecidos na sua ausência.
 Vou falar sobre o que está diante de mim,
 Não vou profetizar sobre o que não aconteceu.

No quarto exemplo oferecido pela autora, as “instruções à lealdade”, a composição sapiencial pressupõe a obediência ao monarca vigente; isto é, elas impelem os leitores à lealdade e devoção ao rei. De acordo com Lichtheim⁶⁶⁶, à semelhança das lamentações, a temática sobre a inversão da ordem social e natural ocorre, contudo, de maneira positiva: “o ignorante saberá falar”, “o pobre se tornará rico”, “o pequeno irá sobrepujar o grande” e “o

⁶⁶³ LICHTHEIM, *Didactic Literature*, p. 249.

⁶⁶⁴ *Ibidem*, p. 251.

⁶⁶⁵ Papiro Hermitage 1116B, 24-26 *apud* QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 136.

⁶⁶⁶ LICHTHEIM, *Didactic Literature*, p. 251-252.

último se tornará o primeiro”. Uma demonstração dessa perspectiva pode ser encontrada em *Ensino de um homem a seu filho*⁶⁶⁷:

<i>m stn ib.k hr ntr</i>	Não deixe seu coração se afastar de deus.
<i>dw3 nswt mr.k sw n mrt</i>	Louve ao rei, que você o ame como um servo
<i>sb3k.f m dd b3w.f</i>	Ele torna radiante pela concessão de seu poder
<i>mh hr.f m šw r mmi</i>	mas qualquer um que o negligencia é privado de ancoradouro.
<i>iw.f šhpr.f hm r rh</i>	Ele [deus] pode transformar o ignorante em sábio,
<i>msdd hpr m mrr</i>	o odioso torna-se amoroso,
<i>iw.f di.f sn ktkr wrw</i>	ele habilita o menor a ser o maior,
<i>hr phwy m tpy</i>	o último se torna o primeiro.

Em última instância, Lichtheim lista um conjunto de obras didáticas sobre o “sofrimento dos justos”; isto é, textos egípcios elaborados em torno da temática do sofrimento experimentado por protagonistas que, no decorrer do discurso, expressam ceticismo e despreso pela vida. Entre os dois exemplos oferecidos pela autora, *Disputa de um homem com sua Ba* e *Conto do camponês eloquente*, a nível de exemplo, pode-se fazer referência ao primeiro que, de acordo com Lichtheim⁶⁶⁸, diz respeito ao “desejo humano pela morte, previsto por ele como a libertação da miséria e como entrada em uma realidade celestial pós-morte. A Ba [“alma”] cética estimula ao gozo da vida e questiona o pós-morte.” A disputa argumentativa entre os dois protagonistas pode ser exemplificada a partir da seguinte porção:⁶⁶⁹

<i>wḏ^c wī dhwtj ḥtp ntrw</i>	Julga-me, Thot, paz dos deuses.
<i>ḥsf ḥnsw ḥ.i sš m mš^t</i>	Defenda-me, Khons, escritor na verdade,
<i>sdm r^c mdw.i sgr wī3</i>	Escuta minha palavra, Ra, silenciador do barco sagrado,
<i>ḥsf isds hr.i m^t ḏsr[t]</i>	Defenda-me, Isdes, na sala sagrada,
<i>[hr]-ntt s3r.i wdn [...]</i>	porque meu sofrimento é pesado [...]
<i>f3.n.f n.i</i>	ele me carrega.
<i>ndm ḥsf ntrw št3 ht.i</i>	Por favor, que os deuses rechaçam os mistérios do meu corpo.
<i>ḏdt.n n.i b3 ḥt.i</i>	O que a minha alma me disse:
<i>n ntk is s iw.k tr ʿnh</i>	Então, você não é um homem: você ainda está vivo?
<i>ptr km.k mh.k hr ʿnh</i>	O que você ganha com a sua preocupação com a vida,
<i>mi nb ʿh^cw</i>	como um senhor de riquezas?

⁶⁶⁷ QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 102.

⁶⁶⁸ LICHTHEIM, *Didactic Literature*, p. 252.

⁶⁶⁹ Papiro Berlin 3024, 23-33 *apud* QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 102.

Em suma, Mirian Lichtheim assume a existência de um gênero literário sapiencial egípcio que, em sua concepção, deve ser classificado como “literatura didática”. Esse gênero literário ocorrerá nos textos egípcios nos moldes composicionais enumerados acima, embora a autora compreenda-os, separadamente, como “[sub]gêneros” em determinadas ocasiões. Ao classificar o gênero literário como “didático” ao invés de “sapiencial”, a autora sugere que “a raiz egípcia *rh*, ‘conhecer’, e seus derivados, é similar em significado à raiz hebraica *hkm*”.⁶⁷⁰ Contudo, ela enfatiza que o alcance semântico do termo é “aprendizado, compreensão, competência, habilidade e conhecimento. O *Wörterbuch* se abstém dos termos ‘sabedoria’ e ‘sábio’ a suas definições para a raiz e seus derivados”.⁶⁷¹

Discordando da categorização de Lichtheim, Emanuel Araújo⁶⁷² procura separar a literatura didática em, basicamente, duas vertentes: “literatura crítica” e “literatura gnômica”.⁶⁷³ A literatura crítica, segundo o autor, abrange textos de caráter crítico ou reflexivo “pela presença dos verbos *mehi*, ‘pensar, refletir, considerar, preocupar-se’ e *neka*, ‘meditar, contemplar, pensar sobre’”.⁶⁷⁴ As características composicionais dessa vertente podem ser especificadas a partir de seu elemento descritivo; ou seja, a respeito da situação caótica experimentada no país ou da injustiça evidente nos distúrbios sociais, expressando a angústica pessoal de um protagonista. As características da literatura crítica, segundo o autor, podem ser exemplificadas no *Lamento de Khakheperresonbe*⁶⁷⁵:

sh3 t3 hpr m hq.ny
irw m [...]
rdi.tw m3t rwtj
isft m hn sh
hnn.tw shrw ntrw
wn.tw m-^s hrw.sn
wnn t3 sny mn
i[r]tyw m st nbt

O país entra em colapso, torna-se lixo
transformado em [...]
O que é justo é banido,
O mal está dentro do salão do conselho.
As normas dos deuses estão em conflito,
As pessoas fogem com suas provisões.
O país está passando por dor,
há lamentação por toda a parte.

⁶⁷⁰ LICHTHEIM, Didactic Literature, p. 261.

⁶⁷¹ Idem.

⁶⁷² ARAÚJO, *Escrito para a eternidade*.

⁶⁷³ Para o autor, as obras que compõe a literatura crítica são: “Admoestações de Ipuwer” [*Admonitions of Ipuwer*], “Profecias de Neferty” [*Prophecies of Neferty*], “Lamento de Khakheperresonbe” [*Lament of Khakheperresonbe*] e “Disputa de um homem com sua Ba” [*Dispute of a Man with His Ba*]. A literatura gnômica compõe as seguintes obras: “Sátira das profissões” [*Satire on the trades*], “Conto do camponês eloquente” [*Tale of the Eloquent Peasant*], “Ensino de Ptahotep” [*Teaching of Ptahotep*], “Ensino de Amenemope” [*Teaching of Amenemope*], “Ensino para Merikarē” [*Teaching for Merikarē*] e “Ensino de Amenemhet” [*Teaching of Amenemhet*].

⁶⁷⁴ Ibidem, p. 55.

⁶⁷⁵ QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 174.

<i>dd.f n ib.f</i>	Ele diz ao seu coração:
<i>mi m-^s ib.i mdw.i n.k</i>	Se aproxime, meu coração, para que eu possa falar com você,
<i>wšb.k n.i tsw.i</i>	para que você responda aos meus turnos
<i>wh^s.k n.i n3nty ht t3</i>	Para que você me explique essas coisas que permeiam o país.

Por outro lado, a literatura gnômica seria categorizada a partir do vocábulo *sb3yt*, caracterizando “um conjunto literário bem definido” e “mais restritivo que o demasiado amplo ‘didático’”.⁶⁷⁶ De acordo com Araújo, essa vertente seria a única forma literária expressamente nomeada pelos egípcios; o vocábulo *sb3yt* indicaria a presença de ensinamento, instrução e atividades correlatas, “aplicado a composições que referendam as virtudes morais e os modelos de comportamento básico na educação egípcia”.⁶⁷⁷ Esses textos acentuam o autoconhecimento, a capacidade de interferência e atuação, embora sua estrutura formal possa variar. De acordo com o autor, os elementos gnômicos de um texto podem ser exemplificados pela obra *Ensinamento de Amenemhet I*⁶⁷⁸:

<i>h3t-^s m sb3yt irt.n</i>	Início do ensinamento [<i>sb3yt</i>] feito pela
<i>hm n nswt-bity shtp-ib-r^s</i>	majestade do rei do Alto e do Baixo Egito, Sehetepibra,
<i>s3r^s imn-m-h^t m3-hrw</i>	filho de Ra, Amenemhet, íntegro de voz,
<i>dd.f m wpt m3t</i>	declarando em uma revelação da verdade
<i>n s3f nb-r-dr</i>	ao seu filho Senhor de Tudo,
<i>dd.f h^s m ntr</i>	dizendo: Surja como Deus
<i>sdm n dd.ti.i n.k</i>	escute o que eu te digo
<i>nsy.k t3</i>	para que você seja rei na terra
<i>hk3y.k idbw</i>	para que você governe a margem dos rios
<i>ir.k h3w hr nfr</i>	e alcance em excesso de perfeição.

Grosso modo, da perspectiva de Araújo, a referência comum às instruções egípcias como “didáticas” seria demasiado abrangente para a categorização de tais textos que, para o autor, poderiam ser reconhecidos através de aspectos distintos. Ainda assim, Araújo concorda que mesmo a estrutura formal da literatura gnômica varia: poderão ser apresentadas como máximas, seguidas de epílogos (*Ensinamento de Ptahhotep*); poderão ocorrer divididas em capítulos (*Ensinamento de Amenemope*); serão descritas como testamentos políticos como trechos narrativos (“*speculum regum*”, em *Ensinamento para Merikarē* e *Ensinamento de*

⁶⁷⁶ ARAÚJO, *Escrito para a eternidade*, p. 55.

⁶⁷⁷ Idem.

⁶⁷⁸ QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 127.

Amenemhet I) etc. Assim, de alguma forma, o dito “conjunto literário bem definido”, nos termos de Araújo, ainda acarretará composições distintas.

À semelhança das sugestões acima, Richard Parkinson⁶⁷⁹ também propõem o reconhecimento de um gênero literário sapiencial egípcio, porém, a partir de conceitos elaborados por teóricos da literatura. Em primeira instância, o autor alega que “embora os gêneros modernos não possam ser aplicados à literatura egípcia, não obstante, o conceito de gênero é certamente relevante”.⁶⁸⁰ Entretanto, o autor assume de forma categórica que uma “definição generalizada para o gênero é problemática”.⁶⁸¹ A partir dos teóricos da literatura, não existe uma correspondência absoluta entre gêneros literários de diferentes culturas, assim como não existe uma terminologia específica para a classificação das cores. Ainda assim, visto que os gêneros possuem relações culturais, o autor sugere a compreensão destes como “conceito” quando aplicado à literatura egípcia. Assim, para Parkinson⁶⁸², “a ausência de uma terminologia consistente para os gêneros egípcios não implica que não existissem um conceito e um sistema”. A identificação de gêneros, segundo o autor, é essencial para a leitura e compreensão de qualquer texto, independentemente de seu contexto cultural.

Para introduzir suas considerações, Parkson levanta dois questionamentos: 1) “o que é um gênero?”; e 2) “como um texto pode ser identificado em um gênero literário particular?”. Com base nas elaborações teóricas de Alaister Fowler⁶⁸³, a fim de responder a primeira questão, Parkison⁶⁸⁴ afirma que “um gênero não é uma classe mutualmente exclusiva, mas um padrão: [...] visto que os gêneros são mutáveis, e se sobrepõem com frequência, uma terminologia imprecisa possui vantagens sobre uma altamente precisa.” Em outros termos, o sistema de gêneros literários não pode ser compreendido como um conjunto de categorias fixas, mas como uma relação de diferentes tipos de textos. Nos termos de Parkinson⁶⁸⁵, “gêneros são fluídos e flexíveis; embora sejam estabelecidos e confirmados pela tradição, cada texto novo altera e adapta o sistema.” Em termos mais específicos:

⁶⁷⁹ PARKINSON, Richard. B. Types of Literature in Middle Kingdom. In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.

⁶⁸⁰ Ibidem, p. 297.

⁶⁸¹ Idem.

⁶⁸² Ibidem, p. 298.

⁶⁸³ FOWLER, **Kinds of Literature**.

⁶⁸⁴ Ibidem, p. 299.

⁶⁸⁵ Idem.

“Gênero” não precisa fazer referência a um nível particular de abstração, mas, em vez disso, é melhor compreendido como parte de uma escala que varia de uma definição estreita – em que um único texto é seu próprio gênero – a um gênero extremamente amplo, na qual toda praxe da literatura representa o gênero da escrita.⁶⁸⁶

Em relação ao segundo questionamento, Richard Parkinson assume que, entre os egiptólogos, o gênero literário de uma obra deveria ser identificado a partir de uma abordagem histórica; isto é, que se utilize de suas fontes como a crítica da forma, a partir dos títulos que as obras oferecem e de seu contexto histórico. Nos termos de Alaister Fowler⁶⁸⁷, esse tipo de reconhecimento é denominado “inferência construtiva indireta”; o autor sugere que um gênero literário pode ser identificado a partir de características como: estrutura externa, estrutura métrica, tamanho, extensão, assunto, valores, tom, ocasião, atitude, contexto, personagens, estilo, audiência, entre outros. Mesmo assim, segundo Parkinson⁶⁸⁸, “nem todos desses [elementos] são necessariamente relevantes à literatura egípcia [...] essas características são, de fato, sinais genéricos por meio dos quais o texto se comunica, assim como formula, sua identidade.”

A partir dessa perspectiva teórica, Parkinson elabora o gênero literário sapiencial egípcio de uma concepção geral à outra mais específica. Em seus termos, os textos sapienciais representam “discursos sapienciais, todos relacionados a valores definitivos”.⁶⁸⁹ A palavra-chave para “conhecimento” pode ser identificada pela raiz *rh*; ainda assim, os textos sapienciais podem ser divididos em dois grupos: um “gênero didático – cujo termo-chave é *sbʒ* – e um grupo de composições mais reflexivas que usa termos como *mḥj* ‘esteja atento para’ e *nkʒ* ‘medite’”.⁶⁹⁰ Para o autor, o gênero sapiencial é o mais explícito entre os demais textos egípcios; a sua coerência pode ser estabelecida pela semelhança entre forma, tema e estilo, além de sua busca por um estilo de vida idealizado. Assim, em termos de gêneros e subgêneros, Parkinson elabora o seguinte diagrama, adaptado para este estudo:

⁶⁸⁶ Ibidem, p. 300.

⁶⁸⁷ FOWLER, **Kinds of Literature**, p. 52.

⁶⁸⁸ PARKINSON, *Types of Literature in Middle Kingdom*, p. 300.

⁶⁸⁹ Ibidem, p. 303.

⁶⁹⁰ Ibidem, p. 303-304.

shwy mdt kd tsw
d^cr hnw m hhy n ib

Compilação de ditos [*mdt*], construção de frases [*tsw*],
 análise de expressões na busca do coração.

Ainda assim, Parkinson reafirma a necessidade de identificar ambos os gêneros literários sapienciais a partir de suas peculiaridades, isto é, levando em conta a liberdade e flexibilidade de uma composição. Segundo o autor, “o pressuposto da pureza dos gêneros representa um ideal neoclássico que é irrelevante à grande parte da literatura”;⁶⁹⁶ essa afirmação inclui os textos egípcios que, não raro, apresentarão características híbridas, evidenciando a co-existência de gêneros distintos. Em virtude da complexidade das relações entre eles, Parkinson questiona a possibilidade de classificar determinado texto sob a categoria de um gênero literário apropriado. Por essa razão, o autor propõe “o termo ‘gênero dominante’ para descrever o texto como um todo”.⁶⁹⁷ A identificação de um gênero dominante, nesse sentido, seria inevitável no processo de interpretação do texto. Contudo, ela não deveria ultrapassar o reconhecimento de características genéricas. Por exemplo, segundo Parkinson, a obra *Profecias de Neferty* possui como gênero dominante o discurso sapiencial reflexivo, porém, é composto maneira particular:⁶⁹⁸

Prólogo narrativo

hpr.n swt wnn hm n nswt
bity snfrw m³ hrw m nswt
mnh m t³ pn r-dr.f w^c m nn
hrw hpr k^cnb^t nt hnw r pr-^c3
[^cnh wd³] snb r nd^chrt

Houve uma época em que a majestade do rei do Alto e Baixo Egito, Sneferu, íntegro de voz, era um bom rei por todo esse país. Um dia, o Conselho da Residência foi ao Palácio, [vida, prosperidade] e saúde!, para saudar o rei.

Discurso

dd.in.sn hft hm.f^cnh wd³ snb
iw hry-hbt ^c3 n b³st ity nb.n
nfrty rn.f nds pw kn g³b.f s³
pw ikr n db^cw.f

Então disseram diante de Sua Majestade, que ele viva, prospere e esteja bem: “Há um grande estudioso de Bast, ó poderoso nosso Senhor, chamado Neferty. Ele é um plebeu de braço valente; ele é um escriba de dedos hábeis.”

Em suma, Richard B. Parkinson, ao contrário dos estudiosos anteriores, pretende elaborar o conceito de gênero literário a partir de teóricos da literatura, conferindo atenção especial às elaborações de Alaister Fowler. Nesse sentido, ele afirma a necessidade de classificar os textos egípcios a partir de gêneros literários específicos; essa iniciativa, contudo,

⁶⁹⁶ PARKINSON, *Types of Literature in Middle Kingdom*, p. 308.

⁶⁹⁷ Ibidem, p. 309; cf. FOWLER, *Kinds of Literature*, p. 183.

⁶⁹⁸ Papiro Hermitage 1116B, 1-8 *apud* QUIRKE, *Egyptian Literature 1800 BC*, p. 135.

não deve tomar como base as elaborações de gêneros recentes, mas partir de uma inferência do que pode ser resgatado dos textos egípcios. Como um “conceito”, um gênero literário é flexível e dispensa qualquer classificação universal categórica. Nos textos sapienciais egípcios, ele poderá ser identificado de duas maneiras: o gênero literário sapiencial diático e o gênero literário sapiencial reflexivo. Embora reconhecíveis a partir dessas classificações, o autor enfatiza a necessidade de compreendê-los, acima de tudo, como formas particulares de gênero, cujas formulações híbridas serão evidenciadas mesmo nas obras claramente didáticas ou reflexivas.

3.2.2 Gênero Literário Sapiencial Mesopotâmico

No que diz respeito aos estudos da sabedoria bíblica à luz da literatura sapiencial do Antigo Oriente Médio, costuma-se dar preferência à literatura egípcia. Isto é, ironicamente, os textos sapienciais semíticos que, em tese, carregam maior semelhança temática e estilística com a sabedoria bíblica costumam ser negligenciados nos estudos bíblicos. Nas palavras de John Day⁶⁹⁹, “ao contrário da preferência de atenção conferida à dívida de Israel à sabedoria egípcia, pouca atenção é conferida para a dependência de Israel da sabedoria semítica”. Para Richard J. Clifford⁷⁰⁰, uma possível justificativa para essa preferência é o fato de a “literatura mesopotâmica, até recentemente, não ter sido publicada de forma tão acessível quanto o material egípcio”. Ainda assim, à semelhança da literatura egípcia, compreende-se que o *corpus* sapiencial mesopotâmico é distinguível, embora possua alguns problemas de interpretação. Nas palavras de Clifford⁷⁰¹, “mais estudos comparados do material sapiencial terão de esperar por mais textos e melhores edições.”

A princípio, a obra de Wilfred G. Lambert⁷⁰² ofereceu aos estudiosos um *corpus* sapiencial mesopotâmico amplo para análise, em comparação ao que poderia ser identificado na Bíblia Hebraica. As obras selecionadas pelo autor agregam fábulas, hinos, provérbios, diálogos, entre outros.⁷⁰³ Entre os estudiosos, a tendência de somar textos ao *corpus*

⁶⁹⁹ DAY, John. Foreign Semitic Influence on the wisdom of Israel and its appropriation in the book of Proverbs. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. **Wisdom in Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 55.

⁷⁰⁰ CLIFFORD, Introduction, p. xi-xii.

⁷⁰¹ Ibidem, p. xii.

⁷⁰² LAMBERT, **Babylonian Wisdom Literature**.

⁷⁰³ O *corpus* de textos sapienciais selecionados por Lambert são: “O poema do justo sofredor” [*The Poem of the Righteous Sufferer*, *Ludlul bēl nēmeqi*, lit. “eu louvarei o senhor da sabedoria”], “A teodicéia babilônica” [*The*

sapiencial mesopotâmico pode ser exemplificada no conjunto de obras oferecido por Dietz Otto Edzard⁷⁰⁴ que, nos termos de Clifford⁷⁰⁵, é limitado por se restringir a fábulas, enigmas e coleções de provérbios. Essa lista, segundo o autor, é ampliada por Wolfgang Röllig no mesmo artigo,⁷⁰⁶ ao acrescentar narrativas, textos didáticos e hinos.⁷⁰⁷ Outros acréscimos são oferecidos na antologia de James B. Pritchard⁷⁰⁸ sob o título “Literatura Didática e Sapiencial”, em que o autor compreende a categoria sapiencial entre fábulas, contos didáticos, provérbios e preceitos, observações sobre a vida, ordem no mundo, oráculos e profecias.⁷⁰⁹ Uma tendência adicional pode ser ainda observada no arcervo online *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature* (ETCSL), em que a categoria “literatura sapiencial” compreende um número limitado de textos;⁷¹⁰ ao contrário das tendências anteriores, diálogos, debates e provérbios são inseridos em outras categorias. Essa tendência foi apontada por Clifford⁷¹¹, que observou: “fica claro que ‘literatura sapiencial’ não representa a categoria principal do *corpus* eletrônico”.

Uma breve consideração ao *corpus* mesopotâmico sugerido pelos autores acima possibilita uma afirmação prévia acerca do gênero literário sapiencial: à semelhança da

Babylonian Theodicy], “Instruções de Šuruppak” [*Instructions of Šuruppak*], “Conselhos de sabedoria” [*Counsels of Wisdom*], “Conselhos de um pessimista” [*Counsels of a Pessimist*], “Conselho a um príncipe” [*Advice to a Prince*], “Hino a Niruta” [*Hymn to Niruta*], “O hino de Šamaš” [*The Šamaš Hymn*], “Diálogo sobre pessimismo” [*The Dialogue of Pesimism*], “O tamarisco e a tamareira” [*The Tamarisk and the Palm*], “A fábula do salgueiro” [*The Fable of the Willow*], “Nisaba e o trigo” [*Nisaba and Wheat*], “O touro e o cavalo” [*The Ox and the Horse*], “A fábula da raposa” [*The Fable of the Fox*], “A fábula do burro de equitação” [*The Fable of the Riding-donkey*]. Dentre as obras citadas, incluem-se ditos populares e provérbios (bilíngues e babilônicos).

⁷⁰⁴ EDZARD, Dietz O. Literatur. In: EBELING, Erich; MEISSNER, Bruno; WEIDNER, Ernst; EDZARD, Dietz O.; VON SODEN, Wolfram (Eds.). **Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie**. [s.l.] W. de Gruyter, 1987, p. 45-46.

⁷⁰⁵ CLIFFORD, Introduction, p. xii.

⁷⁰⁶ Cf. EDZARD, Literatur, p. 59-61.

⁷⁰⁷ Especificamente: *Enûma eliš*, “Instruções de Šuruppak” [*Instructions of Šuruppak*], “Conselhos de sabedoria” [*Counsels of Wisdom*], “Conselhos de um pessimista” [*Counsels of a Pessimist*], “Hino a Niruta” [*Hymn to Ninuta*], “O hino de Šamaš” [*The Šamaš Hymn*], “A teodicéia babilônica” [*The Babylonian Theodicy*] e coleções de provérbios.

⁷⁰⁸ PRITCHARD, **The Ancient Near East**, p. 403-470.

⁷⁰⁹ Os textos sapienciais mesopotâmicos de Pritchard são: “O tamarisco e a tamareira” [*The Tamarisk and the Palm*], “Palavras de Ahiqar” [*The words of Ahiqar*], “O poema do justo sofredor” [*The Poem of the Righteous Suffer; Ludlul bēl nēmeqi*, lit. “eu louvarei o senhor da sabedoria”], “Diálogo sobre pessimismo” [*The Dialogue of Pesimism*], “Oráculos sobre Esarhaddon” [*Oracles concerning Esarhaddon*], “Uma carta a Ašurbanipal” [*A Letter to Ašurbanipal*], “Oráculo de Ninlil sobre Ašurbanipal” [*Oracle of Ninlil concerning Ašurbanipal*], “Um sonho oracular sobre Ašurbanipal” [*An oracular dream concerning Ašurbanipal*], além de coleções de provérbios e profecias.

⁷¹⁰ Os textos são: “Os três guiadores de boi de Adab” [*The Three Ox-Drivers from Adab*], “Instruções de Šuruppak” [*Instructions of Šuruppak*] e “A instrução do fazendeiro” [*The Farmer’s Instruction*].

⁷¹¹ CLIFFORD, Introduction, p. xiii.

distinção que se confere ao conceito de “sabedoria” entre os textos bíblicos e os mesopotâmios, o gênero sapiencial parece abranger textos cujas características excedem aquelas identificadas na Bíblia Hebraica. Em outras palavras, eles se distanciam em termos de natureza e definição. Observações mais específicas a respeito do gênero literário sapiencial na mesopotâmia poderão ser oferecidas por dois autores: Karel van der Toorn e Giorgio Buccerllati. Embora as considerações de ambos não sejam demoradas sobre o assunto, os autores aplicam à sabedoria mesopotâmica alguns conceitos sobre gênero literário sapiencial comuns à Bíblia Hebraica e, posteriormente, apontam discriminações à categoria tradicional.

Em primeira instância, por exemplo, Karel van der Toorn⁷¹² entenderá o gênero literário sapiencial babilônico de duas perspectivas, a partir do estudo de duas edições do *Épico de Gilgameš*. Para o autor, o *Épico de Gilgameš* é reconhecido entre os estudiosos mais recentes como um texto sapiencial.⁷¹³ Por possuir uma história literária ampla, o estudo comparado entre as edições dessa obra pode evidenciar, segundo o autor, “uma mudança no conceito de sabedoria”.⁷¹⁴ Em outras palavras, no contexto babilônico, o gênero literário sapiencial pode ser compreendido de forma “evolutiva”, segundo Toorn, a partir do momento em que passou a ser expresso de forma literária entre os israelitas.

A transformação dos conceitos é identificada na discriminação entre dois tipos de sabedoria. Para Toorn⁷¹⁵, a primeira delas articula “a mensagem de que o caminho para a boa vida requer a aceitação da mortalidade e a disposição mental para aproveitar as boas coisas da vida de maneira moderada”. Grosso modo, o autor compreende esse primeiro tipo de sabedoria como “tradicional”. A primeira edição do *Épico de Gilgameš* – localizada cronologicamente por ele em 1600 AEC –, por conseguinte, deve apresentar uma forma antiga de sabedoria. Essa forma, segundo Toorn⁷¹⁶, retrata a sabedoria como “inteligência humana adquirida de maneira meticulosa pela experiência em um período da vida”. Neste ponto, o autor associa a abordagem *carpe diem* do *Épico de Gilgameš* ao gênero literário sapiencial da Bíblia Hebraica, cujas admoestações são prescritas, segundo o autor, a partir da

⁷¹² TOORN, Why wisdom became a secret.

⁷¹³ Cf. GEORGE, A. R. **The Babylonian Gilgamesh Epic**: Introduction, critical edition and coneiform texts. New York: Oxford University Press, 2003. v. 1, p. 32-33.

⁷¹⁴ TOORN, Why wisdom became a secret, p. 22.

⁷¹⁵ Idem.

⁷¹⁶ Ibidem, p. 24.

experiência humana. Para exemplificar sua afirmação, Toorn utiliza-se do seguinte fragmento do *Épico de Gilgameš*⁷¹⁷:

1 *GIŠ e-eš ta-da-a-al*
 2 *ba-la-ťám š ata-as-aḥ-ḥu-ru la tu-ut-ta*
 3 *i-nu-ma ilū ib-nu-ú a-wi-lu-tam*
 4 *mu-tam iš-ku-nu a-na a-wi-lu-tim*
 5 *Ba-la-ťám i-na qá-ti-šu-nu-ú iṣ-ša-ab-tu*
 6 *At-ta GIŠ lu ma-li ka-ra-aš-ka*
 7 *ur-ri ù mu-ši ḥi-ta-ad-dú at-ta*
 8 *u-mi-ša-am šu-ku-um ḥi-du-tam*
 9 *ur-ri ù mu-ši su-ur ù me-li-il*
 10 *lu ub-bu-bu šú-ba! (KU)-tu-ka*
 11 *qá-qá-ad-ka lu me-si me-e lu ra-am-ka-ta*
 12 *šú-ub-bi še-eḥ-ra-am ša-bi-tu qá-ti-ka*
 13 *mar-ḥi-tum li-iḥ-ta-ad-da-a-am i-na su-ni-ka*
 14 *an-na-ma ši-i[m-ti a-wi-lu-tim?]*
 15 *ša ba-al-ťú x[.....]*

1 ‘Ó, Gilgameš, por onde você tem vagado?
 2 Você não pode encontrar a vida que procura:
 3 quando os deuses criaram a humanidade,
 4 eles determinaram a morte para o ser humano,
 5 eles conservaram a vida para si mesmos.
 6 Quanto a você, Gilgameš, mantenha sua barriga farta,
 7 continue se divertindo, dia e noite!
 8 Esteja contente todos os dias,
 9 dance e brinque dia e noite!
 10 Mantenha suas roupas limpas!
 11 Mantenha sua cabeça lavada, que você se banhe com água!
 12 Atente para o pequenino que segura sua mão!
 13 Que sua esposa desfrute de seu abraço contínuo!
 14 Esse é o destino [dos seres mortais,]
 15 que aquele que vive [.....]’

O segundo tipo de sabedoria, para Toorn, pode ser identificado em uma edição posterior do *Épico de Gilgameš* – datada para 1100 AEC. O editor do texto, introduzido como *Sin-leqe-unninni*, acrescentou à obra um prólogo de 28 linhas; assim, a primeira linha da edição antiga tornou-se a linha 29. De acordo com Toorn⁷¹⁸, “o novo prólogo enfatiza o fato de o épico ser sobre sabedoria [*nēmequ*]”; nesse contexto, ela teria sido conferida a *Gilgameš* por *Utnapištim* (ou *Atrahasis*) por revelação divina. A intervenção sobrenatural no processo de comunicação do conhecimento evidenciaria a existência de um novo conceito conferido à

⁷¹⁷ Cf. OB Sippar tablete, iii, 1-15 *apud* GEORGE, **The Babylonian Gilgamesh Epic**, p. 278 e 279. Todas as transliterações foram retiradas do autor citado e reproduzidas aqui para oferecer uma leitura mais próxima da original.

⁷¹⁸ TOORN, *Why wisdom became a secret*, p. 23.

Uma sugestão diametralmente oposta sobre o gênero literário sapiencial mesopotâmico pode ser evidenciada, contudo, em Giorgio Buccerllati⁷²³. Antes de propor suas considerações, o autor menciona dois aspectos previamente definidos sobre a sabedoria, tanto nos estudos bíblicos quanto nos estudos mesopotâmicos. Para Buccerllati, “a sabedoria é vista como um gênero literário, caracterizado por certos traços formais, tais como os tipos de composição e suas peculiaridades linguísticas”;⁷²⁴ além disso, “a sabedoria é vista como uma tendência intelectual – uma ideologia que melhora a apreciação humana da realidade e agrega certa filosofia de vida, condizentes especialmente a questões éticas”.⁷²⁵ Ao passo que ambos os aspectos são reconhecidos, segundo o autor, pode-se identificar um cânon de textos sapienciais – embora não pressupunha a existência de um *corpus* específico para essa categoria na literatura mesopotâmica.

Entretanto, Buccerllati lista os aspectos acima apenas para, no decorrer do estudo, discordar de sua aplicabilidade ao gênero literário sapiencial mesopotâmico. Em suma, o autor compreende que “está claro que devemos separar a sabedoria da literatura”; para Buccerllati, ela deveria ser compreendida como “um *fenômeno intelectual* em si mesma”.⁷²⁶ A própria elaboração de um gênero literário sapiencial é desconsiderada pelo autor – e, com ela, sua associação com um movimento intelectual, um *Sitz im Leben* específico e um *corpus* que agregue características distintivas para a identificação de um gênero literário. Por outro lado, Buccerllati sugere a “metáfora da soleira” para exemplificar a função da sabedoria no contexto mesopotâmico. De uma perspectiva concreta, a soleira é, “de fato, um ponto de contato e de separação; o símbolo de ambos o início e o fim. Ela é estática por estabelecer uma fronteira; porém, é dinâmica na medida em que propõe um cruzamento”.⁷²⁷ A ilustração é utilizada com o propósito de exemplificar a dinâmica do *fenômeno sapiencial*: ele representa a tentativa de expandir o entendimento particular do mundo para aplicá-lo à esfera universal, que poderá ser descrita de maneira racional e crítica. Nas palavras do autor, “ela é, de imediato, epistemologia, ética, ontologia e introspecção lírica”;⁷²⁸ ela possui uma coerência interna como atitude diante da realidade e não como instituição.

⁷²³ BUCCERLLATI, Wisdom and Not.

⁷²⁴ Ibidem, p. 35.

⁷²⁵ Idem.

⁷²⁶ Ibidem, p. 44, itálicos acrescentados.

⁷²⁷ Ibidem, p. 35.

⁷²⁸ Ibidem, p. 44.

Giorgio Buccerllati é capaz de sugerir tais definições em decorrência de seu entendimento sobre os elementos que costumam ser sugeridos para a composição de um gênero literário sapiencial. Em sua compreensão, o gênero amíude é identificado em temas particulares, manifestos por meio de “formas de expressão dramática ou dialógica”.⁷²⁹ Ao elaborar os temas sapienciais, o autor os sumariza em dois aspectos: religião e conhecimento. Do ponto de vista da *religião*, 1) a sabedoria interpreta a realidade como um “sistema fechado”, regido pelo destino, que deve ser avaliado criticamente por meio da experiência; da perspectiva do *conhecimento*, 2) a sabedoria se comunica por meio da introspecção lírica, motivada pela humildade diante das leis universais que regem a realidade. Segundo Buccerllati⁷³⁰, “iremos nos referir a esses [temas] como temas sapienciais, sem a intenção de prejudicar, dessa maneira, aquilo que a sabedoria poderia significar em última instância”. Em outras palavras, os “temas sapienciais” não estariam sujeitos à categorização sapiencial, de maneira que poderiam ser lidos como elementos autônomos na literatura mesopotâmica. O autor elabora um diagrama que exemplifica a relação dos temas sapienciais com a religião e o conhecimento no contexto mesopotâmico, como pode ser ilustrado na adaptação abaixo:

Figura 3 – Temas sapienciais mesopotâmicos

	Campo de análise	Pares em contraste	
		Sabedoria	Outro
Religião	Conceito de absoluto	→ Sistema fechado (fato)	→ Sistema aberto (panteão)
	Reação ao absoluto	→ Avaliação crítica	→ Revelação (Imanente)
	Medida de aperfeiçoamento	→ Experiência	→ Sucesso
Conhecimento	Comunicação do conhecimento	→ Introspecção lírica	→ Narrativa
	Disposição do sujeito	→ Habilidade / humildade	→ Receptividade / autoconfiança
	Natureza do objeto	→ Princípio / iniversal	→ Eventos / particular

Fonte: Buccerllati (1981, p. 39).

⁷²⁹ Ibidem, p. 39.

⁷³⁰ Ibidem, p. 38.

No que diz respeito às características composicionais que expressam os temas de sabedoria, Buccerllati⁷³¹ afirma que “a correlação entre os temas sapienciais e a forma dialógica é muito significativa: o diálogo, puro e simples, enfatiza o desdobramento de um pensamento em processo”. Dessa perspectiva, esse tipo de composição facilitaria a externalização de um discurso intelectual. Em complemento, Buccerllati⁷³² sublinha que “a brevidade composicional é um requerimento necessário de Provérbios como unidade literária, e, a esta altura, isso deve ser considerado como um correlativo importante dos temas sapienciais, que também são encontrados em Provérbios”. Com essas afirmações, o autor sugere que tanto os temas sapienciais quanto as composições que costumam expressá-los não poderiam ser limitados a um único gênero literário sapiencial mesopotâmico, mas a vários: “os temas sapienciais são difusos demais ao longo de uma variedade de formas literárias para evidenciar qualquer tipo de correlação exclusiva com um único conjunto de características.”⁷³³ À semelhança dos temas sapienciais, o autor elabora um diagrama para ilustrar sua exemplificação, como pode ser observado na adaptação abaixo:

⁷³¹ Ibidem, p. 39.

⁷³² Ibidem, p. 40.

⁷³³ Ibidem, p. 44.

Figura 4 – Gêneros literários mesopotâmicos e temas sapienciais

		Classificação literária		Correlação	
Tipo de discurso	Tipo de comunicação	Tipo de composição	Gênero	Temas de sabedoria	Outro
Métrico (poesia)	Direta (eu/você)	Discurso	Hinos	+	+
	Indireta (eu/ele, ele/ele)	História	Declaração → Poemas líricos	+	+
			Narrativa → Mito, épico	+	+
			Drama → Diálogos líricos	+	-
Não métrico (prosa)	Direta (eu/você)	Discurso	Preceitos e admoestações	+	-
			Cartas e orações	+	+
	Indireta (eu/ele, ele/ele)	História	Declaração → Sistemática	-	-
			Declaração → Sentencial	+	-
			Provérbios		
			Lei, omīna	+	+
			Narrativa → Orientada pelo evento	-	+
			Narrativa → Orientada por princípio		
			Drama → Orientada pelo culto	-	+
			Drama → Secular		
			Disputas	+	-

Fonte: Buccerllati (1981, p. 39).

Em suma, ao contrário da opinião de Karel van der Toorn, Giorgio Buccerllati desconsidera a existência de um gênero sapiencial mesopotâmico específico – assim como um *corpus* caracterizado por “traços sapienciais” particulares. O autor, com efeito, sugere a identificação de um fenômeno sapiencial que, em sua concepção, não pode ser restringido à atividade literária. Ainda assim, o autor argumenta que os temas sapienciais podem ser identificados em composições literárias que comumente apresentam características dialógicas; essas características são evidenciadas em diversos gêneros sapiencias mesopotâmicos, e não em um gênero particular.

3.3 Gênero Sapiencial em Transição: Literatura Sapiencial em Qumran

No período anterior às descobertas dos manuscritos do Mar Morto, o *corpus* de textos categorizado como “sapiencial” no judaísmo do Segundo Templo se restringia a poucas obras: Eclesiástico e Sabedoria de Salomão. Contudo, com o descobrimento e estudo dos textos sapienciais de Qumran, ambos o *corpus* de sabedoria do Segundo Templo e suas características foram aprofundados. Os principais estudos a respeito de tais textos podem ser encontrados nos volumes 20 e 34 da série *Discoveries in the Judeaeen Desert*⁷³⁴, em que o primeiro se concentra nos textos sapienciais em geral e o segundo nos manuscritos referentes a *4QInstruction for a Maven*. A maioria dos textos, segundo especialistas, foi encontrada na Caverna 4 (4Q) e estão incompletos. Eles costumam ser mencionados a partir da numeração de seus manuscritos correspondentes.⁷³⁵

Mesmo diante deste quadro otimista, deve ser observado que muito embora termos como “sabedoria” ou “discernimento” sejam encontrados entre os manuscritos de Qumran, a classificação destes como “literatura sapiencial” permanece sugestiva. Nas palavras de A. S. van der Woude⁷³⁶, “não existe nenhuma evidência indisputável de que [tais textos] chegam a compor textos de sabedoria.” Para que sejam classificados dessa maneira, o estudioso deve prever a existência de peculiaridades composicionais semelhantes às evidenciadas na Bíblia Hebraica. Por esse motivo, Woude⁷³⁷ prefere considerar como “sapiencial” os textos “cujo conteúdo inclui elementos suficientes para recordar os escritos de sabedoria da Bíblia Hebraica”. Embora vaga, essa classificação possui fins pragmáticos e evita, de imediato, a

⁷³⁴ Respectivamente ELGVIN, T. *at al.* (Eds.). **Qumran Cave 4, XX**: Sapiential Texts: part 1. Oxford: Clarendon Press, 1997. (Discoveries in the judeaeen desert); e STRUGNELL, John; HARRINGTON, Doniel J. (Eds.). **Qumran Cave 4, XXXIV**: Sapiential Texts: part 2; 4QInstruction (*Mūsār Lēmēvîn*). Oxford: Clarendon Press, 1999. (Discoveries in the judeaeen desert).

⁷³⁵ A lista dos manuscritos que correspondem aos textos sapienciais encontrados em Qumran são: 1Q26 (1QInstruction); 1Q27 (1QMysteries); 4Q184 (4QWiles of the Wicked Woman); 4Q185 (4QSapiential Work); 4Q299-301 (4QMysteries^{a.b.c.}); 4Q392 (4QWorks of God); 4Q410 (4QSapiential Work/ 4QVision and Its Interpretation); 4Q412 (4QSapiential Work/ 4QSapiential-Didactic Work A); 4Q413 (4QSapiential Work/ 4QCompostion concerning Divine Providence); 4Q15 (4QSapientialWork II^b/ 4QInstruction^a); 4Q16 (4QSapiential Work I^b/ 4QInstruction^b); 4Q417 (4QSapiential Work I^c/ 4QInstruction^c); 4Q418 (4QSapiential Work I^a/ 4QInstruction^d); 4Q419 (4QSapiential Work I^d/ 4QSapiential Work B); 4Q420 (4QSapiential Work IV^a/ 4QWays of Righteousness^a); 4Q421 (4QSapiential Work IV^b/ 4QWays of Righteousness^b); 4Q423 (4QSapiential Work V/ 4QInstruction⁸); 4Q424 (4QSapiential Work II/ 4QSapiential Text); 4Q425 (4QSapiential Work/ 4QSapiential-Didactic Work B); 4Q426 (4QSapiential Work II^b/ 4QSapiential-Hymnic Work A); e 4Q525 (4QBeatitudes).

⁷³⁶ WOUDE, A. S. Van Der. Wisdom and Qumran. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel**: Essays in honour of J. A. Emerton. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 244.

⁷³⁷ Ibidem, p. 244-245.

inclusão de textos muito distintos daquilo que os estudiosos costumam atribuir o rótulo sapiencial.

3.3.1 Condições e Características da Sabedoria em Qumran

Ao abordar a literatura sapiencial encontrada em Qumran, acadêmicos costumam observar que o estado fragmentário de seus manuscritos dificulta a aplicação de estudos comparados;⁷³⁸ os fragmentos de tais manuscritos “são muito pequenos e não contêm material textual suficiente para identificar cláusulas, sentenças separadas, para análises sintáticas ou morfossintáticas [...] Por ocasião dessa situação, um estudo linguístico de tais textos pode ser apenas fragmentário”.⁷³⁹ Ainda assim, mesmo de maneira segmentada, é possível distinguir entre eles a existência de “obras sapienciais”, das quais podem ser destacadas como exemplo *4QInstruction for a Maven*, *4QWays of Righteousness*, *Book of Mysteries*, *4QBeatitudes* entre outros. Nos estudos orientados a esse *corpus*, os principais temas discutidos são: 1) revelação, criação, teologia e determinismo; 2) sabedoria e apocalipcismo; 3) escatologia; 4) a Torá e a interpretação bíblica; 5) contexto histórico; e 6) gênero literário.⁷⁴⁰

Dentre os temas listados acima, pode-se estabelecer uma relação entre aqueles que discutem a associação entre a sabedoria e o apocalipcismo e os que propõem um gênero literário ao material. Essa correspondência é possível porque os textos classificados como “sapienciais” em Qumran apresentam distinções do que se costuma definir como gênero literário sapiencial nos estudos bíblicos, justamente por apresentarem características apocalípticas e escatológicas. Como previsto por Michael Stone⁷⁴¹ – em ocasião anterior aos estudos aprofundados sobre o assunto –, a literatura do Segundo Templo contém uma “tensão entre o gênero literário sapiencial e o conceito mais amplo de sabedoria”. Esse “conceito mais amplo”, evidentemente, é exemplificado pelas temáticas apocalípticas e escatológicas que os textos sapienciais de Qumran possuem. Nas palavras de Matthew Goff,

⁷³⁸ BROOKE, G. J. Biblical Interpretation in the Wisdom Texts of Qumran; SCHOORS, Antoon. The Language of Qumran Sapiential Works. In: HEMPEL, C.; LANGE, A.; LICHTENBERGER, H. (Eds.). **The Wisdom Texts of Qumran and the Development of Sapiential Thought**. Leuven: Leuven University Press, 2004.

⁷³⁹ SCHOORS, The Language of Qumran Sapiential Works, p. 61.

⁷⁴⁰ GOFF, Matthew J. Recent Trends in the Study of Early Jewish Wisdom Literature: The Contribution of *4QInstruction* and Other Qumran Texts. **Currents in Biblical Research**, v. 7, n. 3, p. 376-416, 2009, p. 378-379.

⁷⁴¹ STONE, Michael E. Apocalyptic Literature. In: STONE, Michael E. (Ed.). **Jewish Writings of the Second Temple Period**. Philadelphia: Fortress Press, 1984, p. 389.

Os textos sapienciais de Qumran compreendem *um corpus* de textos variado – diverso em forma, cosmovisão e contexto social. Eles confirmam alguns desenvolvimentos no pensamento sapiencial, conforme a comparação discernida entre Eclesiástico e Sabedoria de Salomão com Provérvios. [...] os textos sapienciais de Qumran evidenciam alguns desenvolvimentos que eram relativamente inesperados.⁷⁴²

Essa distinção temática entre os textos sapienciais da Bíblia Hebraica e os de Qumran, por conseguinte, levou a maioria dos acadêmicos a classificar dois tipos de sabedoria no contexto judaico: 1) uma sabedoria “tradicional”, relativa às características associadas aos estudos orientados a Jó, Provérbios e Eclesiastes; e 2) a sabedoria “apocalíptica”, relativa aos textos de Qumran, que somam à temática tradicional algumas preocupações escatológicas.⁷⁴³ A nível de exemplificação, segundo Klaus Koch⁷⁴⁴, em relação à primeira: “a literatura sapiencial [bíblica] reflete e articula a relação entre o construto ‘boa ação-bênção’ e o construto ‘ação ímpia-castigo’ conforme aplicados aos indivíduos”. Essa relação estaria relacionada à ordem de causa e efeito natural à vida terrena. Em contrapartida, em relação à segunda: “[na literatura sapiencial de Qumran] o horizonte de ação e consequência é expandido à vida após a morte de modo que os resultados esperados são garantidos por meio de uma avaliação no fim dos dias”.⁷⁴⁵ Em outros termos, ao passo que a sabedoria tradicional pretende instruir para a vida imediata, a sabedoria apocalíptica oferece uma instrução com fins escatológicos.

Conferidas as distinções entre a sabedoria tradicional e a apocalíptica, as discussões relacionadas à identificação de um gênero literário sapiencial se intensifica e, com efeito, tornam-se ainda mais imprecisas. Segundo Matthew Goff⁷⁴⁶, à luz dos textos sapienciais apocalípticos do Segundo Templo, “a sabedoria como categoria literária [gênero literário], que era um tanto vaga a princípio, é agora ainda mais vaga.” O autor considera que “o nível extenso da diversidade na literatura sapiencial do judaísmo antigo [...] dificulta o

⁷⁴² GOFF, Matthew J. **Discerning wisdom: the sapiential literature of Dead Sea Scrolls**. Leiden; Boston: Brill, 2007, p. 308.

⁷⁴³ COLLINS, **Jewish Wisdom in Hellenistic Age**, p. 13.

⁷⁴⁴ KOCH, Is There a Doctrine of Retribution in the Old Testament?, p. 64.

⁷⁴⁵ ADAMS, Samuel L. **Wisdom in Transition: Act and Consequence in Second Temple Instructions**. Leiden; Boston: Brill, 2008, p. 7.

⁷⁴⁶ GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre, p. 335.

estabelecimento de um critério comum que auxilie a definição da categoria literária em que os textos sapienciais de Qumran são colocados”.⁷⁴⁷

Em termos mais precisos, a diversidade temática do material, evidenciada nos textos de Qumran, reforçou a dificuldade anterior promulgada por alguns biblistas a respeito da definição da sabedoria bíblica. Essa problemática, somada à necessidade de compreendê-la como um gênero literário, tomou novas proporções com os manuscritos sapienciais de Qumran; “a gama diversificada de material que é rotulado como ‘sapiencial’ obriga os estudiosos a revisitar a questão a respeito da coerência da literatura sapiencial”.⁷⁴⁸ Nesse contexto, somam-se três dificuldades para a categorização da sabedoria como gênero literário sapiencial: 1) o caráter fragmentário dos textos de Qumran dificultam o reconhecimento de um gênero específico; 2) os textos comumente classificados como sapienciais, em Qumran, apresentam temáticas apocalípticas e escatológicas incomuns à sabedoria tradicional; e 3) a ambiguidade de definições atribuídas ao rótulo sapiencial como gênero literário nos estudos bíblicos prejudica os estudos comparados; ao passo que os “apocalipses” são estudados como gênero literário, o mesmo ainda não ocorreu com a sabedoria de maneira mais aprofundada.⁷⁴⁹

Ainda assim, em detrimento de tais dificuldades, estudiosos pretendem estudar a literatura sapiencial de Qumran à luz do gênero literário sapiencial, conforme estabelecido por biblistas. Como será evidente, embora a categoria seja reafirmada em alguns aspectos, acadêmicos costumam aplicá-las com ressalvas.

3.3.2 A Sabedoria em Qumran à Luz do Gênero Literário Sapiencial

Na tentativa de esclarecer os parâmetros utilizados para definir o gênero literário sapiencial a partir dos manuscritos encontrados em Qumran, quatro autores podem ser mencionados: Mathew Goff, John J. Collins, Menahem Kister e Benjamin G. Wright III. Muito embora pretendam classificar os textos de Qumran, as observações desses autores têm como base o gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica; suas elaborações consideram os estudos preliminares sobre a sabedoria bíblica antes de analisarem o seu objeto de estudo. Dessa maneira, os autores afirmam seus pressupostos a respeito do gênero literário sapiencial

⁷⁴⁷ Ibidem, p. 317.

⁷⁴⁸ GOFF, Recent Trends in the Study of Early Jewish Wisdom Literature, p. 403.

⁷⁴⁹ Cf. TANZER, Sara J. Response to George Nickelsburg: “Wisdom and Apocalypticism in Early Judaism”. In: WRIGHT III, B. G.; WILLS, L. M. (Eds.). **Conflicted Boundaries in Wisdom and Apocalypticism**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005, p. 40-41.

bíblico e, a partir dos textos de Qumran, avaliam a versatilidade de sua utilização em um novo contexto.

De acordo com Matthew Goff⁷⁵⁰, por exemplo, os estudiosos da Bíblia Hebraica, ao analisarem as características de Jó, Provérbios e Eclesiastes, compreenderam que “o gênero da literatura sapiencial pode ser definido a partir de quatro aspectos: cosmovisão, função, contexto social e forma literária”. Em termos de cosmovisão, os textos sapienciais carregariam a premissa de que a realidade pode ser compreendida e controlada a partir do conhecimento de uma ordem universal; no que diz respeito à função e ao contexto social, eles estariam associados à pedagogia, isto é, aos ambientes de instrução – como a família ou a corte real; “em termos de forma, acadêmicos compreendem que a literatura sapiencial inclui uma variedade de gêneros literários, assim como o מִשְׁלָּ (‘dito’ ou ‘provérbio’), a admoestação e a poesia didática”.⁷⁵¹ Para o autor, essas características são úteis para a identificação do material sapiencial qumrânico, embora com ressalvas. Ainda assim, Goff⁷⁵² reconhece que “literatura sapiencial é uma categoria proveniente da crítica da forma que contém variados gêneros [...] as classificações de gênero para sabedoria são vagas e ambíguas”.

Mathew Goff⁷⁵³ compreende que, “em face à perspectiva da literatura sapiencial em Qumran, encontram-se três problemas adicionais que não estão presentes quando a literatura sapiencial bíblica é definida [como gênero literário]”: 1) os textos de Qumran encontram-se fragmentados, de maneira a dificultar qualquer precisão na sua classificação como gênero literário; 2) os critérios para a definição dos textos que compõe a “literatura sapiencial” em Qumran costumam escapar às características estabelecidas pelo *corpus* bíblico – isto é, com preferência àquelas encontradas entre os textos de Qumran; e 3) um manuscrito pode ser classificado como “sapiencial” mesmo em detrimento de seus inúmeros contrastes ao *corpus* bíblico. Dessa forma, a classificação de um texto em Qumran encontra dificuldades que não foram previstas pelos biblistas quando definiam a categoria como gênero literário à luz da Bíblia Hebraica; estas limitações separam as possíveis relações entre ambos os *corpora*. Segundo Goff, uma última dificuldade perdura:

⁷⁵⁰ GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre, p. 318.

⁷⁵¹ Ibidem, p. 319.

⁷⁵² GOFF, **Discerning wisdom**, p. 306.

⁷⁵³ GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre, p. 320.

[a diversidade do material] dificulta a identificação de traços comuns que possibilitam a tais textos ser identificados como um *corpus* literário distinto. Nos termos de três dos quatro critérios revistos acima para a identificação da sabedoria – cosmovisão, contexto social e forma literária –, deve-se reconhecer um novo nível de diversidade subordinado ao rótulo de sabedoria.⁷⁵⁴

Em suma, Mathew Goff confere credibilidade à categorização do gênero literário sapiencial entre os biblistas para o estudo dos textos de Qumran. Contudo, ele não ignora as problemáticas que costumam confrontar as definições tradicionais: “alguns textos sapienciais de Qumran aceitam gêneros que não se harmonizam com a sabedoria tradicional”.⁷⁵⁵ Ele afirma que os textos sapienciais qumrânicos apresentam características variadas, e não poderiam ser restringidos à definição tradicional para o gênero literário sapiencial, conforme elaborado à luz da sabedoria bíblica. Em suas palavras, em virtude de suas diversidades, “quando a sabedoria judaica bíblica e não bíblica são analisadas em paralelo, a natureza vaga da sabedoria como um gênero parece cada vez mais vaga [...] seus autores não seguiram um modelo ideal para um texto sapiencial ou apocalíptico”.⁷⁵⁶

Ainda assim, o autor sugere que “dois fatores de identificação nos permitem categorizar textos como literatura sapiencial”:⁷⁵⁷ 1) a coerência do gênero deveria ser associada ao *caráter de instrução* do material – para o autor, definido pelo termo “noético”: “se por cosmovisão pretende-se falar sobre uma abordagem à vida que é noética e eudemonista, pode-se encontrar essa postura na literatura sapiencial de Qumran e na tradição sapiencial de forma mais ampla”;⁷⁵⁸ e 2) a utilização do *discurso sapiencial*, identificado por temas e vocabulários comuns, em paralelo ao que pode ser encontrado no *corpus* da Bíblia Hebraica – o discurso sapiencial, contudo, apresenta um caráter de “reconfiguração”, ou seja, ele ocorre de maneira inovadora a depender da obra que o utiliza. Esses dois aspectos, para Goff, identificariam as características principais de um gênero sapiencial: “isso torna a sabedoria um gênero fluído em vez de rígido”.⁷⁵⁹

Os fatores mencionados por Goff para a identificação de um texto sapiencial, o que incluiria o material de Qumran, pode ser exemplificado em sua análise de “*4QInstruction*”

⁷⁵⁴ Ibidem, p. 322.

⁷⁵⁵ GOFF, *Discerning wisdom*, p. 307.

⁷⁵⁶ Idem.

⁷⁵⁷ GOFF, *Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre*, p. 327.

⁷⁵⁸ GOFF, *Recent Trends in the Study of Early Jewish Wisdom Literature*, p. 404.

⁷⁵⁹ Idem.

[“4QInstrução”]. Para o autor, o texto “combina o *ethos* eudemônico e educacional da sabedoria tradicional [Provérbios] com a cosmovisão apocalíptica”.⁷⁶⁰ Ambas as ênfese podem ser exemplificadas nas citações abaixo, respectivamente:⁷⁶¹

מיד כול משכילכה הוסף לקה

myd kwl mškyllkh hwsf lqh

Seja muito inteligente, e aumente seu aprendizado de todos os professores (4Q418 81 17).

והבט [ברז נהיה ומעשי קדם למה נהיה במה] [יהיה] ... [עו]לם

whbt [brz nhyh wm šy qdm lmh nhyh wmh nhyh bmh] [yhyh] ... [‘w]lm

Contemple [o mistério que está por vir e os feitos do passado, desde o que tem sido até o que existe através do que há de ser]... [para] sempre (4Q418 43 2-3).

Não obstante às delimitações oferecidas, Matthew Goff não pretende, a partir de tais premissas, enclausurar as possíveis características que a literatura sapiencial pode apresentar como gênero literário. Em primeira instância, ele reconhece que a “sabedoria é uma categoria indutiva, baseada na nossa leitura da literatura antiga em vez de uma classe precisa de textos que foi definida de forma rígida pelos seus autores”.⁷⁶² Qualquer definição oferecida ao gênero literário sapiencial deverá ser aplicada como ferramenta que facilite a leitura e interpretação do texto, e não como um rótulo indispensável para a identificação deste. De acordo como o próprio autor,

não é possível formular uma lista de critérios simples para definir sabedoria como um gênero. O rótulo ‘sabedoria’ possui valor como um guarda-chuva heurístico que envolve uma ampla variedade de material – um termo que empregamos [...] para descrever textos com uma perspectiva pedagógica e impulso noético explícitos.⁷⁶³

⁷⁶⁰ GOFF, Matthew J. Wisdom, Apocalypticism, and the Pedagogical Ethos of 4QInstruction. In: WRIGHT III, B. G.; WILLS, L. M. (Eds.). **Conflicted Boundaries in Wisdom and Apocalypticism**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005, p. 59.

⁷⁶¹ 4Q418 81 17 e 4Q418 43 2-3 *apud* GOFF, Wisdom, Apocalypticism, and the Pedagogical Ethos of 4QInstruction, p. 59.

⁷⁶² GOFF, Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre, p. 318.

⁷⁶³ GOFF, Recent Trends in the Study of Early Jewish Wisdom Literature, p. 404.

Em última instância, para Goff, a fim de que um texto sapiencial seja identificado com sucesso a partir do material encontrado em Qumran, recomenda-se que o estudioso esteja concentrado no material cujo caráter sapiencial é aceito pela maioria dos especialistas da área. Além disso, deve-se ter em mente o pressuposto de que a aplicação da categoria literária sapiencial da Bíblia Hebraica aos textos de Qumran, quando identificados como representantes de um gênero literário, encontrará limites no processo de investigação.

Outras observações a respeito do gênero literário sapiencial qumrânico podem ser encontradas em John J. Collins. Ao considerar a discussão sobre gêneros literários de uma perspectiva mais abrangente, o autor afirma que “o *corpus* de textos encontrado em Qumran, e em sítios adjacentes, são frequentemente divididos em categorias vagas de gênero”.⁷⁶⁴ Segundo Collins, mesmo com o advento do estudo dos textos à luz da teoria de gênero literário, a abordagem não está isenta de dificuldades. Por exemplo, embora os estudos recentes pretendam desconsiderar o costume de apontar peculiaridades específicas nos textos – acusando a rigidez de tais classificações –, Collins afirma que “sem classificação não existe análise de gênero; e toda classificação depende da identificação de características que são compartilhadas por um grupo de textos”.⁷⁶⁵ Assim, para o autor, o primeiro passo para a distinção de um gênero literário seria delimitar um *corpus* para a elaboração de uma lista de aspectos por meio do qual ele pode ser definido – aspectos de importância estrutural e singular de uma composição.

A partir dessa dificuldade inicial, John J. Collins⁷⁶⁶, compreende que a “maioria dos debates sobre gênero, ao menos nos estudos bíblicos e semelhantes, [...] parecem envolver duas questões”: a *delimitação* do gênero literário e a questão de sua *função*. Em primeiro lugar, sobre a delimitação de um gênero literário, Collins⁷⁶⁷ alega que “não importa a maneira que os definimos [os gêneros], eles sempre possuem limites imprecisos”; inevitavelmente, um tipo de literatura sempre refletirá ou sobrepujará outros tipos considerados do mesmo gênero:

Visto que a reflexão sobre gêneros se encontra praticamente omissa não apenas dos rolos, mas de toda literatura judaica antiga, deveríamos estar conscientes de que a categorização de gêneros é um empreendimento moderno que aplicamos para fins pragmáticos. Os gêneros que definimos

⁷⁶⁴ COLLINS, Epilogue: Genre Analysis and Dead Sea Scrolls, p. 418.

⁷⁶⁵ Ibidem, p. 419.

⁷⁶⁶ Ibidem, p. 420.

⁷⁶⁷ Idem.

não são entidades objetivas, mas interpretativas que não são necessariamente a única maneira de abordar os textos em questão.⁷⁶⁸

Em segundo lugar, para Collins, delimitar uma função ao gênero literário é crucial para o entendimento dos textos, mas esse fator dificilmente pode ser integrado ao nível de classificação ou identificação do material. Para o autor, “é nossa convicção que as funções são discutidas melhor entre textos individuais, em seus contextos específicos [...] propósito e função são mais claros no caso de alguns gêneros do que em outros”.⁷⁶⁹ Ainda assim, o autor reconhece que “o intento pedagógico é inferido da forma instrucional. O propósito pedagógico de um texto como Provérbios é evidente na sua apresentação literária. É possível que outros gêneros possuam relações mais complexas entre função e forma”.⁷⁷⁰ Mesmo que um gênero literário não possua uma função única, essa abordagem será útil ao menos para identificar a função de um texto específico. Contudo, essa identificação não deve ditar o *a priori* sobre o significado de uma obra; “ela apenas providencia uma referência por meio da qual um texto específico deve ser vislumbrado”.⁷⁷¹

Com essa perspectiva em mente, de acordo com John J. Collins⁷⁷², à semelhança do que foi afirmado por Matthew Goff, o gênero literário sapiencial pode ser definido a partir de quatro aspectos na Bíblia Hebraica: cosmovisão, função, contexto social e forma literária. Para o autor, “no contexto dos estudos bíblicos, compreende-se que literatura sapiencial normalmente é referência aos livros de Provérbios, Eclesiastes e, de alguma forma, o livro de Jó”.⁷⁷³ Além disso, em geral, “costuma-se dizer que essa tradição compartilha uma cosmovisão que tinha o foco neste mundo e alegações célicas a respeito de revelações sobrenaturais”.⁷⁷⁴ Embora possua uma concepção básica sobre a literatura sapiencial a partir dos estudos bíblicos, o autor compreende que todas as características listadas acima poderão sofrer mudanças, visto que “conhecimento e entedimento podem ocorrer de formas

⁷⁶⁸ Ibidem, p. 421.

⁷⁶⁹ Ibidem, p. 426.

⁷⁷⁰ Idem.

⁷⁷¹ Ibidem, p. 104.

⁷⁷² COLLINS, Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls; The Eschatologizing of Wisdom in the Dead Sea Scrolls. In: COLLINS, J. J.; STERLING, G. E.; CLEMENTS, R. A. (Eds.). **Sapiential Perspectives: Wisdom Literature in Light of the Dead Sea Scrolls: Proceedings of the Sixth International Symposium of the Orion Center for the Study of the Dead Sea Scrolls and Associated Literature**. Michigan: University of Michigan, 2004.

⁷⁷³ COLLINS, The Eschatologizing of Wisdom in the Dead Sea Scrolls, p. 49.

⁷⁷⁴ Ibidem, p. 49.

distintas”.⁷⁷⁵ Dessa maneira, as diversas abordagens ao conhecimento poderiam produzir literaturas sapienciais cuja cosmovisão seria distinta daquela encontrada no *corpus* da Bíblia Hebraica.⁷⁷⁶

Grosso modo, os argumentos de Collins giram em torno da noção de que os textos sapienciais podem ser compreendidos como gênero literário por ocasião de sua *função instrucional*. Essa característica, portanto, deveria incluir a literatura sapiencial de Qumran. Para o autor, “de um ponto de vista amplo, qualquer discurso que coloca ênfase no conhecimento e na compreensão pode ser justificavelmente chamado de sabedoria”.⁷⁷⁷ Assim, o caráter de instrução deveria ser identificado como a característica padrão para credibilizar a validade da categoria sapiencial como gênero literário: “ao passo que variados tipos de materiais possam, de maneira concebível, ser utilizados para instruir, as instruções sapienciais podem ser distinguidas dos outros gêneros, assim como a narrativa, a profecia, a lei ou o hino”.⁷⁷⁸ Tanto a literatura sapiencial de Qumran quanto a sabedoria bíblica poderiam ser classificadas sob a mesma categoria de gênero unicamente a partir de seu aspecto instrutivo; a coerência da literatura sapiencial “encontra-se na sua utilização do material de instrução em vez de uma forma literária definida de maneira estrita”.⁷⁷⁹

Muito embora, em estudos recentes, o autor afirme que “não é meu propósito aqui sugerir uma definição à literatura sapiencial”⁷⁸⁰, ele é capaz de defini-la a partir de um contraste com outros gêneros literários. Em suas palavras, “a literatura sapiencial é uma literatura discursiva, não narrativa, que toma a forma tanto do discurso direto quanto da afirmação ostensivamente factual”.⁷⁸¹ Ainda assim, embora reconheça que tal definição não é suficiente para distinguir a literatura sapiencial de outros gêneros, Collins (2010, p. 430)

⁷⁷⁵ Ibidem, p. 49.

⁷⁷⁶ Em consideração à sabedoria encontrada na Bíblia Hebraica, John J. Collins (Wisdom, Apocalypticism, and Generic Compatibility. In: PERDUE, Leo G.; SCOTT, Bernard B.; WISEMAN, William J. (Eds.). **In search of Wisdom**: essays in memory of John G. Gammie. Louisville; Kentucky: Westminster John Knox Press, 1993, p. 168) chega a promulgar a existência de cinco tipos – que não necessariamente estarão em conflito ou relação direta uma com a outra: 1) “*Wisdom sayings (Spruchweisheit, including aphorisms and more developed instructions and admonitions) such as we find in Proverbs 10–30*”; 2) “*Theological wisdom, including both speculative passages such as Proverbs 8 and reflections on theodicy (such as the entire book of Job)*”; 3) “*Nature wisdom, exemplified in Job 28, 38–41*”; 4) “*Mantic wisdom (divination and dream interpretation)*”; 5) “*Higher wisdom through revelation, including apocalyptic revelations.*”

⁷⁷⁷ COLLINS, The Eschatologizing of Wisdom in the Dead Sea Scrolls, p. 49.

⁷⁷⁸ COLLINS, Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls, p. 281.

⁷⁷⁹ Idem.

⁷⁸⁰ COLLINS, Epilogue: Genre Analysis and Dead Sea Scrolls, p. 230.

⁷⁸¹ Ibidem, p. 430.

considera que ela representa um “ponto de partida” para tanto. No que diz respeito à função instrucional da sabedoria, contudo, “ela poderá ocorrer de diversas formas, de um provérbio simples a um discurso elaborado, ou mesmo uma narrativa ou diálogo”.⁷⁸²

Por outro lado, há reconhecimento amplo entre os estudiosos acerca das tradições em aparente conflito nos textos sapienciais de Qumran, a saber, a sabedoria e o apocalipticismo. A esse respeito, Collins defende que estas não deveriam ser compreendidas como representações “puras”, embora possuam o mesmo objetivo instrutivo. Ao invés disso, ambas ocorrem como um “exercício de bricolagem”⁷⁸³, em que seus autores desenvolvem novos gêneros literários ao elaborarem seus textos com base em tradições distintas. Em seus termos, tais textos correspondem “um exercício de bricolagem que constroi uma nova visão sobre o mundo que aproxima temas e ideias de diversas fontes”.⁷⁸⁴ Collins denomina essa união de tradições literárias de “escatologização da sabedoria” – uma referência à tese promulgada por Gehard Von Rad (“*die Eschatologisierung der Weisheit*”). Para o autor, não é suficiente reconhecer a atuação das duas tradições no texto; “levanta-se a questão de como esses dois aspectos do texto, a sabedoria prática e a especulativa, estão relacionadas uma com a outra”.⁷⁸⁵

Na perspectiva de Menahem Kister⁷⁸⁶ – ao analisar Eclesiástico e *Book of Mysteries* –, o gênero literário sapiencial em Qumran pode ser, de fato, comparado àquele identificado na Bíblia Hebraica. Contudo, eles deveriam ser interpretados como elaborações distintas daquelas comumente encontradas na tradição sapiencial. Para Kister⁷⁸⁷, as obras *Mysteries*, Eclesiástico e *4QInstruction* juntas representam uma “fusão de conceitos e gêneros”. Em outros termos, eles se utilizam de elementos tradicionais da sabedoria bíblica, ao mesmo tempo que elaboram o material de tradições proféticas e apocalípticas; a sabedoria teria

⁷⁸² Ibidem, p. 420.

⁷⁸³ COLLINS, *Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls*, p. 63.

⁷⁸⁴ COLLINS, *The Eschatologizing of Wisdom in the Dead Sea Scrolls*, p. 54.

⁷⁸⁵ Idem. Para Matthew Goff (*Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre*, p. 327), embora a contribuição de Collins seja útil, ela “*illustrates the difficulty of defining wisdom literature*.” Goff afirma que “*Collins turns to the issue of literary form as a criterion for identifying wisdom compositions. But he points towards instructional intent, not form, as the key for understanding the coherence of sapiential literature as a genre*”. Esse fator potencializa a dificuldade afirmada por Collins, de que qualquer texto pode ser considerado como “instrutivo”. Por não oferecer um critério mais específico para a identificação dos aspectos sapienciais da instrução, ela permanece ambígua entre os textos.

⁷⁸⁶ KISTER, Menahem. *Wisdom Literature and Its Relation to Other Genres: From Bem Sira to Mysteries*. In: COLLINS, John J.; STERLING, G. E.; CLEMENTS, R. A. (Eds.). **Sapiential Perspectives: Wisdom Literature in Light of the Dead Sea Scrolls**. Leiden: Brill, 2004.

⁷⁸⁷ Ibidem, p. 47.

flexibilidade suficiente para alterar seu discurso e aproximar-se de expressões e ideias provenientes de fontes alheias da tradição sapiencial bíblica. Segundo Matthew Goff⁷⁸⁸, “a análise de Kister é importante para recordar os estudiosos de que sabedoria é uma classificação ampla em termos de gênero, e de que os textos sapienciais podem incluir diversos tipos de formas literárias”.

Além disso, Kister sugere que os textos sapienciais de Qumran poderiam ser elaborados por “mestres de sabedoria” que, não raro, utilizavam-se de gêneros distintos da tradição sapiencial.⁷⁸⁹ Essa noção poderia ser exemplificada a partir de Eclesiástico 44–49 (“Elogio aos Pais”), que só costuma ser identificado como um texto de sabedoria por estar inserido em uma obra sapiencial mais ampla. De maneira semelhante, escritores distintos da tradição sapiencial – isto é, aqueles que não poderiam ser definidos como “mestres de sabedoria” – poderiam utilizar-se de expressões e formas representadas nos textos sapienciais, embora possuíssem agendas distintas das identificadas na literatura sapiencial.⁷⁹⁰ Assim, segundo o autor, o núcleo temático de *Mysteries* encontra-se na “disputa entre os representantes da verdadeira sabedoria e os *hartumim*, os representantes da sabedoria pervertida”⁷⁹¹, muito embora compreenda a obra como uma fusão de conceitos e gêneros distintos. Ainda assim, Menahem Kister não sugere critérios para identificar um gênero literário sapiencial e, com efeito, desconhece qualquer delimitação prévia sobre os textos que considera como representantes dessa categoria.

Por último, deve-se fazer menção à sugestão de Benjamin G. Wright III⁷⁹², que pretende aplicar ao gênero literário sapiencial de Qumran a teoria do protótipo. (Diferentemente das abordagens anteriores, Wright III se distancia das elaborações realizadas por estudiosos da Bíblia Hebraica e se conduz por meio de teorias literárias.) Como explicado na seção anterior, a teoria do protótipo foi desenvolvida por estudiosos da ciência cognitiva, e argumenta que o ser humano é capaz de organizar espaços conceituais por meio da identificação de uma estrutura *Gestalt*, isto é, um modelo cognitivo idealizado (ICM). Em outras palavras, a mente humana possui a capacidade de elaborar modelos práticos para identificar, organizar e classificar textos em determinados grupos literários. Esses modelos

⁷⁸⁸ GOFF, *Qumran Wisdom Literature and the Problem of Genre*, p. 326.

⁷⁸⁹ KISTER, *Wisdom Literature and Its Relation to Other Genres*, p. 19.

⁷⁹⁰ *Ibidem*, p. 18.

⁷⁹¹ *Ibidem*, p. 46.

⁷⁹² WRIGHT III, *Joining the Club*.

funcionam como “protótipos”, ou “*templates*”, para a identificação e interpretação de outros. Mesmo possuindo características dessa natureza, a teoria compreende que os modelos previamente imaginados podem se estender a ponto de abarcar textos periféricos; ou seja, que não possuam semelhança restrita, embora evoquem a representação de um protótipo.

Ainda assim, Wright III observa que a teoria do protótipo não pretende enumerar uma série de elementos que, quando presentes, afirmam ou desclassificam um texto para determinada categoria. Segundo o autor, “qualquer categoria individual é caracterizada por uma *constelação de elementos* ou propriedades que nos possibilita identificar exemplos típicos ou atípicos, mutualmente relacionados em uma estrutura *Gestalt*”.⁷⁹³ A ênfase no termo “constelação” é utilizada para indicar a maneira de cada elemento se relacionar com o todo da obra. Isso significa que a composição de um modelo mental não pretende definir gêneros literários a partir de uma lista exclusiva ou inclusiva de elementos textuais; o protótipo é idealizado por meio da disposição de características diversificadas – uma constelação delas – e sua relação com a integridade de uma obra.

Nesse sentido, Wright III⁷⁹⁴, a partir de Chandler⁷⁹⁵, faz menção a três variáveis úteis para a elaboração de um *template*: em primeiro lugar, 1) deve-se identificar as propriedades “compulsórias” de um texto (por exemplo, o cachorro é um animal); posteriormente, 2) é necessário apontar às propriedades “padrão” deste texto (por exemplo, o cachorro tem quatro patas); e, por último, 3) deve-se enfatizar as propriedades “opcionais” (por exemplo, o cachorro é preto). Seguindo a mesma lógica, Wright III⁷⁹⁶ propõe “quatro propriedades centrais que operam como um ICM para a literatura sapiencial”, a saber: “1) forma e intenção instrutiva ou pedagógica que articula 2) uma preocupação pela aquisição da sabedoria [...] por meio do estudo e aprendizado, que demonstra 3) um engajamento com a tradição sapiencial antiga [...], resultando no 4) interesse ou preocupação com a ética e a moral na prática.” Disto, o autor sugere que entre as características padrões da sabedoria está a utilização de provérbios e instruções com ênfase na experiência.

Para exemplificar o seu argumento, Benjamin G. Wright III se utiliza de alguns exemplos, dos quais serão mencionados apenas dois. O primeiro, 4Q184, comumente intitulado “*Wiles of the Wicked Woman*” [“Ardis da mulher má”], configura a descrição de uma mulher que perverte o comportamento do justo. Ela é descrita como “o incício de toda a

⁷⁹³ Ibidem, p. 294, itálicos do original.

⁷⁹⁴ Idem.

⁷⁹⁵ CHANDLER, An Introduction to Genre Theory.

⁷⁹⁶ WRIGHT III, Joining the Club, p. 299.

senda da iniquidade”, porque “[todos os que vão a ela não] voltarão, e todos os que a recebem descerão à cova”.⁷⁹⁷ Dentre uma série de descrições dessa natureza, por meio de provérbios e instruções, o texto adverte o leitor sobre o perigo da associação com a mulher ímpia; esse impedimento, naturalmente, ecoa a voz da tradição sapiencial (principalmente a partir de Pv 1–9) e prescreve um comportamento moral que evitará o seu encontro com a morte. Segundo Wright III⁷⁹⁸, o texto disponível para a leitura omite a ênfase pela procura da sabedoria; contudo, “visto que carecemos do início do texto, não podemos assumir que tal ênfase não poderia estar ali”.

Um segundo exemplo ilustra a maneira que uma obra periférica poderá se relacionar com o protótipo elegido para o gênero literário sapiencial. O texto 4Q420-421, comumente intitulado “*4QWays of Righteousness*” [“4QCaminhos da justiça”], compreende um conteúdo com aforismos de sabedoria, semelhante ao que pode ser encontrado em Provérbios. Contudo, ele também acrescenta características de um *midrash halakha* na ocasião em que aborda temas sobre o sacrifício e o sábado. Embora esteja fragmentado em grande parte, Wright III observa que o texto apresenta intenções pedagógicas (4Q421 1 ii), além de possíveis referências à disciplina (4Q421 1 i 6); o leitor é encorajado a “estudar a justiça” (בְּמַחֲקֵי צְדָקָה, *bmḥq ṣdq*); assim como faz referência ao “discernimento” (בִּינָה, *bynh*); e se utiliza da expressão “sendas/caminhos da justiça”, ilustrando um tópico comum da tradição sapiencial. Em detrimento de suas particularidades, para Wright III⁷⁹⁹, “*4QWays of Righteousness* demonstra como a utilização da abordagem do protótipo nos permite evitar o dilema sobre a pertença a um gênero, a fim de direcionar nossa atenção a [...] questões mais importantes.”

Em suma, Benjamin G. Wright III, diferentemente dos estudiosos citados anteriormente, propõe a articulação do gênero literário sapiencial em Qumran a partir das teorias literárias, a saber, a teoria do protótipo. Essa abordagem compreende que a sabedoria bíblica poderá ser identificada por meio de um modelo cognitivo idealizado (ICM), conciliando uma “constelação de elementos” que se relacionam entre si. Dentre os principais, encontra-se a intenção instrutiva, a aquisição da sabedoria, o engajamento na tradição e o interesse pela moralidade. Ao passo que possuem tais características, delimitadas como protótipo da sabedoria, qualquer texto pode ser lido a partir do gênero literário sapiencial.

⁷⁹⁷ 4Q184 1.8 *apud* WRIGHT III, *Joining the Club*, p. 304.

⁷⁹⁸ WRIGHT III, *Joining the Club*, p. 304.

⁷⁹⁹ *Ibidem*, p. 307.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante ao exposto na introdução deste trabalho, conquanto exista popularmente entre os biblistas o costume de separar e caracterizar uma parte do cânon bíblico como “sapiencial”, tal preferência carece de critérios sólidos. Essa dificuldade nos conduziu ao seguinte questionamento: No decorrer dos estudos bíblicos, quais os elementos de um texto costumam inseri-lo no gênero literário “sapiencial” da Bíblia Hebraica? Para respondê-lo, este trabalho percorreu três caminhos: 1) a partir de uma pesquisa bibliográfica, em primeiro lugar, foram brevemente sistematizadas as principais abordagens acadêmicas à literatura sapiencial entre os séculos XVIII-XXI; 2) em seguida, o mesmo caminho foi percorrido, mas com ênfase nas definições temáticas e terminológicas à “sabedoria bíblica”; e, por último, 3) as elaborações anteriores foram analisadas no debate a respeito de um gênero literário sapiencial – a partir daquilo que os próprios biblistas compreendiam sobre o conceito, além de algumas perspectivas dos estudos comparados.

No primeiro capítulo do trabalho foi possível acompanhar o desenvolvimento dos pressupostos que dirigiram a formulação dos elementos “sapienciais”. Os séculos XVIII e XIX, por exemplo, movidos pela necessidade de ler o texto bíblico de uma perspectiva racionalista e humanista, encontrou na literatura sapiencial a oportunidade de inaugurar a “filosofia dos hebreus”. Como filosofia, esse *corpus* representa o auge intelectual da cultura israelita, em contraste aos reclames proféticos e históricos da Bíblia Hebraica; por estarem inseridos no auge da evolução histórica israelita, esses textos, evidentemente, devem ser datados em um período posterior ao restante do cânon bíblico. Além disso, a literatura sapiencial deveria ter sido composta por “filósofos hebreus”, ou professores de sabedoria; tais filósofos educavam os seus aprendizes em escolas, responsáveis por comunicar uma maneira peculiar e racionalista de enxergar a realidade e a religião israelita.

Ao passo que o século XVIII e XIX nomearam e modelaram o entendimento da literatura sapiencial como filosofia dos hebreus, o século XX implementou, elaborou e uniformizou essa perspectiva. Com menos ênfase na expressão “filosofia”, esse período orientou os pressupostos anteriores com base em evidências extra-bíblicas para afirmar o aspecto humanista dos textos sapienciais e sua institucionalização como “tradição dos sábios”. A sabedoria, nesse sentido, seria uma tradição, propriamente dita, por ter sido difundida por todo o Antigo Oriente Médio. Como tradição, ela possui um contexto específico de produção, a corte real, como evidenciado no Egito; um grupo de profissionais envolvidos, a saber, os

sábios da corte, eram os responsáveis pela produção e compilação de tais textos. Além disso, em contraste com a “tradição profética”, os sábios promulgavam uma cosmovisão específica, que estaria mais voltada à ética israelita, indiferente à história sobre a Aliança de YHWH com o seu povo.

Diferentemente dos períodos anteriores, o século XXI inicia um esforço contrário ao fortalecimento dos pressupostos formados até então. Nesse período, os elementos que costumavam ser definidos como “sapienciais” foram questionados, e revisitadas as afirmações sobre eles. Como resultado, atualmente, quase todos os elementos associados à literatura sapiencial foram acusados de inferências alienadas do texto bíblico. Mesmo quando aplicados à literatura sapiencial egípcia, mesopotâmica ou qumrânica, as formulações são consideradas genéricas demais para serem utilizadas como modelo para os estudos comparados. Ainda assim, boa parte dos estudiosos não pretende desistir da categoria sapiencial, mas reformulá-la de uma perspectiva bíblica. Dos ditos elementos elegidos como “sapienciais” na Bíblia Hebraica, não obstante, perdura o consenso sobre sua ênfase didática e moralizante.

Além dos pressupostos acadêmicos oferecidos para enumerar os elementos que caracterizam uma obra sapiencial, os estudiosos da Bíblia Hebraica pretenderam oferecer uma definição específica à “sabedoria bíblica” e, por conseguinte, ao âmago do problema. Partindo da Bíblia Hebraica, essas definições sinalizavam duas perspectivas para a definição: uma temática e outra terminológica. Ainda assim, mesmo com a proficuidade das sugestões propostas, os estudos bíblicos ainda carecem de uma definição precisa à sabedoria bíblica. Resta apenas a convicção de que um tipo semelhante de categorização ocorria entre judeus e cristãos do primeiro século; e de que, como categoria, atualmente, “literatura sapiencial” corresponde a um termo técnico preferido na academia para designar um conjunto de textos que participam da sabedoria bíblica.

Do ponto de vista temático, a princípio, a sabedoria bíblica era definida como “filosofia dos hebreus”. A partir dessa perspectiva seguiam adjetivos que pretendiam defini-la como “racionalista”, “humanista”, “intelectual”, “empirista” entre outros. Embora a ênfase no aspecto filosófico tenha se perdido, os estudiosos da Bíblia Hebraica mantiveram a maioria dessas adjetivações, mas denominando a sabedoria bíblica como uma “abordagem peculiar da realidade”, isto é, uma maneira específica de interpretar o mundo. Ainda assim, mesmo dessa perspectiva, a sabedoria bíblica, segundo os biblistas, não poderia ser restringida a uma única definição, em virtude de sua abrangência de significados na Bíblia Hebraica. Assim, tornou-se comum mencionar “tipos” de sabedoria: judicial, natural, experiencial, teológica, literária,

social entre outras. Em suma, ela costuma ser definida como uma resposta à realidade a partir do conhecimento da criação e de seu funcionamento (seja natural, social ou religioso).

Da perspectiva terminológica, os estudiosos da Bíblia Hebraica elegeram um termo específico em que pudessem convergir todos os significados relativos à sabedoria bíblica, a saber, **חָכְמָה**. Em virtude de ocorrer com mais frequência nos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes, **חָכְמָה** foi considerado um “termo técnico” que deveria, em suma, apontar ao significado principal da doutrina sapiencial. Contudo, cedo os estudiosos percebiam a incapacidade de traduzir a função de tecnicidade a um termo hebraico que, como muitos outros, possui significados dos mais variados a depender do seu contexto. Ainda assim, ao passo que existe a necessidade de reconhecer as limitações da terminologia para representar um conceito técnico, ao mesmo tempo, aponta-se à obrigação de analisar o alcance semântico de **חָכְמָה**, assim como sua conotação monofônica para dar início à elaboração de uma sabedoria bíblica.

Considerando-se as discussões acima, é perceptível que os elementos sapienciais formulados em primeira instância aplicaram ao gênero literário sapiencial o caráter humanista e empirista idealizado como “filosofia dos hebreus”. Nesse sentido, o gênero foi concebido como uma expressão poética filosófica particular, reconhecida principalmente na forma dos aforismos salomônicos. Ainda assim, o gênero literário sapiencial costumava ser reconhecido, de uma perspectiva mais técnica, na utilização do termo **מִשְׁל**, que poderia abranger o provérbio popular, a parábola, a fábula, a alegoria etc. O discurso sapiencial deveria ser elaborado de maneira a oferecer um *argumento comparativo* em virtude dos significados atribuídos a **מִשְׁל**. Embora fosse conferida preferência aos aforismos proverbiais, outros livros do *corpus* sapiencial poderiam ser interpretados como “evoluções” posteriores mais elaboradas em termos de forma e estilo.

Com o advento das considerações de Hermann Gunkel, os elementos relativos ao gênero literário sapiencial receberam maior aprofundamento teórico a partir da crítica da forma. Para Gunkel, O gênero literário sapiencial (ou, em seus termos, a *Weisheitsdichtung*, “poesia sapiencial”) deveria ser identificado, a princípio, em sua forma “pura”; isto é, a partir de uma *composição breve e pungente*, a mais próxima possível do discurso oral, em que supostamente o gênero haveria se desenvolvido originalmente – o seu *Sitz im Leben*. Essa descrição, com efeito, conferia preferência ao aforismo proverbial de, no máximo, uma linha de extensão. Como discurso, ele deveria ter uma origem antiga entre os sábios de Israel. Estes

sábios – à semelhança do que costumava-se argumentar na época – comunicavam uma tradição específica de índole individual e moralista, regida por uma visão de mundo que privilegiava a razão humana dentro de uma lógica de causa e efeito. Qualquer outro discurso sapiencial mais elaborado do que esse, segundo Gunkel, representaria uma “evolução literária” do discurso original.

Durante o mesmo século, James L. Crenshaw procurou manter as mesmas pressuposições teóricas de Gunkel, provenientes da crítica da forma. Contudo, Crenshaw procurou se utilizar de tais conceitos para o aprofundamento da sabedoria bíblica de um ponto de vista mais literário que histórico. Até então, o gênero literário sapiencial permanecia como uma espécie de discurso reflexivo (com menos ênfase em seu aspecto “filosófico”), tecnicamente representado pelo מִשְׁלָּה, que poderia tomar formas das mais variadas (provérbios, enigmas, alegorias, parábolas etc.) e expresso por meio de elementos da poesia hebraica. Com isso em mente, Crenshaw passou a enfatizar que o gênero literário sapiencial deveria ser distinguido em termos de *forma* e *conteúdo*. Em termos de forma, o autor fazia menção àquelas já elegidas como “sapienciais” a partir de seus respectivos termos em hebraico, em que eram unidos os méritos artísticos, persuasivos e didáticos de uma composição. Em termos de conteúdo, o gênero literário sapiencial deveria representar uma “abordagem particular da realidade”, preocupando-se com questões morais e pragmáticas sobre diversos aspectos da vida cotidiana.

Contudo, embora elaborado de maneira contundente, o conceito de gênero literário sapiencial não foi bem aplicado pelos estudiosos da Bíblia Hebraica, que repetidamente o confundiam e limitavam a uma *forma específica*. Assim, devido às muitas formas reconhecidas como “sapienciais” (os provérbios, os enigmas, as alegorias, as parábolas etc.), a academia passou a dar preferência a classificação de *subgêneros de sabedoria*, preferindo segmentar o antigo, mais abrangente, em formas literárias menores. Entre os estudiosos mais influentes dessa perspectiva, Roland E. Murphy preferiu compreender, em companhia de outros autores, a sabedoria bíblica em dois gêneros literários sapienciais básicos: o provérbio e a admoestação (tanto negativa quanto positiva). Evidentemente, esses gêneros eram determinados de maneira específica por sua forma de expressão; a maioria, contudo, conferindo preferência ao material de Provérbios. Além disso, Murphy nega pelo menos três elementos que pressupunham a identificação do gênero literário sapiencial: 1) a utilização do termo מִשְׁלָּה como ilustração técnica para o gênero; 2) a forma breve, “original”, do provérbio

conforme argumentado por Gunkel; e 3) a identificação de um *Sitz im Leben* histórico exclusivo para a elaboração de um discurso sapiencial.

Com o desenvolvimento dos estudos bíblicos, os elementos relacionados ao gênero literário sapiencial passaram a ser revisitados e, com efeito, reformulados. Devido à aplicação de teorias literárias ao conceito de “gênero”, os estudiosos da Bíblia Hebraica passaram a reconhecer certas limitações contidas nos argumentos anteriores. Em primeira instância, constatou-se que, desde Gunkel, os gêneros literários eram entendidos como formas “puras” e, portanto, pouco ou nada flexíveis para possíveis variações (o “realismo de gênero”) – o que, por sua vez, conduziu à preferência da noção de subgêneros literários. Com efeito, promulga-se a necessidade de compreender o conceito de gênero literário de forma mais genérica e flexível (o “nominalismo de gênero”): eles não deveriam ser aplicados apenas com o intuito de classificar os textos bíblicos, mas para a interpretação de suas peculiaridades composicionais com *fins comunicativos*. É a partir de uma nova definição do conceito de gênero literário que os biblistas passam a aplicar à literatura sapiencial abordagens mais específicas para interpretá-la, das quais as mais popularizadas correspondem: à teoria da “semelhança familiar”, à “teoria do protótipo” e algumas abordagens bakhtinianas. Em todos os casos, o gênero literário sapiencial, em termos simples e prático, permanece representado no *discurso instrutivo*, expresso majoritariamente em provérbios e admoestações.

Alguns dos mesmos elementos relacionados ao gênero literário sapiencial nos estudos bíblicos foram aplicados a outros textos sapienciais do Antigo Oriente Médio. Muito embora os estudiosos de tais áreas desconheçam uma correspondência terminológica semelhante à utilizada nos estudos bíblicos para designar o gênero literário sapiencial, costuma-se propor um diálogo de encontros e desencontros entre os textos. Entre os egíptólogos, por exemplo, afirma-se a existência de um gênero literário correspondente ao da Bíblia Hebraica, a saber, o gênero da “instrução egípcia”. No geral, ele costuma ser bem distinguido de outros textos por possuir uma fórmula introdutória singular e se utilizar de estrutura, estilo e linguagem específicas. Ainda assim, os estudiosos alegam que o gênero da instrução (ou o gênero didático) não pode ser definido com tanta precisão, e optam pela formulação de subgêneros mais específicos. Esse costume reflete muito do conceito “realista” atribuído à noção de gênero, conforme aplicado pelos estudos bíblicos; entre os egíptólogos, contudo, parece emergir a mesma preocupação comum nos estudos bíblicos: abordar o gênero literário sapiencial a partir de teorias literárias.

O mesmo não parece ocorrer, contudo, com o *corpus* mesopotâmico. Entre os especialistas da área, não existe a possibilidade de estabelecer um conjunto de textos

“sapienciais” de maneira tão precisa como nos estudos bíblicos. Dentre os textos classificados nessa categoria encontram-se fábulas, hinos, provérbios etc., de maneira que a literatura sapiencial mesopotâmica pode ser distinguida em termos de natureza e definição da Bíblia Hebraica. Ainda assim, existe o costume de aplicar aos textos mesopotâmicos as mesmas categorias de gênero outrora encontrados entre os biblistas, ainda que isso não ocorra de maneira generalizada – principalmente no que diz respeito à classificação em subgêneros sapienciais.

Por fim, os elementos elaborados para o gênero literário sapiencial, nos estudos bíblicos, encontram um desafio inovador em face aos textos de Qumran. Devido ao caráter fragmentário do material encontrado, a classificação “sapiencial” dos textos de Qumran ocorre apenas de maneira sugestiva. Ainda assim, estudiosos dessa área reconhecem uma característica transitória do gênero literário sapiencial entre os textos qumrânicos; essa noção é construída principalmente por evidenciarem a união de dois elementos temáticos: o conteúdo instrutivo e o discurso apocalítico. Naturalmente, os estudiosos puderam classificar tais textos como “sapienciais” com precaução e estranheza. Apesar de tais limitações, admite-se que o gênero literário sapiencial em Qumran foi elaborado por meio de uma “fusão de conceitos”, ou uma atividade de “bricolagem” entre os temas considerados como tradicionais (oriundos da Bíblia Hebraica) e outros resultantes do novo contexto histórico helenístico em que tais textos haviam sido elaborados.

Após avaliar os elementos que costumam compor um gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica, é possível afirmar que, nos estudos bíblicos, permanece a preferência por defini-los em termos de *forma* e *conteúdo*. Em decorrência do aprofundamento das pesquisas bíblicas a partir de teorias literárias, contudo, ambos os elementos tomaram definições mais simples e, ao mesmo tempo, flexíveis – ao contrário do que poderia ser afirmado a partir da crítica da forma. Em termos de forma, entende-se, basicamente, que o gênero literário sapiencial deve expressar-se por meio de provérbios e aforismos; em termos de conteúdo, ele deve carregar um discurso didático e moralizante. Tais características serão utilizadas de maneira independente e criativa no texto bíblico, sem, contudo, serem classificadas como “menos” sapienciais. Essa leitura só é possível em virtude de os estudos bíblicos insistirem na identificação de elementos para um discurso ou expressão de caráter essencialmente sapiencial; mas essa insistência não é motivada exclusivamente pela necessidade de classificar um texto: o reconhecimento de um gênero literário sapiencial, acima de tudo, deve servir ao processo leitura, compreensão e comunicação de um texto bíblico.

Embora ainda seja promissor, no meio acadêmico, insistir na existência de uma categoria sapiencial na Bíblia Hebraica – ou ainda em um *corpus* que possa ser denominado como sapiencial –, é possível contemplá-lo como gênero literário a partir de algumas de suas características principais. É ainda possível afirmar a existência de um gênero sapiencial que consiga transitar entre a evidência textual da Bíblia Hebraica e outros textos análogos, seja no contexto do Antigo Oriente Médio ou nos manuscritos de Qumran. Contudo, o gênero literário sapiencial deverá ceder à simplicidade de definição e à flexibilidade estilística e temática. O provérbio e as admoestações são as expressões composicionais mais simples para compreender o gênero sapiencial; elas deverão desdobrar-se em sentenças mais cumpridas, mas não devem perder o seu aspecto argumentativo, e certamente poderão corroborar com linhas de raciocínio mais longas. A afirmação de uma forma específica e um conteúdo pungente ao gênero literário sapiencial ainda pode prevalecer, mas deverão estar sujeitos aos novos paradigmas teóricos dos estudos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Samuel L. **Wisdom in Transition: Act and Consequence in Second Temple Instructions**. Leiden; Boston: Brill, 2008.

ALONSO-SCHÖKEL, Luis. Motivos sapienciales y de alianza en Gen. 2–3. **Bíblica**, v. 43, p. 295-316, 1962.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. Introdução geral. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Eds.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

ANTHES, Rudolf. The legal aspect of the Instruction of Amenemhet. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 16, n. 3, p. 176-191, jul. 1957.

ARAÚJO, Emanuel. **Escrito para a eternidade: a literatura egípcia no Egito Faraônico**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BALLARD JR., Harold W. Introduction do Psalms and Wisdom Literature. In: BALLARD JR., Harold W., TUCKER JR., W. Dennis (Eds.). **An introduction of Wisdom Literature and Psalms: Festschrift Marvin E. Tate**. Macon: Mercer University Press, 2000.

BARTHOLOMEW, Craig G.; O'DOWD, Ryan P. **Old Testament Wisdom Literature: A Theological Introduction**. Downers Grove: IVP Academic, 2011.

BAUMGARTNER, Walter. The Wisdom Literature. In: ROWLEY, H. H. (Ed.). **The Old Testament and Modern Study: A Generation of Discovery and Research**. Oxford: Clarendon Press, 1951.

BERGANT, Dianne. **Israel's Wisdom Literature: A Liberation-Critical Reading**. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

BERNSTEIN, Moshe J. The Contribution of Qumran Discoveries to the History of Biblical Interpretation. In: NAJMAN, Hindy; NEWMAN, Judith H. (Eds.). **The Idea of Biblical Interpretation: essays in honor to James L. Kugel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004.

BLANK, S. H. Wisdom. In: CRIM, Keith (Ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible: An Illustrated**. New York; Nashville: Abingdon Press, 1976.

BLESSING. Vorwort. In: DAHLER, Johann G. **Denk und Sittensprüche Salomo's**: nebst den Abweichungen der Alexandrinischen Uebersetzung ins Teutsche übersetzt. Strassburg: Bey Amand Köning, 1810.

BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007a.

BOER, Roland. Introduction: Bakhtin, Genre and Biblical Studies. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007b.

BROOKE, G. J. Biblical Interpretation in the Wisdom Texts of Qumran. In: HEMPEL, C.; LANGE, A.; LICHTENBERGER, H. (Eds.). **The Wisdom Texts of Qumran and the Development of Sapiential Thought**. Leuven: Leuven University Press, 2004.

BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peabody: Hendrickson Publisher, 2000.

BROWN, William P. **Character in crises**: a fresh approach to Wisdom Literature of the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1996.

_____. **Wisdom's Wonder**: Character, Creation, and Crisis in the Bible's Wisdom Literature. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 2015.

BRUCH, Johann F. **Weisheit-Lehre de Hebräer**: Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophie. Strassburg: Treittel und Würtz, 1851.

BRUEGGEMANN, Walter. **In man we trust**: the neglected side of biblical faith. Oregon: Wipf and Stock Publishers, [1973] 2006.

BRUGSCH, Heinrich K. **Religion und mythologie der Alten Aegypter**. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1885.

BUCCERLLATI, Giorgio. Wisdom and Not: the Case of Mesopotamia. **Journal of American Oriental Society**, v. 101, n. 1, p. 35-47, 1981.

BUDDEUS, Johann F. **Introductio ad historiam philosophiae ebraeorum**. Halae an der Saale: Orphanotrophii Glaucha-Halensis, 1702.

BUDGE, E. A. W. **Second Series of Facsimiles of Egyptian Hieratic Papyri in the British Museum**: with descriptions, summaries of contents, etc. London: Trustees of the British Museum, 1923.

BUSS, Martin J. Dialogue in and Among Genres. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies**. Atlanta: Society of Biblical Studies, 2007.

CARMO, Felipe S. Da rigidez à flexibilidade do gênero literário: Resenha do livro *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies*. **Revista Âncora**, v. 10, n. 11, 2016.

CERESKO, Anthony R. **Introduction to Old Testament Wisdom: A Spirituality for Liberation**. Marynoll: Orbis Books, 1999.

CHAMBERS, E. **Cyclopædia**: or, an universal dictionary of arts and sciences. London: printed for James and John Knapton, John Darby, Daniel Midwinter, Arthur Bettesworth, John Senex, Robert Gosling, John Pemberton, William and John Innys, John Oshorn and Tho. Longman, Charles Rivington, John Hooke, Ranew Robinson, Francis Clay, Aaron Ward, Edward Symon, Daniel Browne, Andrew Johnston, and Thomas Osborn, 1728).

CHANDLER, Daniel. An Introduction to Genre Theory. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2m7z1Xo>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

CHEUNG, Simon Chi-Chung. **Wisdom Intoned: A Reappraisal of Classifying Wisdom Psalms**. London: Bloomsbury, 2015.

CHEYNE, Thomas K. **Job and Solomon: Or the Wisdom of the Old Testament**. London: Kegan Paul, Trench & Co., 1887.

CHWARTS, Suzana. **Via Maris: Bíblia Hebraica: Textos e Contextos**. São Paulo: Humanitas, 2014.

_____. Do estudo acadêmico da Bíblia Hebraica. **Revista de Estudos Orientais**, n. 6, p. 39-43, 2008.

CLIFFORD, Richard J. **The Wisdom Literature: Interpreting Biblical Texts Series**. Nashville: Abingdon Press, 1998.

_____. Introduction. In: CLIFFORD, Richard J. (Ed.). **Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

_____. **The Wisdom Literature**. Nashville: Abingdon Press, 1998.

COLLINS, John J. Epilogue: Genre Analysis and Dead Sea Scrolls. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, p. 418-430, 2010.

_____. **Jewish Wisdom in Hellenistic Age**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1997b.

_____. The Eschatologizing of Wisdom in the Dead Sea Scrolls. In: COLLINS, J. J.; STERLING, G. E.; CLEMENTS, R. A. (Eds.). **Sapiential Perspectives: Wisdom Literature in Light of the Dead Sea Scrolls: Proceedings of the Sixth International Symposium of the Orion Center for the Study of the Dead Sea Scrolls and Associated Literature**. Michigan: University of Michigan, 2004.

_____. Wisdom Rediscovered, in Light of Scrolls. **Dead Sea Discoveries**, v. 4, n. 3, p. 265-281, 1997a.

_____. Wisdom, Apocalypticism, and Generic Compatibility. In: PERDUE, Leo G.; SCOTT, Bernard B.; WISEMAN, William J. (Eds.). **In search of Wisdom: essays in memory of John G. Gammie**. Louisville; Kentucky: Westminster John Knox Press, 1993.

COPPES, Leonard J. An introduction to the hermeneutic of Hermann Gunkel. **The Westminster Theological Journal**, v. 32, n. 2, p. 148-178, 1970.

CRENSHAW, James L. Method in Determining Wisdom Influence upon "Historical Literature". **Journal of Biblical Literature**, v. 88, n. 2, p. 129-142, 1969.

_____. **Old Testament Story and Faith: A Literary and Theological Introduction**. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1986.

_____. **Old Testament Wisdom: An Introduction**. London: SCM Press Ltda., 1981.

_____. The Wisdom Literature. In: KNIGHT, Douglas A.; TUCKER, Gene M. (Eds.). **The Hebrew Bible and its Modern Interpreters**. Philadelphia: Fortress Press, 1985. (The Bible and its Modern Interpreters).

_____. Wisdom Psalms? **Current in Research Biblical Studies**, v. 8, p. 9-17, 2000.

DAVIDSON, Samuel. **An Introduction to the Old Testament: Critical, Historical and Theological**. London: Williams and Norgate, 1862.

DAVISON, William T. **The Wisdom-Literature of the Old Testament**. London: Charles H. Kelly, 1894.

DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. Introduction. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DAY, John. Foreign Semitic Influence on the wisdom of Israel and its appropriation in the book of Proverbs. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. **Wisdom in Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DELITZCH, Franz. **Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1891.

DELL, Katharine J. Book Review: Old Testament Wisdom: An introduction. **Modern Believing**, v. 53, n. 2, p. 213-214, 2012.

_____. Deciding the Boundaries of “Wisdom”: Applying the Concept of Family Resemblance. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **Was There a Wisdom Tradition?** New Perspectives in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL press, 2015.

_____. **The book of Job as Sceptical Literature.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1991.

DUNSMORE, Marion H. An Egyptian Contribution to the Book of Proverbs. **The Journal of Religion**, v. 5, n. 3, p. 300-308, mai. 1925.

EASTON, Burton S. Wisdom. In: ORR, James (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopaedia.** Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1946. v. 5.

EDZARD, Dietz O. Literatur. In: EBELING, Erich; MEISSNER, Bruno; WEIDNER, Ernst; EDZARD, Dietz O.; VON SODEN, Wolfram (Eds.). **Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie.** [s.l.] W. de Gruyter, 1987.

EICHHORN, Johann G. **Einleitung in das Alte Testament.** Harvard: Weidmann, 1803. v. 2.

ELGVIN, T. *at al.* (Eds.). **Qumran Cave 4, XX:** Sapiential Texts: part 1. Oxford: Clarendon Press, 1997. (Discoveries in the judeaeen desert).

EMERTON, J. A. Wisdom. In: ANDERSON, G. W. (Ed.). **Tradition and Interpretation:** Essays by members of Society of Old Testament Study. Oxford: Clarendon Press, 1979.

ERMAN, Adolf. Das Weisheitsbuch des Amen-em-ope. **Orientalistische Literaturzeitung**, v. 27, issue 1-6, p. 121–126, dez. 1924.

ESLINGER, Lyle M. Book Review: Old Testament Wisdom: An introduction. **Religious Studies and Theology**, v. 6, n. 1, p. 73-75, 1986.

EWALD, Heinrich. **Geschichte des Volkes Israel bis Christus:** in drei Bänden. Göttingen: Dieterich, 1847. v. 3.1.

_____. Über Die Volks: Und Geistesfreiheit Israel's Zur Zeit Der Großen Propheten Bis Zur Ersten Zerstörung Jerusalems. **Jahrbücher Der Biblischen Wissenschaft**, v. 1, p. 95-108, 1849.

FOHRER, E. Sellin G. **Introdução ao Antigo Testamento:** Livros de Cânticos, Livros Sapienciais, Livros Proféticos, Livro Apocalíptico (Dn), Complicação e Tradição do AT. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

FOSTER, John L. **Ancient Egyptian Literature:** An Anthology. Austin: University of Texas Press, 2001.

FOSTER, R. V. The Hebrew "Wisdom". **The Old Testament Student**, v. 5, n. 3, p. 104-107, 1885.

FOX, Michael V. From Amenemope to Proverbs: Editorial art in Proverbs 22,17–23,11. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 126, v. 1, p. 76-91, 2014.

_____. **Proverbs 1–9: a new translation with introduction and commentary**. New Heaven: Yale University Press, 2000.

_____. The Social Location of the Book of Proverbs. FOX, M. V.; HUROWITZ, V. A.; HURVITZ, A.; KLEIN, M. L.; SCHWARTZ, B. J.; SHUPAK, N. (Eds.). **Texts, Temple, and Traditions: a Tribute Menahem Haran**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1996.

_____. Three Theses on Wisdom. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL Press, 2015.

_____. Two Decades of Research in Egyptian Wisdom Literature. **Zeitschrift für Aegyptische Sprache**, v. 107, p. 120-135, 1980.

_____. Words for Wisdom. **Zeitschrift für Althebraistik**, v. 6, n. 2, p. 149-169, 1993.

_____. World Order and Ma'at: a Crooked Parallel. **Journal of Ancient Near Eastern Society**, v. 23, p. 37-48, 1995.

GAMMIE, John G.; PERDUE, Leo G. (Eds.). **The sage in Israel and the ancient Near East**. Eisenbrauns, 1990.

GENUNG, John F. Meaning and Usage of the term תושיה. **Journal of Biblical Literature**, v. 30, n. 2, p. 114-122, 1911.

_____. The Development of Hebrew Wisdom. **The Biblical World**, v. 42, n. 1, p. 16-25, jul. 1913.

_____. **The Hebrew Literature of Wisdom: in the Light of to-day**. Boston; New York: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

GEORGE, A. R. **The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, critical edition and coneiform texts**. New York: Oxford University Press, 2003. v. 1.

GERSTENBERGER, E. **Wesen und Herkunft des "apodiktischen Rechts"**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, [1961] 1966.

GOEDICKE, H. A Neglected Wisdom Text. **The Journal of Egypt Archaeology**, v. 48, dez. 1962.

GOFF, Matthew J. **Discerning wisdom**: the sapiential literature of Dead Sea Scrolls. Leiden; Boston: Brill, 2007.

_____. Qumran Wisdom Literature and the Problem o Genre. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, n. 3, p. 286-306, 2010.

_____. Recent Trends in the Study of Early Jewish Wisdom Literature: The Contribution of 4QInstruction and Other Qumran Texts. **Currents in Biblical Research**, v. 7, n. 3, p. 376-416, 2009.

_____. Wisdom, Apocalypticism, and the Pedagogical Ethos of 4QInstruction. In: WRIGHT III, B. G.; WILLS, L. M. (Eds.). **Conflicted Boundaries in Wisdom and Apocalypticism**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

GREßMEN, Hugo. Die neugefundene Lehre des Amen-em-ope und die vorexilische Spruchdichtung Israels. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 42, p. 272-296, 1924.

GRILLO, Sheila V. de C. A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários**: Introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. Gêneros Primários e Gêneros Secundários no Círculo de Bakhtin: Implicações para a Divulgação Científica. **Alfa**, v. 52, n. 1, p. 57-79, 2008.

GRIMM, Karl J. The meaning and etymology of the word תוֹשִׁיָּה in the Old Testament. **Journal of the American Oriental Society**, v. 22, p. 35-44, 1901.

GRUENTHANER, M. J. The Old Testament and Retribution in this Life. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 4, n. 2, p. 101-110, 1942.

GRUMBRECHT, H.-U. Does Egyptology needs a “theory of literature”? In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature**: History and Forms. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.

GUNKEL, Hermann. **Die Propheten**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1917.

_____. Fundamental Problems of Hebrew Literary History. In: GUNKEL, Hermann (Ed.). **What Remains of the Old Testament**. Virginia: George Allen & Unwin, 1928.

_____. **Reden und Aufsätze**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1913.

_____. The Literature of Ancient Israel. In: SANDOVAL, Carleen M.; BUSS, Martin J. (Eds.). **Ralating to the Text**: Interdisciplinary and Form-Critical Insights on the Bible. London; New York: Clark, [1906] 2003.

_____. **The Psalms: A Form-Critical Introduction.** Philadelphia: Fortress Press, [1930] 1967.

HARRINGTON, Daniel. Ten reasons why Qumran wisdom texts are important. **Dead Sea Discoveries**, v. 4, n. 3, p. 245-254, 1997.

HARRINGTON, Daniel. **Wisdom texts from Qumran.** London; New York: Routledge, 1996.

HARRIS, R. Laid; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRISON, Roland K. **Introduction to the Old Testament:** with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the Apocrypha. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1991.

HARTMANN, Anton T. **Theologisches Literaturblatt zur Allgemeinen Kirchenzeitung.** Darmsadt, 1828.

HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento:** Questões básicas no debate atual. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda., 2012.

HEIM, Knut M. The Phenomenon and Literature of Wisdom. In: SÆBØ, Magne (Ed.). **Hebrew Bible/ Old Testament: The History of its Interpretation.** III/2: The Twentieth Century. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.

HELD, M. The Action-Result (Factitive-Passive) Sequence of Identical Verbs in Biblical Hebrew and Ugaritic. **Journal of Biblical Literature**, v. 84, n. 3, p. 272-282, 1965.

HOUSTON, Michael V. Book Review: Old Testament Wisdom: An introduction. **Restoration Quarterly**, v. 27, n. 4, p. 249-251, 1984.

KAPPELLE, Robert P. V. **Wisdom Revealed:** The Message of Biblical Wisdom Literature then and now. Oregon: Wipf & Stock, 2014.

KIDNER, Derek. **The Wisdom of Proverbs, Job and Ecclesiastes:** An Introduction do Wisdom Literature. Downers Grove: InterVarsity Press, 1985.

KISTER, Menahem. Wisdom Literature and Its Relation to Other Genres: From Bem Sira to Mysteries. In: COLLINS, John J.; STERLING, G. E.; CLEMENTS, R. A. (Eds.). **Sapiential Perspectives:** Wisdom Literature in Light of the Dead Sea Scrolls. Leiden: Brill, 2004.

KOCH, Klaus. Is There a Doctrine of Retribution in the Old Testament? In: CRENSHAW, James L. (Ed.). **Theodicy in the Old Testament.** Philadelphia: Fortres Press, 1983.

KYNES, Will. The Nineteenth-Century Beginnings of ‘Wisdom Literature,’ and Its Twenty-first-Century End? In: JARICK, John (Ed.). **Perspectives on Israelite Wisdom**: Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar. London; New York: Bloomsbury T.&T. Clarck, 2016.

_____. The ‘Wisdom Literature’ Category: An Obituary. **The Journal of Theological Studies**, v. 69, n. 1, p. 1-24, abr., 2018.

LAMBERT, Wilfred G. **Babylonian Wisdom Literature**. Winona Lake: Eisenbraus, 1996.

_____. Some new Babylonian Wisdom Literature. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. **Wisdom in Israel**: Essays in honour of J. A. Emerton. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LASOR, William S.; HUBBARD David A.; BUCH, Frederic Wm. **Old Testament Survey**: The Message, Form, and Background of the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1982.

LÉVÊQUE, J. O ensinamento dos Sábios (Jó – Os Provérbios). In: MONLOUBOU, L.; LÉVÊQUE, J.; PRÉVOST, P.; GRELOT, P.; AUNEAU, J.; GILBERT, P.-M; SAULNIER, Ch. (Orgs.). **Os Salmos e os outros Escritos**. São Paulo: Paulus, 1996.

LICHTHEIM, Miriam. **Ancient Egyptian Literature**: The Late Period. California: University of California Press, 2006. v. 3.

_____. **Ancient Egyptian Literature**: The New Kingdom. California: University of California Press, 1976. v. 2.

_____. **Ancient Egyptian Literature**: The Old and Middle Kingdoms. California: University of California Press, 1975. v. 1.

_____. Didactic Literature. In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature**: History and Forms. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.

LÍNDEZ, José V. **Sabedoria e sábios em Israel**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LONGMAN III, Tremper. Form Criticism, Recent Developments in Genre Theory, and the Evangelical. **Westminster Theological Journal**, v. 47, p. 46-67, 1985.

LOPRIENO, A. **Ancient Egyptian**: A Linguistic Introduction. New York: Cambridge University Press, 1995.

LOWTH, Robert. **De sacra poesi Hebraeorum**: praelectiones academiae Oxonii habitae. Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1753.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beith (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MATTHIAE, P. Ebla in the Late Early Syrian Period: The Royal Palace and the State Archives. **Biblical Archaeologist**, v. 39, n. 3, p. 94-113, 1976.

MCKANE, William. **Prophets and Wise Men**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2009. (Studies in Biblical Theology, 44).

MCKENZIE, John L. Reflections on Wisdom. **Journal of Biblical Literature**, v. 86, n. 1, p. 1-9, 1967.

MEINHOLD, Johannes. **Die Weisheit Israels: in Spruch und Dichtung**. Leipzig: Quelle & Meyer, 1908.

MONTEFIORE, C. G. Notes upon the Date and Religious Value of the Book of Proverbs. **The Jewish Quarterly Review**, v. 2, n. 4, p. 430-454, jul. 1890.

MOORE, Michael S. Book Review: Old Testament Wisdom: An introduction. **Restoration Quarterly**, v. 26, n. 3, p. 175-179, 1983.

MORGAN, Donn F. **Wisdom in the Old Testament traditions**. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1981.

MUCK, Burton L.; MURPHY, Roland E. Wisdom Literature. In: KRAFT, Robert A.; NICKELSBURG, George W. E. (Eds.). **Early Judaism and its Modern Interpreters**. Georgia: Fortress Press, 1986. (The Bible and its Modern Interpreters).

MÜLLER, H.-P. חָכָם *chākham*; חָכְמָה *chākhām*; חֻכְמָה *chokhmāh*; חֻכְמוֹת *chokmôth*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. (Eds.). **Theological Dictionary of the Old Testament: חָכָם - חֻכְמָה** *zē'ēbh-hmš*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997. v. 4.

MURPHY, Roland E. Assumptions and problems in Old Testament Wisdom Research. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 29, p. 407-418, 1967.

_____. From Criticism and Wisdom Literature. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 31, n. 4, p. 475-483, 1969a.

_____. Hebrew Wisdom. **Journal of the American Oriental Society**, v. 101, n. 1, p. 21-34, 1981.

_____. Interpretation of Old Testament Wisdom Literature. **Interpretation**, v. 23, n. 3, p. 289-301, 1969b.

_____. **Jó e Salmos: encontro e confronto com Deus.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. **The tree of life: an exploration of biblical Wisdom Literature.** New York: Doubleday, 1990.

_____. Wisdom in the Old Testament. In: FREEDMAN, David N. (Ed.). **The Anchor Bible Dictionary: Si-Z.** New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1992. v. 6.

_____. **Wisdom Literature: Job, Proverbs, Ruth Canticles, Ecclesiastes, and Esther.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988. (The Forms of the Old Testament Literature, 13).

NEWSON, Carol A. Pairing Research Questions and Theories of Genre: A Case Study of Hadayot. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, p. 270-288, 2010.

_____. Spying Out the Land: A Report from Genology. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies.** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

NOGUEIRA, Paulo A de S. Hermenêutica da Recepção: textos bíblicos na fronteira da cultura e ao longo do tempo. **Revista Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, p. 15-31, jan./jun. 2012.

O'CONNOR, Kathleen M. **The Wisdom Literature.** Collegeville: The Liturgical Press, 1990.

OEHLER, Gustav F. **Theology of the Old Testament.** New York: Funk & Wagnalls, 1883.

OORT, Henricus. **The Bible to Young People.** London: Williams and Norgate, 1879.

PARKINSON, Richard. B. Types of Literature in Middle Kingdom. In: LOPRIENO, Antonio (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms.** Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.

_____. **Voices from Ancient Egypt: Na Anthology of Middle Kingdom Writings.** London: British Museum Press, 1991.

PELLETIER, Anne-Marie. **Bíblia e Hermenêutica Hoje.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PERDUE, Leo G. (Ed.). **Scribes, Sages, and Seers: The Sages in the Eastern Mediterranean World.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008a.

_____. **The Sword and the Stylus: An Introduction to Wisdom at the Age of Empires.** Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 2008b.

_____. **Wisdom & Creation: The Theology of Wisdom Literature.** Oregon: Wipf and Stock Publishers, 1994.

PETTINATO, G. The Royal Archives of Tell Mardikh-Ebla. **Biblical Archaeologist**, v. 39, n. 2, p. 44-52, 1976.

PRITCHARD, James B. (Ed.). **The Ancient Near East: an Anthology of Texts and Pictures.** New Jersey: Princeton University Press, 2011.

QUIRKE, Stephen G. **Egyptian Literature 1800 BC: Questions and Readings.** London: Golden House Publications, 2004.

RANKIN, Orvid S. **Israel's Wisdom Literature: It's bearing on Theology and the History of Religion.** Edinburgh: T. & T. Clark, 1954.

RAY, J. D. Egyptian Wisdom Literature. In: DAY, John; GORDON, Robert R.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in Ancient Israel: Essays in Honour of J. A. Emerton.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

REED, Walter L. **Dialogues of the Word: The Bible as Literature According Bakhtin.** New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

RICHTER, W. **Recht un Ethos.** Munich: Kösel-Verlag, 1966.

ROBINSON, Theodore H. **The Poetry of the Old Testament.** London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 1947.

ROOT, Edward T. What is meant by biblical "Hokma" or Wisdom. **The Old and New Testament Student**, v. 9, n. 1, p. 24-27, 1889.

RYLAARSDAM, J. Coert. **Revelation in Jewish Wisdom Literature.** Chicago: The University of Chicago Press, 1946.

SÆBØ Magne. חכּם *hkm* Ser sabio. In: JENNI, Ernst (Ed.). **Diccionario Teologico Manual Del Antiguo Testamento: Tomo I:** אָב 'āb – מָתַי mātay. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

SAUNERON, S. **A egiptologia.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. (Coleção Saber Atual).

SCHELLENBERG, Annette. Don't Throw the Baby Out with the Bathwater: On the Distinctness of the Sapiential Understanding of the World. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies.** Atlanta: SBL Press, 2015.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Sinodal, 2002.

SCHOORS, Antoon. The Language of Qumran Sapiential Works. In: HEMPEL, C.; LANGE, A.; LICHTENBERGER, H. (Eds.). **The Wisdom Texts of Qumran and the Development of Sapiential Thought**. Leuven: Leuven University Press, 2004.

SCHWANTES, Milton. Sabedoria: textos periféricos? **Estudos de Religião**, v. 22, n. 34, p. 53-69, jan./jun., 2008.

_____. **Sentenças e Provérbios**: Sugestões para a Interpretação da Sabedoria. São Leopoldo: Oikos, 2009.

SCHULTZ, Adilson. Leitura Teológica Sapiencial da Bíblia: Um Olhar a partir da Obra “Sentenças e Provérbios”, em Homenagem a Milton Schwantes. **Estudos Teológicos**, v. 53, n. 2, p. 338-349, jul./dez., 2013.

SCOTT, R. B. Y. **The way of wisdom in the Old Testament**. Ontario: The Macmillan Company, 1971.

_____. The study of the Wisdom Literature. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 29, n. 2, p. 20-45, 1967.

SHEPPARD, Gerald T. **Wisdom as a Hermeneutical Construct**: A Study in the Sapientializing of the Old Testament. New York: Walter de Gruyter & Co., 1980.

SHUPAK, Nili. The Instruction of Amenemope and Proverbs 22:17–24:22 from the Perspective of Contemporary Research. In: TROXEL, R. L.; FRIEBEL, K. G.; MAGARY, D. R. (Eds.). **Seeking Out the Wisdom of the Ancients**: Essays offered to honor Michael V. Fox on the occasion of his sixty-fifth birthday. Winona Lake: Eisenbreuns, 2005.

_____. The Contribution of Egyptian Wisdom to the Study of the Biblical Wisdom Tradition. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **Was there a Wisdom Tradition?** New Perspectives in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2015.

_____. The *Sitz im Leben* of the book of Proverbs in the light of a comparison of Biblical and Egyptian Wisdom Literature. **Revue Biblique**, v. 94, p. 98-119, 1987.

SILVA, Cássio M. D. da; LÓ, Rita de C. **Caminho não muito suave**: Cartilha de Literatura Sapiencial Bíblica. Campinas: Editora Alínea, 2012.

SIMPSON, W. K. **The Literature of Ancient Egypt**: Na Anthology of Stories, Instructions, Stela, Autobiographies, and Poetry. 3. ed. Kirkwood: Vail-Ballou Press, 2003.

SINDING, Michael. After Definitions: Genre, Categories, and Cognitive Science. **Genre**, v. 35, p. 181-220, 2002.

SKEHAN, Patrick W. **Studies in Israelite Poetry and Wisdom**. Washinton: The Catholic Biblical Association of America, 1971.

SMEND, Rudolf. The interpretation of wisdom in nineteenth-century scholarship. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SNEED, Mark R. "Grasping After the Wind": The Elusive Attempt to Define and Delimit Wisdom. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL Press, 2015b.

_____. Introduction. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies**. Atlanta: SBL Press, 2015a.

_____. Is the "Wisdom Tradition" a Tradition? **Catholic Biblical Quarterly**, v. 73, p. 50-71, 2011.

SOUSA, Rodrigo F. de; LEITE, Francisco B. (Orgs.). **Literatura Cristã Primitiva: Olhares Bakhtinianos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SOUZA, Geraldo T. Gêneros discursivos em Marxismo e Filosofia da Linguagem. **The Specialist**, v. 24, n. especial, p. 185-202, 2003.

STONE, Michael E. Apocalyptic Literature. In: STONE, Michael E. (Ed.). **Jewish Writings of the Second Temple Period**. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

STORY, C. I. K. The Book of Proverbs and Northwest Semitic Literature. **Journal of Biblical Literature**, v. 64, n. 3, p. 319-337, 1945.

STRUGNELL, John; HARRINGTON, Doniel J. (Eds.). **Qumran Cave 4, XXXIV: Sapiential Texts: part 2; 4QInstruction (*mûsar L^eMevîn*)**. Oxford: Claredon Press, 1999. (Discoveries in the judeaeen desert).

TALMON, Shemaryahu Wisdom in the Book of Esther. **Vetus Testamentum**, v. 13, p. 419-455, 1963.

TANZER, Sara J. Response to George Nickelsburg: "Wisdom and Apocalypticism in Early Judaism". In: WRIGHT III, B. G.; WILLS, L. M. (Eds.). **Conflicted Boundaries in Wisdom and Apocalypticism**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

THÉRIAULT, Carolyn A. The Instructions of Amenemhet as Propaganda. **Journal of American Research Center in Egypt**, v. 30, p. 151-160, 1993.

TOORN, Karel van der. Why wisdom became a secret: on wisdom as a written genre. In: CLIFFORD, Richard J. (Ed.). **Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

TUCKER JR., W. Dennis. Literary Forms in Wisdom Literature. In: BALLARD JR., Harold W., TUCKER JR., W. Dennis (Eds.). **An introduction of Wisdom Literature and Psalms: Festschrift Marvin E. Tate**. Macon: Mercer University Press, 2000.

TUCKER, Gene M. **Form Criticism of the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1971.

UMBREIT, Friedrich W. C. **Philologisch-kritischer und philosophischer Commentar über die Sprüche Salomos**: Nebst einer neuen “Übersetzung und einer Einleitung in die morgenländische Weisheit “überhaupt und die hebräisch- Salomonische insbesondere. Heidelberg: J. C. B. Mohr, 1826.

VAN LEEUWEN, Raymond. Wisdom Literature. In: VANHOOZER, Kevin J. (Ed.). **Dictionary for Theological Interpretation of the Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2001.

VATKE, Wilhelm. **Die biblische Theologie wissenschaftlich dargestellt**: Erster Band. Die Religion des Alten Testaments nach den kanonischen Büchern entwickelt. Berlin: G. Bethge, 1835. v. 1.

VON RAD, Gerhard. Der Anfang der Geschichtsschreibung im alten Israel. **Antike Kunst**, v. 32, p. 1-42, 1944.

_____. The Joseph Narrative and Ancient Wisdom. In: VON RAD, Gerhard. **The Problem of the Hexateuch and Other Essays**. London: Oliver E. Boyd, 1965.

_____. **Wisdom in Israel**. London: SCM Press Ltda., 1972.

_____. **Teologia do Antigo Testamento**: Volume 1 e 2. 2 ed. São Paulo: ASTE/Targumin, 2006.

WALTON, John H. **Ancient Israelite Literature in its Cultural Context**: A Survey of Parallels Between Biblical and Ancient Near Eastern Texts. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990.

WEEKS, Stuart. **An Introduction to the Study of Wisdom Literature**. New York: T&T Clark International, 2010.

_____. **Early Israelite Wisdom**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

_____. Is “Wisdom Literature” a Useful Category? In: NAJMAN, Hindy; REY, Jean-Sébastien; TIGCHELAAR, Eibert J. C. (Eds.). **Tracing Ancient Traditions in Ancient Judaism**. Leiden; Boston: Brill, 2016.

_____. Wisdom Form and Genre. SNEED, Mark R. (Ed.). **Was There a Wisdom Tradition?** New Perspectives in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL Press, 2015.

_____. The Limits of Form Criticism in the Study of Literature with reflections on Psalm 34. **Biblical Interpretation and Method: Essays in Honour of John Barton**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WEINFELD, Moshe. **Deuteronomy and the Deuteronomistic School**. Oxford: Clarendon Press, 1972.

WELTON, D. M. The Old Testament Wisdom (Chokma). **The Biblical World**, v. 10, n. 3, p. 183-189, 1897.

WEST, James K. **Introduction to the Old Testament: "Hear, O Israel"**. London: The Macmillan Company, 1971.

WETTE, Wilhelm M. L. de. **Lehrbuch der hebräisch-Jüdischen Archäologie: nebst einem Grundrisse der hebräisch-Jüdischen**. Leipzig: Vogel, 1830.

WHYBRAY, Roger N. **The Intellectual Tradition in the Old Testament**. Berlin; New York: De Gruyter, 1974.

_____. The Structure and Composition of Proverbs 22:17–24:22. In: PORTER, S. E.; JOYCE, P.; ORTON, D. E. (Eds.). **Crossing the Boundaries: Essays in Biblical Interpretation in Hounor of Michael D. Goulder**. Leiden: E. J. Brill, 1994. (Biblical Interpretation Series, 8).

_____. **The book of Proverbs**. Cambridge: University Press, 1972.

_____. Wisdom Literature. In: COGGINS, R. J.; HOULDEN, J. L. (Eds.). **A Dictionary of Biblical Interpretation**. London; Philadelphia: SCM Press; Trinity Press International, 1990.

WILLIAMS, James G. Provérbios e Eclesiastes. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Eds.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

WILLIAMS, Ronald J. The Sages of Ancient Egypt in the Light of Recent Scholarship. **Journal of American Oriental Society**, v. 101, n. 1, p. 1-19, 1981.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. **Philosophische Untersuchungen/Philosophical Investigations**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

WOUDE, A. S. Van Der. Wisdom and Qumran. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds.). **Wisdom in ancient Israel: Essays in honour of J. A. Emerton**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WRIGHT III, Benjamin G. Joining the Club: A Suggestion about Genre in Early Texts. **Dead Sea Discoveries**, v. 17, p. 289-314, 2010.

APÊNDICE A – PARALELOS DA SABEDORIA EGÍPCIA⁸⁰⁰

“Inclina teus ouvidos, ouve [minhas] palavras, aplica o teu coração para compreendê-las” (*Amenemope* iii, 5 e 10).

“Bom é colocá-las em teu coração [e] ruim para quem delas se descuida. Que permaneçam no cofre de teu ventre (*Amenemope* iii, 10).

“Considera esses trinta capítulos, eles informam, eles instruem, são o melhor de todos os livros, fazem o ignorante conhecer” (*Amenemope* xxvii, 10).

“Para conduzir-se com os magistrados, saber como replicar ao que lhe é dito, responder a quem enviou a mensagem” (*Amenemope* i, 1 e 5).

“Guarda-te de roubar o miserável e de oprimir o fraco de braço” (*Amenemope* iv, 1 e 5).

“Não confraternizes com o homem inflamado nem dele acerques para conversa” (*Amenemope* xi, 10).

“Não te lances a juntar-te a tal pessoa [o homem inflamado], para que o terror [não] te arrebate” (*Amenemope* xiii, 5).

“Não desloques os marcos dos limites dos campos nem tires da posição a corda de medir” (*Amenemope* vii, 10).

“Não ambicionas um lote de terra nem invadas os limites [da terra] de uma viúva” (*Amenemope* vii, 10 e 15).

“Não movas as escalas nem falsifiques os pesos ou diminuas as frações da medida” (*Amenemope* xvii, 15).

“Não fabriques pesos deficientes, eles trazem

“Inclina teu ouvido, ouve as palavras dos Sábios, e aplica teu coração ao meu conhecimento (Pv 22:17).

“Pois terás prazer em guardá-las dentro de ti, e estarão todas firmes em teus lábios” (Pv 22:18).

“Não te escrevi trinta capítulos sobre conselhos e conhecimento [?]” (Pv 22:20).

“Para te ensinar a certeza de palavras verdadeiras e poderes responder com verdade ao que te envia” (Pv 22:21).

“Não despojes o fraco, por ser fraco, nem oprimas o pobre no julgamento” (Pv 22:22).

“Não te juntes ao homem irascível, nem frequentes o homem colérico” (Pv 22:24).

“Não te associes com o iracundo, nem andes com o homem colérico, para que não aprenda as suas veredas e, assim, enlaces a tua alma” (Pv 22:24-25).

“Não desloques os marcos antigos que os teus pais colocaram” (Pv 22:28).

“Não desloques o marco antigo, e não entre no campo dos órfãos” (Pv 23:10).

“Dois pesos são coisa abominável ao Senhor, e balança enganosa não é boa” (Pv 20:23).

“Balança enganosa é abominação para o Senhor, mas o peso justo é o seu prazer” (Pv

⁸⁰⁰ Os paralelos foram adaptados das sugestões oferecidas por ARAÚJO, Emanuel. **Escrito para a eternidade**: a literatura no Egito Faraônico. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000; MATTHEWS, Victor H.; BENJAMIN, Don C. **Old Testament Parallels**: Laws and Stories from Ancient Near East. Mahwah: Paulist Press, 2006; SHUPAK, Nili. The Contribution of Egyptian Wisdom to the Study of the Biblical Wisdom Literature. In: SNEED, Mark R. **Was There a Wisdom Tradition?** New Perspectives in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL Press, 2015.

desgraça pela vontade do deus” (*Amenemope* xviii, 1 e 5).

“O escriba perito em seu ofício considera-se digno de ser um cortesão” (*Amenemope* xxvii, 15).

“Alimente os tolos até que se saciem. Dê a eles o seu pão até que se envergonhem” (*Amenemope*, v, 8).

“Não apliques o teu coração em bens materiais; com o tempo, todos nos tornamos mendigos” (*Amenemope*, ix, 10).

“A sabedoria se esconde como esmeraldas, mas ela pode ser encontrada mesmo em uma jovem mulher moendo grãos” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 50-60)

“A injustiça evoca punição; a injustiça mina todo o seu trabalho. Justiça é uma herança eterna” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 85-95).

“Os patrões parecem apenas abençoar os seus clientes, mas a sua alma-ka é guiada pela assembleia divina. Por isso, não questione as escolhas deles” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 120-42).

“Se você se tornar um mensageiro de confiança ao poderoso, seja completamente confiável em toda designação” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 147-50).

“Se você se tornar um chefe de família, ou está sendo hospedado, fique longe da mulher de outra casa. Mantenha sua mente nos negócios, e olhos de feição agradável. Sonhadores tolos se tornam casualidade de ações não sábias. Sucumba ao amor doentio e a luxúria, e nada do que você fará irá suceder” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 278-96).

“Se você se tornar dono de uma propriedade, estabeleça uma dona de casa, seja fiel a ela, vista-a, e faça-a feliz; e ela te proverá um herdeiro” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 328-334).

11:1; cf. 16:11).

“Vês um homem perito em seu trabalho? Ele será posto a serviço de reis” (Pv 22:29).

“Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber, porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça, e o Senhor te retribuirá” (Pv 25:21-22).

“Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isso é vaidade” (Ec 5:10).

“Se buscares a sabedoria como prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus” (Pv 2:4-5).

“O mau, é evidente, não ficará sem castigo, mas a geração dos justos é livre” (Pv 11:21).

“Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1).

“Como frescor de neve no tempo da ceifa, assim é o mensageiro fiel para com os que o enviam” (Pv 25:13).

“Agora, pois, filho, dá-me ouvidos e sê atento às palavras da minha boca; não se desvie o teu coração para os caminhos dela [a mulher alheia], e não andes perdido nas suas veredas porque a muitos feriu e derribou; e são muitos os que por ela foram mortos. A sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmeras da morte” (Pv 7:24-27).

“Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finais joias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho” (Pv 31:10-11).

“Finalmente, meus estudantes, lembrem-se, o sábio segue o conselho de seu professor. Por consequência, seus projetos não irão falhar” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 565-74).

“Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir” (Pv 19:20).

“Os planos das pessoas não prevalecerão; o desígnio de deus prevalece” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 115-116).

“Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do Senhor permanecerá” (Pv 19:21).

“Não tome conselho de tolos; não busque por suas advertências” (*Amenemope*, x, 15).

“Foge da presença do homem insensato, porque nele não divisarás lábios de conhecimento” (Pv 14:7).

“Sustenha seus amigos com o que você possui [...] ninguém sabe o que sucederá” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 339-349, 175-177, 428-432).

“Lança teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra” (Ec 11:1-2).

“Não comas em presença de um superior nem te ponhas a falar antes [dele]. Se ficares satisfeito em fingir mastigar, contenta-te com tua saliva. Vê o copo que está diante de ti e que ele sirva [apenas] ao que precisas. Um superior é notável em sua ocupação, como uma fonte é abundante ao trazer água” (*Amenemope* xxiii, 10, 15 e 20).

“Quando te assentas para comer com um chefe, presta atenção ao que está à tua frente; põe uma faca na tua garganta, se és glutão! Não cobices seus manjares, porque são alimento enganador” (Pv 23:1-3).

“Se estiveres entre os convidados à mesa de um maior do que tu, aceita, quando ele der, o que estiver à sua frente. Olha o que está diante de ti [mas] não mires [o dono] com insistência, [pois isso] o agride e ofende o seu ka. Não lhes fales até que ele se volte a ti, pois não se sabe o que pode desagradá-lo. Fala [somente] quando ele se dirigir a ti, e o que disseres será [então] muito agradável ao seu coração. Quando o grande está atrás da comida comporta-se segundo os desígnios de seu ka. Oferecerá a quem favorece, tal é o costume ao chegar a noite. O comer está sob o desígnio do deus, [e só] um louco queixa-se disso” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 7, vi 10-viii 1).

“Uma tempestade que irrompe como fogo na palha, assim é o homem inflamado em sua hora” (*Amenemope* v, 10 e 15).

“O homem depravado cava o mal, e nos seus lábios há como que fogo ardente” (Pv 16:27; cf. 26:20).⁸⁰¹

“Não vá dormir preocupado, a perguntar: ‘o que será do dia de amanhã?’ Ninguém sabe o

“Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27:1).⁸⁰²

⁸⁰¹ Ver paralelo judaico-cristão em Tiago 3:5-6.

que o amanhã trará” (*Amenemope*, xix, 10).

“Não tire sarro do cego; não provoque o anão; não faça o coxo tropeçar; não provoque um louco; não perca a paciência com eles quando cometem erros” (*Amenemope*, xxiv, 8-20).

“Não lances teu coração em busca de riquezas, pois nada ignoram Shay e Renenutet. Não deixes teu coração vaguear, [pois] todo homem tem a sua hora [assinalada]. Não te extenues em busca do aumento [de bens] quando o que possuis te basta [... as riquezas] criaram asas como gansos e voaram para o céu” (*Amenemope* ix, 10).

“Não trabalhe para armazenar seus suprimentos; labute apenas pelo que precisa” (*Amenemope*, ix, 10).

“Melhor é a medida a ti dada pelo deus do que cinco mil [tomadas] fraudulentamente: elas não ficam [nem] um dia no depósito ou no celeiro” (*Amenemope* viii, 15, 20 e ix, 1).

“Não ambicionas os bens de um homem pobre nem desejes o seu pão [...] Engolirás e vomitarás o grande bocado de pão e estarás vazio de tua aquisição” (*Amenemope* xiv, 5 e 15).

“Melhor é a pobreza na mão do deus do que a riqueza em um depósito; melhor é o pão com o coração em paz do que a riqueza com sobressalto” (*Amenemope* ix, 5).

“Mantém firme teu coração, resoluto teu coração, não induzas com tua língua. Se a língua de um homem é o leme de um barco, o Senhor de Tudo é seu piloto” (*Amenemope* xx, 1 e 5).

“Seres humanos são argila e palha; a assembleia divina é o seu escultor” (*Amenemope*, xxiv, 8-20).

“A assembleia divina pode determinar um tempo para que milhares serem poderosos, e

“O que escarnece o pobre insulta ao que o criou; o que se alegra da calamidade não ficará impune” (Pv 17:5).

“Não te fatigues por adquirir riqueza, não apliques nisso a tua inteligência. Nela pousam teus olhos, e ela não existe mais, pois certamente fará assas para si, como águia que voa para o céu” (Pv 23:4-5).

“Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento” (Pv 13:11; cf. Pv 8:18; 20:21).⁸⁰³

“Não comas o pão do invejoso nem cobices seus manjares [...] vomitarás o bocado que comeste, perdendo tuas palavras suaves” (Pv 23:6).

“Melhor é o pouco, havendo temor do Senhor, do que grande tesouro onde há inquietação. Melhor é um prato de hortaliças onde há amor do que o boi cevado e, com ele, o ódio” (Pv 15:-16-17).

“O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16:9; cf. Sl 33[32]:11).⁸⁰⁴

“Lembra-te que me formaste como em barro; e queres, agora reduzir-me a pó” (Jó 10:9).

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu:

⁸⁰² Ver paralelo judaico-cristão em Mateus 6:34; Tiago 4:13-15.

⁸⁰³ Ver paralelo judaico-cristão na “parábola do filho pródigo” em Lucas 15:11-32.

⁸⁰⁴ Ver paralelo judaico-cristão em Tiago 3:4.

um tempo para milhares serem fracos”
(*Amenemope*, xxiv, 8-20).

há tempo de nascer e tempo de morrer;
tempo de plantar e tempo de arrancar o que
se plantou; tempo de matar e tempo de curar;
tempo de derribar e tempo de edificar; tempo
de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e
tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar
pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de
abraçar e tempo de afastar-se de abraçar;
tempo de buscar e tempo de perder; tempo de
guardar e tempo de deitar fora; tempo de
rasgar e tempo de coser; tempo de estar
calado e tempo de falar; tempo de amar e
tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo
de paz” (Ec 3:1-8).

“Não digas: ‘Encontrei um protetor e agora
posso desacatar quem odeio’. Na verdade,
não conheces os desígnios do deus e não
podes lastimar pelo amanhã. Confia-te às
mãos do deus e teu silêncio os derrotará. O
crocodilo que não faz ruído, o pavor que se
tem dele é antigo” (*Amenemope* xxii, 1 e 10).

“Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera
pelo Senhor, e ele te livrará” (Pv 20:22).

“Se encontrares um contendor em seu
[melhor] momento que seja um teu igual, de
tua posição, farás com que teu valor o supere
pelo silêncio enquanto ele fala de modo
hostil” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, 2-4, v,
x).

“Não responda ao insensato segundo a sua
estultícia, para que não te faças semelhante a
ele” (Pv 26:4).

“Não instrua os tolos, porque te odiarão. Não
instrua aqueles que não aprendem de você”
(*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, p. 7, 4-5).

“Não fales aos ouvidos do insensato, porque
desprezará a sabedoria das tuas palavras” (Pv
23:9).

“Não se case com uma mulher cujo marido
está vivo, a não ser que queira fazer um
inimigo” (*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, 8,
12).

“Não cobices no teu coração a sua formosura
[da mulher alheia], nem te deixes prender
com as suas olhadelas” (Pv 6:15).

“Não deixe de lado o seu trabalho porque ‘é
verão’. O inverno está vindo. Aqueles que
não ajuntam madeira no verão, tremem de
frio no inverno” (*Ensinamentos de
Ankhsheshonq*, 9, 16-17).

“Vai ter com a formiga, ó preguiçoso,
considera os seus caminhos e sê sábio. Não
tendo ela chefe, nem oficial, nem
comandante, no estio, prepara o seu pão, na
segam ajunta o seu mantimento. Ó
preguiçoso, até quando ficarás deitado?
Quando te levantarás do teu sono? Um pouco
para dormir, um pouco para tosquenejar, um
pouco para encruzar os braços em repouso,
assim sobrevirá a tua pobreza como um
ladrão, e a tua necessidade, como um homem
armado” (Pv 6:6-11).

“Apenas um tolo diz ao seu professor: ‘não me trate como um tolo’” (*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, 10, -6).

“Lança atitudes no rio e elas viverão para sempre; contemple-as, e elas morrerão” (*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, 19, 10).

“Qualquer um que se mete na briga de dois irmãos torna-se inimigo deles quando fazem as pazes” (*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, 19, 11-12).

“Melhor viver em sua própria casa do que na mansão de outra pessoa” (*Ensinamentos de Ankhsheshonq*, 19, 23, 8).

“Ó, soberano, meu senhor, a velhice chegou, a idade caiu [sobre mim]! A debilidade alcançou-me, a senilidade aumenta, todo dia dorme-se cansado. Os olhos estão fracos, os ouvidos surdos, o vigor desapareceu devido ao cansaço do coração e a boca está muda, não fala. O coração esquece e não se lembra do passado, os ossos doem por toda parte. O que é bom torna-se ruim, perde-se o sabor, o que a velhice faz com os homens é mau em tudo. O nariz entupido não respira, é penoso [até] levantar-se ou sentar-se” (*Ensinamentos de Ptahhotep*, v i).

“Não fales aos ouvidos do insensato, porque desprezará a sabedoria das tuas palavras” (Pv 23:9).

“Lança teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás” (Ec 11:1).

“Quem se mete em questão alheia é como aquele que toma pelas orelhas um cão que passa” (Pv 26:17).

“Melhor é o pouco, havendo justiça, do que grandes rendimentos com injustiças” (Pv 16:8)

“Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer; antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro; no dia em que tremerem os guardas da casa, os teus braços, e se curvarem os homens outrora fortes, as tuas pernas, e cessarem os teus moedores da boca, por já serem poucos, e se escurecerem os teus olhos na janelas; e os teus lábios, quais portas da rua, se fecharem; no dia em que não puderes falar em alta voz, te levatares à voz das aves, e todas as harmonias, filhas da música, te diminuïrem; como também quando temeres o que é alto, e te espantares no caminho, e te embranqueceres, como floresce a amendoeira, e o gafanhoto te for um peso, e te perecer o apetite; porque vais à casa eterna, e os pranteadores andam rodeando pela praça; antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12:1-8).

“Não é ruim uma balança que pende, um prumo que se inclina, um honesto que se perverte? Vê, Ma’at foge de ti, expulsa de seu lugar! Os magistrados fazem o mal, a retidão é posta de lado, os juízes agarram o que foi roubado. O que dispõe sobre o reto, faz [o reto] balançar torto, e que deve dar o ar sufoca quem está embaixo, o árbitro é espoliador, o que deve acabar a pobreza é quem a cria. A cidade está submersa, o que deve punir o mal comete crimes” (*O camponês eloquente*, B1, 95-105).

“Visto que não irás ceder ao meu apelo, eu o levarei ao próprio Anubis” (*O camponês eloquente*, B2, 110-115).

“Que Tot me julgue, aquele que pacifica os deuses, que Khonsu me defenda, aquele que escreve a verdade, que Ra ouça minhas palavras, aquele que guia a barca solar, que Isdes interceda por mim na Sala Sagrada! Meu sofrimento é muito pesado para que possa suportá-lo. Que agrade aos deuses que desviarem a opressão de meu corpo” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 20-30).

“A morte está diante de mim hoje, [como] a cura de um doente, como sair pela porta após um confinamento. A morte está diante de mim hoje, como a fragrância de mirra, como sentar-se sob uma vela [de barco] em dia de brisa. A morte está diante de mim hoje, como a fragrância do loto, como estar à beira da embriaguez. A morte está diante de mim hoje, como um caminho bem trilhado, como a volta ao lar depois da guerra. A morte está diante de mim hoje, como o céu que se abre, como um homem descobre o que ignorava. A morte está diante de mim hoje, como o desejo de voltar para casa depois de anos em cativeiro” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 130-145).

“Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda. Então, disse comigo: Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra” (Ec 3:16).

“Quem dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me dera fossem gravadas em livro! Que, como pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha! Porque eu sei que meu redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pela, em minha carne verei a Deus” (Jó 19:25-26).

“Tomara eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-Poderoso me responda! Que o meu adversário responda sua acusação!” (Jó 31:35).

“Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela? Por que houve regaço que me acolhesse? E por que peitos, para que eu mamasse? Porque já agora repousaria tranquilo; dormiria, e, então, haveria para mim descanso, com os reis e conselheiros da terra que para si edificaram mausoléus; ou como príncipes que tinham ouro e encheram de prata as suas casas; ou, como aborto oculto, eu não existiria, como crianças que nunca viram a luz. Ali, os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do feitor. Ali, está tanto o pequeno como o grande e o servo livre de seu senhor. Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos. Eles se regozijariam por um tumulto e exultariam se achassem a sepultura” (Jó 3:11-22).

“Na verdade, aquele que está além será um deus vivo e punirá quem cometer um crime. Na verdade, aquele que está além ficará na barca de Ra distribuindo as melhores oferendas aos templos. Na verdade, aquele que está além será um homem sábio, não repellido ao suplicar a Ra quando falar” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 140-145).

“Meu ba interrompe: Você é humano, não divino. Seu dever é aproveitar a vida ao máximo” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 30).

Ouve-me! Eis que é bom para um homem quando ele ouve. Sê alegre um dia, não te preocupes” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 65).

“Mesmo capelas de granito e pirâmides apodrecem; monumentos são esquecidos tão logo seus construtores morrem. Eles são deploráveis como o túmulo dos pobres às margens do Nilo” (*Diálogo de um homem com sua Ba*, 60-65).

“Não deixei o faminto passar fome. Não causei o choro de outros. Não matei. Não exigi que matassem. Não falhei ao preparar comida à assembleia divina. Não comi o pão da assembleia divina. Não roubei a comida oferecida aos mortos. Não cometi adultério. Não me masturbei. Não cortei a medida do alqueire. Não retirei a marca dos limites do campo de outrem. Não usei falsos pesos para medida. Não retirei o leito da boca das crianças. Não privei os rebanhos de seu pasto. Não preendi os pássaros da assembleia divina. Não desviei a água da irrigação para os meus campos no momento errado. Não construí uma barragem através do rio para irrigar meus campos. Não acendi o fogo da cozinha quando era necessário. Não me atrasei ao realizar oferendas de comida à assembleia divina. Não ofereci menos do que meu melhor gado à assembleia divina. Não deixei de me afastar para uma procissão à assembleia divina. Eu declaro solenemente que sou inocente!” (‘Declarações do Inocente’ 125, *Livro dos Mortos*)

“Ah! Se eu soubesse onde poderia achar! Então, me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos. Saber as palavras que ele me respondesse e entenderia o que me dissesse. Acaso, segundo a grandeza de seu poder, contenderia comigo? Não; antes, me atenderia. Ali, o homem reto pleitearia com ele, e eu me livraria para sempre do meu juiz” (Jó 23:3-7).

“Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar a vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho” (Ec 3:12-13).

“Considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol” (Ec 2:11).

“Porque sem causa tomaste penhores a teu irmão e aos seminus despojaste das suas roupas. Não deste água a beber ao cansado e ao faminto retiveste o pão” (Jó 22:5-7).

“Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano (pese-me Deus em balanças fiéis e conhecerá a minha integridade)” (Jó 31:5-6).

“Se retive o que os pobres desejavam ou fiz desfalecer os olhos da viúva; ou, se sozinho comi o meu bocado, e o órfão dele não participou. (Porque dede a minha mocidade cresceu comigo como se eu lhe fora pai, e desde o ventre da minha mãe fui o guia da viúva.); se a alguém vi perecer por falta de roupa e ao necessitado, por não ter coberta; se os seus lombos não me abençoaram, se ele não se aquecia com a lã dos meus cordeiros; se eu levantei a mão contra o órfão, por me ver apoiado pelos juízes da porta” (Jó 31:16-21).

“Não cometi adultério. Não me contaminei. Não incuti medo em outrem. Não transgredi. Não fui intemperante. Não estive cego à verdade. Não fui conflituoso. Não fechei os olhos para a justiça. Não abusei sexualmente de um garoto jovem. Não fui abusivo com outrem. Não fui muito apressado. Não desfigurei uma imagem da assembleia divina. Não falei demais. Não cometi traição. Não tomei banho na água destinada à bebida. Não levantei minha voz. Não amaldiçoei a assembleia divina. Não fui orgulhoso. Não fui arrogante. Não desejei mais do que possuía. Não amaldiçoei o patrono da minha cidade” (‘Declarações do Inocente’ 125, *Livro dos Mortos*).

“Fiz aliança com meus olhos; como, pois, fixaria eu numa donzela?” (Jó 31:1).

“Se meu coração se deixou seduzir por causa de mulher, se andei à espreita à porta do meu próximo, então moa minha mulher para outro, e outros se encurvem sobre ela” (Jó 31:9-10).

“Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva, quando eles contendiam comigo” (Jó 31:13).

“Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: em ti confio; se me alegrei por serem grandes os meus bens e por ter a minha mão alcançado muito” (Jó 31:24-25).

APÊNDICE B – PARALELOS DA SABEDORIA MESOPOTÂMICA⁸⁰⁵

“Quanto a você, Gilgameš, mantenha sua barriga farta, continue se divertindo, dia e noite! Esteja contente todos os dias, dance e brinque dia e noite! Mantenha suas roupas limpas! Mantenha sua cabeça lavada, que você se banhe com água! Atente para o pequenino que segura sua mão! Que sua esposa desfrute de seu abraço contínuo! Esse é o destino [dos seres mortais]” (*Épico de Gilgameš*, iii, 1-15).

“O sofredor: ‘seus pensamentos acalmam como o vento do norte; eles trazem alívio. Meu amigo, do ponto de vista teórico, o seu conselho faz sentido, mas deixe-me levantar mais uma questão: Aqueles que se esquecem de seu patrono divino prosperam. Aqueles que oram constantemente estes não têm abrigo e estão desprovidos. Como um jovem, eu procurei a vontade dos meus patronos divinos, eu orei e jejei. Jejum e oração não me levaram a lugar algum. A assembleia divina declarou a pobreza para mim, não a riqueza. Aleijados e tolos me excedem. Pecadores prosperam. Eu falhei” (*Um sofredor e seu amigo na Babilônia*, lines 67-77).

“Pecadores perderão a posição que cobiçam. Cedo eles desaparecerão. Pecadores irão perder a riqueza conquistada sem a ajuda divina. Ladrões irão roubar tais riquezas. Se você não realiza a vontade dos patronos divinos, qual esperança existe para o sucesso? Aqueles que se submetem ao jugo divino nunca terão fome. Eles se alimentarão mesmo quando a comida estiver escassa. Procure pelo vento tranquilizante da assembleia divina, e os anos perdidos serão restaurados em um momento” (*Um sofredor e seu amigo na Babilônia*, lines 235-42).

“Alegra-te, jovem na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas essas coisas Deus te pedirá contas. Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade” (Ec 11:9-10).

“Como é, pois, que vivem os perversos, envelhecem e ainda se tornam mais poderosos? Seus filhos se estabelecem na sua presença; e os seus descendentes, ante seus olhos. As suas casas têm paz, sem temor, e a vara de Deus não os fustiga. O seu touro gera e não falha, suas novilhas têm cria e não abortam. Deixam correr suas crianças, como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria; cantam com tamboril e harpa e alegram-se ao som da flauta. Passam eles os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura. E são estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações? Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade; longe de mim o conselho dos perversos!” (Jó 21:7-16).

“Na verdade, a luz do perverso se apagará, e para seu fogo não resplandecerá faísca; a luz se escurecerá nas suas tendas, e sua lâmpada sobre ele se apagará; os seus passos fortes se estreitarão, e a sua própria trama o derribará. Porque por seus próprios pés é lançado na rede e andará na boca de forje. A armadilha o apanhará pelo calcanhar, e o laço o prenderá. A corda está-lhe escondida na terra, e a armadilha, na vereda. Os assombros o espantarão de todos os lados e o perseguirão a cada passo. A calamidade virá faminta sobre ele, e a miséria estará alerta ao seu lado, a qual lhe devorará os membros do corpo; serão devorados pelo primogênito da morte. O perverso será arrancado de sua tenda, espalhar-se-á enxofre sobre a sua

⁸⁰⁵ Os paralelos foram adaptados das sugestões oferecidas por MATTHEWS, Victor H.; BENJAMIN, Don C. *Old Testament Parallels: Laws and Stories from Ancient Near East*. Mahwah: Paulist Press, 2006.

habitação. Por baixo secarão as suas raízes, e murcharão por cima os seus ramos. A sua memória desaparecerá da terra, e pelas praças não terá nome. Da luz o lançarão nas trevas e o afugentarão do mundo. Não terá filho nem posteridade entre o seu povo, nem sobrevivente algum ficará nas suas moradas. Do seu dia se espantarão os do Ocidente, e os do Oriente serão tomados de horror. Tais são, na verdade, as moradas do perverso, e este é o paradeiro do que não conhece a Deus” (Jó 18:5-21).

“Eu procurei pelo mundo a ordem, tudo está de ponta cabeça. A Assembleia divina não tem capacidade para restaurar a ordem” (*Um sofredor e seu amigo na Babilônia*, lines 243-53).

“Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda. Então disse comigo: Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra” (Ec 3:16).

“A mente da assembleia divina é insondável como os céus; o caminho de seus patronos divinos está além do entendimento humano” (*Um sofredor e seu amigo na Babilônia*, lines 254-64).

“Porventura, desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até a perfeição do Todo-Poderoso?” (Jó 11:7).

“Escute, meu amigo, às minhas palavras; dê ouvido aos meus argumentos irrefutáveis” (*Um sofredor e seu amigo na Babilônia*, lines 265-75).

“Ouvi atentamente as minhas razões, e já me será a vossa consolação” (Jó 21:2).

“Aquele noite, eu não pude ir dormir; aquela noite, eu não pude cair no sono. Aquele noite, eu não pude ir dormir. Noite após noite, eu não cair no sono. A terra de Ur está repleta de tristeza; tristeza destinada à minha terra” (*Lamentações por Ur*, 88-109).

“Dizendo eu: consolar-me-á o meu leito, a minha cama aliviará a minha queixa, então, me espantas com sonhos e com visões me assombras” (Jó 7:13).

“A poeira do túmulo devora a sua presa. A morte come o que ela quiser com ambas as mãos” (*Estórias de Baal e Anat*, CTA 5.i 15-35).

“Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão” (Ec 3:20).

“Você estabeleceu para cada um [homem e animal] local. Você supriu para a cada um deles suas necessidades e alimento; você contou para ambos os dias de sua vida” (*Hino para Aten*, 5-8).

“Visto que seus dias estão contados, contigo está o número de seus meses; tu ao homem pusestes limites além dos quais não passará” (Jó 14:5).

“Poupe a vara; estrague a criança” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 3. vi, 81).

“O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina” (Pv 13:24; ver 19:18; 23:13-14).

“Bata no servo menino, repreenda a serva menina, e então eles irão te obedecer” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 5. vi, 83).

“Dois tipos de pessoas são agradáveis. A Terceira agrada a Šamaš, o divino juiz: aqueles que compartilham seu vinho, aqueles que seguem bom conselho, aqueles que guardam segredo” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 12. vi, 92).

“A palavra humana é como um pássaro: uma vez liberto, nunca poderá ser recapturado” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 15. vii, 98).

“Escolha cuidadosamente suas palavras para ensinar alguém; a palavra é mais forte do que a espada” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 16. vii, 99).

“Faça a vontade do governador ser o desejo do seu coração. Podem os gravetos dominar a chama? Pode a carne dominar a faca? Podem os agricultores dominar o governador?” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 21. vii, 103-4).

“A língua do governador é branda, mas ela pode quebrar os ossos de um dragão. Como a morte, ela vem inesperada” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 29. viii, 105).

“Aos olhos da assembleia divina, um lenhador que trabalha no escuro é um bandido roubando uma casa” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 38. viii, 124b-125).

“Trabalhe com sua terra na estação, realize todas as tarefas. Você encherá o seu estômago; você alimentará a sua casa” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 41. ix, 127).

“O açoite é para o cavalo, o freio, para o jumento, e a vara, para as costas dos insensatos” (Pv 26:3).

“Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos” (Pv 6:16-19).

“Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a maldição sem causa não se cumpre” (Pv 26:2).

“Nem no teu pensamento amaldiçoas o rei, nem tampouco no mais interior do teu quarto, o rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras” (Ec 10:20).

“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras” (Ec 5:2).

“A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem, e que não pode contender com quem é mais forte do que ele” (Ec 6:10).

“A longanimidade persuade o príncipe, e a língua branda esmaga os ossos” (Pv 25:15).

“Aguardam o crepúsculo os olhos do adúltero; este diz consigo: Ninguém me reconhecerá; e cobre o rosto. Nas trevas minam as casas, de dia se conservam encerrados, nada querem com a luz. Pois manhã para todos eles é como sombra de morte; mas o terrores da noite lhes são familiaridades” (Jó 24:13-17).

“O que lavra a sua terra virá a fartar-se de pão, mas o que se ajunta a vadios se fartará de pobreza” (Pv 28:19).

“Quando você empresta dinheiro, trabalhe dia e noite para ressarcir-lo. É agradável receber um empréstimo... ressarcir um empréstimo pode custar tudo o que você possui” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 43. ix, 130).

“Aqueles que não honram o nome de seus pais estão amaldiçoados pelo mal que cometeram por Šamaš, o divino juiz” (*Ensinamentos de Ahikar*, dito 49. ix, 138).

“Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro e se te empenhaste ao estranho, estás enredado com o que dizem os teus lábios, estás preso com as palavras da tua boca. Agora, pois, faz isto, filho meu, e livra-te, pois caíste nas mãos do teu companheiro: vai, prostra-te e importuna o teu companheiro; não dês sono aos teus olhos, nem repouso às tuas pálpebras; livra-te, como a gazela, da mão do caçador e, como a ave, da mão do passarinho” (Pv 6:1-5).

“A que amaldiçoa a seu pai ou sua mãe, apagar-se-lhe-á a lâmpada nas mais densas trevas” (Pv 20:20).

APÊNDICE C – PARALELOS DA SABEDORIA QUMRÂNICA⁸⁰⁶

“Ela [sabedoria] é posta ao conhecimento do homem: para tornar conhecida ao coração simples a sua força, e para proporcionar discernimento ao falto de senso para a sua grandeza” (11QPs^a 154 [Syriac II], 6-7).

“Dos portões da justiça a sua voz é ouvida, da assembleia dos piedosos a sua canção” (11QPs^a 154 [Syriac II], 12).

“[...] traz vaidade em um [...] Ela procura, continuamente, orientar mal [e ela ... para] afiar as pala[vras da sua boca] (?) [...] ela lisonjeia de maneira zombeteira, ridiculariza com lá[bios] do mal. Seu coração e seus laços ocultos promovem a indisciplina. [Seus olhos] estão contaminados pela iniquidade e suas mãos alcançam a cova. Seus passos caem por agir imoralmente, caminhando em má culpa. [Ela ...] são os fundamentos da escuridão e muitos são os pecados de sua saía. [...] dela são a profundidade da noite e suas roupas [...]. Seu vestuário é completa escuridão e seus ornamentos pragas do inferno. Sua cama é um leito de ruína [...] dela e seus alojamentos são as profundezas da cova. No período da noite [ela exerce] seu domínio, ela lança sua moradia dos fundamentos da escuridão. Ela reside nas tendas do submundo, no meio do fogo eterno; Ela não possui herança entre todos os que espalham a luz. Ela é a primeira de todos os caminhos do mal. Ela é uma ruína a todos os que a possuem e destruição a todos os que tomam posse dela. Porque os seus caminhos são caminhos da morte e a sua vereda o caminho para o pecado. O seu rastro desvia para a iniquidade e suas vereda[s] à culpa pecaminosa. Seu portão é portão para a morte, o Sheol pisa na entrada de sua casa. Todos os que se [adentram nela] não retornarão e todos os que a possuem cairão na cova. E[la] faz emboscadas em lugares secretos [e ...] todo [...]. Ela se embrulha nas praças da cidade, e se prepara nos portões da

“Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso” (Pv 1:4).

“Grita na rua a Sabedoria, nas praças, levanta a voz; do alto dos muros clama, à entrada das portas e nas cidades profere as suas palavras” (Pv 1:20-21; cf. 8:1-4).

“Dize à sabedoria: Tu és minha irmã; e ao Entendimento chama teu parente; para te guardar da mulher alheia, da estranha que lisonjeia com palavras. Porque da janela da minha casa, por minhas grades, olhando eu, vi entre os simples, descobri entre os jovens um que era carente de juízo, que ia e vinha pela rua junto à esquina da mulher estranha e seguia o caminho da sua casa, à tarde do dia, no crepúsculo, na escuridão da noite, nas trevas. Eis que a mulher sai ao encontro, com vestes de prostituta e astuta de coração. É apaixonada e inquieta, cujos pés não param em casa; ora está nas ruas, ora, nas praças, espreitando por todos os cantos. Aproximou-se dele, e o beijou, e de cara impudente lhe diz: Sacrifícios pacíficos tinha eu de oferecer; paguei hoje os meus votos. Por isso, saí ao teu encontro, a buscar-te, e te achei. Já cobri de colchas a minha cama, de linho fino do Egito, de várias cores; já perfumei o meu leito com mirra, aloés e cinamomo. Vem, embriaguemo-nos com as delícias do amor, até pela manhã; gozemos amores. Porque o meu marido não está em casa, saiu de viagem para longe. Levou consigo um saquitel de dinheiro; só por volta da lua cheia tornará para casa. Seduziu-o com as suas muitas palavras, com as lisonjas dos seus lábios o arrastou. E ele num instante a segue, como o boi que vai ao matadouro; como o cervo que corre para a rede, até que a flecha lhe atravesse o coração; como a ave que se apressa para o laço, sem saber que isto lhe custará a vida. Agora, pois, filho, dá-me

⁸⁰⁶ A tradução inglesa retirada de VAN DER WOUNDE, A. S. *Wisdom at Qumran*. In: DAY, John; GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. **Wisdom in ancient Israel**: Essays in honour of J. A. Emerton. New York: Cambridge University Press, 1995.

vila: Ninguém pode interro[mpê-la] de [sua] forni[cação perpétua]. Seus olhos miram intensamente aqui e ali; sem motivo, ela ergue suas pálpebras para procurar [por um hom]em que é justo a fim de assaltá-lo, e um homem [per]feito para fazê-lo tropeçar, desviando o reto do caminho e o piedoso justo de guardar o mandamento; Transformando em todos, pela despreocupação os de [mente] firme, e fazendo que aqueles que andam retamente mudem a lei; causando a rebelião dos humildes contra Deus e desviando seus passos dos caminhos da justiça; trazendo pre[sun]ção aos seus corações, de maneira que não caminham pelos trajetos da retidão; desviando o homem para o caminho da cova e deduzindo os filhos dos homens com lisonjas” (*Wiles of the Wicked Woman*, 4Q185).

ouvidos e sê atento às palavras da minha boca; não se desvie o teu coração para os caminhos dela, e não andes perdido nas suas veredas; porque a muitos feriu e derrubou; e são muitos os que por ela forma mortos. A sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmaras da morte” (Pv 7:4-27; cf. 6:10-25).

“A loucura é mulher apaixonada, é ignorante e não sabe coisa alguma. Assenta-se à porta de sua casa, nas alturas da cidade, toma uma cadeira, para dizer aos que passam e seguem direito o seu caminho: Quem é simples, volte-se para aqui. E aos faltos de senso diz: As águas roubadas são doces, e o pão comido às escuras é agradável. Eles, porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno” (Pv 9:13-18).